



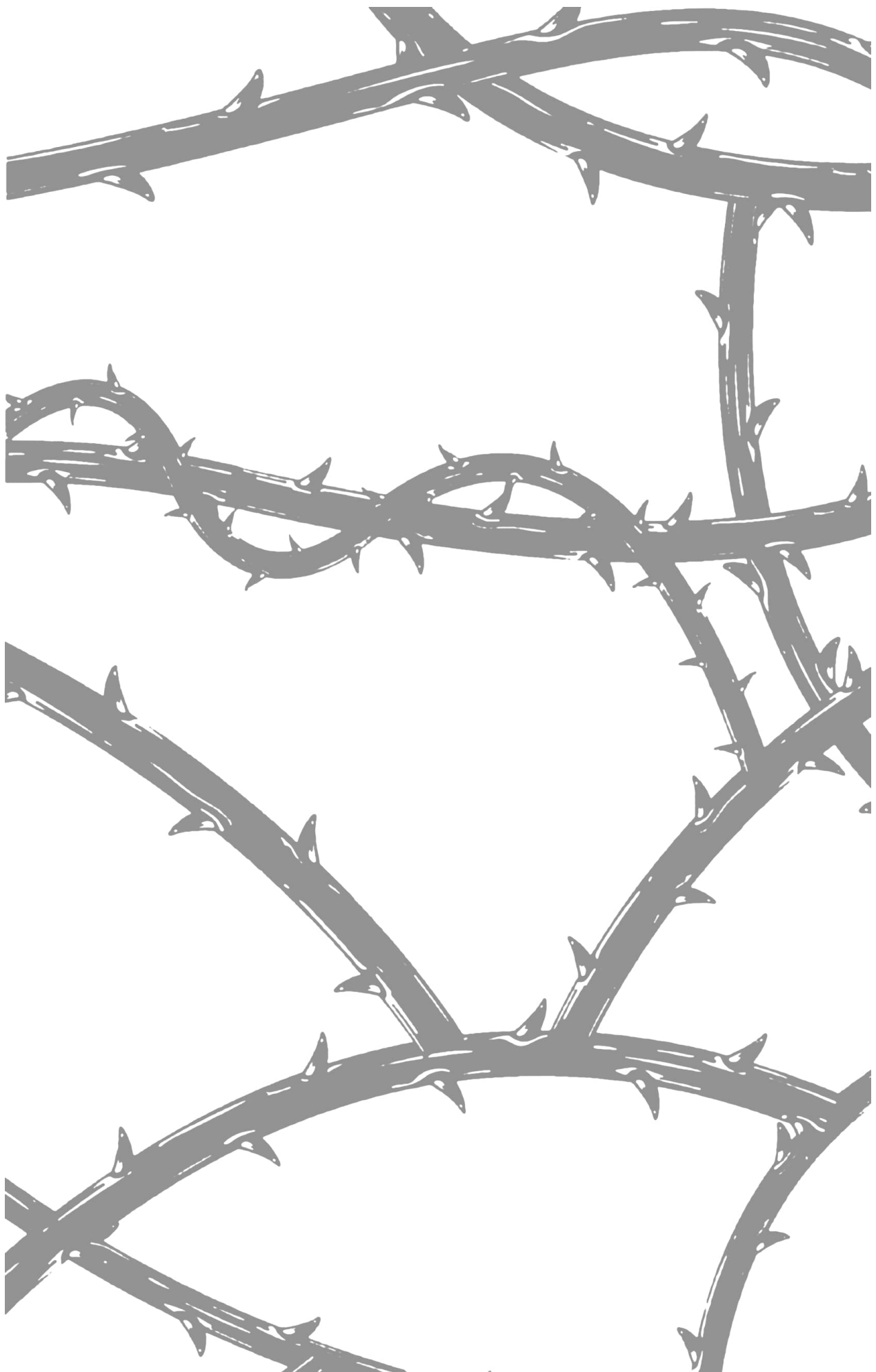
LITERALIZE

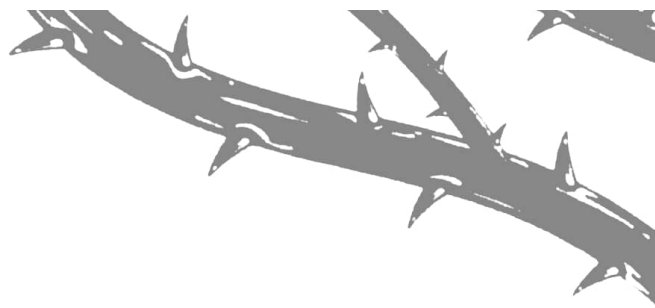
O FEITIÇO DOS ESPINHOS

MARGARET ROGERSON

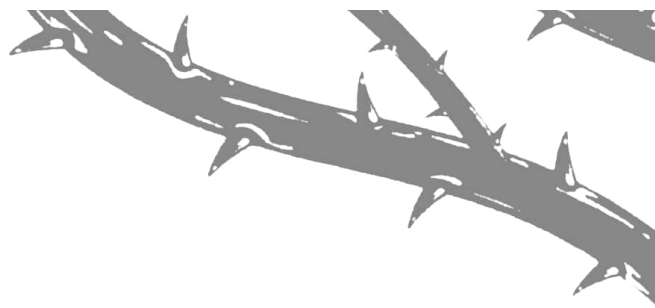
AUTORA BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES







O FEITIÇO
DOS
ESPINHOS



O FEITIÇO DOS ESPINHOS

MARGARET ROGERSON

Tradução: Sofia Soter

LITERALIZE^{✦✦✦}

Copyright © 2019 by Margaret Rogerson

Todos os direitos reservados, incluindo os direitos de reprodução completa ou parcial em qualquer formato.

Coordenação editorial: Thayná Santana

Tradução: Sofia Soter

Preparação: Thayná Santana

Revisão: João Rodrigues

Ilustração da capa: Charlie Bowater

Design de capa: Vikki Sheatsley

Adaptação da capa: Carolina Ruwer (Capítulo 1 — Conteúdo & Design Editoriais)

Mapa: Robert Lazzaretti

Diagramação: Carolina Ruwer (Capítulo 1 — Conteúdo & Design Editoriais)

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos são produtos da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia. Qualquer semelhança com lugares, acontecimentos ou pessoas reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rogerson, Margaret

O feitiço dos espinhos / Margaret Rogerson ; tradução Sofia Soter. — São Paulo : Editora Literalize, 2020.

Título original: Sorcery of thorns

ISBN 978-65-991661-0-5

1. Ficção de fantasia 2. Ficção norte-americana I. Título.

20-39926 | CDD-813.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção de fantasia : Literatura norte-americana 813.5

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA LITERALIZE

CNPJ 35.384.865/0001-83

São Paulo/SP – Brasil

Visite o nosso site:

www.literalize.com.br

Sumário

Página de título

Créditos

Dedicatória

Mapa

Um

Dois

Três

Quatro

Cinco

Seis

Sete

Oito

Nove

Dez

Onze

Doze

Treze

Quatorze

Quinze

Dezesseis

Dezessete

Dezoito

Dezenove

Vinte

Vinte e um

Vinte e dois

Vinte e três

Vinte e quatro

Vinte e cinco

Vinte e seis

Vinte e sete

Vinte e oito

Vinte e nove

Trinta

Trinta e um

Trinta e dois

Trinta e três

Trinta e quatro

Trinta e cinco

Trinta e seis

Epílogo

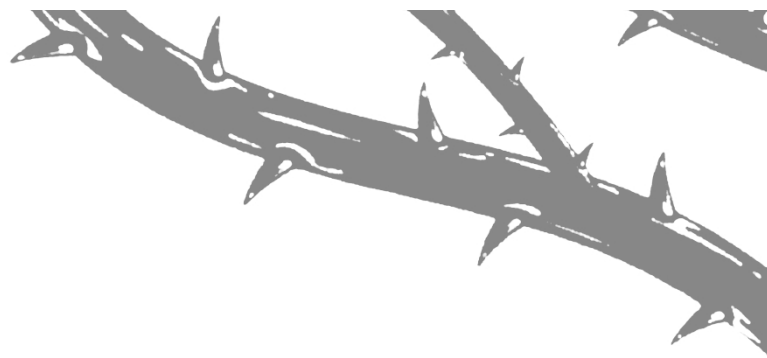
Agradecimentos

Sobre a autora

Cólofon

*Para todas as garotas que se
encontraram nos livros.*





UM

A morte chegou à Grande Biblioteca de Summershall no cair da noite. Veio de carruagem. Elisabeth esperou no pátio, de onde viu os cavalos arrancarem através do portão com olhares selvagens, espumando pela boca. Lá no alto, um resquício de sol poente ardia nas janelas da torre da Grande Biblioteca como se as salas pegassem fogo por dentro — mas a luz se recolheu rapidamente, subindo e encolhendo, puxando longos fios de sombra dos anjos e gárgulas que guardavam os parapeitos manchados pela chuva.

Um selo dourado brilhava na lateral da carruagem, que parou de repente: uma pena e uma chave cruzadas, o símbolo do Colégio. Barras de ferro transformavam o banco de trás da carruagem em uma cela de prisão. Apesar do frio da noite, as mãos de Elisabeth estavam encharcadas de suor.

— Scrivener — disse a mulher a seu lado. — Trouxe o sal? As luvas?

Elisabeth tateou as tiras de couro cruzadas em seu peito, procurando as bolsinhas amarradas, a latinha de sal pendurada no quadril.

— Trouxe, Diretora.

Só lhe faltava uma espada, mas ela só teria direito a uma quando se tornasse guardiã, depois de anos de treinamento no Colégio. Poucos bibliotecários chegavam tão longe. Em geral, desistiam ou morriam antes.

— Que bom.

A Diretora hesitou. Era uma mulher distante e elegante, com feições brancas como gelo e cabelo vermelho como fogo. Uma cicatriz descia de sua têmpora esquerda até o queixo, franzindo a bochecha e repuxando constantemente um canto da boca. Assim como Elisabeth, ela trazia tiras de couro cruzadas no peito, mas vestia um uniforme de guardiã por baixo, em vez do manto de aprendiz. A luz das lamparinas cintilava nos botões de latão da jaqueta azul-escuro e nas botas engraxadas. A espada embainhada ao seu lado era fina e pontuda, com o pomo crava-

do de granadas.

Aquela espada era famosa em Summershall. Se chamava Demonícida, e a Diretora a usara para lutar contra um Malefict quando só tinha dezenove anos. Foi então que ganhou a cicatriz, que diziam causar agonia violenta quando ela falava. Elisabeth duvidava da precisão dos rumores, mas era verdade que a Diretora escolhia suas palavras com cuidado, e certamente nunca sorria.

— Lembre-se — disse a Diretora, afinal. — Se ouvir uma voz na cabeça quando chegarmos ao cofre, não escute o que diz. É um Grau Oito, tem centenas de anos e não está para brincadeira. Desde que foi criado, enlouqueceu dezenas de pessoas. Está pronta?

Elisabeth engoliu em seco. O nó na garganta a impediu de responder. Ela mal podia acreditar que a Diretora falava com ela, muito menos que a convocara para ajudar a transportar uma entrega para o cofre. Normalmente uma responsabilidade dessas era muito acima do nível de uma aprendiz de bibliotecária. Esperança a sacudia por dentro como um passarinho preso em uma casa, voando, caindo e voando de novo, se exaurindo pela promessa do céu aberto e distante. Terror a seguia como sombra.

“Ela está me dando uma oportunidade de provar que vale a pena me treinar como guardiã”, pensou. “Se eu falhar, morrerei. Pelo menos assim terei serventia. Podem me enterrar no jardim para alimentar os rabanetes.”

Secando as mãos suadas no manto, ela assentiu.

A Diretora avançou pelo pátio e Elisabeth a seguiu, esmagando cascalho a cada passo. Um fedor violento azedou o ar quando se aproximaram, como o cheiro de couro encharcado apodrecendo na praia. Elisabeth tinha crescido na Grande Biblioteca, cercada pelo cheiro de tinta e pergaminho dos volumes mágicos, mas isso era muito diferente do que costumava fazer. O fedor fez seus olhos arderem, os braços tremerem de calafrio. Até os cavalos estavam nervosos: forçando o cabresto, espalhando cascalho e ignorando as tentativas do cocheiro de acalmá-los. De certa forma, ela os invejava, pois pelo menos não sabiam o que traziam desde a capital.

Duas guardiãs desceram da carruagem, mãos encostadas na bainha da espada. Elisabeth se obrigou a manter-se firme quando elas a encararam. Em vez de se esquivar, empertigou a coluna e ergueu o queixo, tentando retribuir a expressão dura. Talvez ela nunca recebesse uma espada, mas podia ao menos parecer suficientemente corajosa para empunhá-la.

Em um chacoalhar das chaves da Diretora, as portas traseiras da carruagem se abriram, soltando um gemido arrastado. A princípio, no escuro, a cela forrada de ferro parecia vazia. Até que Elisabeth enxergou um objeto no chão: uma arca quadrada e lisa de ferro, trancada com dezenas de cadeados. Para um leigo, as precauções pareceriam absurdas — por pouco tempo. No silêncio crepuscular, um baque reverberou pela arca, forte o suficiente para sacudir a carruagem e fazer as portas balançarem. Um dos cavalos gritou.

— Rápido — disse a Diretora, pegando uma das alças da arca.

Elisabeth pegou a outra alça. Elas dividiram o peso e carregaram até uma porta aberta abaixo de uma inscrição entalhada, decorada por um anjo chorando de cada lado. OFFICIUM

ADUSQUE MORTEM, dizia o texto, escondido pela sombra. O lema dos guardiões. *Dever até a morte.*

Entraram em um corredor de pedra comprido, iluminado pelo fogo bruxuleante das tochas. O peso inerte da arca já estava machucando o braço de Elisabeth. Não tinha mexido de novo, mas isso não a tranquilizava, pois ela suspeitava o que significava: o livro ali dentro estava ouvindo. Esperando.

Outro guardião cuidava da entrada do cofre. Quando viu Elisabeth ao lado da Diretora, seus olhinhos faiscaram de ódio. Era o guardião Finch, um homem envelhecido com cabelo grisalho curto e um rosto inchado no qual os traços pareciam se enfiar, como passas no pudim. Entre os aprendizes, ele era infame por ter a mão direita muito maior do que a esquerda, de tanto músculo exercitado ao chibatá-los.

Ela apertou a alça da arca até os dedos ficarem brancos, instintivamente se preparando para um golpe, mas Finch não faria nada na frente da Diretora. Resmungando baixinho, ele puxou uma corrente. Pouco a pouco, a grade subiu, erguendo os dentes pretos e pontudos acima delas. Elisabeth deu um passo à frente.

A arca *sacudiu*.

— Cuidado — ralhou a Diretora quando as duas foram jogadas na parede de pedra, quase perdendo o equilíbrio.

Elisabeth sentiu frio na barriga. A bota pendia na beira de uma escadaria espiral que se enroscava vertiginosamente ao fundo da escuridão.

Ela foi tomada pela verdade horrível: o grimório queria que elas caíssem. Ela imaginou a arca quicando pela escada, atingindo as lajes lá embaixo, arrebrandando... e teria sido culpa dela...

A Diretora segurou seu ombro.

— Tudo bem, Scrivener. Não aconteceu nada. Segure o corrimão, continue.

Com esforço, Elisabeth se afastou do olhar de reprovação de Finch. Desceram, as duas. O frio subterrâneo emanava do fundo, cheirando a pedra gelada, mofo e um odor menos natural. Da pedra em si escorria a maldade das coisas antigas que definhavam há séculos na escuridão — consciências que não dormiam, mentes que não sonhavam. Abafado pelos milhares de quilos de terra, o silêncio era tanto que ela ouvia o próprio sangue bombeando no ouvido.

Tinha passado a infância explorando os muitos cantinhos e esconderijos da Grande Biblioteca, se metendo nos seus inúmeros mistérios, mas nunca tinha entrado no cofre. A presença dele estivera à espreita debaixo da biblioteca sua vida inteira, como um ser indizível escondido sob a cama.

“É minha oportunidade”, se lembrou. Não podia sentir medo.

Emergiram em uma câmara que lembrava a cripta de uma catedral. As paredes, o teto e o chão eram todos entalhados da mesma pedra cinza. Os pilares riscados e os arcos da abóbada tinham sido trabalhados com arte, até reverência. Estátuas de anjos se erguiam em nichos ao longo das paredes, com velas gotejando a seus pés. Os olhos tristes na sombra vigiavam as fileiras de prateleiras de ferro distribuídas em corredores no centro do cofre. Diferente das estantes nas

partes superiores da biblioteca, estas tinham sido soldadas no lugar. Correntes prendiam as arcas trancadas, encaixadas entre as prateleiras como gavetas.

Elisabeth disse a si mesma que era só sua imaginação que conjurava sussurros das arcas pelas quais passavam. Uma camada espessa de poeira cobria as correntes. A maioria das arcas não era perturbada há décadas, seus habitantes profundamente adormecidos. Mesmo assim, sentia calafrios como se estivesse sendo observada.

A Diretora a guiou para além das prateleiras, na direção de uma cela no centro da qual se encontrava uma mesa aparafusada ao chão. Uma lamparina a óleo iluminava a superfície manchada de tinta com um brilho doente. A arca continuou assustadoramente cooperativa quando a apoiaram ao lado de quatro sulcos enormes, como marcas de garras gigantes, na madeira da mesa. Elisabeth não conseguia parar de olhar para os sulcos. Ela sabia o que os fizera. O que acontecia quando um grimório perdia o controle.

Malefict.

— Qual é a primeira precaução? — perguntou a Diretora, arrancando Elisabeth do devaneio.

A prova começara.

— Sal — respondeu, pegando a lata presa ao quadril. — Assim como o ferro, sal enfraquece energias demoníacas.

A mão tremeu um pouco quando salpicou a mesa, formando um círculo irregular. Vergonha queimou seu rosto ao ver o formato torto. E se não estivesse pronta, afinal?

O rosto severo da Diretora se suavizou de leve, com um toque de carinho.

— Sabe por que escolhi te manter, Elisabeth?

Elisabeth congelou, prendendo a respiração. A Diretora nunca se dirigira a ela pelo primeiro nome — só pelo sobrenome, Scrivener, ou às vezes “aprendiz”, dependendo do grau da enrascada em que se metera, que costumava ser extraordinário.

— Não, Diretora — respondeu.

— Hmm. Lembro que era noite de tempestade. Os grimórios estavam inquietos, fazendo tanto barulho que mal ouvi a batida na porta.

Elisabeth imaginou a cena com facilidade. Chuva fustigando as janelas, os exemplares uivando, soluçando e se sacudindo contra as correntes.

— Quando te encontrei na escada — continuou a Diretora —, te peguei e te levei para dentro, tive certeza de que você choraria. Em vez disso, olhou ao redor e começou a rir. Não teve medo nenhum. Ali mesmo, soube que não podia te mandar a um orfanato. Você pertence à biblioteca, assim como qualquer outro livro.

Elisabeth já ouvira essa história, mas só da boca do tutor, nunca da Diretora. Duas palavras ecoaram por sua mente, vivas como um batimento cardíaco: *você pertence*. Tinha esperado dezesseis anos para ouvi-las e esperava desesperadamente que fossem verdade.

Em silêncio, sem respirar, viu a Diretora pegar as chaves e selecionar a maior de todas, tão antiga e enferrujada que se tornara irreconhecível. Era óbvio que o momento sentimental passa-

ra para a Diretora. Elisabeth se contentou com repetir o voto silencioso que guardara para si desde o início da memória. Um dia, também seria guardiã. Daria orgulho à Diretora.

Sal se espalhou pela mesa quando a tampa da arca se abriu rangendo. O fedor de couro podre preencheu o cofre, tão forte que ela quase vomitou.

Ali dentro estava um grimório. Era um exemplar grosso, com páginas amareladas e bagunçadas contidas por chapas de couro preto gorduroso. A aparência era bastante comum, exceto pelos bulbos salientes irrompendo da capa. Pareciam verrugas gigantescas, ou bolhas na superfície de uma poça de alcatrão. Tinham o tamanho de bolas de gude grandes e eram dezenas no total, deformando quase o couro inteiro.

A Diretora vestiu um par grosso de luvas forradas de ferro. Elisabeth se apressou a seguir o exemplo. Mordeu a bochecha por dentro quando a Diretora tirou o livro da arca e o posicionou dentro do círculo de sal.

No instante em que a Diretora o encostou na mesa, as protuberâncias se abriram. Não eram verrugas — eram olhos. Olhos de todas as cores, manchados de sangue, se revirando, pupilas dilatadas e contraídas enquanto o grimório se debatia nas mãos da Diretora. Rangendo os dentes, ela o abriu à força. Automaticamente, Elisabeth enfiou a mão no círculo e segurou o outro lado, sentindo o couro estremecer e se esticar sob as luvas. Furioso. Vivo.

Aqueles olhos não tinham sido conjurados por magia. Eram verdadeiros, arrancados de crânios humanos há muito tempo, sacrificados para criar um exemplar poderoso o suficiente para conter os feitiços riscados em suas páginas. De acordo com a história, a maioria dos sacrifícios fora involuntária.

— O Livro dos Olhos — disse a Diretora, perfeitamente calma. — Contém feitiços para entrar na mente alheia, ler pensamentos, controlar ações. Felizmente, só uns poucos feiticeiros no reino inteiro já tiveram permissão para lê-lo.

— Por que quiseram fazer isso? — soltou Elisabeth, antes de conseguir se conter.

A resposta era óbvia. Feiticeiros eram maus por natureza, corrompidos pela magia demoníaca que dominavam. Se não fosse pela Reforma, que tornara ilegal encapar livros com partes humanas, grimórios como o Livro dos Olhos não seriam tão raros e excepcionais. Sem dúvida, feiticeiros tinham tentado replicá-lo ao longo dos anos, mas os feitiços não podiam ser escritos por meio de materiais comuns. O poder da feitiçaria instantaneamente fazia cinzas da tinta e do pergaminho.

Para sua surpresa, a Diretora levou a pergunta a sério, apesar de não olhar para Elisabeth. Em vez disso, se concentrou em virar as páginas, inspecionando qualquer dano que poderia ter sofrido na viagem.

— Talvez chegue o dia em que feitiços como esses sejam necessários, por mais horrendos que sejam. Temos uma enorme responsabilidade para com o reino, Scrivener. Se este grimório for destruído, seus feitiços se perderão para sempre. É o único que existe.

— Sim, Diretora.

Isso ela entendia. Guardiões protegiam grimórios do mundo, mas também o mundo dos

grimórios.

Ela se preparou quando a Diretora fez uma pausa e se inclinou para examinar uma mancha na página. Transportar grimórios de alto nível era arriscado, pois qualquer dano acidental poderia provocar a transformação em Malefict. Precisavam ser inspecionados cuidadosamente antes da internação no cofre. Elisabeth teve certeza de que vários dos olhos, espiando debaixo da capa, estavam virados diretamente para ela — e que brilhavam de tanta esperteza.

Por algum motivo, soube que não deveria encontrar o olhar. Esperando distração, deu uma lida nas páginas. Algumas das frases estavam escritas em austermeeriano ou na Velha Língua, mas outras estavam rabiscadas em enoquiano, a língua dos feiticeiros, composta de runas estranhas e pontudas que ardiam no pergaminho como brasa. Só se aprendia essa língua no convívio com demônios. Só de olhar para as runas, ela sentiu dor de cabeça.

— *Aprendiz...*

O sussurro se infiltrou em sua mente, tão esquisito e inesperado quanto o toque frio e gomento de um peixe debaixo da água do lago. Elisabeth se sobressaltou e olhou para cima. Se a Diretora tinha ouvido a voz, não o demonstrou.

— *Aprendiz, eu te vejo...*

Elisabeth engasgou. Ela fez o que a Diretora instruíra e tentou ignorar a voz, mas era impossível se concentrar em qualquer outra coisa com tantos olhos a observando, acesos, sinistros e inteligentes.

— *Olhe para mim... olhe...*

Lentamente e com firmeza, como se atraída por uma força invisível, Elisabeth começou a abaixar o rosto.

— Pronto — disse a Diretora, a voz soando fraca e distorcida, como se falasse debaixo d'água. — Acabamos. Scrivener?

Como Elisabeth não a respondeu, a Diretora fechou o grimório com um estrondo, cortando a voz no meio de uma frase. Elisabeth recobrou os sentidos de repente. Ela ofegou, o rosto queimando de humilhação. Os olhos estavam furiosos e esbugalhados, se dirigindo a ela e à Diretora.

— Muito bem — disse a Diretora. — Você aguentou muito mais do que o esperado.

— Quase me pegou — cochichou Elisabeth.

Como a Diretora podia parabenizá-la? O suor frio grudado em sua pele a fez tremer no ar gelado do cofre.

— Sim. Era o que eu queria te mostrar hoje. Você leva jeito com os grimórios, tem uma afinidade que nunca vi numa aprendiz. Mesmo assim, ainda tem muito a aprender. Quer se tornar guardiã, não quer?

Falando na frente da Diretora, sob o testemunho das estátuas angelicais enfileiradas na parede, a resposta suspirada de Elisabeth tomou ar de confissão.

— É tudo que sempre quis.

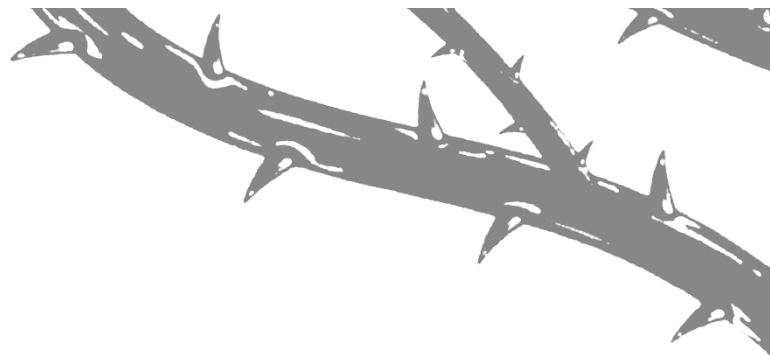
— Lembre-se de que há muitos caminhos abertos para você — disse a Diretora, a cicatriz

distorcendo sua boca em uma expressão quase triste. — Antes de escolher, tenha certeza de que o que realmente deseja é a vida de guardiã.

Elisabeth assentiu, sem conseguir falar. Se tinha passado na prova, não entendia por que a Diretora aconselharia que ela considerasse abandonar o sonho. Talvez tivesse se mostrado despreparada e imatura de outra forma. Se fosse o caso, ela simplesmente se esforçaria mais. Ainda tinha um ano até fazer dezessete e poder treinar no Colégio, e neste tempo poderia se provar sem dúvida alguma, ganhar a aprovação da Diretora. Esperava que fosse bastar.

Juntas, forçaram o grimório a voltar à arca. Assim que tocou o sal, parou de se debater. Os olhos viraram para cima, mostrando meias-luas de um branco leitoso antes das pálpebras caírem. O estrondo da tampa arrebentou o silêncio sepulcral do cofre. A arca passaria anos, talvez décadas, sem ser aberta. Estava segura. Não era mais ameaça alguma.

No entanto, não conseguiu banir o som da voz de seus pensamentos, nem a sensação de que ainda veria o Livro dos Olhos de novo — e que ele a veria também.



DOIS

Elisabeth se recostou e admirou a vista da mesa. Tinha sido delegada ao departamento de transferência no terceiro andar, de onde via o átrio inteiro da biblioteca. A luz do sol entrava pela rosácea acima do portão, cobrindo o parapeito de bronze das varandas circulares de prismas rubi, safira e esmeralda. Estantes se erguiam na direção do teto abobadado seis andares acima, se estendendo ao redor do átrio como camadas de bolo de casamento ou arquibancadas de coliseu. Murmúrios preenchiam o espaço, ecoando e pontuados pela eventual tosse ou ronco. A maior parte dos sons não vinha dos bibliotecários, andando de um lado para o outro de robes azuis. Vinha dos grimórios, resmungando nas prateleiras.

Ao inspirar, o cheiro doce de pergaminho e couro enchia seu peito. A poeira suspensa nos feixes de luz era imperturbada, como folha de ouro presa na resina. Pilhas instáveis de papel sempre ameaçavam tombar da mesa e soterrá-la em pedidos de transferência esquecidos.

Relutante, concentrou-se nas pilhas imponentes. A Grande Biblioteca de Summershall era uma das seis Grandes Bibliotecas do reino. Ficava a três dias de viagem dos vizinhos mais próximos, distribuídos em distâncias regulares ao redor de Austermeer, conectadas à capital pelas Estradas de Tinta, como aros de uma roda. Transferir grimórios entre bibliotecas era uma tarefa delicada. Alguns exemplares se odiavam tanto que se comesçassem a se aproximar, mesmo com quilômetros de distância entre si, berravam ou pegavam fogo. No sertão de Wildmarch havia uma cratera do tamanho de uma casa, causada pela briga entre dois livros a respeito da doutrina taumaturga.

Como aprendiz, Elisabeth era responsável pela aprovação de transferências do Grau Um ao Três. Grimórios eram classificados numa escala de um a dez de acordo com o nível de risco, sendo que do Grau Quatro em diante era necessário confinamento especial. Summershall não guardava nada acima do Grau Oito.

Fechando os olhos, ela puxou o papel do alto da pilha. “Knockfeld”, chutou, pensando na

biblioteca vizinha ao nordeste de Summershall.

No entanto, quando virou o papel, era um pedido da Biblioteca Real. Não a surpreendeu: era aonde iam mais de dois terços das transferências. Talvez um dia ela pudesse fazer as malas e viajar para lá também. A Biblioteca Real ficava no mesmo terreno do Colégio, no coração da capital, e quando não estivesse ocupada no treinamento de guardiã poderia passear por lá. Na sua imaginação, os corredores se estendiam por quilômetros, repletos de livros, passagens e salas secretas contendo todos os segredos do universo.

Porém, só se fosse aprovada pela Diretora. Passara-se uma semana desde aquela noite no cofre, mas não estava nem perto de decifrar o conselho que recebera da mulher.

Ela ainda se lembrava do momento preciso em que prometera se tornar guardiã. Aos oito anos, tinha fugido de uma aula do mestre Hargrove por uma das passagens secretas da biblioteca. Não aguentaria uma hora a mais de se contorcer num banquinho no ar abafado daquela sala de aula improvisada no estoque, recitando declinações da Velha Língua. Especialmente numa tarde em que o verão socava os muros da biblioteca com força, o ar tão denso quanto mel.

Ela lembrava que suor escorria pelas costas enquanto engatinhava através das teias de aranha. Pelo menos aquela passagem era escura, protegida do sol. O brilho dourado que entrava por entre as tábuas do chão era luz o suficiente para enxergar e evitar traças que corriam em pânico devido à intromissão nos ninhos. Algumas traças se enchiam de tanto pergaminho encantado que chegavam ao tamanho de ratazanas.

Se pelo menos o mestre Hargrove tivesse aceitado levá-la à cidade... Era só descer a colina por cinco minutos na direção do pomar. O mercado estaria cheio de gente vendendo fitas, maçãs e tortas, além dos viajantes que às vezes vinham a Summershall para vender o que tinham. Ela já tinha ouvido música do acordeão, visto um urso dançar e até assistido a um homem demonstrar um lampião que queimava sem óleo. Os livros da sala de aula não explicavam como o lampião funcionava, então ela supunha que era por magia e, portanto, do mal.

Talvez fosse por isso que o mestre Hargrove não gostasse de levá-la à cidade. Se desse de cara com um feiticeiro longe da proteção da biblioteca, talvez ele a sequestrasse. Uma jovem como ela sem dúvida seria prática como sacrifício em rituais demoníacos.

Vozes chamaram a atenção de Elisabeth, vindo bem debaixo dela. Uma voz era do mestre Hargrove e a outra...

Da Diretora.

O coração deu um pulo. Ela se esmagou contra as tábuas para espiar por uma fresta, e a luz que ali entrava acendeu seu cabelo embaraçado. Ela não enxergou muito: um pedaço da mesa coberta de papel, o canto de um escritório desconhecido. Só de pensar que podia ser da Diretora, seu coração bateu mais rápido.

— Já é a terceira vez só este mês — disse Hargrove. — Não aguento mais. A garota é uma selvagem. Some para sei lá onde, se mete em todo tipo de confusão... semana passada mesmo ela soltou uma família inteira de traças vivas no meu quarto!

Elisabeth quase gritou para se defender. Ela tinha juntado as traças com a intenção de estu-

dá-las, não de soltá-las. Perdê-las tinha sido uma decepção enorme.

No entanto, o que Hargrove disse em seguida a fez esquecer completamente as traças.

— Devo questionar se é mesmo uma boa decisão, isso de criar uma menina na Grande Biblioteca. Sei que quem a deixou na nossa porta sabia que temos o hábito de adotar órfãos como aprendizes, mas só os aceitamos depois dos treze anos. Hesito em concordar com o Guardião Finch em qualquer assunto que seja, mas acredito que devemos considerar o que ele tem dito desde o começo: talvez a jovem Elisabeth se dê melhor num orfanato.

Apesar de perturbá-la, nada disso era novidade para Elisabeth. Ela aguentou os comentários porque sabia que a Diretora garantia seu lugar na biblioteca. O porquê ela não sabia. A Diretora raramente falava com ela. Era remota e intocável, como a lua, e igualmente misteriosa. Para Elisabeth, a decisão da Diretora de acolhê-la tinha uma qualidade quase mística, como um conto de fadas. Não podia ser questionada ou revertida.

Ela prendeu a respiração e esperou que a Diretora contradissesse a sugestão de Hargrove. Sentiu arrepios de antecipação por ouvi-la falar.

No entanto, a Diretora disse:

— Já pensei na mesma coisa, mestre Hargrove. Penso nisso quase todo dia há oito anos.

Não... não podia ser. O sangue de Elisabeth quase parou de percorrer as veias. A pressão no ouvido abafou os outros sons.

— Anos e anos atrás, não considere o efeito que crescer isolada de outras crianças da mesma idade poderia causar. Os aprendizes mais jovens ainda são cinco anos mais velhos do que ela. Já a viu demonstrar interesse em formar amizade?

— Temo que ela tenha tentado, sem sucesso — disse Hargrove. — Mas talvez ela nem o saiba. Recentemente ouvi um aprendiz explicar que crianças normais têm mães e pais. A coitada da Elisabeth não fazia ideia do que se tratava. Respondeu bem feliz que tinha a companhia de muitos livros.

A Diretora suspirou.

— O apego dela aos grimórios é...

— Preocupante? Sim, concordo. Temo que ela não sofra de solidão por ver os grimórios como seus amigos, em vez das pessoas.

— É perigoso pensar assim. Mas bibliotecas são perigosas. Não há como evitar.

— Perigoso demais para Elisabeth?

“Não”, implorou Elisabeth. Ela sabia que a Grande Biblioteca não cuidava de livros comuns. Eles sussurravam nas prateleiras e estremeciam sob correntes de ferro. Alguns cuspiam tinta e davam pitis; outros cantavam em tons agudos e límpidos nas noites sem vento, quando a luz das estrelas atravessava as grades da biblioteca como feixes de mercúrio. Alguns outros eram tão perigosos que precisavam ser armazenados no cofre subterrâneo, cobertos de sal. Nem todos eram amigos. Ela entendia bem.

No entanto, mandá-la embora seria equivalente a instalar um grimório entre livros inanimados, que não se mexiam nem falavam. A primeira vez que viu um livro desses, achou que es-

tava morto. Ela não pertencia ao orfanato, o que quer que fosse isso. Na sua imaginação, o lugar parecia uma cadeia, cinzento e coberto por névoa úmida, cercado de grades como as da entrada do cofre. Um nó de pavor bloqueou sua garganta só de pensar.

— Sabe por que as Grandes Bibliotecas acolhem órfãos, mestre Hargrove? — perguntou a Diretora, finalmente. — É porque eles não têm lar nem família. Ninguém sentiria falta se morressem. Eu me pergunto... se Scrivener durou tanto, talvez seja porque a biblioteca quis que assim fosse. Talvez seja melhor deixar estar o vínculo dela com este lugar, para o bem ou para o mal.

— Espero que não esteja cometendo um erro, Diretora — disse mestre Hargrove, gentilmente.

— Também espero — respondeu a Diretora, preocupada. — Pelo bem de Scrivener, mas pelo nosso também.

Elisabeth esperou, forçando o ouvido, mas a discussão a seu respeito parecia estar concluída. Passos soaram e a porta do escritório foi trancada.

Ela fora poupada... por enquanto. Duraria muito? A instabilidade nos pilares de seu mundo dava-lhe a impressão de que a vida inteira poderia desmoronar a qualquer instante. Uma simples decisão da Diretora poderia expulsá-la de vez. Ela nunca se sentira tão incerta, tão impotente, tão pequena.

Foi então que jurou, agachada na poeira e nas teias de aranha, se agarrando à única firmeza que alcançava. Se a Diretora não tinha certeza do lugar de Elisabeth na Grande Biblioteca, ela precisaria prová-lo. Ela se tornaria uma guardiã poderosa e forte, como a Diretora. Mostraria a todo mundo que merecia estar ali, até o próprio guardião Finch ser obrigado a aceitá-la.

Acima de tudo...

Acima de tudo, os convenceria de que não era um erro.

— Elisabeth — sibilou uma voz, no presente. — Elisabeth! Pegou no sono?

Assustada, ela deu um pulo, sentindo a memória se esvaír como água pelo ralo. Olhou ao redor até encontrar a origem da voz. O rosto de uma garota surgira entre duas estantes próximas, balançando a trança sobre o ombro enquanto conferia se ninguém mais estava por perto. Óculos aumentavam seus olhos escuros e espertos e anotações rabiscadas com pressa marcavam a pele castanha dos braços, tinta visível sob as mangas. Como Elisabeth, carregava uma chave na corrente do pescoço, brilhando contra o manto azul-claro de aprendiz.

Para sua sorte, Elisabeth não continuou solitária. Tinha conhecido Katrien Quillworthy no dia em que se tornaram aprendizes, aos treze anos. Nenhum dos outros aprendizes queria dividir o quarto com Elisabeth, devido à fofoca de que guardava uma caixa de traças debaixo da cama. Katrien, por outro lado, falara com ela exatamente por isso.

— Tomara que seja verdade — dissera. — Quero experimentar com traças desde que ouvi falar delas. Aparentemente são imunes à feitiçaria... imagine só as implicações científicas!

Desde então, eram inseparáveis.

Elisabeth afastou os papéis, discretamente.

— Aconteceu alguma coisa? — cochichou.

— Acho que só você não sabe o que aconteceu em Summershall. Até Hargrove, que passou a manhã toda no banheiro, está sabendo.

— O guardião Finch não foi demitido, né? — perguntou, esperançosa.

Katrien sorriu.

— Ainda não, mas estou me esforçando. Sei que um dia encontrarei alguma prova incriminadora. Pode deixar que você será a primeira a saber.

Orquestrar a destruição do guardião Finch era o projeto pessoal de Katrien há anos.

— Não — continuou —, é um catedrático. Acabou de chegar para visitar o cofre.

Elisabeth quase caiu da cadeira. Olhou ao redor antes de correr até Katrien, se abaixando atrás da estante. Katrien era tão baixa que, se não se abaixasse, Elisabeth só veria o alto da cabeça.

— Um catedrático? Tem certeza?

Refletindo, Elisabeth notou que os sinais daquela manhã eram óbvios. Guardiões marchando de cara fechada, agarrados às espadas. Aprendizes amontoados nos corredores, cochichando o tempo todo. Até os grimórios pareciam mais inquietos.

“Um catedrático.” Medo a percorreu como uma nota vibrando na corda da harpa.

— O que a gente tem a ver com isso? — perguntou.

Nenhuma delas vira um feiticeiro antes, nem mesmo um comum. Nas raras ocasiões em que visitavam Summershall, eram recebidos pelos guardiões através de uma porta especial, levados imediatamente a um salão de leitura. Ela tinha certeza de que um catedrático seria tratado com ainda mais cuidado.

Os olhos de Katrien brilhavam.

— Stefan apostou comigo que o catedrático tem orelhas pontudas e cascos nos pés. Óbvio que ele está errado, mas preciso dar um jeito de provar. Vou espiar o catedrático. Preciso que você seja minha testemunha.

Elisabeth inspirou fundo e olhou para a mesa abandonada.

— Para isso, vamos precisar sair dos limites.

— Finch nos esfolaria se soubesse — completou Katrien. — Mas não tem como saber. Ele não conhece as passagens.

Pela primeira vez, o maior medo de Elisabeth não era Finch. O olhar arregalado e sangrento do Livro dos Olhos lhe veio à mente. Aqueles olhos podiam ter pertencido a alguém como ela ou Katrien.

— Se o catedrático nos pegar, vai fazer pior do que nos esfolar — argumentou Elisabeth.

— Duvido. Desde a Reforma, feiticeiros estão proibidos de matar, exceto em legítima defesa. Ele só vai nos deixar carecas, ou cheias de verrugas — insistiu Katrien, mexendo as sobrancelhas em um gesto convidativo. — Vamos lá. É uma oportunidade única. Pelo menos para mim. Quando verei um catedrático de novo? Quantas chances *eu* terei de sentir verrugas mágicas?

Katrien queria ser arquivista, não guardiã. O trabalho dela não envolveria feiticeiros. Já o de Elisabeth...

Uma faísca se acendeu em seu peito. Katrien estava certa: era *mesmo* uma oportunidade. Estava decidida a impressionar a Diretora. Guardiões não tinham medo de feiticeiros; quanto mais ela aprendesse sobre eles, mais preparada estaria.

— Tá bom — concordou, se levantando. — Provavelmente vão levá-lo ao salão de leitura leste. Por aqui.

Esgueirando-se pelas estantes com Katrien, Elisabeth largou o medo que ainda sentia. Tentava obedecer às regras, mas seu esforço curiosamente nunca dava resultado. No mês anterior tinha acontecido aquele desastre com o lustre do refeitório... pelo menos o nariz da mestre Bellwether já estava quase normal. Aquela outra vez em que derrubara geleia de morango no... é, melhor não lembrar.

Quando chegaram ao busto de Cornelius, o Sábio, que Elisabeth usava como referência, procuraram uma lombada vermelha conhecida. Ela a encontrou no meio da prateleira, o título dourado gasto e desbotado demais para ler. As páginas do grimório a cumprimentaram, se remexendo sonolentas, quando Elisabeth coçou a lombada com jeitinho. Veio um clique da estante, como se de um cadeado. Em seguida, todas as prateleiras afundaram na parede, revelando a abertura poeirenta de um túnel.

— Não acredito que só funciona com você — disse Katrien, entrando na passagem. — Já tentei coçar a lombada várias vezes. O Stefan também tentou.

Elisabeth deu de ombros. Também não entendia. Ela se concentrou para não espirrar enquanto guiava Katrien pelos corredores estreitos e sinuosos, arrancando as teias de aranha penduradas das vigas como decorações fantasmagóricas. A ponta oposta levava à saída atrás de uma tapeçaria no salão. Elas pararam para escutar se a sala estava mesmo vazia antes de empurrarem o tecido pesado com força para sair, tossindo com vontade.

Aprendizes eram proibidos de entrar no salão de leitura, então Elisabeth ficou ao mesmo tempo aliviada e decepcionada ao descobrir que parecia um cômodo bem comum. Era um espaço meio masculino, cheio de madeira polida e couro escuro. Uma mesa grande de mogno estava instalada em frente à janela e várias poltronas de couro cercavam uma lareira acesa, cuja madeira crepitou e jorrou faíscas, assustando-as.

Katrien não perdeu tempo. Enquanto Elisabeth olhava ao redor, ela foi diretamente à mesa e começou a remexer as gavetas.

— Pela ciência — explicou, o argumento que usava frequentemente logo antes de explodir alguma coisa.

Elisabeth andou até a lareira.

— Que cheiro é esse? Não é do fogo, né?

Katrien parou para se concentrar no cheiro.

— Talvez seja fumaça de cachimbo? — chutou.

Não... era outra coisa. Fungando com força, Elisabeth seguiu o odor até uma das poltro-

nas. Ela inspirou a almofada e se retraiu imediatamente, tonta.

— Elisabeth! Tudo bem?

Ela respirou rápido, ofegante, piscando para afastar as lágrimas. O cheiro cáustico se agarra-
ra ao fundo da garganta, tão espesso que dava para sentir o gosto: um cheiro queimado e anor-
mal, lembrando metal queimado, se metal queimasse.

— Acho que sim — arquejou.

Katrien abriu a boca para falar, mas olhou para a porta de repente.

— Ouça. Estão vindo.

Correndo, se apinharam atrás das estantes enfileiradas na parede. Katrien coube tranquila-
mente, mas o espaço era apertado demais para Elisabeth. Aos quatorze anos, já era a garota
mais alta de Summershall. Dois anos depois, era maior do que a maioria dos garotos também.
Manteve os braços rígidos ao longo do corpo e respirou calmamente, tentando tranquilizar os
grimórios, que resmungavam por desaprovar a intrusão.

Vozes vieram do corredor antes da maçaneta girar.

— Pronto, catedrático Thorn — disse uma guardiã. — A Diretora chegará logo para escol-
tá-lo ao cofre.

Elisabeth sentiu o estômago embrulhar quando uma silhueta alta e encapuzada entrou no
salão, a capa esmeralda esvoaçando ao redor dos pés. Ele andou até a janela, abriu as cortinas e
ficou ali, observando as torres da biblioteca.

— O que houve? — cochichou Katrien. — Não enxergo nada daqui.

A perspectiva de Elisabeth era um recorte horizontal acima dos livros. Não dava para ver
muita coisa. Devagar e com cuidado, foi um pouquinho para o lado, em busca de um ângulo
melhor. A ponta do nariz pálido do catedrático entrou no seu campo de visão. Ele tinha abaixa-
do o capuz. O cabelo era preto e ondulado, mais comprido do que o dos homens de Sum-
mershall, com uma mecha marcante grisalha na têmpora esquerda. Mais um pouquinho para o
lado...

“Ele nem deve ser mais velho que a gente”, pensou, surpresa. O cabelo grisalho e o título a
prepararam para alguém muito mais velho. Talvez a aparência enganasse. Ele poderia manter o
semblante jovem se tomasse banho com sangue de virgens — ela já tinha lido uma história pa-
recida num romance.

Para Katrien, ela sacudiu a cabeça devagar. O cabelo dele era grosso demais para revelar se
tinha orelhas pontudas. Se tivesse cascos, estavam escondidos pela capa.

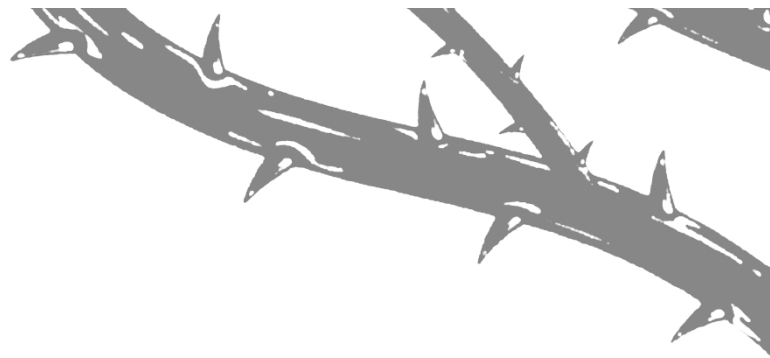
Ela seguiu com outro sinal, sacudindo a cabeça com mais urgência. O catedrático se virara
na direção delas, encarando as prateleiras. Os olhos cinzentos eram extraordinariamente claros,
como cristal, e a emoção neles ao examinar os grimórios fez seu sangue congelar. Nunca vira
um olhar tão cruel.

Ela não tinha a mesma convicção de Katrien de que, se ele as descobrisse, não as feriria. Ti-
nha crescido ouvindo histórias de feitiçaria: exércitos erguidos de túmulos para lutar por reis,
inocentes sacrificados em rituais sangrentos, crianças queimadas como oferenda a demônios.

Além disso, agora tinha ido ao cofre e visto por si mesma o trabalho de um feiticeiro.

Quando o catedrático se aproximou, Elisabeth se horrorizou ao notar que não podia se mexer. Um grimório tinha se agarrado ao manto. Rosnava com o tecido na boca, puxando-o como um cachorrinho raivoso. O feiticeiro estreitou os olhos, procurando a origem do barulho. Desesperada, segurou firme o manto e puxou, mas o grimório soltou na mesma hora, jogando-a contra as prateleiras...

E a estante desmoronou, carregando-a junto.



TRÊS

Elisabeth sentiu o ouvido zumbir. Engasgou na nuvem de poeira. Quando voltou a enxergar, o catedrático a olhava de cima.

— O que foi isso? — perguntou.

Ela tentou gritar de medo, mas só saiu uma tosse. Jogou-se para longe dele, se arrastando entre os livros espalhados e prateleiras quebradas. Aterrorizada, demorou mais do que devia para notar que estava bem, exceto por várias farpas, decididamente não mágicas. Ele não a enfeitiçara. Ela diminuiu o desespero e parou. Olhou por cima do ombro.

Paralisada.

O feiticeiro estava ajoelhado, com uma mão pousada na outra. A luz do fogo bruxuleava em seu rosto pálido e angular. Ela tentou desviar o olhar, mas não conseguiu. Sentindo o coração se sacudir entre as costelas, ela se perguntou se ele usara magia para prender seu olhar, ou se estava simplesmente com medo demais para se mover. Todos os traços dele projetavam maldade, das sobrancelhas escuras e arqueadas à curva sardônica da boca.

— Você se machucou? — perguntou ele, por fim.

Ela não disse nada.

— Você fala?

Se ela não o respondesse, talvez ele a ferisse para provocar uma reação. Com enorme esforço, conseguiu emitir mais um som fraco. Os olhos dele brilharam, se divertindo.

— Fui avisado de que veria coisas estranhas aqui no campo, mas devo admitir que não esperava encontrar uma bibliotecária feroz vagando entre estantes.

Elisabeth só tinha uma noção muito vaga de sua aparência, além do que conseguia enxergar. Os dedos manchados de tinta, o manto coberto de poeira. Não se lembrava da última vez em que penteara o cabelo, mechas castanhas embaraçadas espetadas para todo lado. Ela se acalmou minimamente, cautelosa. Se estivesse suja e feia, talvez ele não a considerasse digna de seu

tempo nem de sua magia.

— Também não esperava que você me encontrasse — se ouviu responder.

Horrorizada, cobriu a boca com a mão.

— Então você fala. Só prefere não falar comigo?

Ele ergueu uma sobrancelha quando ela assentiu.

— Sábia decisão — continuou. — Nós, feiticeiros, somos terrivelmente cruéis, afinal. Rondamos por aí, roubamos moças para rituais profanos...

Elisabeth não teve tempo para reagir, pois alguém bateu à porta.

— Tudo bem por aí, Catedrático? Ouvimos um barulho.

A voz grave e rouca pertencia ao guardião Finch. Elisabeth, assustada, se jogou para trás, agarrando os punhos em um instinto protetor. Quando Finch a encontrasse ali, fora dos limites — e, além do mais, falando com um catedrático —, nem pegaria o cinto; iria direto para a vara e bateria até ela não aguentar mais. As feridas iam demorar dias para sarar.

O olhar do catedrático se demorou nela, atento, antes de se voltar para a porta.

— Tudo perfeito — respondeu. — Prefiro não ser interrompido até a Diretora estar disponível para me levar ao cofre, por favor. Estou tratando de assuntos de feiticeiro. São confidenciais.

— Sim, senhor Catedrático — respondeu Finch, com má vontade, mas se afastou da porta.

Tarde demais, Elisabeth notou a própria tolice. Ela deveria ter chamado Finch. Podia pensar em vários motivos para o catedrático desejar ficar a sós com ela, sem interrupções, todos muito piores do que uma surra de vara.

— Agora — disse ele, se virando de volta. — Acho melhor limpar esta bagunça antes que me culpem, então você precisa sair daí.

Ele soltou as mãos do joelho e estendeu uma para ela. Os dedos eram compridos e esguios, como os de um músico.

Ela os encarou como se fossem uma adaga apontada para seu peito.

— Vamos lá — insistiu ele, impaciente. — Não vou te transformar em salamandra.

— Você sabe fazer isso? — cochichou ela. — Jura?

— Claro — respondeu, com um brilho perverso no olhar. — Mas só transformo meninas em salamandras às terças. Você deu sorte, pois hoje é quarta, dia em que eu bebo uma taça de sangue de órfão no jantar.

Ele parecia inteiramente sério. Não devia ter notado o manto que a marcava como aprendiz e, portanto, necessariamente órfã.

Determinada a distraí-lo, ela aceitou a mão. Não tinha se esquecido da missão para Katrien. Quando a levantou, ela fingiu tropeçar e cair com os dedos enfiados no cabelo preto e prateado. Ele piscou, surpreso. Era quase da altura dela, os rostos quase se tocando. Ele abriu a boca, como se quisesse falar, mas não emitiu som algum.

Ela ficou ofegante de repente. Com aquela expressão surpresa, ele lembrava menos um feiticeiro que negociava com demônios e mais um jovem comum. O cabelo era macio, da textura

da seda. Ela não sabia por que reparara nisso. Rapidamente, puxou as mãos de volta e se afastou.

Para seu horror, ele sorriu.

— Não se preocupe — disse, ajeitando o cabelo bagunçado. — Jovens já me pegaram em lugares muito mais comprometedores. Entendo que o impulso às vezes é incontrollável.

Sem esperar pela reação, ele se virou para estudar os destroços. Depois de considerá-los por um momento, levantou a mão e declamou uma sequência de palavras que fez os ouvidos dela zumbirem e a cabeça ficar tonta. Atordoada, entendeu que ele falava enoquiano. Era diferente de qualquer outra língua que já tinha ouvido. Ela sentiu que devia reconhecer as palavras, mas, assim que tentou repeti-las, as sílabas escoaram de sua mente, deixando só um silêncio puro e cru, como o ar depois de um trovão ensurdecedor.

Voltou a escutar um sussurro de papel. A pilha de grimórios espalhados começou a se mexer. Um por um, levantaram voo, flutuando em frente à mão estendida do feiticeiro, entre redemoinhos de luz esmeralda. Giraram, viraram e se embaralharam, se rearrumando na ordem alfabética enquanto a estante atrás deles se endireitava, soltando rangidos de esforço. As prateleiras quebradas se remendaram, consertadas; os grimórios voltaram às posições originais e alguns, mais demorados, mudaram de lugar no último segundo.

“Magia”, pensou. “Isso é magia.” Finalmente, antes que pudesse se impedir: “É lindo.”

Ela nunca ousaria expressar isso em voz alta. Só o sentimento já era quase uma traição do juramento à Grande Biblioteca. No entanto, parte dela se rebelou contra a ideia de que, para ser uma boa aprendiz, deveria fechar os olhos e fingir não ter visto. Como uma guardiã poderia se defender contra algo que não entendia? Certamente era melhor encarar o mal a se encolher frente a ele, sem aprender nada.

Faíscas cor de esmeralda continuaram a dançar pelas prateleiras organizadas. Ela se aproximou para tocar os grimórios e sentiu a magia percorrer sua pele, brilhante e formigando, como se tivesse mergulhado a mão em um balde de champanhe. Surpreendentemente, a sensação não era dolorida. Nada aconteceu com o corpo: as mãos não mudaram de cor, nem encolheram como passas.

Quando ela ergueu o olhar, entretanto, o feiticeiro a observava como se tivesse duas cabeças. Visivelmente esperara que ela sentisse medo.

— Cadê o cheiro? — perguntou ela, ousada.

Por um momento, ele pareceu perdido.

— O quê?

— O cheiro... o cheiro de metal queimado. É feitiçaria, não é?

— Ah.

Ele franziu as sobrancelhas escuras. Talvez ela tivesse exagerado. Entretanto, ele prosseguiu:

— Não exatamente. Às vezes acompanha a feitiçaria, se o feitiço for muito forte. Tecnicamente não é o cheiro da magia, mas uma reação causada quando a substância do Outromundo, o domínio dos demônios, entra em contato com...

— Uma reação química? — perguntou Elisabeth.

Ele a olhou com ainda mais curiosidade.

— Isso, exatamente.

— Tem nome?

— Chamamos de combustão etérea. Mas como você...?

Ele foi interrompido por mais uma batida à porta.

— Estamos prontos, catedrático Thorn — disse a Diretora, do outro lado.

— Claro — respondeu ele. — Certo, eu... um instante.

Ele olhou de relance para Elisabeth, como se na esperança de que ela tivesse desaparecido quando ele se virara, como uma miragem. O olhar claro era penetrante. Por um segundo, ele pareceu prestes a fazer alguma coisa. Murmurar uma despedida, conjurar um feitiço para puni-la por insolência. Ela endireitou os ombros, preparada para o pior.

Finalmente, uma sombra cobriu seu rosto e ele fechou os olhos. Deu meia-volta, dirigindo-se à porta sem falar. Uma última advertência de que ele era um catedrático e ela, uma aprendiz de bibliotecária simplória, indigna de qualquer importância.

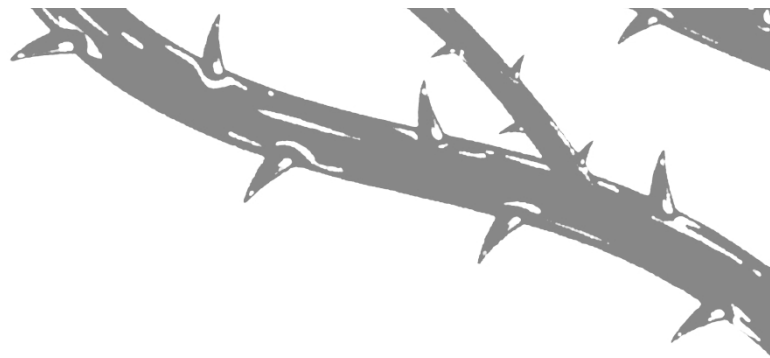
Ela se escondeu de novo atrás das estantes, sem fôlego. Uma mão agarrou a dela correndo.

— Elisabeth, você está louca! — sibilou Katrien, se materializando no escuro. — Não acredito que tocou nele. Estava pronta para pular e espancá-lo com o grimório o tempo todo. E aí? Qual é o veredito?

O peito de Elisabeth cantou de empolgação. Ela sorriu e, por algum motivo, começou a gargalhar.

— Nada de orelha pontuda — ofegou. — Completamente normal.

A porta da sala abriu com um rangido. Katrien cobriu a boca de Elisabeth com a mão para abafar a gargalhada. Foi bem na hora: a Diretora estava esperando lá fora, séria como sempre, as ondas de cabelo ruivo escorrendo no azul-escuro do uniforme como cobre derretido. Ela olhou para a sala e parou; depois de uma rápida busca, seu olhar encontrou o de Elisabeth com precisão, do outro lado da estante. Elisabeth congelou, mas a Diretora não disse nada. Um canto da boca tremeu, puxando a cicatriz no rosto. Finalmente, a porta se fechou e ela e o catedrático se foram.



QUATRO

A visita do catedrático marcou o último acontecimento emocionante da estação. O verão chegou num calor violento e repentino. Pouco depois, uma epidemia de Lombada Raquítica deixou todo mundo exausto e infeliz, obrigados a massagear os grimórios afetados com unguento fedido por semanas. Elisabeth ficou responsável por um Grau Dois chamado Os Decretos de Bartholomew Trout, que desenvolveu o hábito de se remexer em provocação sempre que ela se aproximava. Quando a primeira tempestade de outono finalmente chegou a Summershall, ela nunca mais queria ver um pote de unguento. Estava pronta para cair na cama e dormir por anos.

Em vez disso, acordou de repente de madrugada, certa de ter ouvido um barulho. Vento atacava as árvores lá fora, uivando pelas calhas. Galhos batiam na janela em ritmo de staccato. A chuva era barulhenta, mas ela não conseguiu ignorar a sensação de que tinha sido acordada por outro motivo. Sentou-se na cama e afastou a manta.

— Katrien? — cochichou.

Katrien virou para o outro lado, resmungando em pleno sono. Não acordou nem quando Elisabeth esticou a mão até a outra cama e sacudiu seu ombro.

— Chantagear ele — murmurou no travesseiro, ainda sonhando.

Com uma careta, Elisabeth saiu da cama. Acendeu a vela na mesa de cabeceira e olhou ao redor em busca de sinais.

O quarto que dividia com Katrien ficava no alto de uma das torres da biblioteca. Era pequeno e redondo, com uma janela estreita de castelo que deixava passar o vento vindo do leste. Tudo estava exatamente como Elisabeth havia deixado antes de se deitar. Livros abertos na cômoda e empilhados contra as paredes de pedra curvadas, anotações do último experimento de Katrien espalhadas no tapete. Elisabeth cuidou para não pisar em nada no caminho para a porta e, então, para o corredor, envolta na luz difusa da vela. As paredes espessas da biblioteca aba-

faram o uivo do vento, deixando ouvir só um murmúrio distante.

Descalça e só de camisola, ela desceu as escadas como um fantasma. Poucas curvas a levaram à limitante porta de carvalho, reforçada com tiras de ferro. A porta separava a biblioteca do alojamento e ficava sempre trancada. Antes dos treze anos, não podia destrancá-la sozinha; precisava esperar um bibliotecário para abrir. Agora possuía uma chave-mestra, capaz de destrancar as portas externas de qualquer Grande Biblioteca do reino, que carregava pendurada no pescoço o tempo inteiro, até na cama e no banho, como símbolo tangível do juramento.

Ela puxou a chave e parou, passando a mão pela superfície áspera da porta. Uma lembrança lhe ocorreu: as marcas de garra na mesa do cofre, rasgando a madeira como manteiga.

Não... era impossível. Grimórios só se transformavam em Maleficts se fossem danificados. Não podia acontecer no meio da noite, sem visitantes, todos os grimórios guardados em segurança. Não com guardiões rondando os corredores, o gigantesco sino de alarme da Grande Biblioteca pendurado acima deles, imóvel.

Decidida a afastar o medo infantil, atravessou a porta e a trancou ao passar. As lamparinas do átrio tinham sido diminuídas à noite. A luz fazia cintilar as letras douradas das lombadas dos livros, refletida nos trilhos de bronze que conectavam as escadas móveis ao topo das estantes. Forçando o ouvido, não detectou nada incomum. Milhares de grimórios dormiam em paz ao seu redor, fitas de veludo estremecendo entre as páginas com a força do ronco. Em uma vitrine de vidro próxima, um Grau Quatro chamado Florilégio de Lorde Fustian pigarreou com arrogância, tentando chamar atenção. Precisava ser elogiado pelo menos uma vez por dia, senão se fechava como uma ostra e passava anos se recusando a abrir.

Ela continuou, levantando mais a vela. “Nada de errado. Hora de voltar a dormir.”

Foi então que chegou: um cheiro inconfundível e tão forte que seus olhos lacrimejaram. Os últimos meses sumiram e, por um momento, estava de novo no salão de leitura, apoiada na poltrona de couro. O coração parou por um instante, antes de bater com força em seus ouvidos.

Combustão etérea. Alguém fizera um feitiço na biblioteca.

Ela apagou a vela correndo. Um baque a assustou. Esperou que o som se repetisse, desta vez mais baixo, quase um eco. Suspeitando do que se tratava, deu a volta numa estante até enxergar o portão de entrada. Estava escancarado, balançando no vento.

Onde estavam os guardiões? Ela já devia ter encontrado alguém, mas a biblioteca parecia completamente vazia. Congelada de pavor, andou até a porta. Apesar das sombras tomarem um ar ameaçador, se esticando pelo chão como dedos, ela deu a volta nos feixes de luar, querendo se manter escondida.

Dor explodiu em seu pé descalço no meio do átrio. Ela tinha topado em alguma coisa no chão. Alguma coisa fria, dura, que brilhava no escuro...

Uma espada. Não era uma espada qualquer: Demonícida. A empunhadura cravada de granadas brilhava no escuro.

Atordoada, Elisabeth pegou a espada. Tocá-la era estranho. Demonícida nunca saía do cin-

turão da Diretora. Ela só a perderia se...

Abafando um grito, Elisabeth correu até a forma jogada no chão ali perto. Cabelo ruivo espalhado no luar, uma mão pálida estendida. Agarrou o ombro, que não ofereceu resistência quando virou o corpo. Os olhos da Diretora encararam o teto, sem ver.

O chão se abriu sob Elisabeth; a biblioteca girou em um redemoinho zonzinho. Era impossível. Era um pesadelo. Ela logo acordaria, na própria cama, tudo normal. Esperou que isso acontecesse, segundo após segundo, até o estômago se revirar. Aos tropeços, se afastou do corpo da Diretora até a porta, onde vomitou um jato azedo de bile. Quando procurou apoio, a mão escorregou no batente da porta.

“Sangue”, pensou automaticamente, mas a substância em sua mão era outra — mais escura, mais espessa. Não era sangue: era tinta.

Elisabeth soube instantaneamente do que se tratava. Limpou a mão na camisola e agarrou a empunhadura de Demonicida com as duas mãos, tremendo demais para aguentar com uma só. Saiu para a noite aberta. O vento se agitou ao seu redor, emaranhando o cabelo. Primeiro, não viu nada além do brilho fraco das poucas lamparinas ainda acesas em Summershall. As luzes piscavam enquanto as árvores do pomar balançavam na ventania. Uma grade alta de ferro forjado cercava o pátio de cascalho da biblioteca, as pontas afiadas perfurando o céu inquieto como adagas, mas o portão estava aberto, as dobradiças retorcidas, pingando tinta.

Finalmente, a distância, uma silhueta enorme se arrastou entre as árvores. O luar iluminava a superfície engordurada. Moveu-se na direção da cidade aos tropeços, em passos cambaleantes e desajeitados, como um urso deformado tentando sem sucesso andar nas patas de trás. Era inconfundível. Um grimório tinha escapado do cofre. Absorvendo o poder da feitiçaria em suas páginas, se transformou em um monstro grotesco de tinta e couro.

Ao avistar um Malefict, Elisabeth deveria alertar o guardião mais próximo ou, se não fosse possível, correr escada acima para tocar o sino de alarme da Grande Biblioteca. O sino convocaria os guardiões e encorajaria os moradores a evacuar suas casas e se proteger no abrigo debaixo da prefeitura. No entanto, não havia tempo. Se Elisabeth voltasse, o monstro chegaria a Summershall antes de qualquer pessoa ter a oportunidade de se levantar da cama. Centenas morreriam nas ruas. Seria um massacre.

Officium adusque mortem. Dever até a morte. Ela passara sob a inscrição milhares de vezes. Não era guardiã ainda, mas nunca o seria se voltasse atrás agora. Proteger Summershall era sua responsabilidade, mesmo que lhe custasse a vida.

Elisabeth correu através do portão e colina abaixo. O cascalho duro deu lugar a um tapete macio e úmido de musgo e folhas caídas, encharcando a barra da camisola. Ela tropeçou em uma raiz e quase soltou a espada, mas o Malefict nem hesitou, avançando em passos pesados na direção contrária.

Agora estava próxima o suficiente para engasgar-se no fedor podre e também para ver como era enorme, muito maior do que um homem, com membros grossos e deformados como troncos de árvore. Ondas paralisantes de pavor a afogaram. Demonicida começou a pesar demais.

Ela não era uma heroína, só uma menina de camisola que por acaso encontrara uma espada. Será que a Diretora se sentira assim, pensou Elisabeth, ao enfrentar seu primeiro Malefict?

“Não preciso vencê-lo”, pensou. Se pudesse distraí-lo e chamar atenção suficiente no processo, talvez salvasse a cidade. “Afinal, meu forte é perturbar. Em geral, não preciso nem de esforço.” Coragem voltou aos poucos, soltando o corpo congelado. Ela inspirou fundo e berrou no meio da noite.

O vento estilhaçou sua voz, mas o monstro finalmente parou. O couro preto oleoso da pele se enrugou como se reagisse a uma mosquinha. Depois de uma pausa longa e pensativa, ele se virou para encará-la.

Era maciço, de forma vagamente humana, mas torto, bruto, como se feito de argila pelas mãos de uma criança. Dezenas de olhos avermelhados se alargavam pela superfície inteira, indo do tamanho de pires ao tamanho de pratos de jantar. As pupilas se retraíram, do tamanho de alfinetes, todas encarando Elisabeth de frente. O grimório mais perigoso da biblioteca estava livre. O Livro dos Olhos voltara.

Depois de um instante, ele hesitou, dividido entre ela e a cidade. Lentamente, os olhos começaram a girar de volta para Summershall. Não deveria vê-la como ameaça. Comparada com todas as pessoas mais à frente, ela não valia a pena. Precisava convencê-lo do contrário.

Ela ergueu Demonicida e atacou, pulando galhos quebrados, se esquivando entre árvores. A forma bronca do Malefict pairava sobre ela, bloqueando o luar. Ela prendeu a respiração para se proteger do fedor repugnante. Vários dos olhos se concentraram nela, pupilas arregaladas de surpresa, mas foi tudo que viram antes de a lâmina rasgá-los, espirrando um arco de tinta nas sombras.

O rugido do monstro fez o chão tremer. Elisabeth continuou correndo; sabia que não podia enfrentar o Livro dos Olhos de frente. Mergulhou pelo pomar e escorregou até se agachar atrás das ruínas mofadas de um poço de pedra velho, ofegando ar fresco.

De certa forma, se esconder do monstro era pior do que enfrentá-lo. Ela não o via, o que levava sua imaginação a preencher a dúvida. Mesmo assim, determinou, sem dúvida, que ele a procurava. Apesar de se mover com discrição angustiante, era grande demais para passar pelas árvores sem se revelar. Galhos quebraram aqui e ali, maçãs caíram ao chão em baques ocos. Os sons se aproximaram gradualmente. Elisabeth parou de ofegar; o pulmão ardia de tanto prender a respiração. Uma maçã atingiu o poço e explodiu, salpicando-a de pedacinhos grudentos.

— *Aprendiz... Te encontrarei... questão de tempo...*

O sussurro acariciou sua mente como uma mão flácida. Ela cambaleou, segurando a cabeça.

— *Melhor desistir agora...*

A sugestão gosmenta correu em pensamento, um pragmatismo frio e atraente. A missão dela era impossível. Difícil demais. Só precisava desistir, largar a espada, para dar fim ao sofrimento. O Livro dos Olhos seria rápido.

O Livro dos Olhos mentia.

Rangendo os dentes, Elisabeth olhou para cima. O Malefict estava acima dela, mas ainda

não a vira. Os olhos reviravam para todos os lados, movimentando-se independentemente para procurar pelo pomar. Aqueles feridos tinham se fechado, chorando lágrimas de tinta.

— *Aprendiz...*

Resistir aos sussurros era como atravessar a água de roupas encharcadas, mal conseguindo respirar acima da superfície. Ela se obrigou a parar de segurar a cabeça e fechou os dedos na empunhadura de Demonícida. “Só mais um pouco”, pensou. O monstro se aproximou e um olho amarelo se virou para baixo. Quando a localizou, a pupila se dilatou tanto que a íris toda pareceu preta.

“Agora.”

Ela empurrou Demonícida para cima, perfurando o olho. Tinta jorrou por seus braços, respingando no musgo. O berro do Malefict fez a noite toda tremer. Desta vez, ao fugir correndo, viu novas luzes piscarem na cidade abaixo. A cada segundo, mais se acendiam, se espalhando de casa em casa como brasas voltando à vida. Summershall acordava. O plano era um sucesso.

Enquanto isso, o tempo dela estava chegando ao fim.

Um braço varreu a escuridão e a jogou pelo ar como uma boneca de pano. Um choque de dor violento a percorreu quando o ombro raspou um tronco, fazendo-a rolar na grama molhada. Ela sentiu gosto de cobre e, quando se sentou, ofegando, os arredores tinham perdido a nitidez. Uma alça da camisola tinha se soltado, rasgada e ensanguentada. A forma escura do Malefict assomava-se sobre ela.

Ele se inclinou para a frente. Tinha uma cabeça rugosa, mas nada de rosto, nenhuma feição além dos inúmeros olhos saltados.

— *Que garota estranha você é. Ahhh... você tem alguma coisa... um motivo para acordar enquanto todos dormiam...*

A espada da Diretora jazia na grama. Elisabeth a pegou e a ergueu entre eles. A lâmina tremeu.

— *Posso te ajudar* — ofereceu o monstro. — *Vejo as perguntas na sua cabeça... tantas perguntas, tão poucas respostas... mas posso te contar segredos... ah, tantos segredos, segredos que nem imagina, segredos com os quais nem sabe sonhar...*

Presos num turbilhão, seus pensamentos seguiram os sussurros até um lugar escuro e faminto, do qual sabia que a mente nunca voltaria. Ela engoliu em seco. A mão encontrou a chave pendurada no pescoço e ela imaginou a Diretora fechando o grimório com força, cortando a voz do monstro.

— É mentira — declarou.

Uma gargalhada gutural encheu sua cabeça. Cega, ela atacou. O monstro se jogou para trás e Demonícida assoviou no ar, inofensiva. Madeira quebrou sob suas mãos quando ela se forçou a levantar. O Livro dos Olhos atingiu a árvore que estivera atrás dela logo antes, um golpe que a teria esmagado como um brinquedinho.

Ela fugiu, tropeçando em maçãs caídas. Desorientada, quase bateu de cara numa forma pálida erguida entre as árvores. Alada e branca, um rosto triste e solene erodido pelo tempo. Um

anjo de mármore.

Esperança a tomou. A estátua era um esconderijo de suprimentos para guardiões e cidadãos usarem em caso de emergência. Ela revirou o buraco de terra debaixo do pedestal até esbarrar em uma lata úmida de chuva.

A voz do Malefict a perseguiu.

— *Vou te contar* — sussurrou — *a verdade do que aconteceu com a Diretora. Quer ouvir esse segredo? Alguém fez isso, sabia... Alguém me soltou...*

Os dedos de Elisabeth se paralisaram enquanto tentava abrir a lata.

— *Posso te dizer quem foi... aprendiz!*

O ar estremeceu, mas ela reagiu muito devagar. Couro gosmenta a cercou por todos os lados, capturando-a num aperto fedido e sufocante. O monstro a pegara. Ele a levantou, tirando seus pés do chão, observando-a com olhos tão de perto que ela via as veias sangrentas que os percorriam como linhas escarlate. O punho fez mais força. Elisabeth sentiu as costelas dobrarem-se para dentro, ofegando, sem ar.

“Não vai acabar assim”, pensou, lutando contra a escuridão. Seria uma guardiã, protetora de livros e palavras. Era amiga dos livros. Administradora. Carcereira. E, se necessário, destruidora.

Ela soltou um braço e jogou o conteúdo da lata pelos ares. O Malefict soltou um uivo de dor quando uma nuvem de sal envolveu seu corpo. Relaxou o punho e Elisabeth escorregou, caindo contra a estátua de anjo com um baque estarrecedor. Ela piscou, afastando a tontura. Por um momento não conseguiu se mexer, nem sentir o corpo, e se perguntou se teria quebrado as costas. Finalmente, a sensação dos dedos voltou numa onda de formigamento aflitivo. Sentiu a pressão de Demonicida na pele. Ela não a tinha soltado.

Antes que o sussurro do monstro pudesse agarrá-la de novo, ela rolou para o lado, onde se encontrou frente a frente com um olho azul gigantesco e translúcido. Estava vermelho e lacrimajante, tremendo de dor ao tentar se manter aberto o suficiente para se concentrar nela. Usando o que restava de energia, ela se arrastou até se levantar. Levantou a espada da Diretora acima do corpo do monstro e a abaixou com toda sua força, enfiando-a até a bainha no couro gorduroso do monstro.

A pupila do olho se arregalou e contraiu.

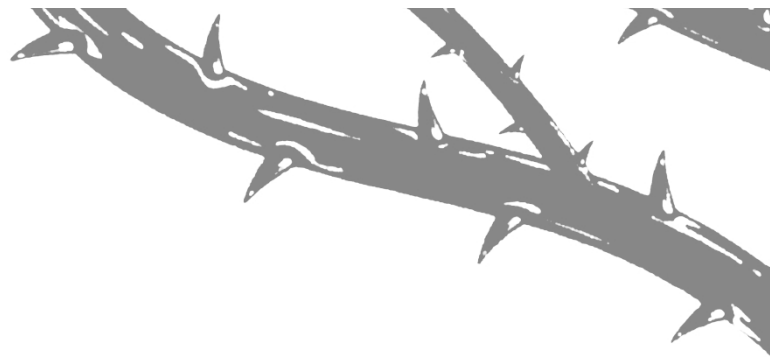
— *Não!* — engasgou o Malefict. — *Não!*

Gotas de tinta borbulharam da ferida. Ela tensionou os músculos e virou a lâmina. O monstro se sacudiu e a jogou para longe. Demonicida continuou presa no corpo dele, longe do alcance, mas ela não precisava mais da espada. Os olhos se contorceram desesperados e finalmente pararam, revirando para trás, pálpebras relaxadas. Como se envelhecesse em tempo acelerado, a pele de couro se tornou cinza e começou a rachar e descascar. Uma membrana nebulosa cobriu os olhos. Pedacos do corpo desmoronaram, soltando jorros de cinzas flamejantes. Ela observou até o Malefict se desintegrar no vento.

Ela se lembrou do que a Diretora dissera no cofre. Aquele grimório era o único do tipo. Ela

era responsável por ele e o tinha destruído. Sabia que não tivera escolha. Mesmo assim, pensou: “O que eu fiz?”

Cinzas rodopiavam ao seu redor como neve. Um eco metálico encheu o ar. Finalmente, tarde demais, o sino da Grande Biblioteca começou a tocar.



CINCO

— Que loucura. A menina não fez nada. Você sabe que ela é inocente...

— Não sei nada disso, mestre Hargrove — disse o guardião Finch. — Só duas pessoas mexeram no Livro dos Olhos quando chegou a Summershall. Agora uma delas está morta. Diga, por que Scrivener estava fora da cama quando o Malefict se soltou?

Hargrove riu, incrédulo.

— Jura que quer sugerir que Scrivener teve alguma coisa a ver com isso? Que ela *sabotou* um grimório de Grau Oito? Ridículo. Que motivo ela teria para fazer uma coisa dessas?

— Ela foi encontrada fora da cama, fora do terreno, com a espada da Diretora.

— Que a Diretora deixou para ela como herança, pelo amor de deus! É de Scrivener agora...

Elisabeth piscou de leve. Estava deitada sob um lençol fino e áspero em uma cama desconhecida. “Não é uma cama, é um leito.” Os dedos do pé estavam frios, descobertos. A parede de pedra à sua frente não era do quarto e a discussão de Finch e Hargrove não fazia sentido nenhum.

— As chaves da Diretora não estavam no chaveiro, nós as encontramos na entrada do cofre — grunhiu Finch. — Alguém as roubou. Só Scrivener estava lá. A biblioteca já estava trancada... mais ninguém conseguiria entrar.

— Tenho certeza de que há outra explicação.

Ela nunca tinha visto Hargrove tão irritado, nem depois da história das traças. Parcialmente absorta em sonho, ela o imaginou gesticulando como nas aulas, as mãos frágeis e manchadas pela idade se agitando no ar como se regendo uma orquestra.

— Precisamos investigar — continuou. — Falar com Scrivener, usar *lógica* para entender o que aconteceu ontem.

— Já mandei um relatório à Cátedra. Um grimório inestimável foi destruído, os feiticeiros

querem que alguém se responsabilize. Vão descobrir a verdade, por bem ou por mal.

Seguiu-se um longo silêncio.

— Por favor, imploro que reconsidere — a voz de Hargrove soou abafada, como se tivesse se afastado, intimidada. — A Diretora confiava em Scrivener, a amava, até. Nós dois sabemos que ela não era sentimental. Isso certamente tem seu valor.

— Tem. Mostra que a Diretora amou a pessoa errada e o erro foi fatal. Você está dispensado, Hargrove.

— Guardião Finch...

— Diretor — corrigiu Finch. — Se esqueceu seu lugar, Hargrove, não tenho dúvidas de que posso encontrar outro.

“Por que Finch se chamou de Diretor?”

A memória de Elisabeth voltou em ondas quando ela se forçou a acordar. Cinzas. Sinos. Cercada por guardiões de espadas erguidas, Finch saindo do grupo para segurá-la pelo braço. Ele a arrastara pela escada e a jogara nesta cela. Ela se lembrou da fúria deformando seu rosto manchado na luz das tochas. Lembrou-se também da umidade refletida no olhar quando ele se afastou.

Ela se arrependeu de acordar imediatamente. Seu corpo inteiro doía. Hematomas latejavam nos braços e nas costas, e as costelas espetavam os pulmões a cada inspiração. Pior que a dor, no entanto, foi a compreensão repentina que a seguiu.

“Ele me culpa pelo que aconteceu.” Ela não esperava ser vista como heroína... mas isso? “Se agora ele é Diretor...”

Ela mordeu a bochecha por dentro e se forçou a levantar. Puxou o lençol áspero contra o peito, notando que ainda estava de camisola, grudada de tinta e manchada pelo próprio sangue. Olhou ao redor e não viu nem sinal de Hargrove, mas Finch estava do outro lado da grade da porta. Rugas profundas entalhavam sua feição, encarando o corredor. Uma tocha acesa na parede atrás dele jogava sua sombra comprida e ameaçadora na cela. Ela se esforçou para entender a última lembrança da noite anterior. Por que o rosto dele estava úmido? Não tinha chovido.

A verdade lhe ocorreu.

— Você estava apaixonado pela Diretora — constatou.

Só saiu um fiozinho arranhado de voz, mas Finch se virou como se ela tivesse berrado um insulto.

— Cale a boca, garota.

— Por favor. Eu também a amava. Você precisa me escutar — insistiu, palavras jorrando como se uma represa dentro dela arrebentasse. — Outra pessoa soltou o Livro dos Olhos ontem. Eu desci e...

Quando ela começou a contar a história, correndo e hesitante, Finch levou a mão à empunhadura da espada. Ele apertou o couro até ranger. Elisabeth parou de repente.

— Sempre inventa historinhas — disse ele, os olhos pretos como besouros na luz do fogo. — Sempre se mete em confusão. Espera que eu acredite em você, depois de todas as regras que

infringiu?

— Estou falando a verdade — falou, implorando que ele visse a honestidade em sua expressão. — Você não pode me mandar para os feiticeiros. Foi um feiticeiro que fez isso.

— Por favor, me explique por que um feiticeiro soltaria um grimório, sabendo que seria destruído? Agora aqueles feitiços já eram. Não é possível recuperá-los, todos os feiticeiros perdem poder com isso.

Ele estava certo. Não havia motivo para um feiticeiro ter cometido o crime. Mesmo assim, ela sabia o que sentira, e se ele só *acreditasse*...

— Tinha alguma coisa errada ontem — falou, se agarrando à memória. — Não havia guardiões de vigia além da Diretora. Não vi ninguém no corredor. Foi um feitiço... deve ter sido um feitiço. Pode verificar os registros, perguntar aos guardiões. Alguém deve ter notado.

— Mentiras, mais mentiras.

Com satisfação, Finch cuspiu no chão de fora da cela.

Horror dominou Elisabeth. Ela sentiu que entrara num bosque escuro, notando de repente que estava perdida, sem esperança de encontrar a saída. Finch nunca acreditaria nela, porque não o queria fazer. A culpa de Elisabeth era o melhor presente que ele já recebera. A Diretora escolhera amar Elisabeth em vez dele e a oportunidade de puni-la finalmente chegara.

— Você é uma idiota — disse ele. — Eu sempre soube. Irena nunca acreditou, insistiu que você era *promissora*, mas eu sei que você não vale o esforço de seu sustento, soube desde que você era um bebezinho gordo enchendo a biblioteca de manha.

Irena. Era esse o nome da Diretora? Ela morreu sem que Elisabeth o soubesse.

— Estou falando a verdade — sussurrou de novo, o rosto ardendo de humilhação. — Senti o cheiro de feitiçaria na biblioteca. Cheiro de metal queimado. Combustão etérea. Juro.

A boca dele se curvou em um sorriso de desprezo.

— E como você conhece o cheiro?

— Eu... na primavera, quando...

Ela parou, enjoada. Se explicasse que tinha entrado escondida no salão de leitura e conversado com um catedrático, pioraria a situação. Olhou para baixo, sacudindo a cabeça.

— Eu só conheço — completou, fraca.

— Leu num grimório, sem dúvida — grunhiu ele. — Um grimório que não devia ter lido, para encher a cabeça de palavras demoníacas. Você anda metida com demônios, menina? Começou a mexer com feitiçaria... é assim que conhece?

Ela se recolheu na cama até bater as costas na parede.

— Não! — gritou.

Como ele podia acusá-la de uma coisa dessas? Ela tinha feito o mesmo juramento que ele. Se o quebrasse para experimentar feitiçaria, nunca se tornaria guardiã, nunca poderia pisar de novo na Grande Biblioteca.

— Logo vamos saber — disse ele, se virando e tirando a tocha da parede. — Já ouvi falar do que a Cátedra faz com traidores. As interrogações são piores que tortura. Quando acabarem,

menina, não vai servir nem de pano de chão.

A luz começou a se afastar, levando a sombra junto.

Elisabeth empurrou o lençol embolado e tropeçou até a porta da cela, agarrando a grade.

— Pare de me chamar de menina — gritou. — Sou aprendiz!

Veio uma pausa horrível.

— É mesmo? — perguntou Finch, a voz feia, cheia de deleite.

A tocha se distanciou, deixando-a no escuro. Lentamente, levou a mão à chave ao redor do pescoço, a chave que não tirara nos três anos e meio desde que recebera da Diretora, mas só encontrou o vazio.

Não havia nada ali.

• • •

Os dias de Elisabeth se misturaram.

As masmorras da Grande Biblioteca ficavam nas profundezas subterrâneas, longe de qualquer nesga de luz, e ela estava sozinha. Descansou no leito, ouvindo os barulhinhos de ratos e traças, grata pela companhia. Sem eles, um silêncio pesado e sufocante preenchia a cela, a atormentando com devaneios estranhos.

Finch não voltou a visitá-la; nem mestre Hargrove. Regularmente, a luz de uma tocha invadia o corredor e um guardião vinha empurrar uma bandeja de comida por baixo da grade. Mais raramente, ele destrancava a porta para trocar o balde que lhe servia de penico no canto. Era sempre o mesmo guardião. Nas primeiras visitas, ela tentou implorar, mas ele não a ouviu. O olhar era prova suficiente de que ele acreditava no que quer que guardião Finch — *o Diretor* — tinha dito.

“Que eu sou traidora e assassina.”

Desespero atordoou sua mente. A maré incessante de luto a afogou. Ela nunca tinha suposto que a Diretora a amava. Certamente não o suficiente para herdar Demonicida, sua posse mais valiosa. Elisabeth queria voltar no tempo com esse conhecimento e mudar tudo. Finalmente tinha a confirmação de que a Diretora sempre confiara nela, mas era tarde e custara muito caro.

Conforme os dias se arrastaram e as lágrimas secaram, ela revisitou o ataque obsessivamente em memória, tentando encaixar exatamente o que tinha acontecido. Era difícil imaginar a Diretora sendo pega de surpresa, mas todos os sinais indicavam que um feiticeiro tinha feito uma emboscada, roubado as chaves, descido ao cofre e soltado o Livro dos Olhos. Ninguém o interrompera, pois ele usara um feitiço para... quê?

Para prender o resto da biblioteca em um sono encantado. Era a isso que o Livro dos Olhos se referia quando disse que ela tinha acordado enquanto todos dormiam. Katrien normalmente tinha sono leve, mas nem uma boa sacudida a despertara. Enquanto isso, o feiticeiro precisava que a Diretora estivesse sozinha e acordada, para roubar as chaves...

Mesmo assim: como tinha conseguido entrar na biblioteca? Todas as fechaduras eram feitas

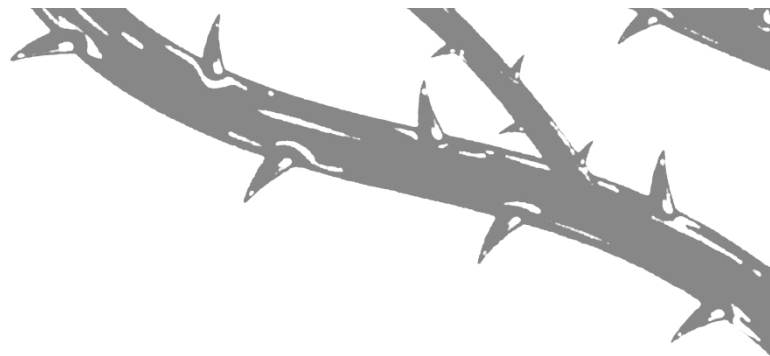
de ferro puro, impossíveis de abrir com magia.

Não importava. Ele tinha dado um jeito. Agora Elisabeth seria entregue aos feiticeiros, dentre os quais estaria o sabotador, esperando a oportunidade de acabar com a testemunha. Justiça não a esperava na Cátedra. Só morte.

Ela riu — um som esquisito e desagradável que mal reconheceu. O guardião tinha acabado de chegar para entregar a refeição diária e a olhou assustado quando empurrou a bandeja sob a porta. “Ele acha que enlouqueci.” Quando o escuro voltou à cela, escorrendo dos cantos como água no convés de um navio naufragado, ela se perguntou se era verdade. Parecia que o resto do mundo tinha enlouquecido em vez dela... mas, se só ela achava isso, poderia mesmo se considerar sã?

Os hematomas nos braços, que via de relance na luz das tochas, foram do roxo-escuro ao amarelo manchado e doentio. No mundo de cima, uma semana se passou. A rotina foi invariável até que um dia a porta se levantou, arrastada, soltando o grito do ferro arranhando pedra, e dois pares de botas ecoaram pelo corredor, em vez do único par de costume.

Elisabeth sabia o que significava: os feiticeiros finalmente tinham chegado para buscá-la.



SEIS

Luz e barulho atacaram Elisabeth. Ela fechou os olhos com força frente ao brilho, ensurdecida pelo eco das botas dos guardiões que a arrastavam pelo corredor. Finch apertou um de seus ombros com tanta força que ela sentiu os ossos rasparem um no outro. Depois de tanto tempo no subsolo, ela se sentia menos como um ser humano e mais como uma criatura arrancada da toca pelas garras de um falcão, assustada e arisca, confusa por qualquer som. O vestido, do tamanho errado, pinicava na costela e batia na canela, estranho depois de anos vestindo só mantos confortáveis. Era sem dúvida o mais comprido que tinham sido capazes de encontrar, mas ainda ficava uns quinze centímetros mais curto do que pedia sua altura.

Por perto, uma voz conhecida a chamou.

— Katrien! — gritou de volta, a própria voz rouca, por falta de uso.

Ela olhou ao redor em desespero até Katrien aparecer, tentando passar à força por entre dois guardiões. Seu rosto estava marcado por olheiras e a trança estava bagunçada, deixando mechas escaparem.

Elisabeth sentiu um aperto no peito.

— Você não devia estar aqui — murmurou.

— Tentei te visitar, mas os guardiões não deixaram — ofegou Katrien, parecendo não ouvir.

Uma guardiã esticou um braço para tentar afastá-la, mas ela passou por baixo e continuou o caminho.

— Aí eu organizei uma distração... — prosseguiu. — Disfarçamos Stefan de bibliotecário-chefe e o mandamos correr pelo arquivo sem calças, mas um dos guardiões ainda se recusou a sair do posto e não consegui passar por ele.

Mesmo tonta de medo, Elisabeth soltou uma gargalhada.

— Não teríamos desistido — insistiu Katrien. — Com mais uns dias eu teria dado um jei-

to de te soltar. Eu juro.

— Eu sei — disse Elisabeth.

Ela tentou segurar a mão de Katrien, mas no mesmo momento Finch a empurrou para a porta. Os dedos das duas se encostaram antes de os guardiões as afastarem, e ela sentiu, com horror, que aquela era a última vez que tocaria em Katrien.

— Eu... eu vou voltar — gritou Elisabeth, por cima do ombro, mesmo sem acreditar no que dizia. — Vou mandar cartas — insistiu, quase certa de que também não poderia fazê-lo. — Katrien — disse, quando Finch a empurrou pela porta. — Katrien, por favor, não me esqueça.

— Não esquecerei. Não me esqueça também. Elisabeth...

A porta bateu com força. Elisabeth tropeçou, piscando para limpar a vista. Estava no pátio. Nuvens pesadas de outono enchiam o céu, mas a luz natural ainda esmagava sua cabeça como um martelo na bigorna. Quando seu olhar se ajustou, viu que tinha saído da mesma porta pela qual ela e a Diretora tinham levado o Livro dos Olhos, cuja inscrição agora mais parecia uma acusação.

“Por que eu sobrevivi, mas a Diretora não?”

Um casco arranhou o cascalho, chamando sua atenção. Dois cavalos pretos enormes se erguiam à frente de Elisabeth, roendo o freio, e um cocheiro esperava atrás deles. Cortinas cor de esmeralda cobriam as janelas e a madeira era entalhada com um desenho elaborado de espinhos entrelaçados. O artesão tomara cuidado especial para detalhar os espinhos de forma realista; ela quase sentiu as pontas cruéis perfurarem sua pele dali.

Uma sombra cobriu o pátio. O vento soprou mais forte, espalhando folhas pelo chão com um som seco e sibilante. Desesperada, olhou ao redor até encontrar uma das muitas estátuas dali: um anjo de mármore enorme segurando uma espada contra o peito. O manto era recoberto de hera, que criava apoios naturais. Ela sabia por experiência própria que conseguia escalar até o topo em meros segundos, se estivesse disposta a ralar o joelho. Com sorte, estaria no meio dos telhados antes que o feiticeiro a pegasse. Inspirou fundo e correu, jogando cascalho para todo lado a cada passo.

Uma lufada de metal queimado ardeu em seu pulmão e o som de pedra rachada desmoronando encheu o ar. Ela parou de repente em frente à estátua. Ela tinha começado a se mover.

Mármore arranhou mármore até os olhos neutros se abrirem e a cabeça se erguer. Com uma expressão serena, desembainhou a espada e desenrolou as asas acima do pátio. Faíscas esmeralda dançavam ao redor das penas abertas, quase translúcidas na luz da manhã. Finalmente, a espada se abaixou, apontando diretamente para Elisabeth. O rosto plácido do anjo a encarou sem misericórdia.

Ela se afastou aos tropeços e reparou que o pátio inteiro tinha tomado vida. Os homens encapuzados nas alcovas acima viraram rostos sombrios em sua direção. Gárgulas se alongaram, testando as garras na beira do telhado. Até os anjos que seguravam a faixa sobre a porta olharam para ela, frios e sem piedade. Elisabeth engoliu um grito. Agora entendia por que Finch nem a algemara. Não era possível escapar de um feiticeiro.

Ela deu um passo para trás e mais outro até uma sombra a cobrir: a sombra de um homem. Ela não o escutara sair da carruagem. Suas veias congelaram, paralisada no lugar.

— Elisabeth Scrivener — disse o dono da sombra. — Meu nome é Nathaniel Thorn. Vim escoltá-la até Brassbridge para seu interrogatório e não recomendo que tente fugir. Essa tentativa só provará sua culpa perante o Chanceler.

Ela deu meia-volta. Era *ele*. A capa esmeralda ondulava rente ao chão e o vento emaranhava o cabelo escuro com mecha prateada. Os olhos cinzentos eram tão claros e penetrantes quanto ela lembrava, mas, se ele a reconheceu também, não o mostrou. Um sorriso leve e amargo surgiu no canto de sua boca.

Ela deu um passo para trás. Claro. Ele deveria ser o verdadeiro culpado. Por que mais um catedrático aceitaria uma tarefa tão baixa? O sabotador certamente acharia conveniente se ela nunca chegasse a Brassbridge, a única testemunha do crime, acidentalmente desaparecida no meio do caminho.

— Você tem medo de mim — observou ele.

Um tremor a percorreu, mas ela se manteve firme. Se não revelasse a suspeita, talvez sobrevivesse tempo o bastante para escapar.

— Você é um feiticeiro — respondeu, áspera, sentindo que bastava.

Na tentativa de distraí-lo, perguntou:

— Quem é o Chanceler?

Ele estreitou os olhos.

— Se quiser se fingir de boba, vai precisar se esforçar um pouco mais.

— Não estou fingindo — disse ela, enfiando as unhas na palma da mão. — Quem é o Chanceler?

— A palavra realmente não te diz nada?

Ela sacudiu a cabeça. Ele se inclinou para observá-la mais de perto, os olhos claros concentrados em seu rosto. Ela esperou que algo acontecesse: um choque de dor para forçar uma confissão, ou uma presença intrusa revirando seus pensamentos em busca da verdade. Atrás dele, estátuas aproximaram as cabeças como se discutindo seu futuro. Ela até as ouviu cochichar, vozes rangidas de terra e pedra. Passou-se um longo momento, mas o feiticeiro só exalou uma risada sem graça e se afastou. Alívio a encheu.

— Chanceler Ashcroft é a segunda pessoa mais poderosa do reino. É o atual chefe da Cátedra — explicou, com uma pausa. — Você sabe o que é a Cátedra?

— O governo dos feiticeiros. Serei levada para lá.

“Se você não me matar antes disso.” Só de vestido gasto e curto, ela nunca se sentira mais indefesa.

— A viagem até a cidade leva três dias — tentou, tomada por uma ideia. — Não tenho nenhuma das minhas posses.

O catedrático, Nathaniel, olhou para a porta.

— Ah, é. Quase esqueci. Um instante.

Inclinando a cabeça, murmurou um encantamento. As palavras em enoquiano chiavam em contato com o ar, como óleo no fogão aceso.

Elisabeth, tensa, não sabia o que ele queria fazer. Preparou-se para o pior e quase não ouviu o assobio curioso que veio de cima. Uma sombra apareceu no chão ao seu lado, crescendo rapidamente. Ela pulou para o lado quando um objeto de tamanho considerável caiu do céu, atingindo o cascalho com um baque.

O objeto era seu próprio baú. Ela encarou Nathaniel, boquiaberta, antes de correr até o baú e abrir o fecho. Ali dentro estavam vários vestidos que não vestia desde os treze anos, cuidadosamente dobrados. A escova de cabelo que raramente usava. Roupas de dormir. Meias. Nenhum manto de aprendiz, mas isso era de se esperar. Quando o feitiço se dissipou, um brilho esmeralda cobriu o conteúdo do baú.

— Por que está me olhando assim? — perguntou ele.

— Você usou um encanto demoníaco para dobrar minhas meias!

Ele ergueu uma sobrancelha.

— É verdade, não parece a obra de um feiticeiro malvado de respeito. Não vou dobrá-las da próxima vez.

Ela não teve oportunidade de mexer melhor no baú sem causar suspeita. Tinha esperado poder buscar seus próprios pertences. Duvidava que Nathaniel tivesse incluído qualquer coisa que ela pudesse usar como arma, muito menos Demonícida, mas talvez algo lhe fosse útil. Precisaria olhar melhor mais tarde, sozinha.

Ela se endireitou e o sangue subiu à cabeça. Cambaleou, tonta. A masmorra enfraquecera seu corpo.

Uma mão a segurou pelo ombro.

— Cuidado, senhorita — disse uma voz suave ao seu lado.

Ela se virou e viu o criado que a ajudara, notando que devia ser o cocheiro, apesar de não tê-lo visto até então. Era um jovem vestido em uma farda antiquada, o cabelo cuidadosamente coberto de pó branco. Ele parecia ser aproximadamente da idade de Nathaniel, de corpo magro e bastante baixo — não tanto quanto Katrien, mas muito menor do que Elisabeth. Em todos os outros aspectos, era inusitadamente esquecível. “Que pessoa sem graça”, pensou, franzindo a testa. Nunca tinha chamado ninguém de “sem graça”. De onde viera aquilo?

Havia algo de esquisito no criado. Por mais que tentasse, ela não conseguia descrever mais nenhum traço dele, nem mesmo a cor dos olhos, apesar da proximidade.

— Licença — disse ele, no mesmo sussurro cortês. — Posso carregar seu baú?

Ela assentiu, confusa. Quando ele se curvou para levantar o baú, ela se aproximou, sentindo que devia ajudar. Ele era tão magro, parecia que podia se machucar.

— Não se preocupe, o Silas é mais forte do que parece — disse Nathaniel, com um tom de piada.

Será que Nathaniel estava zombando dele? Ela observou o rosto do criado em busca de sinais de desconforto, mas não os encontrou. Em vez disso, ele sorria de leve. Enquanto o sorriso

de Nathaniel era cruel, o deste menino parecia o de um santo. Elisabeth se perguntou por que só agora notara como ele era lindo, quase etéreo, como se fosse moldado de gelo ou alabastro em vez de carne e osso. Ela nunca vira ninguém tão lindo, nunca soubera que era possível; só de olhar para ele, sentiu um nó na garganta.

Como se sentindo a atenção, o criado ergueu o olhar para encontrar o dela. Elisabeth abafou um grito.

“Os olhos dele são amarelos. Ele não é humano. É...”

A observação evaporou como uma vela apagada. “Pois é, realmente, que pessoa sem graça”, pensou, vendo o criado voltar ao seu lado.

— Posso ajudá-la a entrar na carruagem, senhorita? — perguntou ele.

Ela assentiu, aceitando a mão enluvada. Confiava nele, mesmo sem saber o porquê. Estranho; podia jurar que... jurar que alguma coisa...

— Nathaniel é cruel com você? — perguntou, em um murmúrio.

Ela nem imaginava como deveria ser o trabalho de um criado de feiticeiro, obrigado a ver atrocidades todo dia.

— Não, senhorita. Nunca. Sou essencial para ele, entende? — respondeu o criado, a ajudando a subir os degraus e falando ainda mais baixo. — Sem dúvida já ouviu falar que feiticeiros fazem acordos com demônios, trocando a vida por poder.

Elisabeth franziu a testa, mas Nathaniel falou antes que ela pudesse entender as palavras do criado.

— Fique à vontade, srta. Scrivener. Temos uma longa jornada à nossa frente. Quanto mais cedo partirmos, mais rápido posso voltar a atormentar viúvas e escandalizar idosos com minha arte sombria e nefasta.

Ela correu para dentro, sem precisar de mais encorajamento. A carruagem era tão luxuosa por dentro quanto por fora, cheia de veludo verde-escuro e madeira brilhante. Nunca antes tinha andado de carruagem. A experiência mais próxima era pegar carona na carroça até Summershall, carregando uma galinha no colo.

Ela se encolheu num canto, dobrando bem as pernas para caber, esperando que Nathaniel a seguisse. Será que se sentaria ao seu lado ou à frente? Talvez planejasse se divertir um pouco com ela antes de matá-la. Ela se retesou quando a carruagem afundou sob o peso de mais alguém, mas a porta se fechou, deixando-a lá dentro, sozinha e assustada.

A carruagem entrou em movimento com o ruído dos cascos. Para se distrair do enjoo, abriu as cortinas. O feitiço de Nathaniel no pátio estava chegando ao fim. Viu o anjo embainhar a espada e voltar à posição original, fechando os olhos como se pegasse no sono. As gárgulas bocejaram, piscaram, esconderam o rosto debaixo do rabo. Por todo lado rostos pararam, asas fecharam, os homens encapuzados se viraram e apertaram as mãos em prece silenciosa. Ela suspirou quando a última estátua se imobilizou, o pátio novamente de pedra inerte, como se seus ocupantes nunca tivessem se mexido, falado ou aberto os olhos de mármore.

O pátio sumiu de vista e o portão ficou para trás. Acelerando pelo pomar, uma conversa

abafada passou pela parede. Elisabeth inspecionou a janela antes de abri-la um pouco, esperando entreouvir alguma informação útil. A voz de Nathaniel entrou, soprada pelo ar fresco.

— Gostaria muito que parasse de mencionar demônios em público — disse ele.

A voz do criado respondeu, quase inaudível em meio ao estrondo dos cascos de cavalo:

— Não consigo me conter, senhor. É da minha natureza.

— Bem, sua natureza me aborrece.

— Minhas mais sinceras desculpas. Gostaria que eu mudasse?

— Agora não — disse Nathaniel. — Iria assustar os cavalos e, para ser sincero, não faço ideia de como se conduz uma carruagem.

Elisabeth franziu as sobrancelhas. Assustar os cavalos? Do que estava falando?

— Você deveria mesmo aprender a fazer certas coisas sozinho, senhor — retrucou o criado.

— Seria útil se pudesse dar nó na própria gravata, por exemplo, ou pelo menos uma vez vestir a capa do lado certo...

— Sim, sim, eu sei. Tente se comportar normalmente na frente da moça, é só isso. Não seria bom se ela descobrisse — disse Nathaniel, com uma pausa. — A janela está aberta?

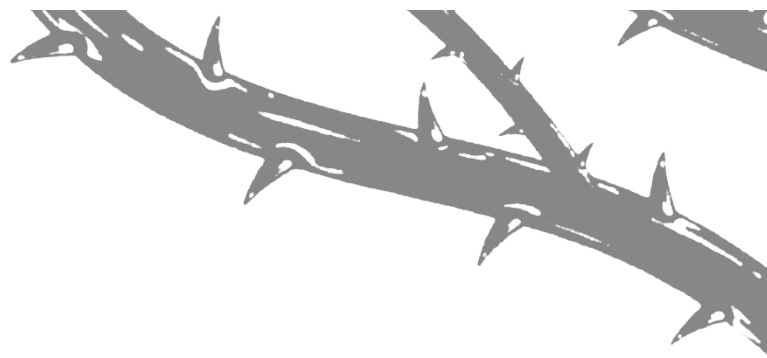
Ela se afastou quando um redemoinho de luz verde se enroscou no trinco e bateu a janela, interrompendo a conversa. Ela poderia tentar de novo mais tarde, mas suspeitava que o trinco se manteria bem fechado pelo resto da viagem.

O pouco que ouvira a enchera de horror. Parecia que o criado era cúmplice do plano que Nathaniel tinha para matá-la. Antes que a carruagem parasse à noite, precisava formular uma estratégia. Planejamento sempre fora o forte de Katrien, não dela, mas, se não fugisse, morreria; e, se morresse, nunca poderia levar o assassino da Diretora à justiça.

Desesperada por inspiração, ela olhou de novo pela janela, confrontando uma vista que não conhecia: ovelhas pastando numa colina, cercadas pelo bosque. Procurou e encontrou a Grande Biblioteca além das árvores, em meio à malha de fazendas, torres imponentes assomando o campo envoltas em nuvens cinzentas. Tinha passado a vida inteira olhando por aquelas torres, sonhando com o futuro distante. Sem dúvida, olhara para aquela mesma estrada, entendendo a paisagem como um pássaro o faria, agora estranha e desconhecida quando vista do chão.

Ela pressionou a testa contra o vidro, engolindo a dor na garganta. Era o mais longe de Summershall que já chegara. Depois de tanto sonhar, parecia especialmente cruel que tivesse seu primeiro e provavelmente último gostinho de mundo como prisioneira, traidora de tudo que amava.

A carruagem virou uma curva na estrada e os tetos de Summershall sumiram atrás da colina. Logo as árvores se adensaram e a Grande Biblioteca também se foi.



SETE

A carruagem acordou Elisabeth com um solavanco. Ela se sentou, esticando o pescoço com uma careta, e congelou, todos os sentidos em alerta. Ouviu o canto de insetos — mas nada de cascos batendo no chão nem rodas se arrastando pela estrada. A carruagem tinha parado. Lá fora estava escuro, mas a luz de lamparinas entrando pela fresta das cortinas a desnor-teou. Olhando pela janela, viu que tinham estacionado em frente a uma antiga pousada de pedra.

O fecho da porta se abriu. Ela se jogou de volta na posição na qual acordara, pensamentos a mil. Com os olhos entreabertos, viu Nathaniel se inclinar para dentro, um borrão pálido no escuro. O vento bagunçara seu cabelo, no qual a mecha prateada brilhava.

— Espero que não tenha morrido aí, srta. Scrivener — disse ele.

Ela não se moveu. Mal se permitiu respirar.

— Seria bastante inconveniente — continuou. — Levaria a várias reuniões chatas, uma investigação, uma ou outra acusação de assassinato... Srta. Scrivener?

Elisabeth continuou imóvel.

Nathaniel suspirou e entrou na carruagem. O batimento do coração dela acelerou quando ele se aproximou, trazendo o cheiro de noite e feitiçaria. O que ela planejava era perigoso, mas ela não tinha escolha — pelo menos nenhuma escolha melhor.

Quando ele tocou seu ombro, ela tomou vida. Ele não estava usando luvas, então, quando os dentes dela se cravaram na mão, ele gritou. Em um piscar de olhos, ela saiu correndo da carruagem. As lamparinas da pousada tremeluziam enquanto ela descia a estrada. Piscaram quando ela escorregou na represa do outro lado e, por um momento horrível, rolando pelas pedras, não viu nada: só trevas à frente. Finalmente, atingiu o fundo com uma pancada. Água encheu suas meias, assim como o fedor de lama e plantas podres. Tinha parado em uma vala. Do outro lado, viu um emaranhado escuro de galhos — um matagal.

Ela mergulhou. Ramos açoitaram seu rosto e folhas ficaram presas no cabelo. Sentiu o cora-

ção parar quando algo prendeu seu ombro, mas era só mais um galho, perturbado pela passagem. Ela esperava que as árvores ganhassem vida ao seu redor; que as raízes se desenrolassem do chão como cobras e amarrassem seus tornozelos. No entanto, não havia sinal de perseguição. Na verdade, não havia sinal de que mais nada ali estava vivo.

Se havia animais naquele bosque — pássaros, esquilos —, tinham todos ficado quietos, a deixando sozinha com os sons da respiração ofegante e do progresso violento pelo mato. A princípio, o silêncio não a incomodou, visto que estava tarde. Depois de um tempo, entretanto, se perguntou: “Aonde foram os grilos?”

Ela saiu numa clareira e parou de repente. O criado de Nathaniel, Silas, estava à sua frente. Ele sorria de leve, como se pedisse desculpas, com as mãos atrás das costas. Nenhum fio branco fugia da fita amarrando o cabelo. Ele era tão pálido que lembrava um fantasma entre as árvores sombrias.

Horror a sufocou como dedos na garganta.

— Como você chegou aqui? — perguntou, a voz esmaecendo no breu.

Ela deveria tê-lo visto antes. Pelo menos ouvido. Era como se ele tivesse aparecido do nada.

— Todos os bons criados têm seus segredos — respondeu ele. — É melhor que se mantenham segretos, para não estragar a ilusão tão valiosa ao senhor e seus convidados. Venha — continuou, estendendo uma mão enluvada. — Aqui fora está frio e escuro. Na pousada, uma cama quente te aguarda.

Ele estava certo. Elisabeth de repente se sentiu boba por correr pela floresta a uma hora dessas. Nem se lembrava de por que tinha fugido. Deu um passo à frente, mas se interrompeu, olhando ao redor, desesperada. Por que confiar em Silas? Ela não o conhecia. Ele ia ajudar Nathaniel...

— Por favor, senhorita — disse ele, baixo. — É melhor assim. Coisas horríveis vagam pelas sombras enquanto o mundo humano dorme. Não gostaria que se ferisse.

Preocupação e dor transformaram o rosto dele naquele de um anjo, tranquilizando seus medos. Ninguém tão lindo, tão cheio de tristeza, poderia ir contra seus melhores interesses. Ela se aproximou, como se hipnotizada.

— Que tipo de coisas horríveis?

Sem esforço algum, Silas a levantou no colo.

— É melhor que não saiba — murmurou, quase baixo demais para ser ouvido.

Ela olhou para seu rosto, maravilhada. A lua acima os banhava em prata, galhos pretos entrelaçados como dedos em oração. Pálido e iluminado, Silas parecia ter sido feito do próprio luar. Ele a carregou por entre árvores silenciosas, por cima da vala e de volta à estrada.

Quando chegaram ao pátio da pousada, um menino conduzia os cavalos de Nathaniel ao estábulo. O cavalo mais próximo apontou as orelhas para trás e abriu bem as narinas. Um relincho agudo percorreu a noite.

A paz de Elisabeth desapareceu de uma vez, como se um edredom fosse arrancado de seu corpo. Ela inspirou fundo.

— Me solta! — gritou, se debatendo nos braços de Silas.

O que tinha acontecido? Ela tentou fugir... sabia disso. Como tinha ficado tão suja? Não podia ter ido muito longe antes de Silas pegá-la. Só se lembrava de chegar à estrada, mas depois disso... devia ter batido com a cabeça na confusão.

Nathaniel pulou da carruagem.

— Meu deus, ela me mordeu — disse para Silas, incrédulo. — Acho que tirou sangue.

Elisabeth esperava que sim.

— É o que merece por beber sangue de órfão! — gritou.

O menino do estábulo parou no caminho para encará-los.

Inesperadamente, Nathaniel caiu na gargalhada.

— Você é um perigo impossível — disse. — Acho que é culpa minha por te achar inofensiva — completou, sacudindo a mão. — Pelo Outromundo, está ardendo. Terei sorte se não pegar uma infecção. Silas? Confirme se o quarto dela tem fechadura. Forte.

Elisabeth parou de se debater quando Silas a carregou até a pousada. Ele era mesmo mais forte do que parecia e ela precisava economizar energia, que se esvaía rápido — mais rápido do que esperava, mesmo depois das masmorras. Nathaniel a observou, mas ela não conseguiu decifrar a expressão no escuro.

Silas a soltou do outro lado da porta. Para seu alívio, a pousada estava cheia, em atividade. As Estradas de Tinta eram as mais bem-cuidadas de Austermeer, mantidas pelo Colégio, com muito tráfego. Lamparinas iluminavam as paredes caiadas, nas quais sombras de hóspedes se esticavam, riam e brindavam. Ouviu o estômago roncar em reação ao cheiro de salsichas no fogo, gordurosas e bem temperadas. A onda de fome a deixou tonta.

Uma faxineira passou correndo por eles, mas nem os olhou. Ninguém na lotada pousada parecia ter notado a figura alta de Elisabeth, pingando água da vala no carpete, nem Silas em silêncio ao seu lado.

Antes que ela pudesse chamar por socorro, Silas a encaminhou para as escadas.

— Por aqui. Nossos quartos já foram reservados.

Ele apoiou suas costas com uma das mãos quando ela tropeçou.

— Cuidado — disse. — Temo que o sr. Thorn não me perdoe se eu deixá-la cair.

Ela precisou obedecer. Sentiu a cabeça cheia de algodão. O barulho da pousada latejava em sua têmpora como um segundo pulso: gritos e gargalhadas, talheres tinindo. Lá em cima, Silas a guiou até uma porta no fim do corredor. Quando a destrancou, ela notou que ele usara as mesmas luvas brancas o dia todo, mas não havia nem um pingo de sujeira, apesar de ter passado horas conduzindo a carruagem.

— Espere — disse ela, quando ele se virou para ir embora. — Silas, eu...

Ele parou.

— Sim?

A cabeça dela latejou. Ela tinha esquecido alguma coisa importante. Ela precisava saber.

— Qual é a cor dos seus olhos? — perguntou.

— São castanhos, senhorita — respondeu, baixinho, e ela acreditou.

Ele trancou a porta ao sair. De uma vez, a dor de cabeça melhorou. O quarto era pequeno e quente, com uma lareira acesa e crepitante e um tapete trançado de estampa colorida que a lembrou, com uma pontada de dor, da sua colcha de casa. Primeiro testou a janela, impossível de abrir. Em seguida, puxou a maçaneta, sem sucesso. Temporariamente sem opção, tirou o vestido e as meias encharcadas, que pôs para secar nas pedras quentes. Apesar do calor, começou a tremer.

Estava ocupada tentando decidir o que fazer, se esquentando frente ao fogo, quando uma luz verde piscou no canto do quarto. Ela deu um pulo, pegou um atiçador da lareira e o jogou na direção da luz. O atiçador quicou com um baque. Não era Nathaniel quem se materializara ali, só o baú, agora amassado.

Esquecendo a exaustão, ela correu até o baú e o escancarou, vasculhando em busca de algum objeto útil. Vestidos e meias voaram pelo quarto. A escova de cabelo foi parar debaixo da cama. Estava quase no fundo, resignada à causa perdida, quando seus dedos tocaram couro, em vez de outra camada de linho e algodão.

Couro morno, impregnado de vida própria.

Ela sentiu um calafrio. Com cuidado, tirou o objeto do fundo do baú. Era um grimório, um exemplar mais grosso e pesado do que o habitual, encadernado em couro bordô lustroso. Letras douradas cintilavam na lombada: *Léxico de Artes Feiticeiras*. Sem hesitar, ela enfiou o nariz nas páginas e inspirou profundamente. As beiras do papel estavam gastas, suaves como veludo, e tinham um cheiro caloroso e doce, de creme.

— Como você veio parar aqui? — perguntou, agora certa da amizade do grimório, pois grimórios desagradáveis costumavam cheirar a mofados ou azedos. — Está tão longe de casa quanto eu.

As páginas do *Léxico* sussurraram, como se tentassem responder. Ela o virou e encontrou um numeral *I* estampado na quarta capa. Grimórios de Grau Um costumavam ser obras de referência ou compêndios. Não sabiam falar diretamente com pessoas, como os do Grau Sete em diante, nem vocalizar, habilidade que a maioria dos grimórios demonstrava a partir do Grau Dois.

A capa pressionou sua mão. Confusa, ela soltou o livro e um pedacinho de papel caiu do meio das páginas. Ela o pegou, franzindo a testa. O bilhete, em uma caligrafia rabiscada e conhecida, dizia:

Elisabeth, se encontrou isso, eu estava certa e o feiticeiro levou seu baú para a carruagem com um feitiço. Escondi o grimório aqui dentro, caso te ajude a se preparar para o que vem por aí. Nunca se esqueça de que o conhecimento é sua maior arma. Quanto mais conhecimento, melhor para bater na cabeça do feiticeiro até ele desmaiar. Foi para isso que escolhi um volume tão grande.

Diria para você ter coragem, mas não preciso. Você já é a pessoa mais corajosa que co-

nheço. Prometo que nos veremos em breve.

— K

P.S.: Não me pergunte como consegui contrabandear o grimório. Não fui pega, isso que é importante.

Elisabeth lacrimejou. Katrien falava como se fosse pouca coisa, mas ela poderia perder o posto de aprendiz se fosse descoberta roubando um grimório. Tinha corrido um risco enorme para tirá-lo da biblioteca. Sem dúvida sabia o quanto um pedacinho de casa melhoraria o ânimo de Elisabeth.

Ela acariciou a capa do Léxico com cuidado, se perguntando por onde Katrien começaria. Certamente havia algo ali dentro para saber mais a respeito de Nathaniel. Quanto mais soubesse, mais preparada estaria para brigar.

Ela levantou o grimório.

— Você tem uma seção sobre catedráticos, por favor? — pediu.

Era sempre sábio ser educado com livros, quer eles ouvissem quer não.

O Léxico se abriu em suas mãos. Um brilho dourado se acendeu entre as páginas, iluminando seu rosto. As páginas se agitaram, como se folheadas pelo vento. Moveram-se cada vez mais rápido, sozinhas, até chegarem mais ou menos à metade. Ali, pararam de repente, com um floreio, e se esticaram graciosamente. Uma fita vermelha de veludo tomou seu lugar de marcador. O brilho ficou mais fraco, como a luz de uma vela refletida em bronze polido.

As Casas Catedráticas do Reino de Austermeer, dizia o subtítulo no alto da página. Em seguida:

De todas as famílias feiticeiras, nenhuma é tão poderosa quanto aquelas que descendem dos grandes feiticeiros dotados do título de “Catedrático”, concedido pelo Rei Alfred durante a Era Dourada da Feitiçaria, como recompensa pelos atos milagrosos feitos pela coroa. Esses primeiros catedráticos fundaram a Cátedra no início do século XVI. A organização, que começou como uma sociedade oculta particular, acabou se desenvolvendo em um conselho administrativo no qual um Chanceler de Magia é eleito a cada treze anos...

Elisabeth pulou à frente, lendo atravessado até um nome conhecido chamar sua atenção.

Casa Ashcroft, elevada à distinção por Cornelius Ashcroft, também conhecido como Cornelius, o Sábio, é celebrada por participar em uma variedade de obras públicas que moldaram a paisagem da Austermeer atual. Cornelius Ashcroft abriu as Estradas de Tinta e transportou milhares de toneladas de calcário para construir as Grandes Bibliotecas em 1523, enquanto seu sucessor, Cornelius II, ergueu a famosa Ponte dos Santos do Rio Crepuscular de Brassbridge em um único dia.

Enquanto isso, Casa Thorn é conhecida pela magia mais sombria — necromancia —, por meio da qual seu fundador, Baltasar Thorn, rechaçou a invasão de Founderlander de

1510, usando um exército de soldados mortos erguidos para lutar por Rei Alfred. Apesar de necromancia ser classificada como uma arte proibida a partir da Reforma de 1672, há concessões para seu uso em caso de guerra. O poder da Casa Thorn é reconhecido como responsável pela independência contínua do reino em relação a seus vizinhos, que não ameaçam as terras Austermeerianas desde a Guerra dos Ossos.

Ela parou de ler. Sentiu calafrios. Histórias da Guerra dos Ossos lhe causavam pesadelos desde a infância. Não parecia possível que todos seus horrores fossem trabalho de um único homem, o ancestral de Nathaniel. Ela estava em mais perigo do que imaginara.

O grimório se sacudiu em suas mãos. Por conta própria, abriu outra seção. Ela só teve tempo de ler o subtítulo, *A Invocação de Criados Demoníacos*, antes de alguém bater à porta. Ela congelou, consumida pelo impulso de fingir não estar ali. Devagar, discretamente, fechou o grimório e o guardou.

— Sei que está acordada, srta. Scrivener — disse Nathaniel, através da porta. — Eu te ouvi falar sozinha.

Elisabeth mordeu o lábio. Se não respondesse, ele poderia entrar no quarto à força.

— Estava falando com um livro — disse ela.

— Não posso dizer que estou surpreso. Bem, trouxe jantar, se prometer não me morder de novo. Nem jogar nada na minha direção.

Ela olhou de relance para o atizador.

— Sim, ouvimos lá de baixo. A dona me fez pagar uma taxa extra. Tenho quase certeza de que ela supõe que você esteja aqui em cima abrindo buracos nas paredes.

Ele fez uma pausa.

— Não está, né? — continuou. — Porque temo que não seja possível abrir um túnel para fugir antes do amanhecer, por mais que se esforce.

Silêncio evasivo parecia a melhor resposta, mas a necessidade de seu corpo a traiu. O estômago se retorceu de fome até deixá-la tonta e soltou um ronco barulhento. Ela mal conseguia pensar com o cheiro de linguiça entrando por baixo da porta.

Por que Nathaniel lhe levava jantar? Talvez tivesse envenenado a comida. O mais provável era que estivesse tentando convencê-la a se sentir segura até chegarem a uma área mais remota, onde poderia matá-la e se livrar do corpo com facilidade. Não fazia sentido que ele a matasse em uma pousada, cercado de testemunhas. Na verdade, ele praticamente admitira esse fato na carruagem.

Melhor aceitar a comida e criar forças do que passar fome e acabar fraca demais para lutar.

— Um momento — disse, indo em direção à porta.

Com cuidado, testou a maçaneta. Estava destrancada. Escancarou a porta, tomada por coragem repentina, mas a bateu imediatamente na cara de Nathaniel. Tarde demais, lembrara que estava só de roupa de baixo.

— Não estou decente — explicou ela, cobrindo o peito com os braços.

— Tudo bem — respondeu. — Eu quase nunca estou.

O meio segundo de vislumbre dele no corredor estava queimado em sua mente. Ele vestia uma camisa de baixo branca, com a gola aberta, mangas dobradas até o cotovelo. A luz da arandela revelou uma cicatriz longa e cruel, retorcida na parte de dentro do antebraço esquerdo. O dia inteiro no sol deixara seu rosto corado e a boca vermelha, o que lhe dava um ar surpreendentemente devasso, intensificado pelo cabelo desganhado e pelo olhar cínico e penetrante. O efeito era tal que ela quase não notou a bandeja em suas mãos.

Não, ele não estava mesmo nada decente. Quanto vira dela? Aqueles olhos cinzentos não pareciam perder nada.

Depois de um momento, ele suspirou.

— Vou deixar a bandeja no chão. Pode pegar quando eu me for. Nem tente fugir, pois Silas está vigiando a escada. A porta será trancada por magia quando você acabar.

As instruções foram seguidas pelo tilintar dos talheres e da louça. Ela esperou ouvir os passos se afastarem e entreabriu a porta de novo. Pelo espaço estreito, inspecionou a bandeja, contendo pão preto e queijo com ervas. Ali também: linguça. Não parecia uma armadilha. Ela se agachou, abrindo a porta mais um pouco.

Nathaniel estava quase no fim do corredor. Dali, notou a ferida marcada da mordida na mão direita. Prova de que ele era vulnerável, como qualquer homem. Podia ter matado a Diretora, mas não era invencível. Enquanto Elisabeth estivesse viva, ela tinha alguma chance.

Ela juntou coragem.

— Nathaniel — chamou.

Os passos dele diminuíram até parar. Ele inclinou a cabeça, aguardando.

— Eu... — a voz falhou, ela engoliu em seco e tentou de novo. — Peço desculpas pela mordida. Eu me arrependi.

Ele se virou. O olhar analisou casualmente a forma como ela esticou o braço e se agarrou à borda da bandeja, parecendo temer que alguém fosse arrancá-la. Demorou-se nos hematomas desbotados nos braços, resquícios da briga com o Malefict. O momento se desenrolou e ela sentiu o desconforto de ser virada do avesso e inspecionada, como um bolso vazio.

— Jura? — perguntou ele, por fim.

Ela assentiu, nada convincente.

— Vejo que não tem muita experiência com mentiras — disse ele, ainda a analisando. — Mente horivelmente mal. Mesmo que não fosse o caso, essa tática não funcionaria comigo.

— Que tática?

— Se fingir de frágil e obediente na esperança de que eu baixe a guarda para fugir de novo. Você já provou ser um agente do caos. Não vou esquecer. Precisa de mais alguma coisa antes que eu vá?

Calor subiu ao rosto de Elisabeth. Ela sentiu as bordas da bandeja arranharem os dedos. Era besteira imaginar que poderia enganá-lo. No entanto, se ele estivesse disposto a responder a perguntas, pelo menos podia aproveitar a oportunidade para aprender um pouco.

— Quantos anos você tem? — perguntou.

— Dezoito.

Ela se surpreendeu.

— Jura?

— Não sacrifiquei virgem nenhuma em troca dessas maçãs do rosto perfeitas, se é isso que quer dizer. No geral, virgens têm menos propriedades mágicas do que as pessoas suspeitam.

Elisabeth tentou não parecer tão aliviada pela informação.

— É que você é jovem para um catedrático — mencionou.

O rosto dele se tornou enigmático. Finalmente, ele abriu um sorriso que lhe causou calafrios.

— A explicação é bem simples. Todo mundo que me afastava do título morreu. Isso satisfaz sua curiosidade, srta. Scrivener?

De repente, ela se deu conta de que sim. Não queria saber o que podia causar uma expressão daquelas no rosto de um garoto, como se os olhos fossem entalhados em gelo, o coração feito de pedra. Não queria mais encarar a pessoa que assassinara a Diretora a sangue frio. Ela assentiu, olhando para baixo.

Nathaniel fez menção de ir, mas se interrompeu.

— Antes de partir, posso te fazer uma pergunta também?

Ela encarou o jantar, esperando ouvir a pergunta.

— Por que você mexeu no meu cabelo, naquele dia em Summershall? — perguntou. — Sei que não foi acidente, mas não consegui pensar em nenhuma explicação racional.

Ela sentiu o estômago relaxar de alívio. Esperara que a pergunta fosse horrível. Um pensamento distante lhe ocorreu: “Ele se lembra de mim no salão, afinal.”

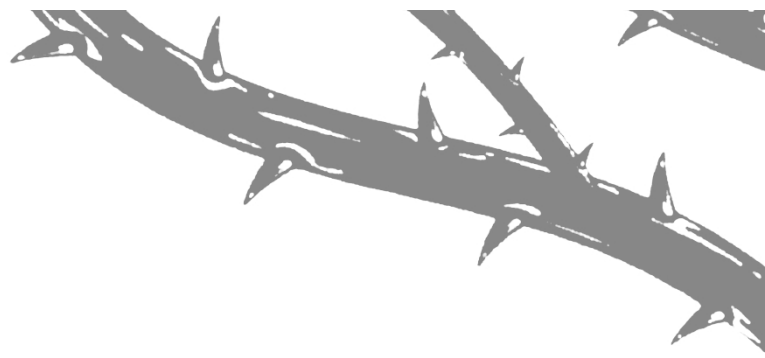
— Eu queria descobrir se você tinha orelhas pontudas.

Ele fez uma pausa, considerando a resposta.

— Entendo — falou, com a expressão séria. — Boa noite, srta. Scrivener.

Dito isso, ele virou a curva.

Elisabeth não demorou para puxar a bandeja para o quarto. Estava tão faminta que comeu o jantar com as mãos, ali mesmo no chão. Entre abocanhadas, mal notou que, em algum lugar da pousada, alguém estava rindo.



OITO

O campo de Austermeer voou pela janela da carruagem. Eles passaram por fazendas, prados floridos e colinas verdejantes pintadas de dourado pelo outono. Bruma preenchia os vãos entre vales e às vezes se esticava na estrada. Quando as sombras da tarde se aprofundaram, a carruagem entrou aos solavancos em Blackwald, a enorme floresta que cortava o reino como um talho de faca. Tudo se tornou úmido e escuro. Aqui e ali, entre o matagal, erguiam-se bétulas compridas e inteiramente brancas, como fantasmas flutuando entre as vestes pretas de um velório. Olhando para as folhas que caíam devagar, os tapetes espessos de samambaia e um ou outro veado correndo para cantos ermos, Elisabeth foi coberta por uma cortina de pavor, como se a bruma tivesse se infiltrado na carruagem até envolvê-la.

A tentativa de Nathaniel seria ali, ela tinha certeza. Quando chegasse à cidade sem ela, poderia argumentar que ela tinha fugido e sumido entre as árvores. Num lugar desses, nunca encontrariam o corpo de uma menina. Nunca nem tentariam procurar.

Fugir parecia cada vez mais impossível. Ela tentara de novo na noite anterior, mas, depois de quebrar a janela do quarto e descer pelo telhado, Silas estava esperando por ela no jardim da pousada. Estranhamente, ela não se lembra do resto. Deve ter sido tomada por exaustão. Depois, teve um sonho incômodo em que estava de volta ao pomar de Summershall, escavando a lata de sal emergencial debaixo da estátua de anjo. Desta vez, a estátua tomara vida e a encarara com olhos de um amarelo vivo.

Um cutucão na mão interrompeu seus pensamentos. Franzindo a testa, ela desviou o olhar da floresta para o grimório no colo. Era a terceira vez que batia nela com a capa, como um cachorro implorando por atenção.

— O que foi? — perguntou.

O Léxico a cutucou de novo, mais insistente, até ela o soltar e deixá-lo se abrir sozinho, folheando as páginas com ansiedade.

Ele se abriu na mesma seção da noite anterior: *A Invocação de Criados Demoníacos*. Elisabeth sentiu um calafrio. Ilustrações de livros lhe vieram à mente: desenhos de pentagramas e moças sangrando, demônios com chifres, focinhos e rabos devorando entranhas como se fossem linguça. No entanto, o Léxico queria que ela lesse isso, por algum motivo. Ela se preparou e se concentrou nas páginas. Abaixo do subtítulo vinha o seguinte texto:

Sabe-se relativamente pouco sobre demônios, mesmo na comunidade de feiticeiros, em parte devido ao perigo de se relacionar com demônios, que são golpistas notórios e aproveitarão qualquer chance de trair seus mestres. Pois, quando um acordo é feito com um demônio, o demônio tem interesse em que o mestre morra; desta forma, pode fazer um acordo com outro mestre, maximizando a quantidade de vida humana que recebe como pagamento.

Demônios povoam o domínio conhecido como Outromundo, um plano adjacente ao nosso, que é a fonte de toda energia mágica. Sem a conexão estabelecida por um acordo demoníaco, humanos não podem usar a energia do Outromundo. Portanto, a própria existência da feitiçaria depende da invocação e do serviço de demônios — um mal infeliz mas necessário. É ao mesmo tempo uma benção e uma maldição que demônios desejem, acima de tudo, vida humana, o que os torna dispostos a negociar com humanos...

Seria essa a fraqueza de Nathaniel? Ela investigou o pensamento em vão. Sentia-se tonta, como se tivesse passado horas lendo, em vez de meros segundos. O grimório a cutucou de novo e ela notou que estava distraída. Determinada, esfregou os olhos e continuou a leitura.

O Outromundo está repleto de hordas de demônios menores: diabretes, capetas, duendes e afins, que não são difíceis de invocar; mas eles não são criados confiáveis, pois são pouco mais inteligentes do que bestas comuns. Visto que se encontram ao alcance de criminosos e amadores inexperientes, é ilegal invocar demônios menores desde a Reforma. Verdadeiros feiticeiros só buscam o serviço de demônios nobres, que, por mais perigosos que sejam, podem ser presos às condições da invocação e, portanto, obrigados a obedecer às ordens dadas pelos mestres.

— Onde poderia estar o demônio de Nathaniel? — murmurou Elisabeth.

Era estranho que viajasse sem ele. Ela teve a sensação breve de estar à beira de uma revelação, mas a epifania escorreu de sua mente como areia, deixando só um leve zumbido no ouvido.

O Léxico continuava na página seguinte:

Há mais especulações sobre a natureza de demônios e do Outromundo, mas no geral as fontes são muito inconsistentes — se não inteiramente inventadas — e seu valor é desconsiderado pelas pesquisas atuais. O exemplo mais notório deste caso é o Códex Daemonicus, escrito por Aldous Prendergast em 1513, antigamente considerado de enorme importância, mas que hoje se acredita ser simplesmente o delírio de um louco. A insanidade de Prendergast foi declarada por seu próprio amigo Cornelius, o Sábio, depois que ele alegou ter entrado no Outro-

mundo e descoberto um segredo horrível, que escondeu no manuscrito de forma criptografada...

— Srta. Scrivener?

Elisabeth estremeceu e fechou o grimório. Estava tão concentrada na leitura que nem notara a carruagem estacionando.

— Chegamos à parada desta noite — continuou Nathaniel, abrindo mais a porta. — É melhor não viajar por esta floresta durante a noite.

O olhar a acompanhou enquanto ela guardava o Léxico, mas ele não comentou nada a respeito.

Quando Silas a ajudou a descer da carruagem, ela ficou tensa. Estavam parados longe da estrada, em uma clareira da floresta. Estrelas brilhavam acima e árvores se agrupavam ao redor, escuras e atentas, respirando bruma. Estavam distantes de qualquer indício de civilização, até uma pousada.

Era este o lugar. Sem dúvida. Ela fechou os punhos quando Nathaniel avançou no prado, olhando pelo chão como se buscasse alguma coisa. Um bom lugar para enterrá-la? Ela olhou de relance por sobre o ombro, mas encontrou Silas bem atrás. Por mais que ele mantivesse o olhar educadamente abaixado, ela sentia o peso da atenção.

— Não há construções em Blackwald — disse Silas, como se lesse sua mente. — O povo do musgo não gosta muito que seu território seja invadido. Apesar de só restarem poucos deles, ainda sabem ser perigosos se lhes der na telha.

Elisabeth ofegou. Ela tinha lido histórias sobre o povo do musgo e sempre esperara encontrar algum, mas mestre Hargrove garantira que os espíritos da floresta estavam todos mortos — isto é, se já tivessem existido.

— Não se deixe assustar por Silas — interveio Nathaniel. — Se cuidarmos para não perturbar a terra ao acampar e ficarmos longe das árvores, não seremos incomodados.

Ele parou, olhando para baixo. Finalmente, se ajoelhou e tocou o chão. Ela viu os lábios se moverem no escuro e sentiu o estalido da magia no ar. O feitiço que se seguiu não era de forma alguma o que ela esperara. Luz esmeralda se desdobrou ao redor dele na forma de duas barracas, preenchidas por colchas, desenrolando uma boa seda verde como cobertura. Nathaniel se levantou para examinar o trabalho. Em seguida, apontou para a barraca mais distante.

— Aquela é a sua.

Ela ficou tensa de surpresa.

— Você vai me dar minha própria barraca?

Ele olhou ao redor, erguendo as sobrancelhas. Uma mecha de cabelo prateado tinha caído na testa.

— Por quê? Prefere dividir? Não esperava isso de você, Scrivener, mas suponho que de fato algumas espécies se mordam como prelúdio à corte.

Calor subiu a seu rosto.

— Não foi isso que eu quis dizer.

Depois de examiná-la por um momento, ele parou de sorrir.

— Sim, estou te dando sua própria barraca. Só lembre-se do que falei a respeito de fugir. Silas ficará de vigia hoje à noite e posso garantir que ele é muito mais firme do que uma porta trancada.

Por que lhe dar uma barraca se planejava matá-la? Devia ser um truque. Ela ficou acordada muito depois de entrar, alerta, na escuta. Não tirou as botas. Horas se passaram, mas a fogueira continuou a crepitar e os murmúrios da conversa de Nathaniel e Silas atravessaram as paredes de lona. Apesar de não conseguir decifrar as palavras, o fluxo da conversa lembrava mais velhos amigos do que um senhor e seu criado. Às vezes, Nathaniel falava e Silas ria, bem baixinho.

Finalmente, a conversa parou. Ela esperou por mais uma hora, o suficiente para que as brasas da fogueira abajassem, se tornando um brilho vermelho abafado além da lona. Finalmente, incapaz de aguentar a tensão, ela engatinhou para fora do saco de dormir e passou a cabeça pela abertura da barraca. O ar cheirava a pinheiro e fumaça, grilos cantavam em um coro harmônico. Silas não estava à vista. Curvada para a frente, ela deu um passo para fora. Parou.

— Saiu para dar uma volta, Scrivener?

Nathaniel ainda estava acordado, sentado em um tronco caído perto da beira da floresta, apoiando o queixo nas mãos, olhando para as árvores. As brasas queimando atrás dele jogavam sombra em seu rosto. Ele não se virou, mas ela sabia que ele jogaria um feitiço no instante em que tentasse fugir.

Ela podia escolher: fugir do destino ou encará-lo de frente. Depois de um momento parada, caminhou pelas flores, se sentindo estranhamente presa em um sonho.

— Você não dorme? — perguntou, ao se aproximar.

— Pouco — respondeu ele. — Mas é pessoal, não uma característica geral de feiticeiros.

Ao falar, ele não desviou o olhar das árvores. Ela seguiu sua atenção e congelou.

Uma forma se moveu entre as samambaias e bétulas compridas e pálidas, destacada pelo luar. Era um espírito da floresta. Estava abaixado catando coisas do chão. Uma cortina de cabelo musgoso pendia da cabeça e galhadas coroavam a testa. A pele era branca como giz e coberta de rachaduras, como a casca da bétula, e os braços longos e retorcidos desciam até os joelhos, acabando em garras nodosas que lembravam galhos. Os braços de Elisabeth foram tomados por calafrios. Lentamente, ela deu um passo à frente e se sentou na ponta oposta do tronco.

Nathaniel a olhou de relance.

— Você não está com medo — observou, quase uma pergunta.

Ela sacudiu a cabeça, incapaz de desviar o olhar da floresta.

— Sempre quis ver o povo do musgo. Sabia que era verdade, mesmo que todos me dissessem que não.

O fogo às costas de Nathaniel destacou os traços de seu maxilar e das maçãs do rosto, mas não chegou ao fundo dos olhos.

— A maioria das pessoas se afasta de contos de fadas ao crescer — falou. — Por que você

continuou a acreditar se o resto do mundo parou?

Ela não sabia exatamente como responder. Para ela, a pergunta não fazia muito sentido — ou, se fizesse, não era o tipo de sentido que ela queria entender.

— Do que adianta a vida sem acreditar em nada? — perguntou ela, por fim.

Ele a olhou longamente, a expressão meio escondida e indecifrável. Ela se perguntou por que ele estava ali sozinho, esse tempo todo, observando o espírito do musgo.

Um movimento chamou sua atenção. Enquanto eles falavam, o espírito ergueu um objeto pequeno — uma bolota — para observar à luz da lua. Era isso que estava catando e visivelmente encontrara muitas, mas parecia haver algo de especial naquela bolota específica. Usando as garras retorcidas, afastou a cobertura de folhas no chão e cavou um buraco no barro. Enterrou a bolota e amontou as folhas de volta. Um suspiro percorreu a floresta naquele preciso instante, uma brisa que nasceu no coração do bosque e atingiu Elisabeth, fazendo seu cabelo esvoaçar.

As histórias diziam que o povo do musgo era encarregado da floresta. Eles cuidavam das árvores e criaturas, as vigiavam do nascimento à morte. Tinham magia própria.

— Por que restam tão poucos? — perguntou ela, tomada por uma tristeza que não soube explicar.

Por um momento, achou que ele não a responderia. Finalmente, ele disse:

— Já ouviu falar de meu ancestral, Baltasar Thorn?

Ela assentiu, esperando que o calafrio não fosse visível naquela luz. As brasas crepitaram e estalaram.

— No começo do século XVI, a Blackwald cobria metade de Austermeer. Era um país selvagem, dominado tanto pela floresta quanto pelo homem.

“Hoje não é mais assim”, completou ela, em pensamento.

— O que ele fez?

— Foi o ritual necromante que ele conduziu durante a Guerra dos Ossos. Para conceder vida, ou até um simulacro, é preciso tomar vida, trocar como moeda. Óbvio que erguer milhares de soldados do túmulo custou muito caro. A vida veio da própria terra. A magia dele matou dois terços da Blackwald em uma única noite. O povo do musgo é conectado à terra... aqueles que sobreviveram foram derrubados como árvores fracas.

Nathaniel pausou antes de acrescentar, seco:

— Baltasar, é claro, recebeu um título.

Elisabeth enfiou as unhas na madeira do tronco sob ela, podre, macio e esponjoso. Observando o espírito do musgo com mais atenção, notou que um dos joelhos estava inchado e desfigurado, como uma ferida no tronco de carvalho.

— Imagino que você esteja orgulhoso — disse ela. — É por isso que é catedrático.

— É isso que acha que eu esteja fazendo? — perguntou ele, parecendo se divertir. — Meditando com carinho sobre os feitos de meu ancestral?

— Não sei. Espero que não. Ninguém deveria tirar prazer de uma coisa dessas.

“Nem mesmo alguém como você.”

Talvez ele não tivesse um reservatório de implicância infinito, como ela supunha. Ele só olhou para a floresta por mais um instante e se levantou.

— Está tarde — declarou, apontando para o espírito com um gesto de cabeça. — Deu sorte de conseguir ver um deles. Daqui a cem anos, vão ter ido todos embora.

Ele levou os dedos à boca. Antes que ela pudesse impedi-lo, um assobio rompeu a calmaria.

O espírito se virou para a origem do som, como um veado assustado. Nas trevas, viu dois olhos azuis esverdeados, incandescentes, como madeira bioluminescente. Lábios murchos se arreganharam ao redor de dentes pontudos, tortos e marrons, e logo o espírito sumiu, deixando só uma área de samambaias agitadas onde estivera.

— Você não tem como saber — disse Elisabeth.

A voz soou hesitante no escuro. Olhando para a colina vazia, onde um dia magia andara e agora se fora, ela quase conseguiu imaginar que ele estava certo.

— Acabei não respondendo à sua pergunta — disse ele por cima do ombro, andando na direção da barraca. — Sem acreditar em nada, se tem muito menos a perder.

• • •

Quando chegaram a Brassbridge na noite seguinte, Elisabeth ainda estava viva, se deparando com a possibilidade perturbadora de estar errada a respeito de Nathaniel Thorn. Sozinha com suas dúvidas, olhou pela janela para a luz do sol poente se derramando sobre a cidade, transformando o rio em uma fita de ouro derretido.

Mesmo de longe, o primeiro vislumbre da capital a tinha deixado sem ar. Brassbridge se estendia por uma escala inimaginável ao longo da margem sinuosa do rio. Os telhados de ardósia pontudos da cidade formavam um labirinto sem fim, chaminés soltando fiapos de fumaça pelo céu avermelhado. Acima deles erguiam-se as construções sombrias de catedrais e academias, torres encimadas por figuras de bronze ardendo como tochas contra os telhados escuros, cada vez mais brilhantes quando caía a sombra. Ela procurou o Colégio e a Biblioteca Real entre a miríade de torres, mas não conseguiu diferenciar os prédios grandiosos.

Logo os cascos dos cavalos bateram nos paralelepípedos de uma ponte e o rio correu por baixo deles, emanando o fedor de peixe e alga. Estátuas voavam pelas janelas, silhuetas encapuzadas e agourentas no fundo de nuvens flamejantes.

Incerteza corroía os pensamentos de Elisabeth, se intensificando conforme o sol afundava atrás das cabeças curvadas das estátuas. Nathaniel não tentara matá-la na noite anterior, em Blackwald. Nem tentara tocá-la. Se planejasse feri-la, quase certamente já o teria feito. No entanto, se não fosse *ele* o feiticeiro a sabotar a biblioteca, isso significaria que...

A algazarra do trânsito se tornou mais intensa quando a porta da carruagem se escancarou. Nathaniel entrou em um turbilhão de seda esmeralda. Ele sorriu para Elisabeth e fechou a porta, se sentando no canto oposto.

— É melhor eu não me mostrar — explicou. — Não quero excitar demais o público. Eles enlouquecem completamente se veem uma celebridade, entende, mas prefiro que não invadam

a carruagem. Já atingi meu limite de pedidos de casamento.

Elisabeth o encarou, confusa.

— Eles não têm medo de você?

Nathaniel se aproximou da janela, usando o reflexo para ajeitar o cabelo.

— Talvez isso te choque, mas a maioria das pessoas não acha que feiticeiros são do mal.

Com um gesto, apontou para a cidade.

— Bem-vinda ao mundo moderno, Scrivener.

Elisabeth olhou para fora. Luminárias de ferro forjado banhavam a calçada da ponte na luz alaranjada. Um grupo de crianças sujas de fuligem correu em paralelo à carruagem de Nathaniel, gritando e apontando. Uma vendedora de doces tentou chamá-los e quase derrubou a bandeja de tanta emoção. Visivelmente reconheciam a carruagem devido aos espinhos e às cortinas cor de esmeralda. Reconheciam e não a temiam.

A verdade, ainda que impressionante, começou a se encaixar.

— Aquilo tudo que você falou sobre beber sangue e transformar gente em salamandra...

Nathaniel apoiou o cotovelo na porta e cobriu a boca com a mão. Os olhos dele brilhavam, divertidos.

Ela foi atingida pelo choque.

— Você estava implicando comigo!

— Em minha defesa, não achei que você fosse acreditar mesmo que eu bebo sangue de órfão. Todos os bibliotecários são que nem você? Ou só as selvagens que foram criadas por traças?

Elisabeth quis se defender, mas suspeitou que ele estivesse certo. Quase tudo que ela sabia tinha sido ensinado por mestre Hargrove, que há cinquenta anos não andava para além da latrina, ou por livros, muitos dos quais estavam desatualizados há muitos séculos. O resto... histórias contadas pelos bibliotecários mais velhos, detalhes tão aterrorizantes que ela se comportara como uma boa aprendiz e parara de perguntar sobre os feiticeiros. Agora se perguntava quantas das histórias eram mentiras. Rangeu os dentes, furiosa pela traição.

— Por que você foi me buscar em Summershall? — perguntou, se voltando de repente contra Nathaniel. — Por que você, e não outra pessoa?

A ferocidade na voz dela o assustou. Ele parou de sorrir e seus olhos perderam o brilho, se tornando frios e cinzentos como brasas apagadas.

— Quando o relatório chegou à Cátedra, reconheci seu nome.

— Como assim? Nunca te disse meu nome.

— A Diretora disse.

Vendo a expressão dela, ele explicou:

— Perguntei o nome da menina que quase me assassinou com uma estante. Pareceu sábio, para o caso de nos cruzarmos de novo.

— A Diretora falou mais alguma coisa a meu respeito?

— Não — respondeu, fazendo uma pausa. — Meus pêsames.

Um nó se formou na garganta de Elisabeth. Ela se voltou para a vista. Vendo o azul do céu

se aprofundar, um desespero doentio revirou seu estômago. Logo a viagem chegaria ao fim e ela não sabia o que, ou quem, a esperava. Não sabia mais reconhecer o assassino da Diretora.

No escuro, sua primeira impressão das ruas da cidade foi imponente. Construções quase tão altas quanto sua Grande Biblioteca se erguiam em meio à bruma, a luz das velas bruxuleando através das janelas. Ela nunca vira tantas estruturas no mesmo lugar, nem mesmo uma fração da população. Conforme a carruagem costurava o caminho, pedestres passavam: homens de bengala e cartola, mulheres de vestidos de gola alta e bainha de renda. Carregavam pacotes, correndo para atravessar a rua e entrando e saindo de carruagens com uma urgência desconhecida por Elisabeth, acostumada ao ritmo sonolento da vida no interior. Tudo era pintado pelo fulgor nebuloso das luminárias, que Nathaniel explicou que não funcionavam à base de magia, como ela supunha, mas sim de uma invenção conhecida como iluminação a gás.

A carruagem finalmente estacionou em uma ruazinha perpendicular estreita e lúgubre. Atordoada, ela saiu atrás de Nathaniel. A bruma envolveu suas botas e dançou ao redor da barra do vestido. A luminária mais próxima estava apagada, os afundando em sombra. Não havia mais ninguém à vista.

— Este é o alojamento que a Cátedra arranhou para sua estadia — disse Nathaniel. — Talvez eu te veja rapidamente na sua audiência, amanhã, mas, de resto, está livre de mim daqui para a frente.

Elisabeth encarou o alojamento em silêncio. Um dia já fora um prédio de tijolos elegante. Agora as paredes altas estavam imundas de fuligem e grades de metal protegiam as janelas, deixando manchas de ferrugem no tijolo. Ela cruzou os braços na barriga para conter um tremor.

— Que estranho — continuou ele, falando sozinho. — Devia ter alguém aqui para nos receber... mas, tudo bem, posso levá-la até a porta.

Sem olhar, ele ofereceu o braço.

Elisabeth mal viu o gesto. Ainda estava encarando o prédio. Lembrava-a o orfanato que imaginara quando criança, o lugar austero onde seria largada, esquecida e indesejada.

— Você vai me deixar aqui? — as palavras saíram forçadas, soando frágeis.

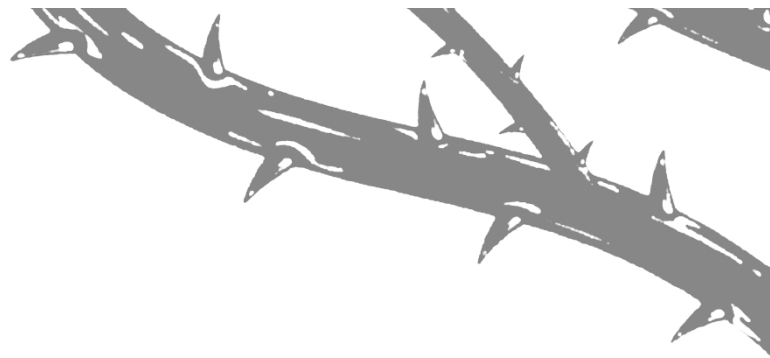
Nathaniel hesitou, com uma expressão perdida. Passou-se um segundo. Ele parecia jovem e muito pálido naquelas trevas. Finalmente, deu um passo à frente, fazendo sinal para Elisabeth segui-lo.

— Não me diga que sucumbiu ao meu charme — disse, por cima do ombro. — Posso garantir que nada de bom sairá de um caso tórrido entre nós dois. Você, uma bibliotecária do interior; eu, o solteiro mais desejado do reino... não precisa rir, Scrivener. É verdade, pode perguntar para qualquer um na rua. Sou muito famoso.

Elisabeth não tinha rido. O som que escapou dela era um grito abafado de alerta. Em um beco próximo, atrás da luminária apagada, um grupo de silhuetas os observava: enormes, com olhos brilhantes, o bafo embaçando a noite. Ela piscou e eles sumiram, mas tinha certeza de que não os imaginara.

Ela abriu a boca para alertar Nathaniel, que já estava muitos passos à frente. Antes que pu-

desse soltar mais um som, uma mão firme a agarrou pela cintura e a puxou para o beco. Outra mão cobriu sua boca e a ponta gelada de uma faca pressionou seu pescoço.



NOVE

A mão pressionada contra a boca de Elisabeth fedia a suor. Quando ela tentou mordê-la, os dentes não se firmaram contra a palma do homem. O gosto da pele encheu sua boca: amargo e metálico, como o de uma moeda suja. Ela se debateu em pânico, mas a faca apertou com mais força a garganta. Desesperada pela própria impotência, ela parou. Ele a arrastou para trás com um passo. Depois outro.

Ela não sabia o que a esperava no beco, mas suspeitava que fosse muito pior do que o homem e a faca.

Nathaniel parou, pisando no primeiro degrau do prédio.

— Scriv... — começou e se virou, ficando em silêncio ao observar a cena, calmo. — Pelo amor dos céus. O que aconteceu?

O sequestrador deve ter sorrido, porque ela sentiu o bafo nojento no rosto.

— O que você quer? — insistiu Nathaniel. — Dinheiro?

Ele olhou da faca para Elisabeth e para o homem que a segurava antes de fazer uma careta.

— Não, vou adivinhar — prosseguiu. — Uma cura para verruga? Se eu fosse você, provavelmente estaria igualmente desesperado.

Ele não parecia movido por nenhuma urgência. No entanto, enquanto falava, discretamente juntou o polegar e o dedo do meio em um gesto quase escondido pelas dobras do manto. Uma faísca verde voou de sua mão. Nada mais aconteceu.

— Não dá para enfeitiçar minha faca — vibrou a voz rouca do homem contra as costas de Elisabeth, parecendo satisfeito. — É ferro puro. Nem adianta tentar.

— Bom, não pode me culpar pela tentativa.

Nathaniel olhou de relance para o beco, tranquilamente, e de volta para eles.

— A outra opção causa tanta sujeira — continuou. — É impossível tirar sangue de seda e nem sei te dizer quantas vezes meu criado precisou limpar manchas questionáveis desta capa.

Um suspiro suave e resignado veio dali perto. O sequestrador estremeceu e a puxou na direção do som, mas não havia ninguém ali: só uma vastidão sombria de rua vazia, imunda de jornais abandonados.

— Temo ter perdido a conta — disse a voz sussurrante de Silas diretamente atrás deles.

Um leve suspiro fez o cabelo de Elisabeth esvoaçar.

O sequestrador girou de novo, mas também não encontrou nada. Elisabeth sentiu o coração dele bater. A faca tremia na mão escorregadia. Uma imagem flutuou à superfície da mente, como uma flor afogada e fantasmagórica se erguendo de uma piscina profunda: Silas em uma floresta escura, mãos cruzadas atrás das costas. Isso não tinha acontecido, né? Era só um sonho.

— Para trás! — avisou o homem. — No primeiro movimento vou cortá-la. Não me importo se ela morrer. Também não estou sozinho...

— Você nunca me explicou algumas daquelas manchas, senhor — disse Silas.

— Melhor deixar o mistério — respondeu Nathaniel.

— Onde raios você está? — rugiu o sequestrador, mas o rugido logo se transformou em berro.

A faca e a mão caíram de uma vez e Elisabeth foi jogada para a frente; mas Nathaniel estava lá e a segurou antes que caísse.

Ela engasgou e cuspiu no chão, louca para livrar a boca do gosto do homem.

— Tem mais — ofegou. — Mais homens, ali no beco.

— Sinto muitíssimo por precisar dizer isso, por nós dois — disse Nathaniel —, mas não são homens.

Como se concordasse, um rosnado percorreu a escuridão. Uma sombra se destacou da boca do beco e se arrastou na luz dos postes distantes. O contraste delineou um focinho comprido com dentes arreganhados, grande demais para um cachorro. Narinas rasgadas se abriam ao farejar. Fumaça saía delas no exalar. Um par de chifres emergiu em seguida, curvado para a frente. Névoa escorria pelas escamas pretas, se movendo com os músculos fortes por baixo. Não era um homem... nem um animal.

— São demônios — sussurrou ela.

— Demônios menores. Capetas — explicou Nathaniel, olhando para trás. — Invocá-los é extremamente ilegal, em parte porque eles fariam qualquer coisa em troca de... ah, deixa para lá.

— Em troca do quê?

Nathaniel fez uma careta.

— De uma refeição. O moço charmoso da faca provavelmente prometeu que eles poderiam comê-la.

Dado o que ela sabia sobre demônios, Elisabeth não se surpreendeu. Quando o capeta apareceu por inteiro, as costelas se sobressaíam, parecendo faminto. Vértabras marcavam a coluna como nós. Parecia um cão gigantesco e esquelético que tinha sido esfolado e recoberto de escamas.

Antes de poder responder, duas outras criaturas apareceram, interrompendo a rota dela e de Nathaniel para além do alojamento. O bafo dos capetas soltava névoa pelo ar e os olhos estreitos brilhavam, vermelhos. Os cavalos, assustados, relincharam, mas a atenção dos capetas nem hesitou, concentrada, esfomeada, em Elisabeth.

Silenciosamente, Nathaniel apontou para o prédio com a cabeça. Ela encontrou seu olhar para indicar que entendia. Juntos, andaram para trás, na direção dos degraus, em passos lentos e cuidadosos combinados. No caminho, Nathaniel murmurou um encantamento. Luz esmeralda saiu de suas mãos em concha, se retorcendo como corda.

— Ela é fibrosa — insistiu ele conforme os capetas avançavam, em tom de conversa. — Meio borrachuda. Está vendo esse cabelão todo? Não tem quase nada por baixo.

Um rosnado soou atrás deles, reverberando pelos ossos de Elisabeth. O bafo quente e fétido atingiu sua nuca. Eles se viraram simultaneamente, encontrando um quarto capeta agachado nos degraus, bloqueando a porta. Baba escorria de sua boca em fiapos trêmulos.

— Valeu tentar — disse Nathaniel, puxando Elisabeth em um abraço apertado.

O mundo explodiu ao redor deles. Uma erupção de tijolo, madeira e metal se ergueu e caiu em meio a uma nuvem de poeira. Ela estava atenta ao coração de Nathaniel, batendo contra o dela, aos músculos dos ombros, tensos ao puxar algo de volta: uma corda de fogo esmeralda, um chicote. Ele açoitou de novo, e, desta vez, ela viu o chicote atingir a lateral do prédio, desmoronando tão rápido que pareceu se liquefazer, cascadeando numa cachoeira de pedra. Um grito agudo soou ali embaixo.

Ele soltou o corpo dela mas continuou a segurar seu punho, a guiando em meio aos destroços. Ela não conseguia ver onde estavam enterrados os capetas. O silêncio era tão espesso e seco quanto a poeira enchendo o ar, pontuado pelos tijolos rolando ao chão.

— Preciso que entre na carruagem — explicou Nathaniel, urgência finalmente rompendo sua compostura. — Eles não vão ficar quietos por muito tempo. O que você está fazendo?

Elisabeth tinha puxado seu braço até Nathaniel soltá-lo. Ela chutou um tijolo e agarrou uma barra de metal que se soltara dos destroços. Segurando-a, olhou feio para ele, que a analisou. O rosto dele mudou de leve, recalculando.

— Tudo bem, seu perigo indescritível — disse ele. — Me ajude a afastá-los.

Ele apontou para o assento do cocheiro.

Ela subiu primeiro. Não encontrou Silas em lugar nenhum. Segurou a grade para se equilibrar e a carruagem tremeu, rolando uns centímetros precários para a frente. As rodas rangeram contra os freios em ameaça. A qualquer momento os cavalos sairiam correndo, quer a carruagem fosse junto quer não. Considerando o suor encharcando os pelos, seria logo. Ela analisou o emaranhado incompreensível de rédeas.

Em vez de pular ao lado dela, Nathaniel hesitou. Ele olhou por cima do ombro. Poeira escondia a rua atrás deles, mas um turbilhão perturbou a nuvem.

No segundo em que ela o viu, um capeta pulou com um rosnado ecoante. O chicote de Nathaniel o açoitou, acertando o capeta no meio do ar. Fogo verde se enroscou no pescoço do

demônio e, com um gesto simples de pulso, Nathaniel o arremessou de volta aos destroços.

Os cavalos gritaram, forçando os arreios. Nathaniel deixou o chicote de lado, puxou os freios e se jogou na carruagem, que entrou em movimento imediato. Ele se agarrou à beira por um instante de pânico quando as rodas pularam aos solavancos nos tijolos, sacudindo o veículo de um lado para o outro como um navio em meio à tempestade. Elisabeth ofereceu a mão. Ele a segurou e ela o puxou com força, erguendo-o no ar. Com mais um puxão, o peso dele caiu no banco ao lado dela. Sem esperar pela reação, ela se virou para trás. Ele pegou as rédeas e as puxou. O trote dos cavalos se ajustou.

Conforme os prédios passavam por eles, poeira começou a se erguer dos detritos aos poucos. Formas surgiam dos destroços, olhos vermelhos e vivos piscando no escuro. Ela se agarrou com mais força à barra de metal.

— Achei que você não soubesse conduzir carruagem — gritou ela, tentando se fazer ouvir sobre o impacto dos cascos.

— Besteira — gritou Nathaniel de volta. — Aprendo rápido quando a motivação é adequada.

A carruagem virou a esquina de outra rua deserta, as rodas de trás saindo do chão devido à força do movimento. Estavam acelerando cada vez mais rápido, mas os capetas tinham entrado na cola. Eles escapavam das ruínas, mostrando os dentes e sacudindo a poeira dos chifres. Elisabeth contou seis deles e sentiu um certo pânico.

— Essa motivação é adequada? — perguntou.

— Depende. Estão muito perto?

Um capeta se desgarrou da matilha, se aproximando com velocidade impressionante. Chegou ao lado das rodas de trás da carruagem, correndo como um galgo, e inclinou a cabeça para avaliá-la com o olhar vermelho e cintilante — para calcular a distância do salto. No momento em que ele preparou o impulso, ela atacou com a arma improvisada.

Ela o atingiu com um estrondo. Sentiu o corpo todo tremer com o impacto e baba espirrou em seu rosto. Desequilibrado, o capeta se segurou à lateral da carruagem, como Nathaniel fizera logo antes, quebrando a madeira cuidadosamente entalhada e soltando farpas. As garras eram compridas como dedos humanos, sujas e curvadas. Com um golpe ele a rasgaria inteira. Os olhos arregalados indicavam que o plano era exatamente esse.

Entretanto, o golpe dela deixara uma queimadura em carne viva no focinho escamado. Saliva crepitava e borbulhava na barra em sua mão, evaporando como água numa panela quente. A perspectiva mudou: a barra era de ferro.

Encorajada, ela atacou de novo e sentiu um som destrutivo e satisfatório. O capeta vacilou. As garras se soltaram. Ao cair no chão, ele rolou e acabou jogado, com dificuldade de se levantar, soltando vapor da cabeça ferida. Os outros capetas pularam sobre seu corpo, com os olhares fixos na carruagem.

Ela se virou para Nathaniel, a arma ainda quente.

— Perto assim — disse ela.

Nathaniel a olhou uma vez, duas, três, antes de voltar a atenção para a carruagem.

— Estou me dedicando inteiramente — confirmou.

A carruagem virou mais uma curva. Alguém gritou. Um cavalo tropeçou, lutando contra o domador; uma cesta de repolho caiu na estrada. Eles tinham deixado os becos vazios para trás. Enquanto voavam pela rua, evitando carrinhos e carroças, Elisabeth via relances de rostos chocados sob a luz dos postes. Pedestres corriam para as calçadas, fugindo do caminho.

O primeiro capeta virou a curva atrás deles. Nem tentou costurar entre o trânsito, simplesmente seguiu em frente, pulando os carrinhos derrubados como se fossem pedras no curso de um rio. Carvão, maçãs e talheres voaram para todos os lados. Espectadores se jogaram para trás, protegendo a cabeça com os braços, enquanto a rua se desintegrava no caos.

— Pare — gritou ela. — As pessoas vão se machucar!

— O que você quer que eu faça? Hasteie uma bandeira branca? Peça com carinho para os capetas não nos comerem?

Um músculo no queixo de Nathaniel estremeceu, revelando a frustração.

— Use sua magia! — exclamou ela, chocada por precisar sugerir.

Por um momento de desespero, ele pareceu prestes a rir.

— Feitiçaria exige foco — respondeu. — Concentração. Há limites. Não posso soltar feitiços a torto e a direito enquanto...

Ele virou a carruagem, raspando uma carroça que não saiu do caminho rápido o suficiente. O pônei preso à carroça fugiu dos cascos dos cavalos de Nathaniel e bateu num estande cheio de cestas de arenque. Os paralelepípedos sumiram debaixo da enchente prateada de escamas. Elisabeth se esquivou quando as rodas da carruagem jogaram um peixe para cima.

— Já te vi dar vida a estátuas de um pátio inteiro — disse ela. — Você é um catedrático. Essas pessoas confiam em você. Faça alguma coisa.

Com um olhar, ele transmitiu que a achava difícil, irritante e provavelmente louca, mas, voando na direção de uma praça, ele puxou as rédeas e deu meia-volta. Ela se segurou quando as rodas pularam a calçada. Eles pararam com um solavanco nas pedras, ao lado dos prédios de tijolos grandiosos que cercavam a praça, com um chafariz entre eles e a rua.

Assim que a carruagem parou de se mexer, Elisabeth subiu do banco do cocheiro no teto reto de madeira. Dali ela via o caminho inteiro que tomaram depois de entrar na rua principal. Observou a confusão de carroças caídas, cavalos irritados, comida espalhada. Gritos e relinchos agudos eram carregados pela brisa noturna. Mais perto dali, os poucos feirantes perto do chafariz estavam se apressando para guardar suas barracas. Os pedestres já tinham saído dali ao verem a carruagem se aproximar. Alguns atrasados subiam correndo os degraus dos prédios mais próximos até entrar. Portas bateram. Rostos apareceram nas janelas. O ar cheirava a castanha torrada e, apesar de tudo, o estômago de Elisabeth roncou.

Ela passeou o olhar pela cena do caos. A princípio, não viu sinal dos capetas. Finalmente, um dorso curvado e escamado se esgueirou entre duas carroças abandonadas; um fiapo de vapor escapou de trás de um carrinho derrubado. Ela concentrou o olhar ali até um capeta aparecer.

Sentiu o coração dar um pulo. O lado esquerdo da cabeça dele estava queimado, o olho lacrimante e arruinado. Era o capeta que ela tinha atacado da carruagem.

— Quão difícil é matá-los? — perguntou ela quando Nathaniel se juntou a ela no telhado.

— Depende da sua definição de matar — respondeu, o cabelo bagunçado e a capa esvoaçando no vento. — Nada do que vem do Outromundo pode ser morto no domínio mortal, só banido de volta para casa. Os espíritos continuam vivos depois da destruição dos corpos.

Parecia perigoso falar no silêncio tenso e cheio de expectativa da praça. Elisabeth notou que alguém tinha perdido o chapéu, jogado na água do chafariz. Havia uma luva de mulher na sarjeta. Os capetas avançaram aos poucos, se esgueirando entre os carrinhos. Eles tinham se separado, vindo de seis direções diferentes.

Ela se corrigiu:

— Quantas vezes preciso bater neles até pararem de se levantar?

Nathaniel sorriu de leve.

— Acho que você vai aprender na prática, Scrivener. Não te falta entusiasmo. Agora... me dê um momento. Preciso de... quinze segundos. Talvez vinte.

Ele fechou os olhos.

Ela imaginava que feitiçaria era imediato, como desembainhar uma espada. Agora, ao ver a concentração imóvel no rosto de Nathaniel, ela se perguntou, pela primeira vez, como seria lançar um feitiço. O esforço necessário — não do corpo, mas da mente.

Ele inspirou fundo e começou a falar, sem abrir os olhos. As palavras enoquianas caíam afiadas da boca, fazendo o ar arder. O vento se intensificou, uivando ao seu redor, jogando folhas e pedaços de papel para cima, bagunçando a água do chafariz. Elisabeth sentiu calafrios. A expressão dele continuou perfeitamente serena.

Não era nada como desembainhar uma espada. Era como comandar um exército. Como se tornar um deus.

Acima deles, o céu escureceu. Nuvens pretas se juntaram, acumuladas, descendo na praça como um redemoinho borbulhante. O ar ficou sufocante de tanta umidade. As luzes da rua diminuíram. Um brilho esverdeado nasceu no fundo das nuvens, encharcando tudo no crepúsculo inquietante que vinha antes da tempestade.

Os capetas não dariam quinze segundos para Nathaniel fazer sua magia. No momento em que começou o encantamento, o capeta de olho ferido pulou. Ele rosnou para os outros, dando uma ordem. Os dois capetas que o ladeavam pularam na direção da praça, músculos se contorcendo em passos poderosos que os levaram à carruagem numa velocidade impossível. As línguas penduradas eram vermelhas e quentes.

Elisabeth sacudiu o cabelo esvoaçante para tirá-lo do rosto e levantou a barra de ferro. A rotação violenta das nuvens combinava com a turbulência enjoada em seu estômago.

Eles mostraram os dentes. Ela golpeou. A noite foi rasgada por um baque e a visão foi queimada por fogo esmeralda.

Quando as manchas em seu olhar sumiram, ela notou que ainda estava de pé. Os dois cape-

tas estavam jogados no chão em frente à carruagem. O primeiro, espalhado com o pescoço quebrado em um ângulo estranho. Aquilo era obra dela. Outra coisa tinha acontecido com o segundo. Estava embolado em si mesmo, carne queimada borbulhando e fumegante como churrasco.

Nathaniel esticou a mão. Raios cor de esmeralda se ramificaram das nuvens, piscaram uma vez, duas, um estalido agudo e um trovão ecoante que fez o chão tremer e sacudiu as janelas. Quando terminou, mais um capeta acabou assado no chão. Faíscas dançavam entre os dedos de Nathaniel. Ele se virou para atacar o próximo capeta.

Era o líder, aquele do olho destruído. Enquanto Elisabeth e Nathaniel estavam ocupados com os outros, ele tinha se esgueirado até um carrinho capotado na rua. Agora estava ali, observando em silêncio, os lábios pendendo dos dentes.

Relâmpagos percorreram as nuvens, se alastrando em uma teia labiríntica de filamentos pontiagudos. Energia cercava Nathaniel, pronta para obedecer. Ele não agiu.

Estava encarando a pata da frente do capeta, apoiada no carrinho, o qual esmagava o peito de um menino que ficara preso ali no capotamento. Parecia mais jovem que Elisabeth, o rosto inconsciente e solto virado de lado. Um amontoado de pessoas observava de longe, escoradas contra um prédio que não as deixara entrar. Na frente do grupo, uma mulher gritava; dois homens mais novos a seguravam. Os três tinham o mesmo cabelo ruivo do menino sob o carrinho.

— Não dá — disse Nathaniel, mal movendo os lábios, como se em transe. — Vou atingi-lo também.

Elisabeth reagiu instintivamente, se preparando para pular da carruagem.

— Vou distraí-lo — sugeriu.

Ele segurou seu braço.

— É exatamente o que o capeta quer — ralhou. — Atraí-la para longe, sozinha, um alvo mais fraco. Deixe de ser idiota, Scrivener.

Ela olhou para o menino, que morreria caso eles não fizessem nada, e se voltou para Nathaniel. *Deixe de ser idiota.*

— É isso que você acha idiota? — perguntou.

Uma expressão indecifrável tomou o rosto de Nathaniel. Ele a soltou.

As botas de Elisabeth pesaram nos paralelepípedos. Ela avançou contra o capeta na praça vazia, jornais voando ao vento. Ela sentiu a barra de ferro nas mãos. O capeta arreganhava mais os dentes, abrindo um sorriso desumano. Apertou as garras, forçando o carrinho contra o menino preso. Só se moveria no último segundo.

Relâmpagos estalaram atrás dela, pintando a praça de verde. Elisabeth não desviou o olhar do demônio.

Uma gota de chuva respingou no chão aos seus pés. Ela começou a correr, usando a barra de ferro como extensão do próprio braço. Tudo a partir dali foi rápido. Presas, garras, rosnados. O impacto retumbante da arma resvalando um chifre, o choque de dor aguda arrebatando o

ombro. A cada respiração, ela inspirava o fedor de carniça e enxofre. Concentrou todo seu esforço em andar para trás enquanto desviava dos ataques do capeta, afastando-o do menino desmaiado.

A chuva começou a cair com força, se derramando na praça, escorrendo nos olhos de Elisabeth e embaçando sua visão. Mais um relâmpago transformou o oponente que a rondava em um traçado contrastante de luz e sombra. Outro relâmpago, mais outro. Será que Nathaniel perdera os outros capetas? Só deviam faltar mais dois. Ela se virou para procurar e viu mais silhuetas se esgueirando em sua direção, olhos queimando como brasa atrás da cortina de chuva. Olhos demais para contar. Horrorizada, ela hesitou.

Não sentiu dor — mas, de repente, o mundo virou de ponta-cabeça, os paralelepípedos vieram em seu encontro, frios, úmidos e imundos, arrancando o ar de seu peito. A barra deslizou para longe. Ela não conseguia respirar, como se o peito estivesse preso em um torno.

Um raio partiu o ar tão perto dela que, por um momento de surpresa, ela tinha certeza de ter sido atingida. Finalmente, o corpo em carne viva do líder caiu ao seu lado, apagando a luz de seu único olho vermelho.

— Força, Scrivener.

Braços a ergueram do chão, amparando-a no colo de Nathaniel.

— O menino — murmurou.

— Está com a família — disse Nathaniel. — Não se preocupe. Vai ficar tudo bem com ele.

“Mas não com a gente.” Havia capetas demais. Eles estavam cercados. Ela se voltou para os olhos cinzentos de Nathaniel, se perguntando se a última coisa que veria seria seu rosto. Chuva escorria do nariz dele, gotas ensopavam os cílios pretos. De perto, notou que os olhos dele não eram tão cruéis quanto ela imaginara. Estivera tão apavorada que nem pensara muito em como ele era bonito, o que agora lhe parecia um tremendo desperdício.

Nathaniel franziu as sobrancelhas, como se perturbado pela expressão de Elisabeth. Ele desviou o rosto, estreitando o olhar na tempestade.

— Silas? — chamou.

— Sim, senhor? — a voz do criado, um simples sussurro na chuva.

Elisabeth tinha, de alguma forma, se esquecido de Silas. Ela se esforçou para ficar de olhos abertos. Ali estava ele: vestindo roupas impecáveis, tranquilamente equilibrado na beira de um telhado bem alto acima deles. Ele analisou a cena com interesse distante e implacável. A chuva incessante não tocava sua forma esguia.

“Como ele chegou lá em cima?”

Sombras avançavam de todos os lados. Cobriam os cantos da visão de Elisabeth, permeando a névoa de fedor de carniça.

— Um pouco de ajuda por aqui cairia bem — disse Nathaniel. — Assim que você acabar de admirar a vista.

Silas sorriu.

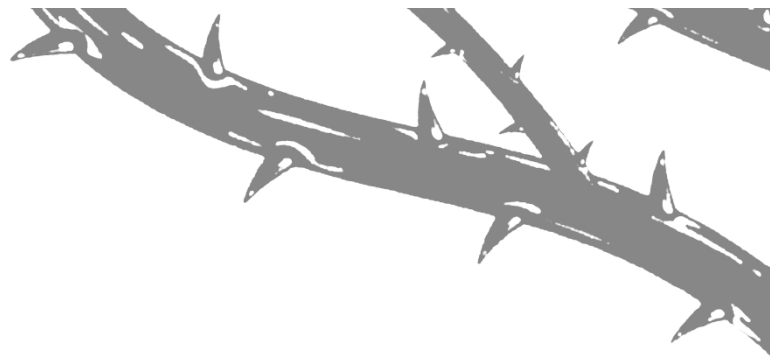
— Com prazer, senhor.

Ele tirou primeiro a luva direita, depois a esquerda, e guardou as duas delicadamente no bolso. Em seguida, pulou da beira do telhado quatro andares acima da rua.

Elisabeth não o viu depois disso. Ela sentiu os olhos pesados se fecharem, entre vendo o céu, agora vazio, cercada por um coro de ganido, trituração e uivo, pontuado vez ou outra pelo som de uma forma grande e morta arremessada contra a parede. Tudo vinha de muito longe. Só pensava em uma imagem: As mãos de Silas ao tirar as luvas.

Ele não tinha unhas. Tinha garras.

— Elisabeth? — chamou Nathaniel, e o som de seu nome a levou à escuridão.



DEZ

Elisabeth acordou cercada de luz do sol. Apesar de não fazer ideia de onde estava, uma sensação calma de bem-estar a abraçou. Lençóis sedosos acariciaram sua pele nua quando ela se espreguiçou. Ao virar o rosto, o ambiente claro e embaçado tomou os contornos de um quarto. As paredes eram estampadas de lilás e a mobília delicada parecia prestes a quebrar se alguém forcesse acidentalmente, o que Elisabeth supunha que indicasse o preço caro.

Ela não estava sozinha. Porcelana tilintou nos arredores, um som agradável. Ela escutou por um instante e se sentou na cama, deixando o edredom de penas cair de seus ombros. Confusa, ela se analisou. Estava vestindo sua camisola simples e um curativo bem-feito cobria seu braço. Não só isso — alguém dera banho nela e penteara seu cabelo.

Sentiu a cabeça latejar. Um toque de leve revelou um galo dolorido. Talvez isso explicasse por que não se lembrava de nada. Do outro lado do quarto, Silas estava de costas para ela, erguendo a tampa de um açucareiro. Como de costume, estava vestindo o uniforme verde-esmeralda, e parecia preparar uma xícara de chá.

— Onde estou? — perguntou ela.

— No quarto de hóspedes da casa de meu senhor — respondeu Silas. — Achamos mais seguro trazê-la aqui após o ataque.

O ataque. Ela encontrou as luvas brancas imaculadas com o olhar e sentiu o sangue gelar.

A noite anterior voltou de uma vez: rosnados e caos, relâmpagos e chuva, e ali no meio a memória da viagem a Brassbridge, que ela reprimira de alguma forma. Agora lembrou-se nitidamente de como ele a encontrara no bosque perto da pousada; como ele a fizera esquecer os olhos amarelos, não só uma vez, mas muitas. Sempre que ela se aproximava de entender o que ele era, ele afastava seus pensamentos.

— Você é um demônio — falou.

A voz soou desajeitada no quarto delicado, alta demais, deslocada entre lilás e louça elegan-

te.

Silas inclinou a cabeça, confirmando a obviedade.

— A senhorita toma chá com açúcar?

Elisabeth não respondeu. Ela se encolheu no lado oposto da cama, o mais longe que conseguiu, e pegou um castiçal da mesa de cabeceira. Era pesado, feito de prata maciça.

— Eu sei o que você é — avisou. — Não pode mais me fazer esquecer.

Ele mexeu o chá mais uma vez e cuidadosamente dispôs a colher em um guardanapo de pano dobrado.

— De fato, está certa. Você é surpreendentemente resistente à minha influência; duvido que pudesse insistir muito mais.

— Como assim, sua influência? O que você fez comigo? Por quê?

Silas se virou. Ele simplesmente olhou para ela, tremendo e agarrada ao castiçal, pronta para arremessá-lo no primeiro reflexo assustado. Depois de alguns segundos de silêncio carregado, Elisabeth foi obrigada a admitir que ele estava certo.

— Humanos — suspirou. — Que criaturas sensíveis. Ao menos você não gritou, pelo que agradeço. Alguns demônios têm prazer no som de mortais berrando e implorando para viver, mas eu nunca me interessei por melodrama, a não ser quando devidamente confinado aos limites da ópera — explicou, desviando o olhar para o castiçal. — Isso não vai te ajudar, por sinal.

Lentamente, Elisabeth abaixou o castiçal, deixando-o na cama. Ela viu Silas atravessar o quarto. Quando deixou a bandeja ao seu lado, ela estremeceu, mas ele se afastou sem tocá-la, voltando as mãos à posição educada atrás das costas. Era a mesma pose que ele adotara no mato. Ela se perguntou se ele estava tentando parecer menos ameaçador, uma ideia tão inusitada que soltou uma gargalhada.

— O que foi? — perguntou ele.

— Não sabia que demônios podiam tomar forma humana. Eu esperava...

Ela não sabia o que esperava. Chifres e escamas, como de um capeta. Ela certamente não esperava que ele fosse *lindo*.

— Outra coisa — completou.

Ele esboçou um sorriso. O cabelo dele não era coberto por pó, como ela supusera inicialmente. Tudo nele era impecavelmente branco como mármore, até os cílios compridos e pálidos que protegiam os olhos sulfúreos.

— Demônios nobres como eu são capazes de mudar de forma de acordo com os desejos do senhor. Em público, apareço como um gato branco, mas em casa, ou no serviço, o senhor Thorn me prefere nesta forma. De resto, sou, como você disse, “outra coisa”.

Elisabeth sentiu um calafrio. Os avisos do Léxico voltaram à sua mente. O grimório indicava que o simples ato de falar com um demônio era perigoso. No entanto, depois de tudo que Nathaniel fizera para levá-la à cidade em segurança, ela não acreditava que ele fosse deixá-la sozinha com Silas caso fosse perigoso. Ela se lembrou da noite em Blackwald, da risada discreta de Silas, das brincadeiras dos dois, como velhos amigos.

— Por favor — propôs Silas, interrompendo os pensamentos ansiosos. — Não quer provar o chá?

Ela hesitou antes de pegar a xícara. O vapor cobriu seu rosto quando tomou um gole desconfiado, atenta ao olhar de expectativa de Silas. Ela arregalou os olhos, surpresa.

— Está ótimo.

Na verdade, era o melhor chá que já tomara. Inesperado, considerando que era feito por um...

Ela abaixou a xícara bruscamente, derramando líquido quente nos dedos. O calor e o vapor trouxeram uma lembrança repentina e visceral do homem que cobriu sua boca com a mão, do bafo úmido contra sua bochecha. Em seguida, de como ele simplesmente *se fora*, como se desaparecesse na névoa. O que Silas fizera com ele?

— Eu o matei, senhorita — disse o demônio, baixinho. — Ele teria feito o mesmo com você e não teria sido a primeira vez. Deu para sentir o cheiro... tanta morte. Não me surpreende que os capetas quisessem segui-lo.

Ela engasgou.

— Você consegue ler meus pensamentos?

— Não exatamente.

— Como...?

— Passei centenas de anos observando a humanidade em serviço à família Thorn. Não o digo como ofensa, mas vocês não são seres complicados.

Ela estremeceu, olhando para as mãos, para a xícara de chá perfeita até demais, imaginando o que mais ele sabia só de olhar.

— A senhorita está se sentindo mal? Talvez deva descansar mais um pouco.

Ela sacudiu a cabeça, sem encontrar seu olhar.

— Já descansei o bastante.

— Neste caso, tenho notícias que podem tranquilizá-la.

Ele pegou um jornal na mesa de cabeceira e o estendeu na direção de Elisabeth. Ela o aceitou, hesitante, olhando para as luvas, mas não viu sinal de garras.

— O atentado à sua vida já chegou ao jornal da manhã — explicou ele.

Elisabeth quase não acreditou. A manchete da primeira página dizia SUSPEITA... OU HEROÍNA?, acompanhada por um desenho dela e de Nathaniel de pé sobre a carruagem, cercados por capetas. O raio de Nathaniel cruzava o céu pintado e a artista tinha tomado a liberdade de substituir sua barra por uma espada. Ela leu a manchete de novo.

— Sou *eu*?

Silas inclinou a cabeça.

Incrédula, ela leu a matéria por alto. A moça, identificada por fonte anônima como srta. Elisabeth Scrivener, demonstrou rara coragem e vigor ao afastar seus atacantes demoníacos, chegando a salvar a vida de um passante desamparado... Acredita-se que ela chegou a Brassbridge como suspeita nos casos de sabotagem das Grandes Bibliotecas, mas devemos questionar

a sabedoria da Cátedra ao apontá-la como suspeita, pois este atentado violento contra sua vida sugere exatamente o contrário. É óbvio que o verdadeiro culpado desejava silenciá-la por qualquer medida necessária...

Elisabeth sentiu o rosto queimar quando a matéria continuou a elogiá-la em *relatos de fontes confiáveis* que ela derrotara sozinha um *Malefict descontrolado antes que pusesse em risco as vidas inocentes na tranquila cidade de Summershall*. A coluna seguinte era mais irritante: *Catedrático Nathaniel Thorn, o Solteiro Mais Cobiçado de Austermeer — Quando Escolherá Sua Noiva?*

Algo a incomodou e ela voltou para o início da matéria.

— Espera aí — notou, em voz alta. — Fala de *casos* de sabotagem.

Silas estendeu a mão. Ela se esquivou, mas ele só passou para a próxima página. Ao passar os olhos pela continuação da matéria, ela ficou sem ar.

— Atacaram a Grande Biblioteca de Knockfeld? — murmurou, correndo pelas letrinhas do texto. — ‘Outro Malefict de Grau Oito... três guardiões mortos, inclusive o Diretor... inicialmente considerado um acidente trágico, agora supõe-se que está conectado ao acontecido em Summershall.’ Isso foi duas semanas antes do Livro dos Olhos! — exclamou, olhando para Silas. — Por que achou que isso me tranquilizaria?

— Ontem à noite suas circunstâncias mudaram consideravelmente. Cancelaram seu interrogatório devido à pressão popular instigada pela imprensa. Quando a senhorita estiver saudável o suficiente para andar de carruagem, o sr. Thorn tem instruções de levá-la diretamente ao Chanceler.

Ela se empertigou, incrédula, inspirando o cheiro de tinta barata e papel-jornal. Sentia as palavras de Silas ecoarem em sua cabeça oca.

— Por que o Chanceler quer me ver? — perguntou.

— Não fui informado — disse o demônio, com um ar de pena nos traços de alabastro. — Talvez deva considerar se vestir. Posso ajudar, caso deseje. Tomei a liberdade de ajustar a seleção do dia.

Elisabeth franziu a testa. Seu melhor vestido pendia do gancho do armário, estendido por uma barra elegante de seda. Agora, parecia caber. Silas tinha feito isso sozinho? Ela tocou o cabelo bem penteado, lembrando a observação de que alguém a banhara e trocara sua roupa. Quando entendeu, se encolheu.

— Você me despiu?

— Sim. Tenho décadas de experiência...

Ao ler seu horror, ele ergueu uma mão para tranquilizá-la.

— Peço perdão — se explicou. — Não tenho interesse algum em corpos humanos. De forma carnal, digo. Às vezes esqueço... Eu deveria ter sido claro mais cedo.

Elisabeth não seria feita de boba.

— Já li o que demônios fazem com pessoas. Vocês nos torturam, espirram nosso sangue, devoram nossas entranhas. Especialmente as entranhas de moças.

Silas franziu os lábios.

— Demônios menores comem carne humana. Eles são criaturas abjetas com apetites vulgares.

— Você é diferente?

Ele fechou ainda mais a cara. Inesperadamente, os olhos amarelos pareceram ofendidos e, ao falar, as consoantes sofisticadas e cochichadas tomaram contornos duros.

— Demônios nobres consomem unicamente a força vital de mortais e, mesmo então, só quando nos foi cedida por acordo. Não nos interessamos por mais nada.

Ela se encostou de novo na cama, sentindo o coração bater mais forte. Lentamente, se acalmou. Silas parecia sincero. Ele não estava tentando esconder sua maldade, só elucidar a especificidade da violência. Estranhamente, isso a convenceu de que ela poderia confiar nele, pelo menos neste caso.

Ela pensou na mecha grisalha do cabelo de Nathaniel, tão rara em um garoto de dezoito anos. “Quanto consumiu da vida dele?”, se perguntou.

— O bastante — disse Silas, quase inaudível. — Agora, se estiver certa de que não precisa de ajuda...

— Não, obrigada — disse, correndo. — Posso me arrumar sozinha.

Ele levantou as sobrancelhas, indicando dúvida, mas mesmo assim fez uma reverência e saiu do quarto, deixando Elisabeth com suas mil perguntas e uma xícara de chá frio.

• • •

Quando ela abriu a porta, quinze minutos depois, Silas não estava por perto. Ela inclinou a cabeça para a frente e espreitou de um lado ao outro do corredor. Apesar de não ter muita experiência com casas de verdade, esta parecia enorme se comparada às de Summershall. O corredor era consideravelmente comprido, forrado de madeira escura, levando a uma quantidade atordoante de portas. Por algum motivo, todas as cortinas estavam fechadas, reduzindo o dia ensolarado a uma escuridão crepuscular.

Ela saiu de fininho e andou lentamente pelo corredor. Apesar de grandiosa, a casa tinha um ar de abandonada. Ela não viu criado algum, demoníaco ou não, e o ar estava tão parado que o tique-taque metódico de um relógio de pêndulo nas profundidades da casa parecia reverberar pelas soldas de suas botas como um segundo coração. Tudo cheirava de leve a combustão etérea, como se a magia impregnasse mesmo as estruturas da construção.

Depois de várias voltas pelos corredores labirínticos, o odor ficou mais pungente. Ela virou de um lado para o outro, farejando, e finalmente determinou que o cheiro escapava por baixo de uma porta fechada em específico: uma porta cujos painéis estavam cobertos em montinhos leves de pó, a madeira profundamente arranhada ao redor da maçaneta decorada, como se uma mão tivesse escorregado várias vezes na tentativa de destrancá-la.

Elisabeth hesitou. Ela não ia mexer numa porta sinistra na casa de um feiticeiro. Só talvez...

Prendendo a respiração, ela se curvou e aproximou o olhar da fechadura. O cômodo estava

escuro. Ela chegou mais perto.

— Srta. Scrivener — disse a voz suave de Silas, bem atrás dela.

Ela deu a volta em um pulo, batendo na parede com força suficiente para sentir os dentes baterem. Como Silas conseguia ser tão silencioso? Ele tinha assustado o homem da mesma forma na noite anterior, logo antes de matá-lo.

A expressão de Silas era distante, como se entalhada em mármore, mas ele falou com o mesmo tom cortês de sempre.

— Não quis te assustar, mas temo que seja melhor deixar este cômodo fechado.

— O que está lá dentro?

A voz de Elisabeth estava seca como osso.

— Você não gostaria de ver. Venha por aqui, por favor.

Ele a guiou de volta pelo caminho que fizera até ali e em seguida desceu uma escadaria enorme, larga e curva, coberta por um tapete vermelho, que levava ao vestíbulo, dois andares abaixo. Lustres apagados pendiam do teto, cristais cintilando na meia-luz, enquanto seus passos ecoavam no chão xadrez de mármore. O aspecto grandioso lembrava um castelo abandonado de contos de fadas. Com a imaginação, arrancou o manto sombrio da solidão, o substituiu por luz, riso e música, e se perguntou por que a casa era mantida assim, se podia ser um lugar tão belo.

— O senhor Thorn se juntará a nós em breve — disse Silas. — Pode olhar por aí, se quiser.

Sem permissão, Elisabeth já tinha atravessado a sala para pegar um castiçal feito de cristal maciço. Culpada, ela o devolveu à mesa. Ao fazê-lo, os olhos cinzentos de Nathaniel se refletiram pelas facetas, multiplicado em dezenas, e ela ofegou — mas, quando se virou, não havia ninguém ali. O cristal tinha refletido um retrato pendurado na parede. O homem do retrato era velho demais para ser Nathaniel, apesar da enorme semelhança, até a mecha grisalha no cabelo preto. O sorriso, por outro lado... era caloroso, bondoso e aberto, muito mais feliz do que qualquer sorriso que já vira no rosto de Nathaniel.

— É o pai de meu senhor, Alistair Thorn — explicou Silas. — Eu o servi, na época.

“Ele morreu”, notou Elisabeth, de repente. “Certamente.” De repente, ficou desconfortável de olhá-lo nos olhos. Desviou a atenção para o gato branco que o artista pintara no colo de Alistair. Era uma criatura delicada de pelo longo, capturada no ato de lamber a pata.

O ar estremeceu e Silas apareceu ao lado dela, estudando o próximo retrato, de uma mulher loira de vestido lilás. Desta vez, Elisabeth reconheceu Nathaniel na expressão, no brilho dos olhos, como se reprimisse a gargalhada de uma piada subentendida. No rosto dela, parecia carinhoso em vez de irônico, iluminado por amor.

— A mãe dele, Charlotte — disse Silas.

Elisabeth sentiu uma pontada melancólica no peito.

— Ela é linda.

— Era — corrigiu Silas.

Elisabeth olhou para ele de relance, abrindo a boca para se desculpar, mas Silas não de-

monstrava expressão alguma e continuava olhando para os retratos. Ela se sentiu instantaneamente boba por quase se desculpar a um demônio — um ser que não amara nenhum deles, pois demônios não eram capazes de amor, compaixão ou luto.

Silenciosamente, ele apontou para o terceiro e último retrato.

Elisabeth deu um passo à frente para examiná-lo de perto. Era a pintura de um menino, por volta dos sete anos, pálido e severo, a camisa preta abotoada até o pescoço. Ele parecia tão sério. Talvez fosse parte de ser herdeiro do legado Thorn. Será que ele já sabia das histórias de Baltasar? Era estranho pensar em Nathaniel como criança. Inocente.

— Ele não nasceu com a mecha no cabelo — falou finalmente, se virando para Silas.

— Não. O cabelo prateado é a marca de nosso acordo. Todo feiticeiro tem uma marca, única ao demônio que o serve. Entretanto, este retrato não é do sr. Thorn. É de seu irmão mais novo, Maximilian. Ele faleceu um ano depois da pintura.

Elisabeth se afastou. Um calafrio percorreu seus braços. A casa parecia um mausoléu, salas frias e vazias, repletas de fantasmas. A família inteira de Nathaniel se fora. As palavras do Léxico voltaram a sua mente: *Pois, quando um acordo for feito com um demônio, o demônio tem interesse em que o mestre morra...*

— O que aconteceu com eles? — sussurrou, dessa vez sem saber se queria mesmo a resposta.

Silas estava imóvel. Levou um instante para responder e, quando o fez, sua voz foi um mero cochicho, flutuando no ar como bruma.

— Charlotte e Maximilian faleceram juntos em um acidente. Uma tragédia absurda para a esposa e o filho de um feiticeiro. Sei o que você está pensando, mas eu não estava nem perto quando o acidente ocorreu. Alistair os seguiu meses depois e, dessa vez, eu estava por perto. Foi... um ano difícil para meu senhor.

— Você o matou — disse Elisabeth. — Alistair.

A resposta de Silas foi um suspiro, quase tão inaudível quanto o tique-taque distante do relógio.

— Sim.

— Nathaniel sabe?

— Sabe.

Elisabeth tentou processar a informação.

— E ele ainda... ele ainda decidiu...

— Ele me prendeu ao serviço imediatamente depois. Só tinha doze anos. O ritual certamente o assustou, mas, claro, ele já me conhecia bem.

Silas passou para uma área vazia do painel, o espaço para um último retrato. Ele ergueu a mão enluvada e tocou a parede de leve.

— Eu estava presente quando o sr. Thorn veio ao mundo, sabe — falou. — Eu ouvi suas primeiras palavras e vi seus primeiros passos. Eu estarei presente quando o sr. Thorn morrer, também. De uma forma ou de outra.

Elisabeth deu mais um passo para trás, quase esbarrando em um cabideiro. Nathaniel disse-ra que todo mundo na linha de sucessão estava morto, mas ela não esperava nada disso. Certamente não imaginava que ele estivera inteiramente sozinho no mundo aos doze anos, negociando sua vida com o demônio que matara seu pai. O demônio que um dia o mataria.

Um passo fez o chão ranger. Elisabeth se virou. Nathaniel descia as escadas, com uma mão no bolso e a outra tocando de leve o corrimão. Ele estava bonito, de terno caro sob medida, o corte do colete bordado verde acentuando os ombros fortes e a cintura estreita. Ela o encarou, tentando reconciliar a pose negligente com o que acabara de saber. Ele a encarou de volta, levantando uma sobrancelha como se a desafiasse.

Quando ele chegou ao último degrau, Silas correu para lá. Com a eficiência silenciosa de um assistente profissional, ele fez ajustes mínimos às roupas de Nathaniel: a dobra da manga, o ângulo da gola, o caimento do paletó. Finalmente, franzindo a testa de leve, ele desfez a gravata de Nathaniel e a puxou do pescoço.

— Precisa ficar tão apertado? — reclamou Nathaniel quando Silas começou a amarrá-la de novo em uma sequência de nós complexos, dedos enluvados trabalhando o tecido com certeza ágil.

“Silas poderia facilmente matá-lo desse jeito”, pensou Elisabeth, chocada. Mesmo assim, Nathaniel parecia completamente relaxado, confiante dos cuidados do criado, como se todo dia sentisse mãos de demônios assassinos no pescoço.

— Temo que sim, se quiser se manter na moda — respondeu Silas. — Não queremos repetir aquele constrangimento com Lady Gwendolyn.

Nathaniel riu com desprezo.

— Como eu saberia que aquele nó indicava que eu tinha planos de seduzi-la? Tenho mais o que fazer, não posso aprender sinais secretos de lenços e gravatas.

— Se me ouvisse, eu teria avisado e te salvado de um banho de champanhe na cara... apesar de depois ter ouvido de várias pessoas que foi a melhor parte do jantar. Pronto.

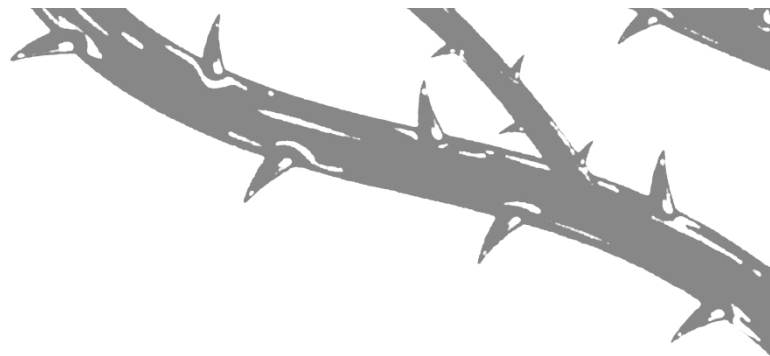
Silas se afastou, admirando o trabalho.

Nathaniel automaticamente levantou a mão para tocar a gravata, mas se interrompeu quando Silas apertou os olhos amarelos, em um aviso. Sorrindo torto, ele andou na direção de Elisabeth, do outro lado da sala, botas ecoando no chão de mármore.

— Pronta, srta. Scrivener? — perguntou, oferecendo o braço.

Elisabeth sentiu o coração dar um pulo. Talvez tivesse julgado Nathaniel de forma equivocada, mas numa coisa estava certa: um feiticeiro queria matá-la; um feiticeiro que a esperava por ali.

Com um calafrio que a percorreu inteira, ela assentiu e aceitou seu braço.



ONZE

A carruagem passou por casas altas e grandiosas de pedra cinza, alinhadas uma contra a outra como livros na estante. Brotos coloridos de dedaleira e beladona se derramavam dos canteiros na janela e grades de ferro forjado as protegiam, guardadas por estátuas e gárgulas que viraram a cabeça para acompanhar a carruagem. Brasões entalhados se destacavam no frontão das portas de entrada. Muitas das casas visivelmente tinham séculos de idade, fachadas elegantes envolvidas em riqueza intocável.

Ela viu uma mulher sair da própria carruagem, joias brilhando nas orelhas. Uma criancinha abriu a porta e Elisabeth supôs que fosse o filho da mulher, até que a viu entregar as compras para ele, distraída. Os olhos do menino refletiram a luz laranja antes da porta se fechar. Menino não... demônio.

— O bairro inteiro é de feiticeiros? — perguntou para Nathaniel.

Ela sentiu o estômago revirar como um ninho de cobra. O sabotador poderia viver em qualquer uma dessas casas. Poderia estar de olho nela ali mesmo.

— Quase exclusivamente — respondeu ele, olhando pela janela oposta. — É chamado de Hemlock Park. Feiticeiros gostam de privacidade. Nossos demônios são nossa roupa suja, não exatamente um segredo, mas um aspecto da vida que a plebe raramente vê, no qual preferimos que não pensem tanto. Há muito sangue antigo por aqui, como você deve notar. Linhagens feiticeiras de centenas de anos, como a minha.

Curiosidade se infiltrou nela.

— Achei que todos os feiticeiros pertencessem a famílias antigas. Não é de nascença?

— Acho que é verdade, no sentido de que magia é uma herança — confirmou Nathaniel, olhando para ela de relance. — Quer dizer, demônios são. Demônios nobres só podem ser invocados por quem conhece seu nome enoquiano, e famílias passam os nomes por gerações, como uma herança valiosa. Mas às vezes um amador sem herança mágica desenterra o nome de

um demônio notável em um texto obscuro qualquer e consegue invocá-lo. Eles precisam manter o demônio na família por algumas décadas antes de as casas antigas os respeitarem.

Amadores e criminosos. Era assim que o Léxico se referia àqueles que invocavam demônios menores, como capetas. Feiticeiros de verdade não se rebaixavam a esse nível.

A não ser que quisessem eliminar uma testemunha e culpar outra pessoa pelo assassinato.

Perturbada, Elisabeth refletiu enquanto passavam por um parque cheio de carvalhos antigos e trilhas sinuosas de cascalho e, em seguida, uma área florestal urbana que a transportou de volta aos arredores de Blackwald. A carruagem virou em uma rua ladeada por pilastras de mármore. Um par de grifos de pedra estava instalado em cima das pilastras, balançando o rabo e pegando sol nas asas cobertas de musgo. Finalmente, uma estrutura apareceu atrás da cerca viva, inicialmente visível como luz cintilante na cúpula esférica de cobre.

— Ah — suspirou ela, pressionando o rosto contra a janela. — É um palácio!

Ela sentiu o olhar de Nathaniel. Quando ele falou, soou estranhamente relutante em corrigi-la:

— Não, é só a Mansão Ashcroft.

Não havia nada de “só” no prédio ao qual se dirigiam, um casarão branco imenso, cercado por jardins luxuosos. O desenho das torres, cúpulas e cornijas elaboradas lembrava a paisagem de uma cidade em miniatura, e a luz do sol espalhava prismas estonteantes do teto de vidro do conservatório anexo. A entrada de carruagens dava a volta em um chafariz grande bem à frente e, ao se aproximar, ela viu que a água jorrava sozinha, se espalhando em turbilhões que mudavam de forma constantemente: primeiro formou um grupo de moças translúcidas saltando no ar como bailarinas, que se fundiram em uma esfera armilar, que, por sua vez, se separou em dois cavalos empertigados, crinas espalhando gotas pelo chão. Algumas das gotas atingiram as janelas da carruagem e se prenderam ao vidro, brilhantes como diamante.

— E o Silas ainda diz que *eu* sou extravagante demais com magia — resmungou Nathaniel.

Elisabeth se esforçou para fechar a boca impressionada. Um grupo de pessoas estava espalhado perto da porta, mas, pelo que via, não eram feiticeiros nem criados. Todos vestiam paletós de tweed marrom e carregavam cadernos debaixo do braço, consultando sem parar os relógios de bolso, como se estivessem atrasados. Quando ouviram a carruagem se aproximar, olharam com expressões famintas e ávidas, como cachorros esperando por restos da mesa de jantar.

— Quem é essa gente? — perguntou Elisabeth, desconfortável. — Parecem estar nos esperando.

Nathaniel deslizou até o lado dela da carruagem, olhou pela janela e soltou um xingamento.

— O chanceler Ashcroft permitiu que a imprensa entrasse na propriedade. Acho que não temos como fugir. Coragem, Scrivener. Logo, logo isso acaba.

Quando Silas abriu a porta, uma onda de som imediatamente alagou a carruagem. Ninguém nem olhou para Silas; só se concentraram em Elisabeth que saía da carruagem, se debatendo uns com os outros para encontrar uma posição mais visível.

— Srta. Scrivener!

— Você tem um instante...

— Meu nome é sr. Feversham da *Tribuna de Brassbridge*...

— Aqui, srta. Scrivener!

— Pode dizer quanto você mede, srta. Scrivener?

— Olá — respondeu ela, confusa.

Os homens eram todos parecidos. Ela nunca antes tinha visto tantos bigodes no mesmo lugar.

— Perdão... — continuou. — Não faço ideia.

Ela tinha crescido desde a última vez que Katrien a medira.

— É verdade que você derrotou um Malefict de Grau Oito em Summershall? — perguntou um dos homens, já rabiscando freneticamente no bloquinho.

— Sim, é verdade.

— Completamente sozinha?

Ela assentiu. O homem esbugalhou tanto os olhos que quase explodiram, então ela acrescentou, delicadamente:

— Bem, eu tinha uma espada.

Outro repórter de paletó se enfiou no espaço livre.

— Vejo que você tem passado muito tempo a sós com o catedrático Thorn. Ele já declarou suas intenções?

— Queria que declarasse — disse Elisabeth. — Na maior parte do tempo ele mal faz sentido. Saber as intenções seria útil.

Nathaniel engasgou.

— Não foi o que ela quis dizer — insistiu para os repórteres, segurando o braço de Elisabeth. — Ela é uma bibliotecária arisca, sabe... foi criada por traças, uma tragédia...

Ele a puxou para longe da multidão, subindo os degraus da entrada da mansão.

A porta dupla era entalhada com um grifo de estilo barroco. Um criado de uniforme dourado cuidava da entrada. Elisabeth o analisou, desconfiada, mas ele não tinha olhos estranhos, nem afastou seus pensamentos como Silas fazia ao usar a influência. Era um homem, não demônio.

— O Chanceler chegará em breve — disse ele.

Nathaniel soltou um gemido de lamentação.

— O que foi? — perguntou ela.

— Ashcroft gosta de entradas teatrais. Ele é um exibido insuportável. A imprensa é apaixonada.

Elisabeth achou bastante hipócrita a reclamação de Nathaniel sobre entradas teatrais, sendo que ele tinha chegado em Summershall numa carruagem toda decorada com espinhos, fizera todas as estátuas do pátio ganharem vida e pelo menos uma delas brandir uma espada, mas achou melhor ficar quieta, porque tinha acabado de sentir o cheiro de combustão etérea.

Ela deu um passo hesitante para trás quando um fio de luz dourada ziguezagueou pelo ar à

sua frente, como um rasgo puxado no tecido. As portas ondularam, se distorceram e um homem empurrou um pedaço de ar para o lado e o atravessou, mostrando um vislumbre do escritório acolhedor e iluminado do qual saía. Elisabeth piscou, tentando entender o que via. Era como se o mundo tivesse se transformado em um cenário pintado em cortinas e aquela sala estivesse por trás. O homem — o Chanceler — soltou o ar, a cortina, o que quer que fosse, e fechou a fresta de escritório atrás dele. Na mesma velocidade que se rompera, a realidade voltou ao normal.

O chanceler Ashcroft abriu um sorriso enorme, fazendo uma reverência em agradecimento aos repórteres que aplaudiam. Apesar de ter quase idade para ser pai de Elisabeth, era inegavelmente lindo. O sorriso brilhante revelava ruguinhas ao redor dos olhos que transmitiam um bom humor travesso e o cabelo loiro, grosso e sedoso não tinha nem sinal de branco. Ele vestia uma capa dourada sobre o terno branco perolado, com um colete dourado bordado por baixo.

— É tão bom te ver, Nathaniel — cumprimentou ele. — E você deve ser a srta. Scrivener. Sou Oberon Ashcroft, o Chanceler da Magia. Que prazer conhecê-la.

Ele pegou a mão dela e a beijou. Palavras fugiram da cabeça de Elisabeth como uma revoada de pombos assustados. Ninguém a beijara antes, nem mesmo na mão. Quando Ashcroft se endireitou, ela viu que o olho direito era muito azul, mas o esquerdo tinha um tom vermelho profundo e cintilante que refletia a luz como um rubi. Lembrando o que Silas explicara, ela supôs que o olho vermelho fosse a marca demoníaca.

— Srta. Scrivener, devo pedir perdão pelo perigo que enfrentou ontem à noite. Nunca imaginei que algo assim pudesse acontecer... capetas, correndo soltos pelas ruas... mas isso não é desculpa para deixar de garantir sua segurança quando estava sob a proteção da Cátedra.

— Não quer dizer custódia? — perguntou ela.

Alguns repórteres ofegaram e Elisabeth congelou, sentindo um princípio de pânico.

Ashcroft não demonstrou raiva. Em vez disso, sorriu, constrangido.

— Não... você está certa. A Cátedra cometeu um erro e seria de mau gosto de minha parte fingir que não foi o caso. Como você está se sentindo?

A preocupação em sua voz a assustou.

— Eu...

— Você passou por provas horríveis. Acusada de um crime que não cometeu, presa, atacada por demônios, isso sem contar a perda de sua Diretora, Irena. Ela era uma mulher notável. Tive o prazer de conhecê-la há alguns anos.

De repente, os olhos de Elisabeth arderam de lágrimas contidas.

— Estou bem — respondeu, endireitando os ombros, se forçando a conter as lágrimas.

Era a primeira vez que alguém sugeria que ela tinha direito ao luto pela morte da Diretora, em vez de acusá-la de ser a responsável. Ashcroft sabia até o nome da Diretora.

— Só quero que o assassino seja pego — acrescentou.

— Sim — disse Ashcroft, com seriedade. — Claro, entendo. Peço licença por um instante...

Ashcroft se virou para os repórteres e continuou:

— Convoquei esta coletiva para um rápido anúncio. Após os eventos da noite anterior, e tendo revisado algumas discrepâncias na denúncia oficial de Summershall, srta. Elisabeth Scrivener não é mais suspeita em nossa investigação.

Elisabeth se chocou.

— Em vez disso — continuou Ashcroft —, ela será condecorada pela Cátedra por seus atos corajosos em Summershall, que salvaram inúmeras vidas. A perda de um grimório de Grau Oito é devastadora para a magia austermeeriana, mas a srta. Scrivener tomou a melhor decisão possível durante uma situação crítica e agiu de maneira admirável. Eu enviarei pessoalmente uma carta de recomendação ao Colégio, sugerindo que os preceptores a considerem como futura guardiã quando completar seu aprendizado.

As pernas de Elisabeth bambearam. Uma mão a segurou, um toque leve e inesperado nas costas. Nathaniel estava ao seu lado, olhando bem para a frente.

— Como vocês sabem — prosseguiu Ashcroft —, as Grandes Bibliotecas foram construídas por meu ancestral, Cornelius, portanto meu comprometimento a encontrar o sabotador e fazer justiça é mais do que simplesmente profissional...

Elisabeth notou que não conseguia mais acompanhar o discurso. Parecia que seu coração tinha crescido demais e não cabia mais nas costelas. Ela tentou endireitar a postura, desesperada para ser vista como merecedora dos elogios do Chanceler, enquanto por dentro, envergonhada, parte dela queria se esconder. Ela nunca soubera que esperança poderia doer tanto, como sangue formigando de volta na perna dormente.

Depois, quando os repórteres se foram, ela ficou grata por Ashcroft chamar Nathaniel para uma conversa a sós. Ela estudou os grifos da porta, fingindo não ser capaz de ouvir trechos da conversa em meio ao barulho das rodas de carruagem raspando o cascalho.

— Antes de ir — dizia Ashcroft, baixinho —, queria agradecer pelo que fez pela srta. Scrivener.

Ele pausou.

— Ah. Entendo — continuou. — Você não contou para ela, né?

A resposta de Nathaniel foi inaudível. Do que estavam falando? Se ela pudesse ao menos ver os rostos... O criado passou por ela, carregando seu baú, e ela saiu do caminho. Quando olhou para cima, não encontrou Nathaniel. Virou-se de um lado para o outro correndo e o encontrou dando passos rápidos na direção da carruagem, a capa esmeralda esvoaçando a seus pés.

— Nathaniel! — chamou, quando ele começou a entrar na carruagem.

Ele estremeceu ao ouvir e inclinou a cabeça, esperando.

— Você ia embora sem se despedir — disse ela.

— Adeus, Scrivener — respondeu, imediatamente, sem olhar para ela. — Foi um enorme prazer, exceto por aquela mordida que você me deu. Tente não derrubar nenhuma das estantes do Chanceler.

Elisabeth sentiu um incômodo estranho no peito, como pergaminho fino sendo rasgado, só

um pouquinho. Talvez nunca mais visse Nathaniel. Ainda não o entendia, mas eles tinham lutado juntos na noite anterior — salvado vidas juntos —, e isso certamente tinha seu valor. Certamente merecia que ele quisesse apertar a mão dela, ou pelo menos olhá-la de frente antes de partir.

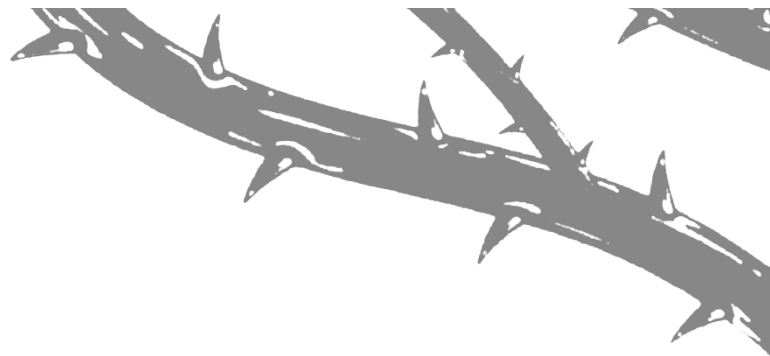
Ela queria ter algo melhor a dizer. Sem conseguir pensar em nada, só se despediu.

— Adeus.

Nathaniel hesitou por um longo instante. Silas, no assento do cocheiro, olhou de Nathaniel para Elisabeth, como se pudesse ver algo entre eles que ela não via. Finalmente, Nathaniel assentiu com a cabeça, em um gesto formal, entrou e fechou a porta. Silas puxou as rédeas. A carruagem começou a se mover.

“É isso”, pensou.

Elisabeth viu a carruagem diminuir ao se afastar pela rua, o sol refletido no teto envernizado, sentindo um vazio que não sabia explicar.



DOZE

— Srta. Scrivener?

Elisabeth olhou, assustada. Ashcroft estava ao seu lado, a carruagem de Nathaniel perdida de vista. Ela teve a impressão de que o Chanceler já estava falando com ela fazia algum tempo, mas ela não ouvira nada. Gaguejou um pedido de desculpas, seguido por uma série de agradecimentos desajeitados por tudo que ele dissera no discurso, mas nada fez sentido, nem para ela mesma.

A expressão dele se tornou mais suave.

— Não se preocupe com nada disso. Por que não entra?

Ela o seguiu para dentro da mansão e arregalou os olhos, maravilhada. Todos os lustres estavam acesos, encharcando de brilho o mármore polido e os detalhes de estuque dourado. Espelhos em molduras de ouro elaboradas refletiam a luz por todos os ângulos. Criados de uniforme dourado igual corriam de um lado para o outro, parando só para cumprimentá-los com uma reverência.

— Você ficará em segurança aqui — disse Ashcroft. — O terreno é extremamente protegido; faz centenas de anos que um intruso não entra na propriedade. Na verdade, no século XVII, a Mansão Ashcroft expulsou até um exército.

Com o cabelo loiro e os traços charmosos destacados pelo esplendor da mansão, o Chanceler parecia um herói das páginas de um livro. Vergonha vestiu Elisabeth como tule, leve e desconhecida. Desta vez, precisou criar coragem para falar.

— Senhor, o que Nathaniel deixou de me dizer?

— Ah. Vejo que nos ouviu — disse o Chanceler, com um sorriso brincalhão. — Bem, ele insistiu em escoltá-la de Summershall. Pelo que soube, você causou uma impressão e tanto nele na primavera passada! Ele estava inteiramente convencido de sua inocência. Nathaniel raramente acredita na bondade alheia, então não tive nem coragem de negar o pedido.

Surpresa a calou. Ela olhou para a janela como reflexo, mas a carruagem tinha partido há tempos. Nathaniel estava preocupado com ela? Parecia impossível. Ele certamente não tinha dado nenhum sinal. Ou tinha?

— Ah, sr. Hob! — chamou Ashcroft, ao ver um mordomo passar. — Vejo que subiu com os pertences da srta. Scrivener. Pode levá-la ao quarto?

Ele se voltou para Elisabeth e continuou:

— Srta. Scrivener, o dever me chama, infelizmente. No entanto, gostaria de conversar sobre o incidente de Summershall amanhã. Se tiver qualquer informação a me dar, qualquer coisa que acredite que possa ter motivado o sabotador a atacá-la ontem à noite, nossa investigação ficaria imensamente grata pela ajuda.

Ela assentiu e hesitou no caminho para as escadas, seguindo o mordomo. Ela tinha informação a dar; era a única pessoa a saber que a sabotagem fora cometida por um feiticeiro. Por que não contar agora em vez de esperar até o dia seguinte? Levaria só um instante. Ela parou no primeiro degrau, se sentindo minúscula em meio à vastidão de mármore branco e corrimão de ouro.

— Senhor?

Ashcroft se virou, o olho de rubi refletindo a luz dos lustres. Ele não parecia incomodado, só curioso e educado, mas ela hesitou. Talvez não fosse a melhor hora, afinal... não enquanto o mordomo e os outros criados estivessem ouvindo.

— Onde está seu criado demoníaco? — perguntou, no fim.

Ashcroft pareceu um pouco surpreso.

— Eu a mantenho escondida durante o dia, pois demônios incomodam minha esposa, Victoria. É melhor assim. Lorelei sempre me serviu com lealdade, mas nunca devemos nos permitir intimidade com essas criaturas. Melhor não esquecer que só nos obedecem pois são obrigadas. Feiticeiros já pagaram muito caro por esse tipo de erro.

— Feiticeiros como o pai de Nathaniel — sugeriu, hesitante.

— Ah... é — respondeu Ashcroft, fechando a cara. — Não sei a história direito. Só que certos... — se interrompeu e sacudiu a cabeça. — Alistair era um homem bom. No final, não era mais ele mesmo. Não quero falar mal de quem nos deixou.

Ela não conseguia nem começar a imaginar o vínculo entre Nathaniel e Silas — como Nathaniel podia tratá-lo de forma tão amigável, não só sabendo o que ele era, mas o que ele tinha feito. Mesmo assim... Silas parecia nunca ter ferido o jovem mestre Thorn. Por que Silas não aproveitara a oportunidade de feri-lo aos doze anos, vulnerável e apavorado?

Ela franziu a testa, afastando esses pensamentos. Não desperdiçaria tempo nenhum pensando em Nathaniel. Não era da conta dela se ele quisesse arriscar a vida e confiar em demônios.

— Seu quarto, senhorita — disse o mordomo, parando em frente a uma porta.

A voz dele era empolada, como se tivesse dificuldade para falar. Ela o olhou, surpresa, e sentiu um certo desconforto. Era um homem enorme, de constituição forte, e muito mais alto do que Elisabeth, até, o que o tornava a pessoa mais alta que ela já vira. O terno lhe caía mal e o

olhar naquele rosto ceroso era estranhamente desfocado.

Uma criada corada correu até eles, parecendo agitada. Fios bagunçados de cabelo marrom sem brilho tinham escapado do coque.

— Ah, minha nossa, é a srta. Scrivener, não é? Venha, venha... Meu nome é Hannah, querida, e vou cuidar de você enquanto estiver hospedada aqui na propriedade. Obrigada, sr. Hob.

O sr. Hob acenou com a cabeça e se afastou, mancando.

— Não se preocupe com o velho sr. Hob — sussurrou Hannah, notando o olhar de Elisabeth. — Ele teve um acesso anos atrás que o fez perder muito da fala, mas o sr. Ashcroft ainda o contratou, mesmo que ninguém mais quisesse fazê-lo. Foi uma escolha muito decente e o sr. Hob é inofensivo como uma mosquinha, apesar de assustar um pouco quem não está habituado.

O rosto de Elisabeth ardeu de constrangimento. Ela se decidiu a não encarar o mordomo de novo, nem sentir medo dele. Obediente, seguiu Hannah e entrou no quarto.

A princípio, não conseguiu conceber estar em um quarto de dormir. Parecia ter entrado em uma escultura de gelo. Tudo era pintado, estofado ou bordado em tons delicados de branco e prata. Um lustre pendia do teto, refletido no espelho da penteadeira. A mobília era entalhada em floreios e arabescos que lembravam Elisabeth dos padrões formados pelo gelo nas janelas nos meses mais frios de Austermeer; os puxadores eram feitos de cristal maciço. Ainda mais impressionante, um vestido safira estava estendido na cama, à espera dela. Em meio às cores inverniais, o azul profundo e acetinado se destacava como uma joia na neve.

— Houve um engano — disse ela.

Cuidadosamente, maravilhada, tocou a penteadeira, temendo que sumisse como a ilusão de um castelo encantado. Em seguida, olhou de soslaio para o vestido, sentindo que também poderia desaparecer se ela o encarasse de frente.

— Este vestido não me pertence — continuou. — Nunca vesti nada tão elegante.

— Nada disso. O sr. Ashcroft receberá visitas à noite e espera-se que você esteja apresentável. Só agradeça por termos encontrado alguma coisa perto do seu tamanho, senhorita. Hoje de manhã foi uma bagunça, nem imagina. Felizmente a sobrinha de Lady Victoria viajou para fora e também é uma moça alta à beça. Podemos pegar algumas peças do guarda-roupa dela e ajustá-las de última hora.

A atenção de Elisabeth se prendera a uma palavra específica.

— Visitas? — perguntou.

— Não é de esperar que um homem tão importante passe toda noite à toa. Vários membros do Parlamento, e suas esposas, vêm para jantar.

Ela sentiu o coração acelerar.

— São feiticeiros?

Hannah fez uma cara de confusão.

— Não, querida. Os convidados do sr. Ashcroft são do *Parlamento*, não da Cátedra... que bom, honestamente. Não consigo aguentar todos aqueles demônios. Sei que são necessários,

mas que criaturas anormais.

Hannah estremeceu e não viu Elisabeth relaxar.

— Agora, vamos tirar esse vestido gasto... — continuou. — Olha esse arranhão no ombro, coitadinha...

Uma eternidade depois, Elisabeth tinha sido arrumada até a morte. A pele estava sensível de tanto que Hannah a esfregou e o banho quente e longo na banheira de pé deixara seus dedos enrugados como damasco seco. O couro cabeludo oscilava entre arder e latejar devido à tortura a que Hannah o sujeitou com um pente. Estranhamente, ela cheirava de leve a gardênia.

Montes de seda safira farfalharam ao seu redor quando Hannah abotoou o vestido. Era lindo, mas tinha tecido demais; Elisabeth se sentiu nadar num mar miniatura. Hannah começou a amarrar o corpete nas costas e Elisabeth ofegou.

— Não consigo respirar — disse, puxando o vestido no peito.

Hannah pegou suas mãos com firmeza e as afastou.

— É a moda, senhorita.

A ideia de que asfixia estava na moda apavorou Elisabeth.

— E se eu precisar correr? Ou lutar?

— Na casa do senhor? — disse Hannah, chocada. — Sei que você viveu coisas horríveis recentemente, querida, mas é melhor ser discreta sobre esses assuntos. Não é o pensamento adequado de uma jovem moça. Ah, olha só!

Ela girou Elisabeth na direção do espelho. Elisabeth observou a garota refletida, mal se reconhecendo. O cabelo castanho cascadeava sobre os ombros em ondas sedosas e macias, e ela estava mais limpa do que já estivera na vida. Os olhos azuis contrastavam vividamente com o rosto esfregado até ficar cor-de-rosa. Apesar de nunca ter tido curvas das quais se gabar, o vestido safira tornava sua silhueta orgulhosa e escultural. “Que nem a Diretora”, pensou, sentindo um nó na garganta. Até a cor do vestido lembrava o uniforme de guardiã. Ela não entendia o que era inadequado em falar de lutar — especialmente com aquela aparência.

— Que linda — suspirou Hannah. — O azul destaca seus olhos, né?

Elisabeth acariciou o tecido do vestido, impressionada.

— Já está em boa hora de descer para o jantar. Não se preocupe, eu te acompanharei. É incrivelmente fácil se perder nesta casa... ah, querida, não caia! É só levantar um pouco o vestido se precisar...

O entardecer pintava o jardim de índigo e violeta, mas por dentro a mansão continuava clara como o dia. Perfume soprava os corredores, misturado à fragrância dos lírios dispostos em arranjos por todas as mesas. Quando Hannah encaminhou Elisabeth à sala de jantar, o brilho chegou a cegá-la. Luz cintilava por todos os lados: nos talheres de prata, nas joias estremeando como gotas de chuva enormes nas orelhas das damas, nas bordas de taças de champanhe dos convidados que se viravam para ver a recém-chegada.

Ashcroft estava mergulhado em conversa do outro lado da sala, mas uma mulher bonita e de aparência frágil correu para se apresentar a Elisabeth como a esposa de Ashcroft, Victoria.

Os cachos castanho-avermelhados estavam presos no alto da cabeça em um penteado elaborado e ela tinha a mania de tocar o colar de pérolas em gestos ansiosos, como se quisesse confirmar que ainda o vestia. Os movimentos leves e nervosos e o vestido de prata reluzente lembravam Elisabeth da pomba que fizera ninho na cantaria na altura do quarto dela e de Katrien certa primavera, que arrulhava ansiosa sempre que elas punham a cabeça para fora.

— Oberon infelizmente não pode se afastar do Lorde e da Lady Ingram agora — disse ela, com um sorriso caloroso. — Que tal eu te mostrar o lugar e te apresentar a algumas pessoas antes de nos sentarmos? Está todo mundo tão empolgado para te ver. Leram tudo nos jornais.

Elisabeth passou os vários minutos seguintes sendo exibida pela sala, aprendendo os nomes de várias pessoas importantes e tentando cumprimentá-las com reverências, com resultados variados. Finalmente ela desistiu e explicou que não aprendera técnicas de reverência nas aulas da Grande Biblioteca, uma declaração que, por algum motivo, foi recebida com gargalhadas. Ela sorriu, entendendo que achavam que ela estava brincando.

Pouco depois, Ashcroft bateu na taça com um garfo. Fez-se silêncio quando ele se encaminhou à cabeceira da mesa e um criado pôs uma taça de champanhe na mão de Elisabeth. Ela ouviu, atenta, ao discurso do Chanceler sobre progresso, comparando os avanços de carvão, vapor e gás natural com magia.

— Como a magia, tecnologia assusta aqueles para os quais seus funcionamentos internos continuam misteriosos — disse ele —, mas, para avançar, a humanidade deve receber a mudança com braços abertos. Sempre acreditei que nós, feiticeiros, nos prejudicamos ao viver separados do povo comum, conduzindo nossos assuntos em segredo. Considero que meu objetivo, como Chanceler, é tirar a feitiçaria da escuridão e trazê-la para a luz.

Sons de espanto ecoaram pela sala quando uma luz dourada encheu o ar, muito mais clara do que as velas. Os buquês de lírios nas mesas tinham sido acesos, cada estame delicado queimando incandescente, banhando o rosto dos convidados em luz etérea e bruxuleante.

Em meio ao aplauso, Ashcroft concluiu:

— Ao progresso! — brindou, erguendo a taça.

Elisabeth copiou os outros convidados e bebeu um gole hesitante. O gosto era mais amargo do que esperava, mas as bolhas fervilharam na garganta e acenderam a brasa no estômago. Ela sorriu e aplaudiu, arrastada pela maré iluminada de alegria que durou o jantar inteiro. Criados entraram com bandejas de sopa verde cheirosa e peixe branco imerso em molho de ervas, seguidos de travessas de faisão assado e carne de veado em leito de aspargo. Ela nunca comera nada tão sublime. Limpou o segundo prato e estava prestes a repetir de novo — “De fato, você é muito alta, querida”, disse Lady Ingram, generosa — quando alguém mencionou o nome de Nathaniel perto da cabeceira. Elisabeth parou de mastigar.

— Ele deve considerar casamento logo, claro, pelo bem de Austermeer — proclamava um político, a voz retumbante enfática e um pouco arrastada pela bebida. — Certo, certo, só tem dezoito anos... mas Sua Majestade, a Rainha, está apreensiva. E se ocorrer outra guerra e não tivermos Thorn para paralisar os inimigos de medo?

Ele bateu na mesa com o punho, sacudindo os talheres.

— Lorde Kicklighter, estamos longe de perigo de guerra — interveio outra voz.

O bigode de Lorde Kicklighter tremeu, indignado.

— Qualquer nação está à beira da guerra! Se não agora, daqui a cinquenta anos! Se o catedrático Thorn não produzir um herdeiro, o que faremos? Não temos população suficiente para nos defender de Founderland.

Elisabeth franziu a testa e se voltou para Lady Ingram.

— Aquele homem fala de Nathaniel como se fosse um touro.

Lady Ingram fungou.

— Homens como o catedrático Thorn têm a responsabilidade de se casar, especialmente agora que ele não tem mais parentes vivos — respondeu. — O grimório de necromancia de Baltasar Thorn só abrirá para membros de sua linhagem, o que significa que atualmente Nathaniel é o único capaz de lê-lo. A completa falta de interesse que ele demonstrou pela corte preocupa a todos os membros do governo.

— É desagradável, na minha opinião — resmungou outro homem. — Recorrer a hordas de mortos-vivos em vez de bons homens austermeerianos...

— ...é um *último* recurso, entende, e mantém a paz desde a Guerra dos Ossos...

— Mas e o que aconteceu com o coitado do Alistair? Certamente o destino dele é sinal de que a necromancia é uma mera relíquia da idade média, não uma arma da era moderna.

Cochichos scandalizados se espalharam em reação a tal pronunciamento.

— Que tragédia, a perda do irmão mais novo — suspirou uma mulher, do outro lado da mesa. — Nem sabemos se o catedrático Thorn se *interessa* por moças. Ele nunca dançou com nenhuma no Baile Real. Se Maximilian estivesse vivo, ao menos haveria menos preocupação com a continuidade da família.

Elisabeth rangeu os dentes e tentou:

— Mas...

Outra mulher, Lady Childress, estava atenta a Elisabeth já há algum tempo.

— Você o chama pelo primeiro nome, querida — interrompeu. — Que familiaridade.

De uma vez, todas as cabeças se voltaram na direção de Elisabeth.

Ela nunca se sentira constrangida pela altura, mas naquele instante desejou ser mais baixa para não estar à vista de todos os convidados sentados de uma ponta à outra da mesa. Ela não sabia o que devia dizer. Não sabia que havia regras contra se referir a alguém da mesma idade pelo primeiro nome. Na verdade, achava que Nathaniel a chamava de “Scrivener” por não gostar dela. Reparou, sentindo o estômago embrulhar, que todos a achariam idiota se pronunciasse essas constatações.

— Ele se interessa por moças, afinal, srta. Scrivener? — insistiu Lady Childress.

— Não sei — respondeu Elisabeth, irritada. — Ele não me disse. Suspeito que signifique que não é da minha conta.

A chegada da sobremesa permitiu que todos fingissem não ter ouvido o comentário de Eli-

sabeth. Ela franziu a testa ao aceitar um prato cheio de bolinhos de ameixa. O ar cínico de Nathaniel começava a fazer mais sentido. Ela não queria nem imaginar como seria ter todos os detalhes particulares da vida sob observação constante, saber que cada lado de sua existência era alvo de fofoca nos jantares de Austermeer.

Ela ficou grata quando Ashcroft mudou o assunto da conversa para discutir energia a vapor, que ela não entendia, mas achou profundamente fascinante. Quando o bom humor voltou, ela limpou mais um prato de pudim e dois bolinhos de ameixa. Antes que se desse conta, estava todo mundo indo embora, cambaleando e emanando o cheiro de álcool enquanto os criados ajudavam a vestir os casacos. Elisabeth também bebera duas taças de champanhe e a mansão era banhada por uma camada cintilante, como se purpurina adornasse as janelas e os lustres.

Ela seguiu os convidados à entrada, mas ninguém mais prestava atenção. Ashcroft estava lá fora, tentando soltar a mão do cumprimento entusiasmado de Lorde Kicklighter, e Victoria estava profundamente envolvida em conversa com Lady Childress. Hannah deveria ir buscá-la, mas não estava por perto. Um relógio indicou que já era quase uma e meia da manhã. Depois de esperar alguns minutos, Elisabeth vislumbrou a touca embaraçada de Hannah descendo um corredor. Ela correu atrás, certa de que se perderia se tentasse voltar sozinha.

Hannah estava consideravelmente adiantada e Elisabeth logo descobriu que não conseguia correr no chão encerado enquanto vestisse sapatilhas de cetim. Depois de algumas voltas, perdeu a referência de vista e se encontrou perdida em um corredor desconhecido. A enormidade da mansão a cercou no mundo cintilante de mármore, vidro e espelho. Com a champanhe acesa no estômago como uma supernova, sentia-se mergulhada em sonho.

Ela parou para examinar uma arandela decorada em filigranas da qual pingava cera de vela e, então, para acariciar os traços de um busto de mármore. O sujeito da estátua era jovem e bonito e ela se pegou imaginando o que Nathaniel estaria fazendo naquele instante. Será que estava sozinho no mausoléu infeliz que lhe servia de lar, incapaz de dormir, acompanhado somente por um demônio? Talvez ela o visse de novo um dia, quando fosse guardiã. Se o fizesse, no entanto, não poderiam conversar sobre aquela vez em que tinham derrotado capetas, ou a noite em que viram um espírito do musgo em Blackwald. Trocariam palavras burocráticas e ela o escoltaria a uma sala de leitura, como desconhecidos.

Um ar de música chegou a seus ouvidos e ela afastou a mão do busto de uma vez. Ali por perto, alguém cantava. O som se desenrolava pelos corredores como um fio de prata, lindo de doer, uma melodia estranha, sem palavras. Um gancho se agarrou ao coração de Elisabeth, parecendo expressar precisamente a emoção de desejo inarticulado que a tomara. Incapaz de resistir à isca, seguiu em busca da fonte, passando por salinhas, um salão, um conservatório transbordando de palmeiras e orquídeas.

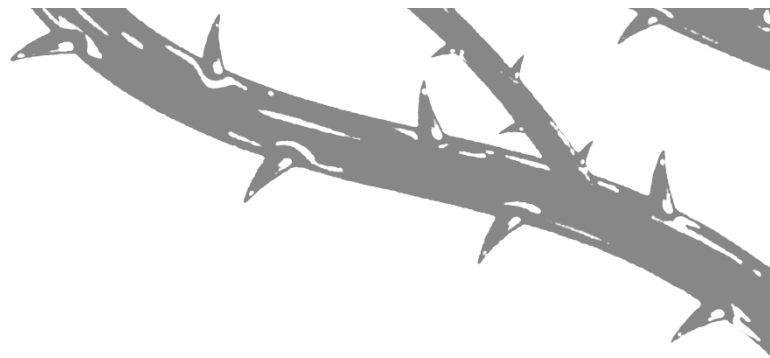
Finalmente, entrou em uma sala de música. Uma mulher elegante estava de pé, ao lado de um forte-piano, o rosto na sombra, mexendo num lírio com os dedos compridos e enluvados de renda. Elisabeth não a vira no jantar. Lembraria se a tivesse visto. Uma cascata de cabelo preto e sedoso descia até a cintura da mulher, que usava um vestido preto espetacular, contra o

qual a pele pálida e perfeita parecia branca como cera de vela. Ela parou de cantar quando Elisabeth entrou; os dedos pararam, deixando o lírio cair ao tapete, esquecido.

— Olá, meu bem — disse a voz musical, se aproximando da luz. — Estava me perguntando quanto você demoraria para me encontrar.

A resposta de Elisabeth morreu em seus lábios quando a boca escarlata e sorridente da mulher foi acompanhada de olhos escarlates e sérios.

Não era uma mulher. Era um demônio.



TREZE

— Que charme, você.

O demônio se aproximou e apoiou os punhos nos ombros de Elisabeth, o vermelho dos olhos brilhando à luz de velas. A beleza inumana era ao mesmo tempo atraente e repulsiva, como uma escultura de gelo.

— Mas não é difícil mortais serem um charme — continuou. — Vocês são todos tão delicados, suaves, frágeis, fofos, que nem gatinhos. Vem comigo?

Uma sensação conhecida de calma atordoante tomou Elisabeth. Ela sentiu os olhos fecharem, repentinamente pesados, e caiu no abraço frio do demônio. Apesar de ter perdido o controle do corpo, seus pensamentos continuavam lúcidos. O desejo de ceder e confiar não a dominou como antes. Por algum motivo, a influência do demônio não funcionava como esperado.

O que Silas tinha dito? Ela resistia. Talvez estivesse resistindo.

O demônio não pareceu notar nada de estranho. Ela sorriu e afastou uma mecha de cabelo do rosto de Elisabeth, como se fosse uma boneca. Finalmente, segurou a mão de Elisabeth com a própria, fria como a morte sob a renda áspera da luva.

— Que menina doce você é — disse ela, levando-a de volta ao corredor.

Elisabeth viu vislumbres do reflexo nos espelhos que passavam: rastros de seda safira e ondas castanhas, o rosto vazio como o de um manequim, andando ao lado do demônio. O pânico estava abafado e distante, um invasor batendo à porta nos cantos mais profundos da mente. Estranhamente, ela se sentiu grata, pois a falta de medo a permitia pensar. Supunha que fosse a criada demoníaca de Ashcroft, Lorelei. A cor dos olhos do demônio era idêntica à do olho vermelho do Chanceler. O que ela queria? Aonde estavam indo?

Elas penetraram mais a fundo na mansão, de mãos dadas. Lorelei a guiou por um salão, onde Hannah lustrava a prataria, com uma expressão sonhadora, enquanto cantarolava — partes

da mesma música que Lorelei cantara logo antes, um pouco desafinada. Ela nem olhou.

Várias voltas depois, chegaram a uma porta de carvalho polido. O chão de madeira refletia a luz da lareira pela fresta. Lorelei entrou sem bater, revelando o escritório do qual Ashcroft saíra mais cedo, quando aparecera do nada na frente de todos.

O fogo crepitava na lareira de um lado da sala. Do outro, uma enorme janela arqueada dava para um oceano escuro de árvores, após as quais se estendiam as luzes acesas da cidade. Ashcroft estava sentado à mesa, em frente à porta. Não só sentado, como encarando um grimório, mãos apoiadas de cada lado, agarrando a beira da mesa com força. Seu olhar estava desfocado, os braços tremendo de tensão. O ar pesava de pressão ameaçadora. O grimório flutuava acima da mesa, páginas se movendo sem peso, como se suspensas na água. Os outros grimórios nas estantes que forravam as paredes sussurravam e farfalhavam, inquietos.

Lorelei largou Elisabeth no divã. Assim que tocou a almofada, seu corpo se soltou. Uma perna escorregou, pendurada num ângulo esquisito, mas ela não tinha forças para movê-la. Era como uma marionete de cordas arrebitadas.

— Senhor — disse Lorelei.

Ashcroft ofegou de repente, emergindo do transe. Ele as encarou com um olhar perdido, franzindo a testa. Finalmente piscou, voltando a si. Desabotoou a capa e a jogou sobre o grimório para escondê-lo de vista. Elisabeth sentiu os ouvidos estourarem quando a pressão do escritório voltou ao normal.

— O que foi? Aconteceu alguma coisa com a srta. Scrivener?

Ele atravessou a sala em passos rápidos e tomou o punho de Elisabeth, pressionando o polegar para medir o pulso. Em seguida, franziu o rosto para Lorelei, perplexo.

— Você a encantou — acusou. — Minhas ordens...

— Foram de não feri-la. Acho que precisamos conversar, senhor.

— Não se chateie — disse Ashcroft. — Tudo funcionou perfeitamente.

— Você devia ter dito o que estava planejando! — sibilou Lorelei. — Convidou todos aqueles humanos para assistir! Aqueles repórteres!

— Querida, você sabe como prefiro conduzir meus afazeres. Quanto mais público for meu trabalho, menos dou margem para especulação.

Lorelei andou até a janela e fechou as cortinas.

— Não são só os repórteres. Você envolveu aquele feiticeiro, Thorn. Não gosto disso. O criado dele tem uma certa reputação.

— Todos temos.

— Você não entende. Cresci ouvindo histórias sobre Silas no Outromundo. Consegue imaginar o que é necessário para um ser se tornar notório no *nosso* mundo?

Ela se abraçou e acariciou a própria pele nua. Continuava de pé em frente às cortinas fechadas, como se ainda assim fosse capaz de enxergar a noite da cidade.

— Você não deveria chamar a atenção de alguém assim — concluiu.

— Ele pode ser temível, mas não é onisciente. Garanti que nossos ajudantes ficariam escondidos.

didos.

Lorelei não respondeu. Ashcroft andou até o armário do escritório e encheu um copo da bebida contida em um decantador de cristal. Ele se sentou na poltrona em frente a Elisabeth e balançou o copo, pensativo. Estudou seu rosto por um momento e deu um gole.

Elisabeth sabia que não devia estar ouvindo nada disso, apagada e maleável no divã. Eles falavam como se ela nem estivesse na sala. Ela começava a notar que alguma coisa estava horrivelmente errada.

Ashcroft se inclinou para trás e cruzou um tornozelo sobre o joelho oposto, o copo pendendo da mão.

— Melhor Nathaniel do que outro catedrático — respondeu, finalmente. — Se a garota viu o que não devia, não imagina que outro feiticeiro poderia ter se livrado das provas dela muito antes de chegar a Brassbridge? Mas Nathaniel... Eu sabia que ele não a feriria. Devo dizer, fiquei bem aliviado quando ele ofereceu uma solução a esse desafio específico — pausou para tomar um gole. — Senão eu precisaria recorrer a medidas mais drásticas. E você sabe como odeio sujar as mãos.

Elisabeth sentiu os pensamentos se agitarem em um turbilhão nauseante. Os instintos gritavam para ela correr, lutar, mas não conseguia nem estremecer o mindinho.

— Você devia ter mandado mais capetas, senhor. Devia ter acabado com isso em vez de estender a situação. Agora não pode matá-la. Há humanos demais envolvidos.

— A intenção nunca foi matá-la — disse Ashcroft. — Eu simplesmente precisava de uma desculpa para trazê-la para cá. Mal começamos, Lorelei. Qualquer que tenha sido o erro cometido em Summershall, não posso correr o risco de repeti-lo. Nenhuma outra testemunha pode sobreviver.

— Então o que vamos fazer com *ela*? — cuspiu Lorelei.

— Quem disse que ela é testemunha? Talvez não tenha visto nada.

— Mesmo que seja verdade, ela se provará um risco.

Ashcroft se levantou.

— Eu sei como lidar com ela. Deite-a no chão, por favor, Lorelei. Como se ela tivesse caído. Seja convincente, nos deixe e busque Hannah.

As mãos frias do demônio se curvaram sob as axilas de Elisabeth.

— Você é desesperador, senhor — murmurou.

— Ah, mas é exatamente por isso que minha vida é tão gostosa para vocês, demônios.

Ele ergueu o copo de cristal, refletindo prismas no belo rosto, e piscou.

— Quanto mais ousado e esplendoroso o espírito, mais delicioso o sabor — declarou.

O rosto de Elisabeth foi esfregado no tapete de lã. Agora só enxergava um pedaço de fibras cruzadas, banhadas pelo brilho vermelho da lareira. Pensamentos circulavam na cabeça como urubus, violentos e inescapáveis, enquanto Lorelei arranjava seus membros inertes: Ashcroft era o sabotador. Ele matara a Diretora. Ele mandara os capetas. Ele era responsável por tudo. Nada parecia real — nem o tapete áspero contra a bochecha, nem o calor da lareira encharcando seu

vestido. Dentro dela, fez-se gelo. Mais cedo, ela tinha estado a segundos de decidir seu destino, prestes a contar o que sabia a Ashcroft.

Os passos de Lorelei se afastaram. Um instante depois, um toque gentil queimou o ombro de Elisabeth. Ela estremeceu — um tremor de verdade, uma reação física. O encantamento estava passando.

— Srta. Scrivener? — perguntou Ashcroft, suave. — Srta. Scrivener, consegue me ouvir?

Tudo que ela queria era pular de pé, se defender, gritar até acordar a casa inteira, mas sua única esperança de sobreviver era se fingir de desentendida. Ela se levantou aos poucos, apoiada nos cotovelos, o cabelo caindo ao redor do rosto como uma cortina. A ardência amarga do champanhe subiu pela garganta, o estômago revirado.

— Você se lembra de alguma coisa? Está machucada? Permita que eu a ajude.

— Eu não...

Elisabeth sacudiu a cabeça, mantendo o rosto abaixado quando Ashcroft ajudou-a a ficar de pé. Ela tropeçou em uma dobra do tapete.

— Cuidado, cuidado. Você caiu feio. Hannah — chamou ele, quando a porta se abriu —, pode levar a srta. Scrivener de volta ao quarto? Ela parece ter se acidentado.

— Ah, srta. Scrivener! — exclamou Hannah.

Uma conversa agitada se seguia, mas Elisabeth mal escutou, a cabeça atordoada e latejando de pavor. Ashcroft nunca esperara que os capetas a matassem. Ele queria que ela e Nathaniel os afastassem para que o acontecimento chegasse ao jornal. Ele organizara tudo para ter uma desculpa para abandonar o interrogatório da Cátedra e levar Elisabeth até ali, à mansão, como hóspede.

Como prisioneira.

— Sim — diz Ashcroft —, ela entrou no escritório e simplesmente caiu... não faço ideia de por que ela estava vagando pela mansão...

— Ah, senhor, sinto muito! Temo que seja minha culpa! Eu a procurei por todo lado...

— Por favor, não se culpe — disse Ashcroft, bondoso. — Chamarei o médico assim que amanhecer. Fique tranquila, pois a srta. Scrivener receberá os melhores cuidados.

• • •

No dia seguinte, Elisabeth encarou o detalhe prateado da parede do quarto, sentada enquanto o médico pressionava o estetoscópio em seu peito. Ela passara os últimos vinte minutos inspirando e expirando de acordo com as instruções, permitindo que ele analisasse sua boca, seus olhos e seus ouvidos, e se mantendo imóvel enquanto ele cutucava as axilas e o pescoço, murmurando frases indistintas sobre glândulas.

Enquanto esperava, ela se agarrou com firmeza à esperança. Ashcroft não sabia que ela tinha ouvido tudo na noite anterior. Ela só precisava de um momento sozinha com o médico para explicar a situação e pedir ajuda. O problema era que Hannah, que passara a manhã preocupada, se recusava a se afastar. Estava sentada na poltrona branca felpuda ao lado da cama, reme-

xendo as mãos. O sr. Hob, de pé perto da porta, esperava para levar o médico de volta.

Elisabeth não podia confiar em ninguém além do médico. Se Hannah servisse como exemplo, os criados valorizavam muito o empregador. Na melhor das hipóteses, ela não acreditaria em Elisabeth; na pior, contaria imediatamente para Ashcroft. Se o fizesse, Elisabeth estaria perdida.

— Hmmm — disse o médico, removendo o estetoscópio de marfim.

Ele rabiscou no bloquinho, franzindo a testa.

Ela não se surpreenderia se os batimentos cardíacos estivessem anormais. Mal conseguia ficar sentada, nem tinha conseguido dormir. O reflexo no espelho da penteadeira revelava que estava pálida como um fantasma, com olheiras enormes.

— E você disse que foi criada numa biblioteca — continuou o médico. — Interessante. Você lê muitos livros, srta. Scrivener? Romances?

— Leio, claro. Sempre que posso. Não é o caso de todo mundo?

— Hmmm. Como imaginei — murmurou o médico, fazendo mais uma anotação. — Leitura excessiva de romances, combinada com a emoção dos últimos dias...

Ela não entendeu a relevância de nada disso.

— Posso falar sozinha com o senhor? — perguntou.

— Claro, srta. Scrivener — respondeu ele, em um tom indulgente e tranquilo que a irritou, mas pelo menos dispensou Hannah e o sr. Hob do quarto. — Sobre o que gostaria de conversar?

Elisabeth inspirou fundo, esperando a porta bater. Em seguida, entrou imediatamente na explicação, correndo pelos detalhes da combustão etérea em Summershall, do atentado à sua vida duas noites antes e do que tinha visto no escritório de Ashcroft. Falou em um cochicho insistente, ciente de que Hannah podia tentar escutar do outro lado da porta.

— Portanto, entende, o senhor precisa notificar alguém imediatamente — concluiu. — Alguém que não esteja envolvido com a Cátedra, para o caso de outros feiticeiros serem fiéis ao Chanceler. Pode ser alguém do Colégio, ou até a Rainha.

O médico tomara notas atentamente o tempo todo.

— Entendo — disse ele, com um último floreio. — Há quanto tempo você acredita que o Chanceler é o responsável?

— Eu não *acredito* que ele é o responsável. Eu sei — insistiu Elisabeth, se empertigando. — O que está escrevendo?

Entre os rabiscos do médico, ela identificou a palavra “delírios”.

Ele fechou o caderno de uma vez.

— Sei que tudo isso pode ser muito assustador, mas tente não se agitar. Emoções intensas só piorarão a inflamação.

Ela o encarou.

— A... o quê?

— A inflamação no seu cérebro, srta. Scrivener — explicou ele, pacientemente. — É muito

comum entre mulheres que leem romances.

Antes que Elisabeth conseguisse pensar no que responder a uma declaração tão estapafúrdia, ele chamou Hannah, que estava tensa de preocupação.

— Por favor, diga ao Chanceler que receitei um período de repouso absoluto para a paciente — disse a ela. — É nitidamente um caso de histeria. A srta. Scrivener deve se exaurir o mínimo possível. Quando diminuir o inchaço no cérebro, a mente dela deve voltar ao normal.

— *Deve* voltar? — se chocou Hannah.

— Sinto dizer que às vezes há casos crônicos, até incuráveis. Pelo que entendi ela é uma órfã, hospedada aqui sob a tutela do chanceler Ashcroft? Permita-me escrever uma recomendação para o Hospital Leadgate. Sou muito próximo do médico principal. Se a srta. Scrivener não se recuperar, o Chanceler só precisará mandar uma carta...

O sangue de Elisabeth fervia de ódio. Ela tinha ouvido o suficiente. O médico era igual ao guardião Finch, igual a Ashcroft: um homem que se acreditava capaz de fazer o que quisesse com ela só por estar em uma posição de poder. Ele estava errado.

Quando ele se levantou, ela segurou seu braço com tanta força que o impediu de andar. Ele tentou se soltar em vão e pareceu vê-la pela primeira vez, boquiaberto e sem palavras, como um peixe assustado. Ela o puxou para mais perto. Sem conseguir competir com a força dela, ele tropeçou e quase caiu de cara na cama.

— Escute bem — disse ela, em um murmúrio baixo e insistente, para que Hannah não ouvisse. — Eu não cresci numa biblioteca qualquer. Eu cresci numa Grande Biblioteca. Você pode desprezar livros, mas nunca viu um livro de verdade na vida, e foi sorte sua, pois não sobreviveria a um segundo sozinho na presença de um — continuou, apertando com mais força até que ele ofegasse. — Você precisa ir ao Colégio imediatamente. O Chanceler disse que é só o começo. Qualquer que seja o plano, mais gente vai morrer. Você entendeu? Você precisa... precisa...

O médico estava lívido.

— Srta. Scrivener? — perguntou.

Elisabeth o soltou e apontou para o espelho. Mais precisamente, para o reflexo do sr. Hob — pois, apesar do mordomo estar no corredor, o espelho o mostrava logo no canto, à espera. Só que ele não era mais um mordomo, nem mesmo um homem.

— Olhe — sussurrou.

O terno do sr. Hob era a única coisa igual. Agora vestia uma silhueta magricela, corcunda e inumana. A pele tinha um tom doentio de lilás, parecendo grotescamente derretida, bolhas de carne pendendo das bochechas e do queixo como gotas de gordura. As orelhas eram pontudas; havia garras nas mãos roxas. Pior ainda eram os olhos, absurdamente grandes, redondos e pálidos, como pires. Cintilavam na sombra do corredor, duas luas lustrosas a encarando de volta.

Olhando incerta entre Elisabeth e o médico, Hannah abriu mais a porta. O sr. Hob não reagiu. Ele continuou silencioso, sem piscar, os olhos brilhantes e horríveis, enquanto todos o encaravam.

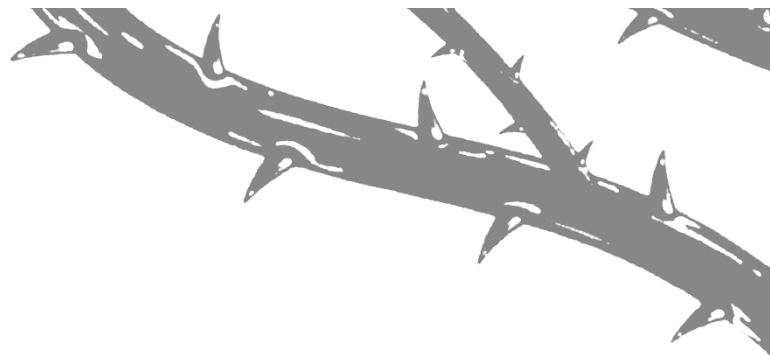
— Viu — sussurrou Elisabeth. — Ele é um demônio. Um duende ou diabrete.

Fez-se uma longa pausa. Finalmente, a tensão se quebrou. O médico pigarreou e pulou para longe, correndo até a porta como se Elisabeth pudesse se jogar da cama para atacá-lo. Como se fosse *ela* o demônio, não o sr. Hob.

— Como eu disse — continuou ele, se dirigindo a Hannah —, por favor, dê minha recomendação ao Chanceler assim que possível — insistiu, enfiando um pedaço de papel na mão dela. — Este caso é obviamente muito grave. Leadgate tem instalações das mais modernas...

Ele não pareceu nem um pouco incomodado com sr. Hob quando o mordomo o levou embora. A voz foi sumindo pelo corredor, louvando a eficiência de banhos de água gelada para os “perturbados mentais”. Elisabeth continuou sentada, chocada e tremendo, processando a reação. Ninguém fora capaz de ver a forma real do sr. Hob além dela.

O espelho emoldurou seu reflexo, sozinha. Estremecendo sob a camisola fina, sem sangue no rosto, Elisabeth precisou admitir que parecia inteiramente a garota que o médico descrevia. Estava presa na Mansão Ashcroft com ainda mais certeza do que tinha estado nas masmorras da Grande Biblioteca, à mercê de seu pior inimigo.



QUATORZE

Ao longo dos dias seguintes, o chanceler Ashcroft tratou Elisabeth com pura preocupação solícita. Ela passava dia e noite confinada no quarto, mas, por breves intervalos à tarde, Hannah a vestia e a levava ao conservatório para pegar ar fresco. Lá, ela descansava, sob a supervisão de Hannah, em uma poltrona de palha almofadada, as pernas cobertas por uma manta, e respirava o ar úmido, doce e terroso das plantas e flores. Brotos e samambaias abundantes a envolviam, pétalas exóticas pingando umidade. Seria a imagem perfeita do paraíso se não estivesse também cercada de demônios.

Agora que vira a forma verdadeira do sr. Hob, via demônios por todo lado. Eles corriam de um lado ao outro, trabalhando. Varriam folhas da laje, regavam os vasos e podavam as árvores. A maioria era menos imponente do que o sr. Hob: menores, com pele escamada em vez de borbulhante. Alguns tinham dentes afiados e outros, orelhas pontudas. Todos vestiam o uniforme dourado absurdo de Ashcroft. Convidados passeavam por ali com frequência, mas nem olhavam para os demônios. Para eles, as criaturas eram simplesmente criados comuns. Os demônios ignoravam os convidados igualmente, cumprindo seus afazeres com afinco.

Não eram os demônios em si que Elisabeth temia, mas imaginar o que Ashcroft fizera para que tantos o obedecessem. Eram visivelmente demônios menores, não nobres, como Silas e Lorelei. O que prometera a eles? Que oferta era suficientemente tentadora para que eles aceitassem vestir uniformes e servi-lo? As possibilidades eram horripilantes demais.

Ela esperou ansiosamente pela oportunidade de falar com alguém, quem quer que fosse, de fora da mansão, mas nenhum dos convidados se aproximou o bastante para avisar. Eles a observavam a distância, como se fosse um dos espécimes raros da estufa do Chanceler: plantas carnívoras, oleandros venenosos.

Aquela tarde, ela se obrigou a ficar firme quando um demônio se aproximou carregando tesouras para podar uma palmeira logo atrás. Ele tinha pele vermelha e olhos inteiramente pretos.

Hannah cantarolava, distraída, passando a agulha pelo bastidor de bordado. A canção era melódica e estranha — mais uma música de Lorelei.

Cochichos chamaram a atenção de Elisabeth. Um grupo de garotas da idade dela se encontravam ao redor de um chafariz interno, vestidas de seda e renda. Ela só imaginava como deveria parecer a elas, sentada imóvel, olhando apreensiva para o criado.

— Que pena — disse uma delas. — O chanceler Ashcroft foi tão bondoso de acolhê-la. Soube que ela está bem louca.

— Não! — exclamou outra, agarrando a sombrinha.

— Sim. Aparentemente, ela atacou o médico. Quase o derrubou, de acordo com meu pai. O estado de perturbação leva à força feroz.

— Não me surpreende. Ela é enorme! Já viu uma garota alta assim?

— Quem sabe no circo — disse a primeira, maliciosamente.

— Ouvi da Lady Ingram — sugeriu outra — que ela se comportou estranhamente no jantar da outra noite. Falou pouco e, quando falou, foi rude e pareceu nunca ter aprendido modos. Os sinais estavam lá desde o começo, de acordo com a Lady Ingram.

Raiva fervilhou em Elisabeth, ameaçando transbordar. Ela não odiava com facilidade, mas naquele momento odiou Lady Ingram, odiou aquelas garotas — como podiam ser tão cruéis e falar de modos na mesma frase?

Uma garota se assustou.

— Viu como ela está encarando?

— Rápido, corre...

A fúria de Elisabeth se escoou quando elas fugiram, as fitas dos vestidos esvoaçando entre as palmeiras. Isso era outro elemento do plano de Ashcroft.

Horivelmente, fazia muito sentido. Quanto mais ele a exhibisse, mais os convidados fofocariam sobre ela e se convenceriam de que ela era louca. Enquanto isso, viam por conta própria que ele não media esforços para mantê-la confortável e saudável. Assim como tecia uma ilusão nos criados, se cobria com uma ilusão ainda maior, sem gastar uma gota de magia. Mesmo que Elisabeth conseguisse falar com alguém, suas tentativas de pedir ajuda só seriam vistas como provas de insanidade.

Ela não via saída da armadilha que ele construía. Fugir não era opção. Se ela tentasse correr, ele saberia que ela suspeitava e o jogo chegaria ao fim. Ela perderia qualquer oportunidade de expô-lo, por menor que fosse. Tudo que podia fazer era continuar fingindo.

Além do conservatório, um relógio bateu a hora.

— Venha, querida — disse Hannah, se levantando da cadeira. — É hora da visita diária com o Chanceler. Que homem bondoso, tão pessoalmente interessado em sua recuperação. Espero que você valorize tudo que ele tem feito.

Elisabeth mordeu a língua e seguiu Hannah. Se a criada soubesse o que ele queria mesmo ao convocá-la ao escritório todo dia... O pavor aumentou a cada passo nos corredores brilhantes e espelhados da mansão. Ela se esforçou para controlar a expressão quando a porta se abriu,

revelando Ashcroft, que limpava as mãos com um lenço.

— Boa tarde, srta. Scrivener. Entre, por favor.

Apesar de soar carinhoso como sempre, ela notou uma pontada de frustração dançar nos olhos descombinados. Era o único sinal de que as visitas não forneciam a informação que ele desejava.

— Hannah — pediu ele —, pode nos trazer chá?

Respondendo ao convite, Elisabeth entrou no escritório e se sentou, rígida, no sofá. Ela obrigou o olhar a se manter afastado do grimório na mesa de Ashcroft. Ele sempre o cobria com a capa antes de abrir a porta, mas ela sabia que era o mesmo grimório que o vira estudar na primeira noite. A presença deixava um gosto amargo e embolorado no fundo da garganta. A insistência dele em esfregar as mãos sugeria que o toque era igualmente desagradável.

Ashcroft deixou o lenço de lado e se sentou ao lado dela, na sua poltrona preferida. Ele tinha uma expressão de preocupação tão sincera que, apesar de tudo, ela quase acreditava que parte dele se importava de verdade. Até que um raio de sol se refletiu nas profundezas do olho de rubi e ela se lembrou, de repente, do cabelo ruivo da Diretora esparramado pelo chão.

— Como está se sentindo hoje? — perguntou ele, tão gentil que ela sentiu calafrios.

— Muito melhor, obrigada — respondeu e engoliu em seco, criando coragem. — Acho que talvez esteja pronta para sair.

Ashcroft franziu as sobrancelhas, demonstrando pena.

— Só mais uns dias, srta. Scrivener. O médico enfatizou muito a importância do repouso.

Ela abaixou o rosto, tentando não mostrar seu medo. Felizmente, o médico não incluía nada do que ela contara nas anotações. Ashcroft nem se daria ao trabalho de fazer essas reuniões, se fosse o caso.

Uma batida na porta anunciou a chegada de Hannah, carregando uma bandeja de chá e bolo. Elisabeth fingiu mastigar um pedaço, apesar de mal ser capaz de engolir tanto açúcar. Quando a porta se abriu de novo, ela sentiu o estômago revirar. Desta vez não era Hannah. Ela só teve alguns segundos de sobreaviso antes do feitiço de Lorelei abraçá-la como uma manta quente e sufocante. Em seguida, Ashcroft se aproximou, cruzando as mãos nos joelhos.

Todo dia, a interrogação começava assim.

— Agora, srta. Scrivener, por que não falamos de novo do ataque em Summershall? — disse ele. — Vamos ver se a senhorita se lembra de mais detalhes, que tal?

Ele soava tão bondoso quanto antes, mas o bom humor sumira de seu rosto. Elisabeth sabia que estava na corda bamba. No menor deslize, ele veria que a magia de Lorelei não estava funcionando como esperado, pois não a forçava a ser sincera. Qualquer distração levaria à morte. Ela insistiu na expressão neutra e na voz dura, grata pela influência atordoante do feitiço. Sem isso, não seria capaz de encarar Ashcroft calmamente. Ainda mais importante, não seria capaz de mentir.

— Pode me contar por que acordou aquela noite? — pressionou Ashcroft. — Ouviu alguma coisa? Sentiu alguma coisa?

Ele já fizera essa pergunta várias vezes. Ela tomou cuidado para dar a mesma resposta.

— Entrou uma tempestade. O vento era alto... galhos bateram na janela.

Ele franziu a testa, insatisfeito.

— Quando saiu da cama, sentiu alguma coisa diferente?

Ele queria saber como ela escapara do feitiço do sono. Nem Elisabeth tinha a resposta para isso. Mecanicamente, balançou a cabeça.

Ashcroft apertou o maxilar. Era o primeiro sinal de que a paciência dele tinha limites, uma reação que a enjoou. Ela não queria ver do que ele era capaz se perdesse o controle.

Um som veio do canto, onde Lorelei aplicava resina ao arco de um violino. Hoje, ela usava um vestido vermelho que combinava com os olhos e a boca. Era tão comprido que escorria da cadeira como uma cachoeira, formando um lago cintilante no tapete, como se estivesse em meio a uma poça de sangue.

— A garota está escondendo alguma coisa de você, senhor — disse ela.

Ashcroft olhou ao redor.

— Tem certeza? É possível?

Elisabeth sentiu calafrios na nuca. Ela se forçou a não reagir, ciente de que o mínimo movimento a trairia.

— Se ela tiver um segredo, o impulso de proteção pode se sustentar, mesmo quando encantada. A maioria dos humanos não tem tanta força, mas essa garota é teimosa. O espírito dela queima como uma chama.

Lorelei olhou para Elisabeth por sob os cílios, um gesto que lembrava Silas a ponto de causar mais calafrios.

— Queria muito prová-la — declarou, por fim.

Ashcroft se encaixou na cadeira, cruzando os dedos.

— O que propõe que eu faça?

— Entre na mente dela. Arranque a memória à força, destrua o resto.

— Ainda é cedo para isso. Ela precisa ser vista por mais uns dias antes que eu possa me livrar. Se a notícia de seu destino chegar aos jornais, precisarei de testemunhas para confirmar o diagnóstico médico.

Lorelei deu de ombros de leve.

— Tudo bem, senhor. Tem certeza de que a presença dela não te distrai do trabalho?

Ashcroft olhou de relance para a mesa, onde a capa escondia o grimório. Baseado na levitação que vira naquela primeira noite, Elisabeth supunha que fosse Grau Cinco, ou até Grau Seis. Posse particular de grimórios a partir do Grau Quatro era ilegal desde a Reforma. Se Ashcroft estava disposto a guardar um objeto tão perigoso em casa, o livro devia ser muito importante.

Ele relaxou na cadeira e sombras traçaram linhas fundas em seu rosto.

— Está sendo teimoso, mas terei o necessário antes de Harrows — disse, por fim.

Elisabeth sentiu o coração acelerar. A Grande Biblioteca de Harrows ficava no nordeste de Austermeer, onde Blackwald encontrava as montanhas — o local mais isolado possível para

guardar grimórios em regime de segurança máxima. Tudo que ela lera descrevia o espaço como uma fortaleza construída de rocha preta dos ossos das montanhas de Elken spine. O cofre impenetrável continha dois dos três grimórios de Grau Dez do reino. Será que ele ia atacá-la, como fizera com Summershall e Knockfeld?

Qualquer que fosse o plano, o grimório naquela mesa obviamente tinha papel central. Qualquer que fosse o risco, ela precisava descobrir o que era.

• • •

A oportunidade chegou dois dias depois, quando o sr. Hob apareceu na porta em meio à inter-rogação.

— Visita — anunciou, na voz grave e empolada. — Lorde Kicklighter, para o senhor.

— Sem avisar? — respondeu Ashcroft, fechando a cara. — Vou recebê-lo no salão. Lorelei, fique de olho em Elisabeth.

Ele saiu da sala e, um pouco depois, o cumprimento de Lorde Kicklighter ecoou pelo corredor.

Elisabeth removeu os pensamentos. Considerando a demora do aperto de mão de Kicklighter na noite do jantar, Ashcroft ficaria ocupado por pelo menos alguns minutos. Ela sentiu o olhar entediado de Lorelei formigar seu corpo todo. Tudo que precisava era convencer o demônio a sair do escritório por alguns segundos, mas não tinha nenhum método. Se ao menos estivesse perto da estante, certamente conseguiria derrubar uma parte.

Um espelho decorativo na parede a permitia ver seu reflexo. Sentada no sofá, estava pálida e abatida, destoando do vestido roxo ametista extravagante que Hannah vestira nela de manhã. Estava se acostumando aos corpetes caros que apertavam seu peito, mas em momentos tensos como este a roupa ainda a deixava sem ar.

Uma ideia lhe atingiu como raio. Ela ofegou alto, chamando a atenção de Lorelei. Levou a mão ao peito. Finalmente, revirou os olhos rapidamente e se jogou no tapete com um baque inerte, caindo com tanta força que as xícaras na mesinha tilintaram.

Silêncio.

Elisabeth sentiu o peso da atenção de Lorelei. Quando pareceu decidir que Elisabeth não estava fingindo, se levantou em um farfalhar de cetim e passou por cima do corpo largado de Elisabeth ao sair. Assim que ela se foi, Elisabeth levantou a saia e se arrastou até a mesa. Respirando fundo, afastou a capa de Ashcroft.

O grimório estava aberto, preso por uma corrente de ferro que o atravessava, as páginas repletas de texto anguloso e rabiscado. Foi tudo que conseguiu observar antes de uma onda de malevolência se quebrar sobre ela, a obrigando a dar um passo para trás. Uma voz de homem rugiu, sem palavras, em sua mente, atacando-a em um turbilhão de fúria e angústia.

Ela não teve tempo de questionar se era um erro. As beiras da sala escureceram; as páginas do grimório esvoaçaram com violência, como se as janelas do escritório tivessem sido escancaradas por uma ventania. Ela rangeu os dentes e lutou contra a força do grimório, esticando a

mão, tremendo de esforço. Suor pingou de suas sobrancelhas. Até os ponteiros do relógio sobre a lareira pareceram desacelerar, como se o ar fosse feito de melaço. Finalmente, seus dedos tocaram o couro e um fluxo confuso e doentio de emoção percorreu seu corpo. Desejo. Raiva. Traição. Ela nunca sentira nada assim antes. Engoliu em seco, querendo ter luvas de ferro para controlar as emanções psíquicas do grimório.

— Não sou sua inimiga — falou, ofegante. — Sou prisioneira do chanceler Ashcroft. Quero impedi-lo, se puder.

Imediatamente, a voz se aquietou e a pressão do ar caiu. Elisabeth tropeçou e se apoiou na mesa, os músculos tremendo de cansaço. O grimório estava tranquilo. A suposição desesperada estava certa: a crueldade e a fúria eram contra Ashcroft, não contra ela.

— O que ele quer com você? — murmurou.

Cuidadosamente, ergueu o livro da mesa.

Era encadernado em couro escamoso e estranho, de cor vermelha, que lembrava estranhamente os diabretes do conservatório. Um pentagrama estava gravado na capa. O título perdera a cor com o tempo, mas as palavras ainda eram legíveis: *Códex Daemonicus*.

Sentiu o coração pular. Ela já tinha lido o título do grimório, fazia pouco tempo. Onde estava? Na carruagem de Nathaniel, viajando pela Blackwald...

“Terei o necessário antes de Harrows”, dissera Ashcroft. O que quer que fosse, parecia que ele encontraria nesse livro. Ela se esforçou para lembrar por que o *Léxico* mencionara este volume. Era o capítulo sobre demônios. Só se lembrava de que teoricamente continha os delírios de um feiticeiro enlouquecido, que dizia esconder um segredo...

Passos apertados se aproximaram. Sem fôlego, Elisabeth puxou a capa de Ashcroft para cobrir o grimório. Esperando que os gritos psíquicos não fossem audíveis para mais ninguém, ela correu para o outro lado da sala e se jogou de volta no chão, voltando à posição anterior com a maior precisão possível.

Foi na hora exata. Segundos depois, uma sombra caiu sobre ela e um cheiro ácido queimou suas narinas, eletrizando todos os nervos de seu corpo. Ela se levantou de uma vez, sufocando um grito, e Lorelei a agarrou com mãos inflexíveis, garras começando a transpassar a renda das luvas. O demônio segurava um frasco de cristal cheio do que parecia ser sal.

— Pronto, pronto — acalmou, o tom doce até demais. — Está tudo bem. Foram só saís de banho, querida. Você passou mal, mas já acabou.

— Passe ela para cá — disse Ashcroft. — Esse teatro já durou tempo demais. É hora.

Lorelei a soltou e se afastou. Antes que Elisabeth pudesse reagir, Ashcroft a segurou e a girou. Sua expressão era horrível. Era como se tivesse usado todo o charme bondoso para aguentar lorde Kicklighter e não sobrasse nenhuma gota para manter a máscara.

A paciência tinha chegado ao fim. Agora, ela estava prestes a conhecer o monstro que o homem escondia.

— Escute só, garota — disse ele, sacudindo-a até seus dentes baterem —, você *vai* me contar o que sabe.

Em seguida, pressionou a palma aberta na testa dela e os pensamentos de Elisabeth explodiram como uma estrela.

O escritório sumiu; tudo era preto, exceto por ela, Ashcroft e os fragmentos prateados e pontiagudos pendurados na escuridão do ar. Imagens conhecidas fluíam pela superfície dos fragmentos, faíscas silenciosas de cor e movimento. Eram as lembranças dela, flutuando no vazio como cacos de um espelho estilhaçado. Cada pedaço mostrava uma cena diferente. O cabelo ruivo da Diretora parecendo em brasa à luz de velas. Guardião Finch preparando a chibata. O sorriso de Katrien.

Apesar de Elisabeth ainda sentir um pouco do aperto brutal do Chanceler em seu braço, ali ele estava afastado. Ele se virou, analisando a memória fragmentada, e ergueu a mão. Os cacos começaram a rodopiar como um ciclone cintilante, misturando-se em um borrão para mostrar não só fragmentos isolados e fora de ordem, mas lembranças inteiras, a vida de Elisabeth escorrendo em um rio brilhante de vidro. Sons distorcidos ecoavam pelo nada: gargalhadas, cochichos, berros. Ela sentiu o estômago pesar quando se viu como criancinha, pulando pelo pomar até Summershall, cabelo castanho esvoaçando ao vento, mestre Hargrove tentando acompanhar. Era a memória *dela*. Não estava ali para o consumo de Ashcroft.

— Mostre o que está escondendo — comandou o Chanceler.

A voz cruel e oca ecoou por todos os lados.

A tarde ensolarada de verão se apagou, substituída por uma imagem fantasmagórica de Elisabeth descendo a escadaria da Grande Biblioteca de camisola, segurando alto a vela. Ela sentiu a magia arrancar a lembrança dela, uma força tão inexorável quanto a ressaca da maré, e pânico esmagou seu peito. Ela conseguia sentir a lembrança, ouvi-la, cheirá-la. Viu a Elisabeth-Memória destrancar a porta e encarar o escuro com olhos arregalados. Logo, em um segundo, ela notaria a combustão etérea, prova de que um feiticeiro cometera o crime.

Elisabeth precisava parar, mas não conseguia resistir ao poder da feitiçaria de Ashcroft. Ela sentia que, se lutasse contra ele, a memória toda se estilhaçaria em milhares de pedacinhos e sumiria para sempre. Ele destruiria sua mente, sua vida, se precisasse. Ela tinha que mostrar alguma coisa.

Portanto, ela mergulhou no fundo de si, onde viviam escondidas as lembranças mais preciosas e encontrou o que entregar.

— Sabe por que escolhi te manter, Elisabeth? — perguntou a Diretora.

Elisabeth ficou sem ar. A lembrança tinha pulado para o momento em que encontrara o corpo da Diretora. Eram as mesmas palavras do cofre, mas desta vez sussurradas dos lábios da Diretora, à beira da morte, últimas palavras só para Elisabeth. Ela tinha conseguido misturar as duas lembranças. Parecia verdade, porque, para ela, *era* verdade. Luto e saudade perfuraram seu coração como flechas. Ela nunca esperara ouvir a voz da Diretora de novo.

— Lembro que era noite de tempestade — caíram as palavras hesitantes da boca rachada da Diretora. — Os grimórios estavam inquietos...

Observando a lembrança, Ashcroft franziu a testa.

— A Grande Biblioteca te escolheu.

Ashcroft sacudiu a cabeça, enojado, e se afastou. Com um gesto dele, os cacos começaram a se desintegrar, caindo ao chão como água.

— Não! — gritou Elisabeth.

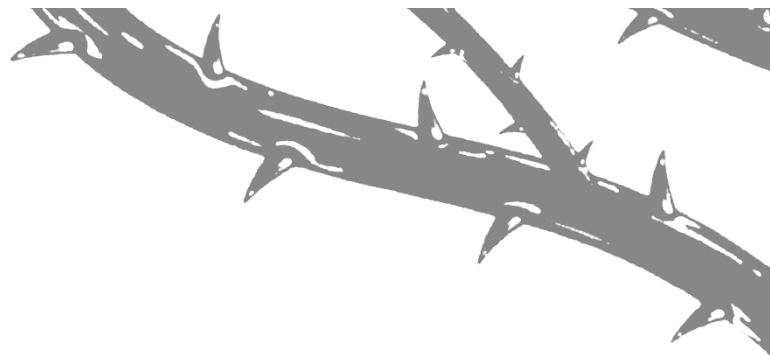
Tarde demais, se lembrou do que Lorelei dissera dois dias antes. “Arranque a memória à força, destrua o resto.”

— Você pertence à biblioteca...

A realidade voltou de uma vez, uma tempestade de cor e som. Alguém gritou. A garganta de Elisabeth ardeu. Tudo nela ardia, sentia gosto de sal, cobre, o fedor de metal queimado do mundo.

A voz de Ashcroft pairou sobre sua agonia como um navio em mar calmo.

— Ela não sabia nada. A lembrança que escondeu... era só bobagem sentimental. Importante para ela, quem sabe, mas não para a gente. Busque o sr. Hob. Já arranjei o que era preciso — a voz se afastou, ou talvez fosse ela, caindo em um poço escuro do qual não poderia voltar. — Ela será mandada a Leadgate hoje.



QUINZE

Do outro lado da janela da carruagem, a noite se desmanchava em farrapos. Nuvens gordurosas cobriam a cidade, desbotadas pela lua cheia, que brilhava como uma moeda de prata perdida na vala imunda. Elisabeth não tinha visto esta parte de Brassbridge ao chegar com Nathaniel na noite anterior, exceto pela mancha horrível de fumaça industrial no horizonte. Os prédios de tijolo velho eram imundos de fuligem e as rodas da carruagem respingavam a água nojenta das poças. Um frio grudento permeava o ar. Ali por perto, um sino dobrou no escuro, soando lamentar.

Elisabeth estava abaixada, tremendo descontroladamente. Pensamentos desconectados enchiam sua cabeça como vidro quebrado e agonia perfurava seu crânio sempre que a carruagem tropeçava num buraco, apagando sua visão.

“Meu nome é Elisabeth Scrivener. Eu sou de Summershall. O chanceler Ashcroft é meu inimigo. Preciso expô-lo...”

Ela recitou mentalmente essas palavras sem parar, até começarem a parecer verdadeiras. Uma a uma, juntou os estilhaços de sua memória. O feitiço que Ashcroft usara nela deveria ter destruído sua mente, deixando-a uma casca oca — mas não deu certo. Ela ainda era a mesma. Até a dor servia para lembrá-la de que estava viva e tinha um propósito.

Uma grade alta e serrilhada de metal passou pela janela. A carruagem desacelerou, deu um tranco e parou na frente de um portão de ferro forjado, além do qual se espalhava o edifício do Hospital Leadgate. O hospital era um prédio comprido e retangular, com toques de arquitetura clássica na fachada de pilares e na redoma da capela, mas esses floreios só serviam para enfatizar a desolação institucional do resto. Assomava a miséria e a imundície dos arredores, como se saído de pesadelos. Ela sabia, instintivamente, que era um lugar de sofrimento, não de cura. Um lugar onde pessoas indesejadas, como ela, eram levadas para desaparecer.

Guardas abriram o portão para deixá-los entrar e a carruagem se arrastou pela entrada. Eli-

sabeth esmagou o rosto contra a janela. Uma equipe a aguardava na porta do hospital: uma mulher corpulenta de rosto duro, vestindo um avental engomado, acompanhada por dois assistentes de uniforme branco.

Quando a carruagem parou de novo, um dos assistentes abriu a porta. Névoa entrou na carruagem como mingau derramado.

— Venha, querida — chamou a matrona, falando com Elisabeth como se fosse uma criança. — Venha tranquilamente, vamos servir um jantar gostoso e quentinho perto da lareira. Você vai gostar, né? Ensopado, pão, pudim com passas... quanto quiser. Eu sou a dona Leach e serei sua melhor amiga aqui.

Elisabeth saiu aos tropeços, olhando para baixo. Pela cortina de cabelo, viu um dos homens rondá-la, se aproximando por trás com um monte de tiras de couro e fivelas. Ela sentiu o estômago revirar ao entender o que eram: algemas, não só para os punhos como também para os tornozelos. Com esforço, ela se forçou a controlar o pânico. Esperou o homem chegar bem perto. Então girou, arreganhando os dentes, e deu uma joelhada violenta entre suas pernas. Ela sentiu uma pontada de culpa quando ele gemeu e caiu ao chão, mas não durou; correu imediatamente, dona Leach gritando atrás dela.

Ela voou pelo terreno do hospital como um veado escapando no bosque, pernas compridas a carregando mais longe do que os homens alcançavam. A grama rala deu lugar a um jardim malcuidado delimitado por sebes sem poda e árvores meio mortas. Ela parou, escorregando em uma pilha de folhas caídas. Se continuasse a correr, acabaria dando uma volta no hospital. A grade que cercava o terreno era alta demais para escalar e acabava em arame farpado.

Os gritos atrás dela estavam cada vez mais perto. Ela precisava tomar uma decisão.

Arrastando-se sob a sebe mais próxima, sentiu o coração bater até no céu da boca. Raízes e galhos rasgavam suas mãos e o cheiro enjoativo de flores podres encheu seu peito. Ela espalhou folhas por trás, para disfarçar, e enfiou os braços ali dentro quando botas de homem correram por perto, jogando terra e folhas em cima dela. Inspirada, catou punhados de terra e os esfregou no corpo até ser incapaz de diferenciar seus membros das raízes grossas se retorcendo no chão.

Minutos passaram devagar. Lâmpioes quicavam no escuro, gritos ecoando em intervalos regulares. Homens espiavam pelas sebes e destruíam a vegetação com porretes, mas ela continuou perfeitamente imóvel, até quando um porrete a atingiu com força na canela. Calafrios arrepiavam seus braços conforme a noite esfriava, mas ela nem ousou estremecer.

— Já basta, garotos — disse um dos assistentes, por fim. — Onde quer que ela se esconda, está tão presa quanto um rato no balde. Veremos se segue viva de manhã, aí poderemos nos divertir bastante com ela.

Gargalhadas responderam ao anúncio desagradável. Elisabeth os viu andar tranquilamente até o hospital. Quando o último homem sumiu lá dentro, ela se jogou para fora da sebe, tremendo dos pés à cabeça. Na mesma velocidade, voltou a se esconder.

Não estava sozinha no pátio. Uma sombra espreitava na escuridão, um pouco mais longe, próxima ao chão. Ela achou que fosse mais um assistente, até ver que estava farejando a grama.

Seguia o caminho que ela tomara da carruagem, se esgueirando por um trajeto sinuoso até seu esconderijo. Quando se levantou, os olhos enormes, redondos e brilhantes refletiram a luz como espelhos.

Era o sr. Hob. Ele sentira seu cheiro e estava indo pegá-la.

Uma porta bateu no hospital. Elisabeth prendeu a respiração e se debateu na sebe, se encolhendo contra uma árvore. Alguém tinha saído, procurando um caminho pelo jardim. Olhando entre as folhas, Elisabeth determinou que a pessoa não fazia parte da equipe de busca. Usava um uniforme semelhante ao da matrona, mas era só uma menina, não muito mais velha do que Elisabeth, com mãos ásperas e um rosto redondo e infeliz, carregando um lampião próximo ao peito.

— Oi? — chamou a menina, baixinho. — Cadê você?

Olhando na direção oposta, Elisabeth viu que o sr. Hob agora debandava pelo chão, de quatro, sem fingir ser humano. Elisabeth encarou um e o outro, desejando com força que a menina se calasse. No entanto, ela não parecia ver o perigo, pois falou diretamente com as sombras.

— Sei que você se escondeu. Vim te ajudar — insistiu, revirando um bolso para tirar um objeto embrulhado num lenço. — Trouxe pão. Não é muito, mas foi o que deu para surrupiar da matrona. Ela mentiu quando disse que você comeria ensopado e sobremesa... é o que diz a todos os pacientes.

O sr. Hob começou a galopar, o olhar fixo na garota. Elisabeth se jogou da sebe em uma explosão de folhas e a alcançou primeiro. Agarrando o punho da garota, ela a puxou na direção oposta. O pão caiu ao chão.

— Você tem sal? — perguntou Elisabeth. — Ou ferro?

Ela não reconheceu o som da própria voz. Era um crocito horrendo.

— Eu... Não... Por favor, não me machuque! — gritou a garota.

O peso dela puxou o braço de Elisabeth. Se não corressem mais rápido, o sr. Hob as alcançaria.

Pânico apertou o peito de Elisabeth. Ela entendeu como estaria sua aparência: manchada de terra, cabelo comprido embaraçado e cheio de folhas, boca seca, rachada e sangrenta. Óbvio que a garota estava com medo.

— Como você se chama? — perguntou.

— Mercy — gaguejou ela, tropeçando no terreno irregular.

— Prazer, Elisabeth. Estou tentando salvar sua vida. Vou pedir para você fazer uma coisa, que vai te fazer acreditar, mas precisa me prometer não gritar.

Mercy assentiu, com o olhar arregalado e assustado — provavelmente esperava que Elisabeth não a ferisse se ela obedecesse.

— Olhe para trás — disse Elisabeth, cobrindo a boca de Mercy com uma mão imunda para abafar o grito.

— *O que é aquilo?* — chorou, quando Elisabeth a soltou. — Por que está nos *perseguindo*?

A suspeita de Elisabeth estava certa. No momento em que o sr. Hob começou a farejar o chão e correr de quatro, a ilusão que Ashcroft usara para disfarçá-lo deixou de ser convincente.

— É um demônio. Acho que um duende. Tem como sair daqui?

Barulhos baixos de pânico saíram da boca de Mercy antes que ela conseguisse responder.

— Um portão dos fundos. Para os trabalhadores que cuidam do terreno. Por ali. — Apon-
tou. — O que...

— Corra mais rápido — disse Elisabeth, sombria. — E me dê esse lampião.

Ela nem ousou parar e olhar para trás enquanto se jogavam na direção do portão dos fundos. Ficava escondido atrás de um prédio anexo decadente, com o telhado coberto por musgo, sob um caramanchão de hera sem poda. Quanto mais perto chegavam, mais alto o resfolego arquejante do sr. Hob soava. Mercy remexeu nos bolsos e tirou a chave. Quando ela se dirigiu ao portão, Elisabeth virou e atacou com toda sua força usando o lampião.

O tempo congelou entre dois batimentos cardíacos. O sr. Hob a alcançou, o rosto empolado, uma paisagem repugnante de pele caída. Os olhos eram tão grandes e claros que ela conseguiu se ver refletida neles, em duas versões miniatura.

O vidro se estilhaçou quando o lampião o atingiu no ombro. Óleo se espalhou e, imediatamente, fogo se fez na frente do terno torto. O calor queimou a pele de Elisabeth; gritando, derubou o lampião. O sr. Hob se afastou aos tropeços, encarando as chamas azuis percorrendo seu peito em estado de confusão. Finalmente, lhe ocorreu tirar o paletó. Ele apagou o resto do fogo com tapas desajeitados.

— Mercy — implorou Elisabeth.

— Estou tentando! Quase...

A chave de Mercy arranhou a fechadura. As mãos, tremendo violentamente, erravam o ângulo de novo e de novo. Enquanto isso, o sr. Hob avançava de novo, o paletó fumegando no chão. Ele deu um passo à frente. Outro. Então a fechadura estalou e o portão abriu com um estrondo, soltando lascas de ferrugem.

Elisabeth empurrou Mercy pelo portão e correu atrás dela. Quando empurrou o portão de volta, não conseguiu fechá-lo completamente — alguma coisa mole tinha emperrado. A mão do sr. Hob. Ele as encarou, sem piscar, por entre as barras de ferro, enquanto a pele roxa começava a borbulhar e fumegar. Elisabeth jogou todo o peso contra a porta, sentindo os músculos tensos contra a resistência do sr. Hob. As solas das botas raspavam a calçada. Ele era forte demais.

De perto dela, veio um grito inesperado. Uma pedra voou pelo ar e esmagou os dedos do sr. Hob, causando um ruído molhado, ríspido e nojento. Ele puxou a mão de volta e o portão bateu com força, o metal ecoando. A fechadura se trancou sozinha.

Elisabeth se afastou aos tropeços e olhou chocada para Mercy, que visivelmente não conseguia acreditar no que tinha feito. O sr. Hob ficou ali, observando, sem saber o que fazer.

— Estamos seguras agora — cochichou Elisabeth. — Ele não pode passar do ferro. Acho que não é esperto o suficiente para encontrar outra saída.

Mercy não respondeu, pois estava ocupada tremendo e ofegando, as mãos apoiadas nas coxas. Elisabeth olhou ao redor. O portão as levava a um beco atrás de uma fileira de prédios de tijolo estreitos e lúgubres. As cortinas estavam todas fechadas e não havia luz acesa lá dentro.

— Vamos — disse, puxando o braço de Mercy. Fez com que ela se sentasse em um engradado emborcado, com sr. Hob fora de seu campo de visão.

— O que ele queria? — perguntou Mercy, entre os dedos com que cobria o rosto.

Elisabeth hesitou. Poderia explicar tudo. Poderia pedir ajuda para Mercy, para testemunhar contra Ashcroft — mas quem acreditaria? Ela agora entendia que o mundo não era bom para mulheres jovens, especialmente quando se comportavam de formas que desagradavam os homens e falavam verdades que os homens não estavam prontos para ouvir. Ninguém ouviria Mercy, como ninguém a ouvira.

Ela se agachou na frente da outra garota, tendo tomado uma decisão.

— Ouça. O problema do demônio era comigo, não com você. Espere a carruagem ir embora e volte ao hospital. O sr. Hob... o demônio não vai voltar para te pegar.

Ela fechou os olhos e respirou fundo antes de continuar:

— Quando te perguntarem o que aconteceu, diga que eu te ataquei e você foi obrigada a me ajudar a fugir. Diga que um homem nos seguiu, um homem humano vestido de mordomo. Não mencione nada estranho a respeito dele. Diga que eu... que eu agi como um animal feroz. Que eu nem sabia meu próprio nome.

Ela suspeitava que não fazia diferença para Ashcroft se ela estivesse apodrecendo no hospital Leadgate ou morrendo de fome na rua. Desde que acreditasse que a mente dela fora destruída e parecesse ter feito seu melhor para ajudar a coitadinha histérica sob seu cuidado, deixaria o assunto para lá, pois precisava se concentrar nos outros planos.

— Mas você salvou minha vida — protestou.

— Eu sou o motivo da sua vida estar em perigo. Acredite. É melhor assim — insistiu Elisabeth, se abraçando e pensando no quanto poderia revelar. — Você não vai querer irritar o homem a quem o demônio serve — explicou, por fim. — Se ele acreditar que você sabe o que não devia, não hesitará em feri-la.

Mercy assentiu. Para a consternação de Elisabeth, ela não parecia surpresa. Para ela, homens que queriam ferir garotas eram simplesmente parte da ordem natural do mundo.

— Fico feliz que tenha conseguido escapar de Leadgate — disse Mercy, erguendo o rosto e encontrando os olhos de Elisabeth com seus próprios, tristes e castanhos. — Você nem imagina como é esse lugar. Gente rica paga para ver os pacientes daqui, argumentando que querem sentir a dor dos menos afortunados, uma besteira qualquer. Às vezes... às vezes pagam por outras coisas também. A matrona ganha uma boa grana com isso. Falando em dinheiro... aqui.

Ela enfiou a mão no bolso e entregou um objeto duro e frio a Elisabeth. Uma moeda.

Elisabeth se esforçou para encontrar palavras que saíssem pelo nó da garganta. Não soube o que dizer, então puxou Mercy para um abraço apertado.

Mercy riu, surpresa.

— Agora estarei suja o suficiente para dizer que você me atacou.

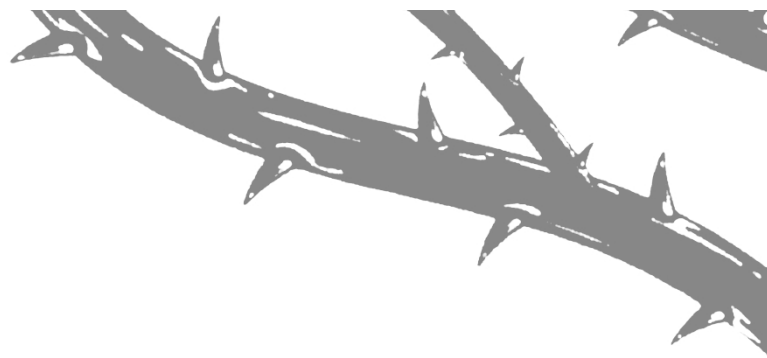
— Obrigada — sussurrou Elisabeth.

Ela apertou Mercy uma última vez, a soltou e saiu correndo antes que as lágrimas ardendo nos olhos tivessem oportunidade de escorrer.

Ela driblou pilhas de lixo e mergulhou em uma avenida íngreme de paralelepípedos. Naquela hora da noite, as ruas estavam inteiramente vazias. Ela supunha que correr não era necessário, mas sempre que desacelerava via o guardião Finch rindo com desprezo, as mãos de um homem cheias de tiras de couro, ou o sorriso charmoso do Chanceler. Ela parou em uma esquina, vomitou e continuou a correr. Só parou quando obrigada: chegou a um passeio à beira do rio e se segurou no gradil.

A cidade adormecida parecia uma ilusão tecida em luzinhas. Torres pontudas cortavam as sombras com brilho e as estátuas que as encimavam desenhavam formas nas estrelas. Colunas de ouro cintilavam na água preta por baixo. Ali perto, a Ponte dos Santos tremeluzia sob a luz a gás, estátuas sombrias como uma procissão em luto pela morte de um rei longínquo. O vento embaraçou seu cabelo, cheirando a fuligem, alga e a vastidão infinita e deserta do céu noturno.

Ela encarou a cidade acesa, tão antiga e impossivelmente enorme, e se perguntou como tanta luz e beleza coexistia com tanta escuridão. Nunca antes se sentira tão pequena ou insignificante; mas finalmente, pela primeira vez em semanas, estava livre.



DEZESSEIS

— É um engano, com certeza — disse Elisabeth ao menino sardento do outro lado do balcão.
— O mestre Hargrove me conhece desde pequena, ele não mandaria esta resposta.

O papel tremeu em sua mão. O recado rápido dizia somente: *Não consta de nossos registros uma aprendiz de nome Elisabeth Scrivener na Grande Biblioteca de Summershall*. Sob a mensagem, no lugar de uma assinatura, alguém estampara o símbolo do Colégio, uma chave e uma pena cruzadas. Isso significava que a carta era escrita por um guardião, mesmo que estivesse endereçada a Hargrove diretamente.

O menino parecia ter pena, mas não parava de olhar, nervoso, para a vitrine do correio.

— Sinto muito, senhorita. Não sei o que dizer.

O papel saiu de foco quando ela tentou se concentrar. Era um erro. Ela certamente era... era...

— Foi Finch, o novo diretor — se ouviu dizer. — Ele deve ter interceptado a carta. Ele me apagou do registro...

Alguém pigarreou ali perto. Elisabeth olhou por cima do ombro a tempo de ver o moço elegante atrás dela na fila cochichar com a esposa, os dois encarando Elisabeth com uma mistura de desconforto e julgamento.

Ela olhou de volta para o funcionário do correio e se viu pelo olhar de pena. Fazia dias que dormia na rua. Estava com o cabelo embaraçado, as roupas imundas. Pior ainda, suas tentativas urgentes de entrar em contato com a Grande Biblioteca de Summershall estavam começando a parecer loucura. Uma vergonha incômoda queimou em seu estômago.

— Por favor — disse ela, a voz arranhando a garganta dolorida. — Pode me indicar o caminho para Hemlock Park? Conheço uma pessoa que mora lá.

O funcionário lambeu os lábios, olhando entre ela e o casal da fila. Dava para ver que ele não acreditava.

— Posso mandar uma carta por você, senhorita?

Elisabeth tinha usado todo o dinheiro de Mercy com a primeira carta. Não tinha como pagar por outra. De repente, a vergonha foi demais. Ela resmungou um pedido de desculpas e passou correndo pelo casal atento, cobrindo a boca com a mão ao fugir dos correios. Assim que chegou na rua, se dobrou em um ataque de tosse. Pedestres passavam longe dela, olhando com preocupação. Com a mão ainda tremendo, dobrou a carta e a guardou no bolso.

A febre estava piorando. Na manhã anterior, depois de dormir enroscada e trêmula numa soleira, tinha acordado tossindo. Estava tão desorientada que mal encontrara o caminho de volta ao correio.

Elisabeth escorregou em alguma coisa gosmenta ao andar pela calçada. Um jornal molhado grudado à sarjeta. Ela o soltou e ergueu a manchete translúcida contra a luz, apesar de já ter lido a matéria dezenas de vezes desde que fugira de Leadgate. TERCEIRO ATAQUE EM GRANDE BIBLIOTECA — FOGO EM FETTERING, proclamava a primeira página. Abaixo da manchete, a ilustração mostrava uma monstruosidade espinhenta e deformada — a interpretação do jornal de um Malefict — uivando em frente a um inferno. A matéria dizia que pelo menos vinte moradores da cidade tinham morrido, algumas pelo ataque do Malefict de Grau Nove, outras; pelo incêndio. A quantidade a deixou tonta. Comerciantes de Fettering de vez em quando iam ao mercado de Summershall. Talvez ela conhecesse algumas das pessoas mortas.

Perto do final, o chanceler Ashcroft era citado: “*Neste momento, acreditamos que o sabotador é um agente estrangeiro que deseja subjugar a força da magia austermeeriana. A Cátedra fará de tudo para apreender o culpado e restaurar a ordem de nosso grande reino.*”

O papel se desmanchou na mão. O ataque acontecera enquanto ela estava presa na mansão. Ele tinha mentido aos repórteres enquanto ela estava de cama.

O tempo de impedi-lo estava acabando. Entretanto, a resposta da carta a perturbou. Semanas antes, nem pensaria na carta; teria marchado até o Colégio e batido na porta até lhe atenderem. Agora sabia que se o fizesse seria mandada embora, ou ainda pior. Elisabeth tinha contado com a recomendação de mestre Hargrove para comprovar que ela deveria ser ouvida. A antecipação pela resposta — por ser finalmente reconhecida — era o único motivo pelo qual sobrevivera às noites frias e compridas e à dor furiosa da fome. Agora não tinha mais nada.

Não... não exatamente. Ainda tinha Nathaniel. Dias de busca, no entanto, não a aproximaram de Hemlock Park. A cidade era enorme; ela sentia que podia passar a eternidade perdida ali, cada dia mais invisível aos passantes, até se desvanecer em sombra. Ninguém se disponibilizara para ajudá-la. Quase ninguém olhava na direção dela.

Ela não sabia se Nathaniel seria diferente, mas, de todo mundo em Brassbridge, era o único em que podia confiar.

O vislumbre de um moço baixinho e magro atravessando a multidão paralisou Elisabeth. Ela ficou imóvel na calçada enquanto pessoas passavam ao redor. Parecia impossível. Estava alucinando por causa da febre, ou Silas tinha aparecido como se ela o tivesse invocado do nada, só

de pensar no nome do senhor dele. Seria isso mesmo?

Ela girou, procurando mais um sinal do outro lado da rua. Pousou o olhar em uma silhueta diminuta dando passos calmos em meio ao movimento da tarde. O homem não vestia o uniforme verde de Silas, mas um terno perfeitamente ajustado, uma gravata impecavelmente amarrada no pescoço pálido. O cabelo — branco puro, preso com uma fita — não podia ser de mais ninguém. Ele não era uma alucinação. Era verdade.

Ela hesitou, perdida, antes de atravessar a rua correndo, seguida pelo grito desesperado de um condutor de carruagem. Procurou pela multidão ao chegar à calçada, mas Silas tinha sumido de vista. Ela continuou, apressada, na direção que ele tomara, olhando pelas vitrines no caminho. O próprio reflexo sujo a olhou de volta, tenso e desesperado, olhos azuis brilhando de febre. Ela começou a correr, tentando ignorar o fogo ardendo nos pulmões de tanto forçar o corpo a ser mais ágil.

Ali. Uma mancha de cabelo branco virando a esquina. Ela acelerou atrás dele, mal notando que os prédios ao redor eram cada vez mais dilapidados e o trânsito mais esperso, que as carruagens tinham sido substituídas por carroças de lixo e verduras murchas. Calhas tortas assomavam a avenida estreita, conectadas por varais vazios. As esquinas úmidas e escuras fediam a urina. O terno chique de Silas o destacava como se fosse uma melancia na cabeça, mas ninguém nem o notou. Com Elisabeth, foi diferente.

— Aonde vai com tanta pressa, mocinha?

Ela sentiu o coração tropeçar. Continuou olhando bem para a frente, como se não reparasse no rosto safado do homem por perto. Ele não desistiu, infelizmente. Uma bota esmagou cacos de vidro atrás dela e várias formas surgiram da sombra de um prédio.

— Eu perguntei: aonde você vai? Talvez a gente possa ajudar.

— Que tal agradecer com um sorriso, hein? — sugeriu outro homem.

Silas estava longe demais, uma silhueta vislumbrada atrás de uma carroça em movimento. Elisabeth tentou gritar. Apesar de só ter soltado um som patético e rouco, ele parou e começou a se virar, um olho amarelo cintilando na luz.

Ela não sabia se ele a ouvira mesmo ou se a reação era coincidência. Não teve tempo para descobrir.

— Silas — cochichou.

Em seguida, saiu correndo.

Quase escorregou na calçada. Quando os homens tentaram interceptá-la, ela escapou da rua principal em um beco, tropeçando em engradados e pedaços molhados de jornal. Ratos fugiram aos gritos por uma ruela perpendicular e ela os seguiu, esperando que soubessem o melhor esconderijo. Quando as sombras profundas a envolveram, ela escorregou em alguma coisa mole. Um fedor podre enchia o ar e poças gosmentas brilhavam nos paralelepípedos, cobertas de sujeira flutuante. Ela tinha ido parar nos fundos de um açougue. Só respirava em arquejos sofridos e rasos.

— Por aqui! — gritou uma voz.

Os homens estavam se aproximando.

Elisabeth correu até o fim da rua e virou a esquina, mas acabou em um beco sem saída. O prédio que fechava a rua parecia abandonado. As janelas estavam fechadas por tijolos e a porta, antes pintada de preto, estava quase inteira descascada, trancada a cadeado. Ela puxou a maçaneta, mas o cadeado era firme.

Passos chapinharam as poças. Não adiantava ficar em silêncio; os homens logo notariam o beco. Movida a horror, ela enfiou os dedos em uma das tábuas de madeira cruzadas sobre a porta e a arrancou com toda a força, quase caindo para trás quando conseguiu soltá-la, causando um rangido metálico. A tábua estava em suas mãos. Pregos retorcidos e enferrujados se projetavam das pontas.

Ela se armou na hora certa. Um homem apareceu na boca do beco, as calças salpicadas de sangue coagulado. O cabelo era raspado e o rosto, coberto por feridas. Nojo retorceu o estômago de Elisabeth ao notar seu olhar.

Ele sorriu.

— Te achei, mocinha. E aquele sorriso?

— Não se aproxime — avisou ela. — Vou te machucar.

Ele não a ouviu. Com um sorriso de dentes amarelos ainda no rosto, ele deu alguns passos à frente. Elisabeth se preparou e atacou. A tábua atingiu o ombro dele e ficou presa ali, bem enfiada. Ele uivou, caindo de joelhos e tentando segurar a arma improvisada. Quando ela a arrancou de volta, os pregos fizeram um som molhado e horrível. Um jato de sangue se espalhou pelo muro de tijolo.

Chocada, ela andou para trás aos tropeços, até bater de costas na parede. Ela tinha matado um Malefict e lutado contra demônios, mas isso era diferente. Ele era uma pessoa. Por mais cruel que fosse, não se desintegraria em cinzas ou voltaria ao Outromundo se morresse. Os gemidos de dor ecoavam em seus ouvidos, deixando-a enjoada.

Officium adusque mortem. Seria seu dever lutar, até correr o risco de matá-lo, se escapar permitisse que ela salvasse mais vidas?

— Aqui, idiotas! — rosnou o homem, apertando com a mão a manga rasgada e úmida ao se levantar à força, apoiado na parede.

Sangue escorreu por entre seus dedos e ele olhou feio para Elisabeth.

— Cuidado! — avisou, ainda. — Ela encontrou uma arma.

Não veio resposta do açougue.

— Ouviram?

O beco estava silencioso como um túmulo.

— Parem de brincadeira! — trovejou ele.

Um leve som líquido veio da esquina. Em seguida, uma voz suave e educada disse:

— Não seja tão exigente com seus amigos. Temo que estejam indispostos.

— Que piada é essa? — perguntou o homem.

Ele pulou para trás, tentando ver. Toda a cor se esvaiu do rosto boquiaberto.

— O que... o que você é? — gaguejou.

— É difícil responder a essa pergunta — respondeu o sussurro. — Sou uma coisa antiga, sabe. Causei a queda de impérios e estive no leito de morte de reis. Nações hoje perdidas ao tempo travaram guerras pelo segredo de meu nome — suspirou. — Mas, agora, o que estou é incomodado. Hoje não queria correr por becos imundos para me livrar de um bando de criminosos de segunda. Não de terno limpo, muito menos de sapato novo.

O homem arregalou tanto os olhos que quase saltaram da cabeça. Ele tentou fugir, mas foi um erro. Elisabeth não viu o que aconteceu depois que ele passou da esquina e sumiu de vista. Só ouviu o grito sufocado, seguido por um silêncio tão pesado que sentiu o eco.

Ela caiu, encostada na parede, deixando a tábua cair no chão com um estrondo. Tosse tomou seu corpo, sacudindo-a como um coelho na boca do cão. Ela piscou, tentando controlar lágrimas, quando Silas apareceu. Ele estava exatamente igual estivera na rua, exceto por manchinhas de sangue no rosto. Ele tirou um lenço do bolso do peito, limpou o sangue delicadamente, examinou o lenço sujo, fez uma careta e o jogou fora.

— Srta. Scrivener — disse ele, com uma reverência discreta.

— Silas — ofegou. — Que bom te ver.

— Curioso. Não é o que costumam dizer ao me encontrar numa hora dessas.

— O que costumam dizer?

— Normalmente choram, ou se mijam — explicou, a analisando. — O que você está fazendo aqui? O senhor Thorn e eu supusemos que você já teria voltado a Summershall.

Elisabeth não tinha energia para explicar Ashcroft e Leadgate. Ela não sabia com certeza se as lágrimas nos olhos tinham a ver com a tosse forte. Sabia que não devia sentir alívio ao ver Silas. Ele era cruel, um assassino, o pior inimigo de um guardião — mas não fingia ser nada além de um monstro. Nesse sentido, era mais honrado do que a maioria das pessoas que encontrara desde a saída de Summershall.

— Você matou esses homens? — perguntou ela.

— Quando alguém convoca um demônio, deve se preparar para que a morte siga.

— Eu não...

— Você disse meu nome. Desejou que eu te salvasse.

— Você podia ter deixado ele fugir.

Quando ele não disse nada, só a encarou, ela acrescentou:

— Suponho que vá me dizer que eram homens ruins, como da última vez.

— Isso te ajudaria, senhorita?

Ela sentiu uma pontada de horror ao notar que ajudaria. Quando pessoas começavam a pensar assim, ela não sabia como conseguiam parar. Um calafrio a percorreu.

— Não diga — sussurrou. — Silas... Eu vi coisas tão horríveis. Eu...

Ele se ajoelhou. Estendeu a mão e ela se esquivou, mas ele só tocou sua testa com os dedos nus, tão frios que queimaram.

— Você não está bem — disse ele, baixinho. — Há quanto tempo está com febre?

Quando ela não respondeu, hesitante, ele começou a desabotoar o paletó. Ela sacudiu a cabeça quando ele tentou fazer com que ela o vestisse.

— Vai sujar sua roupa — protestou.

— Não importa, senhorita. Venha comigo.

Ele a levantou do chão com a mesma facilidade da outra vez. Elisabeth se perguntou se isso significa que seus dias de passar fome, fugir correndo e dormir na chuva tinham chegado ao fim; talvez pudesse parar de lutar, pelo menos um pouco. Ela virou o rosto para o peito dele enquanto era levada.

— Você é um monstro mesmo, Silas — murmurou, no meio de um sonho. — Fico feliz.

Se ele a respondeu, ela não ouviu. Flutuou pelo mundo como se estivesse à deriva em um bote salva-vidas no mar ondulante. A próxima coisa que ouviu foi Silas falar:

— Fique acordada, srta. Scrivener. Só mais um pouquinho. Estamos quase chegando.

Ela notou, confusa, que Silas a pusera na carruagem, talvez há algum tempo. Balançou a cabeça. Piscou e a rua entrou em foco; além da janela, podia ver as casas grandiosas de Hemlock Park.

Com os olhos pesados, ela reparou nas mãos de Silas, cruzadas em seu colo. As garras na ponta dos dedos compridos e brancos eram impecavelmente limpas e cuidadas — e afiadas o bastante para rasgar gargantas. Quando ele notou seu olhar, franziu os lábios e vestiu as luvas de novo, fazendo desaparecer qualquer sinal de garras.

Logo a mansão de Nathaniel apareceu. Tinha sido construída no cruzamento de duas ruas diagonais, formando um ângulo curioso. Com a profusão de gárgulas, entalhes e florões, parecia um castelo esmagado em um triângulo sombrio de cinco andares. Quando a carruagem parou, Silas a carregou para fora. Ela o viu pagar o condutor, confusa e fascinada. Como era curioso vê-lo ser tratado como homem da sociedade, em vez de demônio ou até criado; o condutor até tirou o chapéu em sinal de respeito.

A porta da frente da mansão tinha seis aldrabas, cada uma de um tamanho, formato e metal. Quando Silas abriu a porta, bateu na segunda, de cima para baixo. Apesar de ser feita de cobre sólido manchado de azinhavre, não fez som algum; em vez disso, uma campainha tocou no fundo da casa. Elisabeth supôs que cada aldraba correspondesse a um andar, sendo que a sexta, mais baixa, era a do porão. Silas a pegou no colo de novo e a levou para dentro.

Passos ecoaram lá em cima. Nathaniel apareceu, descendo dois degraus de uma vez. Elisabeth encarou. Ele só vestia calças confortáveis e uma camisa branca e larga, que esvoaçava ao seu redor enquanto ele descia as escadas voando. O cabelo preto estava tão desgrenhado que a mecha prateada era quase invisível. Ela nunca o imaginara assim, vulnerável, *normal*, mas é claro que ele não passava o dia todo com a capa de catedrático e o sorriso cínico. Por baixo disso tudo, ainda era um menino de dezoito anos.

Silas instalou Elisabeth em uma das poltronas de couro do saguão. Ela estava tão mole e fraca quanto estivera sob a influência de Lorelei, tendo exaurido o que restava de força para se defender no beco.

— Silas! — exclamou Nathaniel. — Você trouxe m... eca! O que é *aquilo*?

— Aquilo é Elisabeth Scrivener, senhor.

Nathaniel se assustou, a observando. Emoções percorreram seu rosto rápido demais para acompanhar. Por um momento, o choque foi dominante. Ele notou a pele machucada, as roupas imundas. Finalmente, voltou à introspecção, endurecendo as feições.

— Que surpresa — observou em tom frio, descendo o resto da escada em um ritmo calculado. — Por que ela está aqui? Achei ter dito que eu...

Ele se interrompeu, olhando rapidamente de volta para Elisabeth, a boca franzida.

— Ela precisa de um lugar para ficar — disse Silas.

— E você achou que seria uma excelente ideia trazê-la logo para cá?

— Olhe para ela. Está doente. Não tem aonde ir. Quando a encontrei, estava sendo perseguida por criminosos.

Nathaniel arregalou os olhos, mas se recuperou rápido.

— Daqui a pouco você vai resgatar órfãos e ajudar viúvas velhinhas a atravessar a rua. Que absurdo — insistiu, os dedos empalidecendo ao agarrar o corrimão. — Desde quando você se importa com o bem-estar de seres humanos?

— Não sou eu quem se importa — disse Silas, baixinho.

— Como assim?

— Você se importa com ela, senhor, mais do que eu te vi se importar com qualquer outra coisa nos últimos anos. Nem tente negar — acrescentou, quando Nathaniel abriu a boca. — Não poderia haver outra razão para desejar que ela se vá com tanto fervor.

Elisabeth não entendeu o que Silas dizia, mas algo de horrível aconteceu com a expressão de Nathaniel. Ele pareceu notar e desviou o olhar.

— Que ideia desprezível — rosnou. — Você deveria saber disso, mais do que ninguém.

— Eu sei mais do que ninguém mesmo — retrucou Silas, atravessando o saguão na direção de Nathaniel. — Mais do que você, sem dúvida. Por isso, posso dizer com certeza que se isolar nesta casa não vai salvá-lo do legado da família. Só vai levá-lo à ruína.

Nathaniel retorceu o rosto.

— Eu posso ordenar que você a mande embora.

Por um momento, Silas não respondeu. Quando o fez, foi em um sussurro.

— Sim. De acordo com os termos de nosso acordo, devo obedecer a qualquer comando que o senhor me der, mesmo que eu não goste, por mais que eu discorde.

Nathaniel deu um passo à frente. Sendo muito mais alto, ele fazia Silas parecer minúsculo, quase insubstancial, só de camisa. Silas abaixou o olhar, respeitosamente. Apesar de Elisabeth não discernir mais nenhuma mudança em expressão ou postura, Silas de repente pareceu tão antigo, perigoso e assustadoramente educado que ela sentiu calafrios. Nathaniel, por outro lado, não parecia temê-lo nem um pouco.

— Silas — começou.

Silas o olhou por sob os cílios.

— Tem alguma coisa acontecendo — interrompeu. — Alguma coisa importante. Posso sentir no véu entre os mundos se espalhando em ondas, influenciando todas as direções, e a srta. Scrivener se pôs no caminho como uma pedra. A vida dela é diferente de qualquer outra que já conheci. Mesmo marcada por sombra, queima com tanto vigor que poderia me cegar. Mesmo assim, ela não é invencível, senhor. Nenhum humano é invencível. Se não a ajudar, esta ameaça acabará por tomá-la.

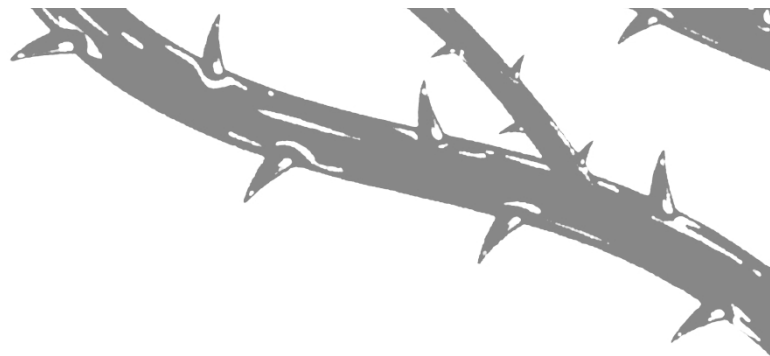
— Do que está falando? Que ameaça?

— Não sei — disse Silas, olhando de relance para Elisabeth. — Mas talvez ela saiba.

Nathaniel se manteve parado, o peito subindo e descendo em silêncio, mas com força intensa, como se tivesse acabado de correr uma maratona e não quisesse mostrar seu cansaço. Seu rosto estava corado.

— Certo. Ela pode ficar — decretou, dando meia-volta e acenando. — Como foi sua ideia, você pode tomar conta dela. Estarei no escritório.

Elisabeth o viu subir com firmeza para o labirinto escuro do casarão, as costas empertigadas e o rosto fechado — viu seu passo hesitar, ele quase olhar para trás. Quase. Foi sua última lembrança antes do escuro chamar por ela, fazendo com que ela apagasse mais uma vez.



DEZESSETE

Elisabeth se espreguiçou entre os lençóis macios da cama. Por um momento, sentiu a mente vazia como o céu azul de verão, vaga e tranquila, até acordar de uma vez, nervos explodindo de energia. Ela se sentou e afastou as cobertas. O movimento esbarrou em alguma coisa ali por perto, que tilintou.

Um café da manhã tinha sido posto na cama ao lado dela, em uma bandeja de prata que cintilava sob a luz da manhã. Perfumes tentadores de manteiga derretida e linguiça quentinha escapavam dos pratos cobertos. Saliva encheu sua boca e o estômago roncou. Talvez pudesse esperar mais uns minutos para impedir Ashcroft.

Ela pegou os talheres arranjados em um guardanapo dobrado e hesitou. Tinha uma lembrança vaga de que havia sido banhada e arrumada antes de pegar no sono, embalada pelo gesto reconfortante de um pente desembaraçando o cabelo. Corou, mas decidiu agradecer a Silas apesar do constrangimento. Ele tinha sido muito mais cuidadoso do que Hannah e agora já tinha certeza de que ele tinha sido sincero ao expressar a falta de interesse em corpos humanos.

Tentou entender em que estado se encontrava enquanto se empanturrava com o café da manhã. O horário sugeria que ela tinha dormido por quase 24 horas. A febre tinha baixado. Ela estava no mesmo quarto lilás da outra vez. Vestia uma camisola preta de seda, quase do tamanho exato de seu corpo alto, o que suspeitava significar que pertencia a Nathaniel. Cheirava a sabonete caro e um odor peculiar que só conseguia identificar, bastante confusa, como “garoto” — não deveria ser um cheiro bom, mas era.

Constatou de repente que todos os seus bens tinham se perdido. Ela não tinha nem roupas limpas. A única coisa dela no quarto era a carta de Summershall, ainda dobrada, discretamente disposta na mesinha de cabeceira. Silas provavelmente a recuperara. Como poderia lutar contra o Chanceler, visto que ele tinha tanto e ela, tão pouco?

Ouviu-se uma batida à porta.

— Estou acordada — disse Elisabeth, com a boca cheia de doce.

Esperava Silas, mas quem entrou foi Nathaniel, desta vez completamente vestido, blindado em uma tempestade de seda esmeralda. Antes que ela pudesse reagir, ele andou apressado até a janela e apoiou as mãos no peitoril. Não parecia querer olhar para ela. Na verdade, parecia querer dizer o que planejava correndo, para poder ir embora o mais rápido possível.

Elisabeth acabou de mastigar e engoliu. A massa do doce arranhou a garganta seca.

— Eu devia saber que você mergulharia de cabeça na primeira oportunidade de confusão, seu desastre completo — disse Nathaniel para a janela, palavras tropeçando umas nas outras, como se ele as tivesse ensaiado em frente ao espelho. — Parece que nem o Chanceler foi capaz de te manter segura. Por que você não está em Summershall? Não importa. Vamos entrar em contato com o Colégio para arranjar uma carruagem.

Ele inclinou o rosto, tenso.

— O que é isso? — perguntou ele.

Elisabeth se aproximara com a carta de Summershall. Relutante, ele aceitou o papel. Seus dedos se esbarraram e ela notou, surpresa, que ele tinha calos nas mãos. Ela se afastou, cruzando os braços com força contra a barriga, de repente atenta a estar vestindo as roupas de Nathaniel e praticamente mais nada por baixo.

Ele franziu a testa ao ler a carta uma, duas vezes, o olhar cinzento finalmente se erguendo para encontrar o dela, intensamente penetrante e incômodo.

— Não entendi.

— O novo Diretor não quer que eu volte. Ele me apagou do registro — explicou ela, se sentando na beira da cama. — E tenho mais a contar.

— É a ameaça que Silas mencionou?

— Acho que sim. Talvez você deva se sentar.

Nathaniel levantou as sobancelhas, mas aceitou se encostar na parede ao lado da janela. Elisabeth abriu a boca, mas hesitou e fechou os olhos com força. As palavras eram um nó apertado no peito. Era mais difícil começar do que esperara; tinha sido traída tantas vezes, por tanta gente. O que aconteceria se estivesse errada a respeito de Nathaniel, se não pudesse confiar nele?

— Você não precisa me contar, se não quiser.

Ela abriu os olhos, assustada. Nathaniel a observava com uma expressão ilegível.

— Tudo bem — disse ele. — Eu sei... — parou, considerando as palavras seguintes. — Sei como é ter coisas que não podem ser ditas. Para ninguém.

Uma onda de alívio tomou Elisabeth. “Ele não é o Chanceler. Não é como o médico, nem como o guardião Finch.” Desamparada e rouca, ela começou a rir. Sons histéricos escaparam de seu corpo, quase soluços, e lágrimas encheram os olhos. Ela tentou parar, mas só piorou; a gargalhada se transformou em arquejos de pânico.

Ela esperava que Nathaniel a encarasse como todo mundo, achasse que ela tinha enlouquecido, pois até ela se sentia louca, mas o olhar dele era... era... era como virar a esquina e ines-

peradamente dar de cara com o próprio reflexo no espelho, na fração de segundo em que os olhos chocados pertenciam a um estranho. Ela estremeceu de choque. De alguma forma, ele entendia. Ela afastou o olhar, finalmente capaz de respirar até estar mais calma. Ele não disse nada, só esperou.

— Eu *preciso* contar — disse ela, finalmente, apertando os punhos. — É muito importante. Alguém além de mim precisa saber — insistiu, respirando fundo. — Começou naquela primeira noite, do Livro dos Olhos, quando eu descí e senti cheiro de combustão etérea...

Conforme falava, sentia o peso no peito se aliviar. Até ali, não tinha notado o quão violento tinha sido guardar esses segredos todos — ser a única pessoa a saber a verdade sobre Ashcroft, sempre ciente de que, se qualquer coisa acontecesse com ela, a informação desapareceria para sempre.

Nathaniel escutou com atenção, sem interromper, o rosto cada vez mais fechado. Quando ela chegou à parte do feitiço que Ashcroft usara, uma sombra cobriu o quarto. A princípio, ela achou que o sol estivesse escondido por uma nuvem. Finalmente, viu as faíscas verde-esmeralda dançando pelos dedos de Nathaniel enquanto o quarto mergulhava cada vez mais fundo na escuridão noturna.

Ela se interrompeu.

— O que...?

Nathaniel estava tão concentrado nela que não tinha notado a própria reação. Ele olhou ao redor e empalideceu. O escuro se foi.

— Perdão — se obrigou a dizer. — Eu não...

Ele se esforçou para se recompor antes de continuar:

— O que o Chanceler fez... o feitiço... você não deveria ser capaz de se recuperar. Também não deveria conseguir ver as ilusões, nem resistir ao encanto da criada. Parece que você tem alguma resistência à influência demoníaca... explica bastante, na verdade, sobre tudo que aconteceu desde o Livro dos Olhos — explicou, passando a mão pelo cabelo em um gesto distraído. — Mas que esquisito. Nunca ouvi falar de alguém... deixa para lá. Continue. Por que raios você está sorrindo?

Elisabeth não sabia bem. O sol tinha voltado a entrar pela janela. A mecha prateada do cabelo de Nathaniel estava toda arrepiada, mas ele não tinha reparado. Ele acreditava nela. Finalmente. Acreditava em tudo. Olhando para o colo, ela continuou.

— Então preciso ir ao Colégio imediatamente e contar tudo que sei — completou. — Acho que Ashcroft atacará a Grande Biblioteca de Fairwater e, em seguida, Harrows. Ele está dando uma volta em círculo pelo reino, sabotando cada Grande Biblioteca em ordem. Talvez guarde a Biblioteca Real por último, mas o ataque a Harrows é especial para ele, por algum motivo.

Nathaniel estreitou os olhos.

— A segurança de Harrows será impenetrável. É mais forte do que a da Biblioteca Real.

— Um ancestral dele construiu as Grandes Bibliotecas. Ele pode conhecer alguma entrada

secreta — disse ela, mordendo o lábio. — E tem dois grimórios de Grau Dez no cofre. Se ele conseguir...

Nathaniel se empertigou.

— Entendi.

— Você não parece surpreso por nada que eu contei — disse Elisabeth, hesitante. — Você conhece Ashcroft há muito tempo, mas acredita mesmo assim.

Ele voltou a olhar pela janela, o rosto escondido pelo ângulo.

— Passei o dia inteiro pensando em tudo que possivelmente poderia ter acontecido com você e em todo mundo que poderia ser responsável. Já passei da surpresa. Além disso — acrescentou rapidamente, amargo, antes que ela pudesse retrucar —, insisto em nunca subestimar o que um feiticeiro pode fazer. Por mais bondoso, simpático ou confiável que pareça... eu vi do que são capazes com meus próprios olhos.

Os músculos dos ombros e das costas dele estavam tensos. Era obviamente um assunto pessoal.

— Está se referindo ao seu pai — disse ela, baixinho, e todos os comentários que ouvira sobre Alistair começaram a fazer sentido.

Nathaniel ficou ainda mais tenso. Silêncio reinou por muito tempo. Finalmente ele falou, em uma tentativa óbvia de mudar de assunto:

— Você não confiava em mim. Por que mudou de ideia?

Elisabeth mexeu na barra da camisola.

— No início, tive medo de você. Agora entendo que me ajudou. E acredito...

Ele se virou e ergueu uma sobrancelha, curioso.

— Acredito que há bondade em você — completou, afobada. — Mesmo que tente fingir o contrário.

Ele ergueu ainda mais a sobrancelha.

— Então você espera que eu te ajude a expor Ashcroft?

— Isso.

— Por quê?

— É o certo a se fazer.

Ele soltou uma gargalhada incrédula. Parecia quase dolorida, como se apanhasse de alguém.

— Diga, você tem provas? Motivo? Ashcroft é o homem mais poderoso do reino e tem uma reputação tão limpa quanto os lençóis da Rainha. Todos o adoram.

— Sei que ele está estudando o Códex Daemonicus. O que quer que esteja lá dentro deve explicar os planos.

— Faz séculos que feiticeiros estudam o Códex sem achar nada de relevante — respondeu ele, sacudindo a cabeça. — Você pode levar as alegações ao Colégio, à própria Rainha, mas ninguém vai acreditar. Ashcroft te declarou louca. Ele tem um diagnóstico médico e, ao que parece, dezenas de testemunhas da alta sociedade.

Elisabeth retorceu a camisola entre as mãos. Nathaniel continuou, incessante:

— Seria a palavra de uma aprendiz de biblioteca desonrada contra as opiniões das pessoas mais respeitadas em Austermeer.

— Mas se você for comigo e disser...

— Não tenho nada a dizer. Posso passar dias jurando pela sua sinceridade, mas o fato é que não testemunhei nada do que você me contou. Todo mundo me veria te encher de atenção e, depois daquela bagunça da imprensa, só suporiam que eu...

Ele passou a mão no cabelo de novo, dessa vez com mais força.

— Que você o quê?

Ele fez uma careta.

— Vou te dar um conselho, Scrivener. O que quer que Ashcroft esteja tramando, deixe para lá. Ele não quer mais nada com você, você está segura. Vou dar um jeito de resolver o assunto com Summershall, para você voltar à sua vida inocente no campo.

— Não — retrucou Elisabeth, se levantando bruscamente. — Só vou voltar depois de impedi-lo.

Nathaniel fechou a cara.

— Às vezes, pessoas morrem e não há nada a fazer — disse ele, irritado.

— Eu vou salvá-las.

— Você vai se juntar a elas — gritou.

Fúria cresceu em Elisabeth. Encheu seu peito, arranhou sua pele, acendeu as raízes do cabelo. Ela avançou até Nathaniel, até seus narizes quase se tocarem.

— É melhor do que não fazer nada! — berrou ela.

Ele levou um momento para responder. Os dois só se encararam, frente a frente por causa da altura igual. Ela sentiu a expiração dele na pele. Quando Nathaniel finalmente falou, se esforçou para manter a voz calma.

— Você foi atacada, violada, torturada, largada para morrer de fome na rua. Os obstáculos que enfrenta são intransponíveis. Se continuar nesse caminho, vai morrer. Por que não desiste de uma vez?

Ela arregalou os olhos. Alguém fazia isso? Desistir? Quando havia tanto no mundo a amar, pelo que lutar?

— Não posso — disse, com firmeza. — Nunca.

Nathaniel abriu a boca para uma resposta que nunca veio. Ela levou o olhar para os lábios dele e esse simples gesto bastou para mudar a atmosfera. Seu rosto ardeu de calor quando ela notou quão próximos estavam; Nathaniel arregalou os olhos, as pupilas escuras.

Ele deu um passo para trás de maneira abrupta. Então, deu meia-volta e segurou a beira da porta. Recuperando-se rápido, Elisabeth a segurou antes que ele pudesse fechá-la com força.

— O que Silas quis dizer quando falou que você se importa comigo?

O cabelo de Nathaniel escondia seu rosto, deixando entrever só o traçado do maxilar.

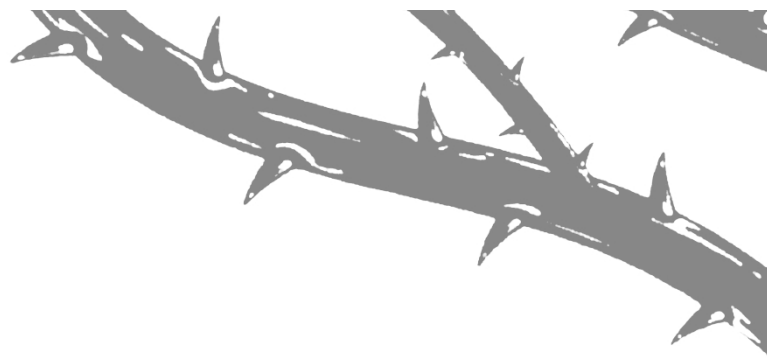
— Você devia saber melhor do que qualquer um: não se deve escutar demônios.

Ele estava certo. O que a Diretora pensaria se visse Elisabeth ali, aceitando de bom grado

abrigo na casa de um feiticeiro e seu demônio. Ela relaxou a mão, chocada. A porta escapou, mas Nathaniel não a bateu, como ela esperava — só a fechou com um clique. Quando os passos dele se afastaram, ela caiu sentada, encostada na porta, e apertou os olhos com os punhos. Tentou limpar a imagem fantasmagórica da Diretora de sua mente.

Costumava ser tão fácil separar o certo do errado. Guardiões seguiam um código simples: proteger o reino de influências demoníacas e nunca se envolver com feitiçaria. No entanto, o que deveria fazer quando o código se vira contra si próprio? Se não tivesse aceitado a ajuda de Silas, ela poderia ter morrido, matando junto qualquer esperança de desmascarar Ashcroft. Certamente era seu dever encontrar justiça, a qualquer preço.

Confusão ferveu dentro dela como uma doença. Talvez esses pensamentos indicassem que ela não servia como guardiã. Mesmo assim, se recusava a voltar atrás. Precisava encontrar um exemplar do Códex. Precisava descobrir o que Ashcroft procurava. E não havia lugar melhor para investigar do que na casa de um feiticeiro.



DEZOITO

Luz verde-esmeralda escapava pela fresta sob a porta, iluminando a poeira e as manchas do chão. No corredor, Elisabeth mudava o peso de um pé ao outro. Ela tinha passado horas explorando o casarão. Depois de enfiar a cabeça em inúmeros cômodos sem uso, cheios de móveis cobertos, tinha encontrado a porta em questão escondida em um canto do primeiro piso. Nathaniel estava trancado ali desde cedo, fazendo algum tipo de magia. Às vezes ela o escutava andar ou murmurar um feitiço. Ela passara a tarde toda esperando, mas ele não saía nenhuma vez. Sua paciência estava chegando ao fim.

Um olhar para o corredor confirmou que a casa estava vazia como sempre. Além de Silas, que parecia ter saído, ela não encontrara nenhum criado. Ela criou coragem e bateu à porta.

— Achei que você só ia voltar na hora do jantar — disse Nathaniel, casualmente. — Entra logo, preciso da sua opinião...

Ele se virou quando viu a porta abrir, e fechou a cara.

— Scrivener — cumprimentou.

Elisabeth não respondeu, pois estava distraída pelos arredores, boquiaberta. A porta não dera em um cômodo, mas em uma floresta. Nathaniel se encontrava no meio de uma clareira coberta por musgo, o chão salpicado de feixes de luz esverdeados que atravessavam os pinheiros gigantescos. Borboletas do tamanho de pratos se aglomeravam nos troncos, batendo as asas turquesa iridescentes, e notas líquidas de canto de pássaro ressoavam pelo ar. A floresta parecia se estender eternamente, a profundidade disfarçada por névoa que esvoaçava e às vezes revelava vislumbres de colinas escuras e distantes e riachos brancos e sonoros.

Elisabeth sentiu seu ânimo crescer ao atravessar a porta, indo de um mundo a outro. Inspirou fundo o perfume de musgo e seiva de pinheiro e ergueu a mão para brincar com a luz verde entre os dedos.

Nathaniel a observou por um momento, em silêncio. Retorceu a boca em um sorriso amar-

go.

— Não se anime demais. Nada disso é verdade. Viu? Só uma ilusão que estou preparando para o Baile Real.

Ele abanou uma mão e o cenário se embaçou como uma aquarela ainda molhada virada de cabeça para baixo. Ela piscou, vendo as samambaias se dissolverem em fiapos de névoa verde; as borboletas sumiram como bolhas de sabão estouradas. Assim que a última árvore desapareceu, ela se viu na entrada de um escritório, não mais numa floresta.

Mesmo assim, este cômodo não se parecia em nada com o escritório de Ashcroft — com nada que ela vira antes. Era maravilhoso. Mal havia espaço para andar sem derrubar alguma coisa. Papel se amontoava em todas as superfícies, às vezes preso por instrumentos velhos de bronze e vidro. Um globo adornado com joias brilhava na plataforma de bronze no canto e o esqueleto articulado de um pássaro grande pendia de fios acima de Nathaniel. O teto se erguia em um túnel de cinco andares, acabando em uma claraboia que deixava entrar feixes claros de luz do sol. Nas prateleiras, dando voltas e voltas, acessíveis só por escadas...

Elisabeth sorriu.

— Grimórios — suspirou, ainda mais encantada.

Nathaniel fez uma cara estranha.

— Você gostou daqui?

— Claro. Tem livros.

Ele ficou ali parado, sem tentar impedi-la, então Elisabeth subiu na escada mais próxima. Ela tinha encontrado um exemplar conhecido na prateleira, piscando a lombada para chamar atenção. Quando estendeu a mão, ele se sacudiu para se soltar dos vizinhos e pulou animado em sua mão.

— Sabia que você devia estar por aqui! — disse ao Léxico, que não vira desde o caminho para Brassbridge. — Não acredito que ele te roubou.

O grimório estremeceu com ar culpado. Ela olhou por cima do ombro, para o caos assombroso e cintilante do escritório. Dali, via chamas verde-esmeralda dançando na lareira, acima das quais um caldeirão de vidro soltava fumaça roxa pela chaminé. Não havia caveiras, pés de corvo nem frascos de sangue. Na verdade, o escritório parecia... amigável. Franzindo a testa, pensativa, ela se voltou para o Léxico.

— Acho que é melhor aqui do que na casa de Ashcroft — admitiu.

— O que você quer? — perguntou Nathaniel, atrás dela. — Suponho que tenha um motivo para infligir sua presença.

Ela guardou o Léxico debaixo do braço.

— Quero pedir um favor.

Ele deu as costas para ela e começou a remexer em uma pilha de papéis na mesa, sem fazer nada de específico além de aumentar a bagunça.

— Acreditei ter sido explícito hoje cedo. Não vou te ajudar a morrer.

— Só quero uns livros emprestados.

— Esse impulso suspeito e repentino não tem nada a ver com Ashcroft?

Elisabeth notou um grupo de instrumentos frágeis de vidro arrumados em uma mesa próxima. Ela desceu a escada e andou na direção deles.

— O que é isso? — perguntou. — Parece quebrar fácil.

— Não mexa nisso — disse Nathaniel, correndo. — Não... nem nisso — acrescentou, quando ela mudou de caminho e se dirigiu ao globo.

Quando ela o ignorou, ele levantou as mãos, se rendendo.

— Tá! — declarou. — Como quiser, seu pavor inacreditável. Pode pegar todos os grimórios que quiser, desde que não encoste em mais nada. É minha regra.

Ela abriu um enorme sorriso. Ele a olhou por um momento, antes de desviar a atenção de volta para a mesa.

— O que foi?

— Você precisa de roupas novas — disse ele, fingindo ler um papel.

Ela sabia que era fingimento, porque o papel estava de cabeça para baixo.

— Se continuar assim, meus pijamas vão acabar — continuou. — Vou pedir para Silas... ele ama essas coisas. Prepare-se para estar na moda, Scrivener, pois ele não aceitará nada diferente.

Elisabeth corou. Ela tinha esquecido que ainda vestia a camisola de Nathaniel. Ela tentou afastar a lembrança dos olhos escuros e da boca entreaberta, tão próximos de seu próprio rosto.

— Você fala do Silas de um jeito... você confia mesmo nele, né?

Por algum motivo, Nathaniel riu.

— Com a minha vida.

Ela levou um tempo para entender o duplo sentido da resposta e, quando entendeu, sentiu o coração pesar. Era fácil esquecer que ele negociara sua vida em troca pelo serviço de Silas. Quanto da vida? Não teve coragem de perguntar.

Ela sacudiu a cabeça para afastar o pensamento perturbador e se concentrou na tarefa à frente. Nathaniel voltou a trabalhar e ela subiu pelas escadas do escritório, catando qualquer grimório promissor. A luz mudou e se aprofundou, atravessando a claraboia em um ângulo mais íngreme. Horas passaram, mas Elisabeth mal notou. Ela estava de volta aonde pertencia, cercada pelo sussurro e farfalhar das páginas; pelo cheiro doce e mofado de livro. Às vezes, olhava para Nathaniel e o via examinar borboletas e flores conjuradas sob as lentes de uma espécie de microscópio esquisito. Ele não olhou de volta nenhuma vez. No entanto, vez ou outra, quando estava de costas, ela poderia jurar que sentira seu olhar sobre ela, hesitante como o toque de uma asa de borboleta.

No fim da tarde, ela saiu cambaleando do escritório, carregando uma pilha tão espantosa de grimórios que precisava inclinar a cabeça para enxergar aonde ia. Subir três andares de escada até o quarto não pareceu sensato. Em vez disso, carregou os livros a um dos cômodos que descobrira na exploração: uma salinha instalada em um canto quente e ensolarado da casa, onde poltronas acolchoadas estavam arranjadas ao redor de uma lareira na qual alguém deixara um

buquê de lavanda seca, as flores já amarronzadas e quebradiças. Ela deixou os grimórios na mesinha de centro, espirrando por causa da poeira que se agitou com o movimento.

Uma olhada no Léxico a levou a se concentrar em Aldous Prendergast, o autor do *Códex Daemonicus*. Os livros que selecionara para começar eram todos grimórios de Grau Um e Grau Dois com seções sobre história do século XVI. Um deles parecia especialmente promissor: *O Guia Completo de Personagens Históricas de Lady Primrose*, Edição Nova e Revisada, que não parava de soltar sons de desprezo delicados e elegantes na mesa empoeirada, e se recusou a abrir até que ela voltasse para pegar luvas de pelica emprestadas com Nathaniel.

Ao cair da noite, entretanto, todos os grimórios tinham fornecido uma quantidade decepcionante de informação. Ela leu que Prendergast dedicara a vida ao estudo de demônios e do Outromundo. Ele era obcecado pelo trabalho e chegou a alegar ter viajado ao Outromundo, o que pareceu iniciar sua rixa com Cornelius. Os dois eram amigos íntimos antes de Prendergast escrever o *Códex*. Pouco depois, Cornelius o declarou louco e o trancou em uma torre, onde ele morreu em um estado de coma. Elisabeth não deixou de notar que Ashcroft tentara se livrar dela da mesma forma. Não surpreende que os uivos psíquicos do exemplar soassem enfurecidos e traídos.

Infelizmente, nenhum dos grimórios continha o que ela realmente precisava saber: uma pista do tipo de segredo que Prendergast poderia ter escondido no *Códex* — ou, pelo menos, onde poderia encontrar um exemplar de estudo.

Frustrada, ela deixou o último grimório de lado e olhou pela janela. Estava quase escuro demais para ler. Uma sombra azulada caíra sobre a sala e o trânsito lá fora diminuía de intensidade. Ela sentiu os pensamentos se agitarem enquanto uma carruagem passava aos solavancos, cintilante sob a chuva, com folhas amarelas grudadas no teto. Até ali, os ataques nas Grandes Bibliotecas tinham acontecido aproximadamente a cada duas semanas. Isso significava que ela tinha pouco mais de uma semana para expor Ashcroft antes que ele atacasse a Grande Biblioteca de Fairwater, e menos de um mês antes do ataque a Harrows. Ela mal começara e já não tinha tempo.

— Srta. Scrivener?

Ela se sobressaltou. Silas estava na entrada da sala, trazendo uma bandeja de prata.

— Tomei a liberdade de trazer seu jantar, a não ser que prefira ir ao salão — explicou.

Elisabeth correu para abrir espaço na mesinha, ignorando os suspiros indignados de protesto de Lady Primrose.

— Aqui está ótimo. Muito obrigada.

Ela viu Silas apoiar a bandeja. Mais cedo, tinha ido à cozinha, onde não vira ninguém.

— Você cozinha tudo sozinho? — perguntou.

— Sim, senhorita.

Silas acendeu a lamparina a gás do canto e foi arrumar as cortinas. Era estranho vê-lo cuidar de tarefas tão mundanas. A forma pálida e esguia parecia etérea no crepúsculo, pouco humana.

— Sirvo o senhor Thorn em todas as capacidades há seis anos — completou.

“Estou até comendo refeições feitas por um demônio”, pensou, chocada. De qualquer forma, devia sua vida a Silas. Não parecia certo que ele a servisse incessantemente.

— Você... quer jantar comigo?

Ele parou, inclinando a cabeça.

— Quer que eu jante?

Elisabeth hesitou, sem saber o que dizer.

Ele a olhou por sob os cílios.

— Não como refeições humanas, senhorita... só se houver motivo. Para mim, o gosto é só de cinzas e pó.

Ele fechou as cortinas. Logo antes, ela notou que a respiração dele não embaçava a janela.

— Mas jantarei com você, se quiser — concluiu.

Será que ela o ofendera? Era sempre difícil saber.

— Neste caso, não vou te dar trabalho — declarou ela.

Ele assentiu e se afastou.

— Está muito bom — disse ela, de repente. — Nunca comi tão bem, exceto na Mansão Ashcroft, mas prefiro me esquecer disso. Você é um cozinheiro excelente, mas não sei como consegue, sem poder sentir o gosto.

Silas parou de repente. Ela fez uma careta, ouvindo as palavras desajeitadas que dissera, mas ele não pareceu ofendido pelo elogio atrapalhado. Na verdade, havia um toque de satisfação nos traços de alabastro. Ele acenou com a cabeça de novo, desta vez com mais insistência, e sumiu nas sombras do corredor.

No dia seguinte, ela entrou na sala com mais uma pilha de livros e notou que, na sua ausência, cada cantinho tinha sido espanado e polido, o tapete batido, os lençóis removidos do que restava dos móveis; os vidros das janelas em forma de diamante cintilavam. Um aroma doce pairava no ar e Elisabeth identificou a origem: um novo buquê de lavanda na lareira. Nem Lady Primrose encontrou o que criticar, recorrendo a uma ou outra fungada distante até se calar.

Elisabeth passou mais uma tarde de leitura frustrante. Dois dias se tornaram três, sem que se aproximasse de uma resposta. Às vezes sua atenção divagava enquanto escalava os andares do escritório de Nathaniel, e ela fazia um intervalo para vê-lo acrescentar um ingrediente ao caldeirão de vidro, que ainda soltava fumaça roxa, ou conjurar uma revoada de beija-flores que davam voltas ao redor dele, manchas iridescentes de verde viridiano. A luz descendo da claraboia destacava seus ombros e desenhava o cabelo desgrenhado. Às vezes, quando o sol esquentava, ele tirava o colete e arregaçava as mangas. Assim, ela via a cicatriz horrível que percorria a parte interna do antebraço direito, mais nítida ali do que no corredor escuro da pousada.

Ele continuou a ignorá-la, mas não era um silêncio antipático, o que surpreendeu Elisabeth. Era como estar em Summershall, cuidando da própria vida na companhia de outros bibliotecários que faziam o mesmo. Ela não queria examinar demais esse pensamento, pois parecia errado sentir que o escritório de um feiticeiro era curiosamente semelhante ao seu lar.

Roupas chegaram, sob os cuidados de Silas: um desfile de vestidos de seda em tons de azul Cerúleo, cor-de-rosa e creme listrado. Depois de experimentá-los, impressionada com a experiência nova de usar roupas que não mostravam os tornozelos, Elisabeth guardou o vestido azul no fundo do armário, com uma pontada de culpa. A cor não lembrava mais um uniforme de guardiã, mas sim o tempo como prisioneira na Mansão Ashcroft. Ela tinha pesadelos, a memória das últimas semanas se misturando em horrores fantasmagóricos — largada impotente sob o encanto de Lorelei enquanto Ashcroft matava a Diretora na frente dela, ou enquanto um assistente uniformizado prendia suas pernas com tiras de couro e o sr. Hob nem piscava ao seu lado. Ela acordava dos sonhos encharcada de suor e pavor e levava horas para voltar a dormir.

O avanço veio na terceira noite de pesquisa, inteiramente por acaso. Ela estava estudando na sala quando uma briga começou entre Lady Primrose e um grimório de Grau Dois chamado Pariato de Throckmorton, que passara a tarde toda cuspidando tinta nos outros livros. Finalmente, Lady Primrose chegou ao limite da paciência. A sala se transformou por um instante em um caos de poeira e páginas farfalhantes; até que Throckmorton se escondeu debaixo de um armário, desesperado para se afastar da vingativa Lady Primrose, que emitia um grito agudo e fino, como o assobio de uma chaleira.

— Não direi que tenho pena de você — disse Elisabeth, séria, ajoelhada para arrancar Throckmorton do chão, como um gato desobediente. — Você devia saber que não pode implicar com outros grimórios.

Foi então que viu: um vislumbre de metal preso atrás do armário, iluminado no ângulo certo pela luz do sol. O que quer que fosse, parecia ter escorregado e se perdido ali, preso contra a parede. Elisabeth tentou pegá-lo, mas afastou a mão imediatamente, chocada. O objeto era congelante. Ela enrolou a mão na saia e tentou de novo, desta vez puxando o objeto com cuidado.

Era um espelhinho de mão, cuja moldura de prata era decorada com traços e voltas elaboradas. Não era um espelho comum, entretanto. Gotas de gelo pendiam das bordas e uma camada cobria o vidro. Quando Elisabeth olhou mais de perto, não viu nem sinal do próprio reflexo. Imagens fantasmagóricas e desconhecidas fluíam pela superfície do espelho, se movendo sob o gelo.

Primeiro, o espelho mostrou um salão vazio em uma casa desconhecida, cores desbotadas pela superfície. Ela prendeu a respiração quando uma criança correu pela sala, rindo, seguida por uma babá. Então a imagem borrou e foi substituída por um escritório no qual um homem assinava documentos e, mais uma vez, por uma sala onde uma mulher tocava piano enquanto outra bordava. Elisabeth observou, fascinada. Eram pessoas de verdade. Considerando o ângulo, as via pelos espelhos das próprias salas.

Ela grudou o espelho na cara. Sempre que expirava, o gelo derretia um pouco, e logo se abriu um espaço no meio, revelando cores fortes das imagens. As notas tilintantes do piano encheram a sala, como se fossem tocadas em outro cômodo próximo da casa de Nathaniel. O peito de Elisabeth se encheu de solidão.

— Quero que me mostre alguém que conheço — cochichou ao vidro. — Quero que me mostre minha amiga, Katrien.

A música do piano parou. A mulher franziu a testa e ergueu o olhar, diretamente para Elisabeth. Arregalou os olhos e saiu correndo, gritando. Elisabeth não viu o resto. Ainda estava processando o fato de que a mulher podia vê-la quando a imagem mudou de novo. Desta vez, mostrou seu próprio quarto em Summershall.

O quarto que dividia com Katrien. Ela estava sentada na cama, folheando maços de anotações rabiscadas. Pedacos de papel amassado cobriam a manta antiga de Elisabeth e se espalhavam pelos cantos do quarto como neve. Alguns estavam na cômoda, encostados no espelho, escritos em uma letra propositalmente ilegível. Katrien estava nitidamente tramando alguma coisa.

Elisabeth sentiu um nó na garganta. O espelho tremeu em sua mão. Ela não esperava que obedecesse ao pedido. Se o Colégio descobrisse que ela tinha usado um artefato mágico, nunca mais poderia entrar em uma Grande Biblioteca. Além disso, ela nem sabia como o espelho funcionava, de onde tirava a magia — poderia ser perigoso. Ela deveria deixá-lo onde o encontrara, nunca mais tocá-lo.

Mas... era Katrien, de verdade, bem ali. Ela não tinha forças para ignorar.

— Katrien — cochichou.

Katrien se empertigou e virou.

— Elisabeth! — exclamou, correndo até o cômodo, seu rosto enchendo o espelho. — O que aconteceu? Você está presa? — perguntou, examinando os arredores de Elisabeth. — Onde você está?

— Tenho tanto a contar. Espere! Não vá embora!

— Não vou a lugar nenhum! Mas, Elisabeth, você está sumindo... está transparente...

O gelo estava voltando. Ela ofegou no espelho de novo, mas não adiantou. Desta vez, o gelo não derreteu. Desesperada por uma solução, lhe ocorreu outra ideia. Na Grande Biblioteca, Katrien tinha acesso a mais recursos do que Elisabeth.

— Preciso da sua ajuda — disse para o círculo que diminuía rapidamente. — Não tenho tempo para explicar, mas é importante.

— Qualquer coisa — disse Katrien, sombria.

— Um grimório, chamado Códex Daemonicus. Acho que é Grau Cinco ou Seis. Preciso descobrir onde achar um exemplar...

Gelo cobriu a área restante e o espelho voltou ao tom branco leitoso. Elisabeth não tinha como saber se Katrien ouvira. Ela se sentou de novo, apertando os olhos para conter lágrimas frustradas.

Passou o resto do dia perto do espelho, escondido sob as almofadas da poltrona, que conferia regularmente. Entretanto, a magia parecia ter se esgotado. Não mostrava nada além de uma oval branca. Ela passou a noite acordada, vendo um feixe de luar viajar pelo teto, se perguntando o que fazer. O espelho estava a seu lado na coberta, tão frio que causava arrepios em seus

braços nus. Katrien parecia ao mesmo tempo próxima o suficiente para um abraço e ainda mais distante do que antes.

“Talvez eu deva procurar Nathaniel”, pensou. “Ele saberá como restaurar a magia.”

Ela desistiu da ideia imediatamente. Nathaniel parecia tolerar o esforço dela para expor Ashcroft, mas só na condição de que não o envolvesse de forma alguma. Ele poderia tirar o espelho dela, especialmente se fosse perigoso, ou se temesse que ela o quebrasse. Era melhor esperar, ver se a magia voltava sozinha.

Nathaniel... Ela ainda não o entendia. Ele não a tratava mal, mas obviamente não queria que ela estivesse ali. Sua chegada o perturbara de alguma forma — a briga com Silas não deixava dúvida. Eles nunca comiam juntos e ele só falava com ela quando estritamente necessário. Fora do escritório, ele a evitava completamente.

Talvez não quisesse encorajá-la. Talvez não tivesse interesse em mulheres, como as senhoras tinham sugerido no jantar na Mansão Ashcroft, ou fosse como Katrien, que não tinha interesse algum em relações românticas. Talvez por isso nunca tivesse cortejado uma dama. Entretanto, ela sabia o que vira quando os olhos dele escureceram naquele dia, quando a tensão tornara o ar entre eles sufocante.

Ela se revirou na cama, inquieta. Imaginou que poderia atravessar o corredor em passos leves, de camisola, e bater à porta do quarto de Nathaniel. Pensou nele de cabelo desgrehado pelo sono e camisa aberta para dormir, abrindo a porta no escuro. Quando finalmente pegou no sono, foi embalada pela lembrança da maciez de seu cabelo em Summershall e da aspereza dos dedos calejados que tocaram sua mão.

• • •

Quando acordou no dia seguinte, a primeira coisa que fez foi se sentar e pegar o espelho, deixando o cabelo cair sobre ele como uma cortina embaraçada. A magia estava de volta. Imagens se moviam sob o gelo. Antes que pudesse chamar por Katrien, ouviu uma batida à porta. Ela enfiou o espelho sob o cobertor e prendeu a respiração.

Silas entrou, trazendo o café. O olhar amarelo se concentrou nela, mas ele não disse nada. Elisabeth o agradeceu, apressada, conforme ele aproximava a bandeja; notando que o agradecimento tinha soado esquisito, enfiou um doce inteiro na boca. Nada nisso pareceu surpreendê-lo, e ele se despediu e partiu, sem comentário. Ela esperou um bom tempo depois que ele fechou a porta, certa de que ele tinha sentidos muito mais aguçados do que humanos. Finalmente, pegou o espelho correndo, ignorando a dor do contato com o metal congelado.

— Mostre Katrien — mandou, soprando o vidro.

O espelho desembaçou. Katrien estava jogada de bruços na cama, parcialmente mergulhada em bolinhas de papel amassado. Depois que Elisabeth chamou seu nome várias vezes, ela acordou com um bufo e caiu no chão. Elisabeth fez uma careta ao ouvir o baque.

— Tudo bem? — perguntou.

Katrien correu até o espelho aos tropeços, apertando os olhos contra a luz da manhã.

— Eu ia perguntar a mesma coisa, mas vejo que você está tomando café na cama.

— Estou segura, por enquanto — respondeu Elisabeth, hesitante. — Katrien, você está...

Pálida. Estressada. Exausta. Ela se repreendeu por não ter notado no dia anterior. As olheiras de Katrien e o tom cinzento da pele escura indicavam muito mais do que uma noite insone.

A amiga olhou para a porta, por sobre o ombro, e parou um instante, conferindo se não havia ninguém lá fora.

— O diretor Finch está tratando este lugar como uma cadeia — confessou, falando mais baixo. — Os guardiões fazem inspeções aleatórias dos quartos regularmente. Ele redobrou o trabalho dos aprendizes e somos jogados nas masmorras se não damos conta — explicou, esfregando o punho, onde Elisabeth viu a marca inchada da chibata. — Se acha que estou com a aparência ruim, devia ver Stefan. Mas não se preocupe. Não vai continuar assim por muito tempo.

— Como assim?

— Eu explicaria, mas tenho medo do nosso tempo acabar. Confie em mim. A situação está sob controle — declarou, se aproximando mais. — Então, consegui dar uma olhada no registro ontem.

Elisabeth se empertigou.

— Encontrou?

Katrien assentiu.

— Só dois exemplares do Códex Daemonicus foram escritos. Um deles sumiu centenas de anos atrás, mas o outro está guardado na Biblioteca Real.

— O exemplar perdido deve ser o de Ashcroft...

Ela parou de falar, refletindo. Silas contara que a Biblioteca Real era um dos prédios cheios de torres com vista para o rio, perto de Hemlock Park.

— Elisabeth — disse Katrien.

Ela ergueu o olhar e viu o gelo voltar a cobrir o espelho, engolindo o rosto de Katrien. Elisabeth sentiu o coração pular.

— Só feiticeiros podem entrar na Biblioteca Real — disse, rapidamente. — E acadêmicos com permissão do Colégio... mas precisam de credencial. Preciso dar um jeito de entrar.

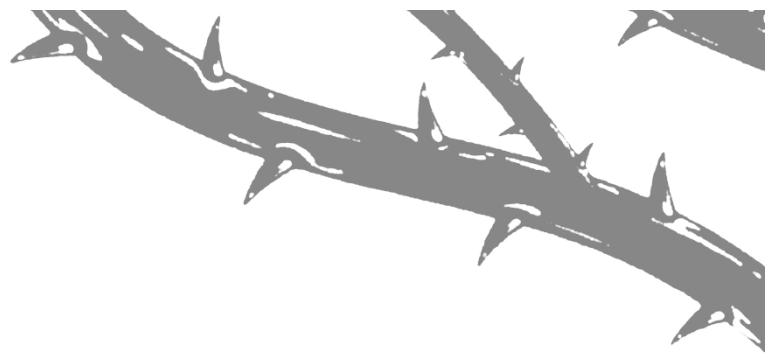
— Isso é fácil — responde Katrien. — É só arranjar um trabalho como criada.

— Mas nunca vão deixar uma criada estudar grimórios.

— Claro que não vão *deixar*. Você sabe o que precisa fazer, né?

Elisabeth sacudiu a cabeça, com a boca seca. Na verdade, sabia o que Katrien diria, mas não queria ouvir.

— Sei que não gosta, mas não tem jeito — disse Katrien, cuja voz se abafava cada vez mais rápido. — Precisa descobrir onde está guardado o Códex da Biblioteca Real, entrar lá... e roubá-lo.



DEZENOVE

Encontrar um emprego na Biblioteca Real foi mais fácil do que Elisabeth esperava. Por sorte, uma criada tinha pedido demissão naquela manhã, depois de uma traça gigantesca subir em sua perna, e a Biblioteca Real precisava de uma substituta imediata. Elisabeth demonstrou ao gerente que seria a candidata perfeita: levantou um pé do armário do escritório, encontrou uma traça e a esmagou, para a alegria de uma jovem aprendiz que passava por ali. Em seguida, se sentou do outro lado da mesa do gerente e respondeu a uma série de perguntas profissionais, como a velocidade com que corria e o valor que dava a ter dez dedos. O gerente pareceu impressionado por ela considerar as perguntas perfeitamente razoáveis. Pelo que explicou, a maioria dos candidatos ia embora correndo.

— Mas é uma biblioteca! — respondeu ela, surpresa. — O que esperam? Que os livros *não* tentem arrancar dedos?

Depois da entrevista com o gerente, ela precisou encontrar a vice-diretora, sra. Petronella Wick.

Elisabeth nunca ouvira falar de vice-diretores, mas supôs que o tamanho da Biblioteca Real tornava o cargo necessário. Assim que entrou no escritório, entendeu que estava na presença de uma pessoa extremamente importante. A sra. Wick usava as vestes azul índigo de bibliotecária sênior condecorada, presas no alto do pescoço por uma chave e uma pena douradas. O cabelo era grisalho, mas a idade não diminuía a elegância das tranças cuidadosamente arrumadas. Ela tinha a pele marrom-escura, contra a qual os olhos brancos pareciam quase opalescentes, e a postura tão impecável que Elisabeth sentiu a própria falta de jeito se sobressair na sala, como uma terceira presença. Ela estava certa de que a sra. Wick fosse senti-la, apesar de ser visivelmente cega.

— Você deve estar se perguntando por que foi trazida para falar comigo — disse a sra. Wick, sem hesitar. — Aqui na Biblioteca Real, até o trabalho dos criados é de enorme respon-

sabilidade. Não podemos deixar qualquer um entrar.

— Sim, sra. Wick — disse Elisabeth, sentada em frente à mesa, paralisada.

— Também é um trabalho perigoso. Durante meu mandato como vice-diretora, vários criados morreram. Outros perderam partes do corpo, algum sentido, ou até a sanidade. Por isso, preciso perguntar... por que deseja trabalhar em uma Grande Biblioteca, com tantas outras opções por aí?

— Porque eu... — hesitou Elisabeth, decidindo ser tão sincera quanto possível. — Porque é meu lugar — soltou. — Porque preciso encontrar uma coisa que só pode ser encontrada aqui, entre os livros.

— O que deseja encontrar?

Desta vez, falou sem precisar pensar:

— A verdade.

A sra. Wick ficou um bom tempo em silêncio. Demorou tanto que Elisabeth tinha certeza de que seria dispensada. Sentia que estava sendo examinada até a alma; como se a sra. Wick pudesse pressentir sua verdadeira intenção para estar ali e estivesse prestes a convocar um guardião para prendê-la imediatamente. No entanto, quando a vice-diretora se levantou, falou:

— Bem. Venha comigo. Antes de começar o treinamento, deve visitar o arsenal.

Elas saíram do escritório e andaram juntas por um corredor ladeado por pilares, em passos que ecoavam no teto abobadado e alto. Vitrines de vidro reforçado ocupavam os recônditos das paredes, iluminando as lajes com tons estranhos e coloridos. As vitrines não continham grimórios; continham artefatos mágicos: um crânio que irradiava luz esmeralda, um cálice cheio de céu noturno, uma espada cujo pomo era entrelaçado por glórias-da-manhã, flores que se abriam, morriam e nasciam de novo sob o olhar de Elisabeth, pétalas caídas que se despedaçavam e sumiam. Ela se forçou a seguir em frente sem arrastar o passo, atenta à mão da sra. Wick apoiada em seu ombro, mas na vitrine seguinte parou, surpresa.

Lá dentro estava um espelho congelado, cercado por gotas de gelo tão compridas que tinham se misturado até formar um pedestal translúcido. Cristais esvoaçavam ao redor do espelho como se a vitrine guardasse uma nevasca.

— Estamos no Saguão das Artes Proibidas — explicou a sra. Wick. — Todos os artefatos contidos aqui foram banidos cento e cinquenta anos atrás pela Reforma. São relíquias de eras passadas, preservadas para nos lembrar do que ficou para trás.

Ela se aproximou da vitrine, esticando a mão, e passou os dedos pela placa. Depois de um momento, Elisabeth entendeu que lia as letras gravadas pelo toque.

— É um espelho perscrutador — explicou, afastando a mão. — Foi criado por feiticeiros antigos para ver por todos os espelhos deste mundo. Acredita-se que este é o último ainda existente. O resto foi confiscado e destruído e ninguém mais sabe como fazê-los.

Elisabeth se aproximou.

— O espelho é perigoso?

— Conhecimento sempre tem potencial para ser perigoso. É uma arma mais poderosa do

que qualquer espada ou feitiço.

— Mas o espelho é mágico. É feitiçaria.

Elisabeth sabia que não devia dizer mais nada, mas ansiava por respostas — não só quanto ao espelho, mas quanto à mudança ocorrendo em seu próprio coração.

— Isso não significa que é do mal? — perguntou.

A sra. Wick virou a cara rapidamente e Elisabeth imediatamente se arrependeu da pergunta. A vice-diretora voltou a mão ao ombro de Elisabeth e a levou para longe, se movendo com tanta segurança que ficou óbvia sua capacidade de circular sozinha. Era Elisabeth quem estava sendo guiada pelo lugar perigoso, não o contrário.

— Alguns diriam que sim — disse a sra. Wick. — Mas há sempre mais de uma forma de ver o mundo. Quem alega o contrário quer que fiquemos para sempre perdidos no escuro.

O arsenal ficava na ponta oposta do Saguão das Artes Proibidas, guardado por duas estátuas que cruzavam as lanças na frente da porta de ferro. A sra. Wick mostrou o broche do Colégio e as estátuas afastaram as lanças. As portas se abriram sem toque, rangendo.

Elisabeth encarou o espaço, impressionada. Raios de sol banhavam capas, espadas e latas, e até armaduras arcaicas em posição de atenção contra os pilares, seu metal polido até brilhar. Uma fileira de estátuas ao fundo parecia ser usada para treino; partes delas estavam quebradas e as expressões fixas nos rostos eram de exaustão. Só havia uma pessoa na sala. Um menino, à mesa de cavalete no meio do cômodo, que punha colheradas de sal em pedaços de tecido. O produto completo formava montinhos redondos, como bolsinhas de moeda, presos por barbante. Ele ergueu o rosto quando a porta se abriu e sorriu, amigável, para Elisabeth.

— Boa tarde, Parsifal — disse a sra. Wick. — Elisabeth, o bibliotecário iniciante Parsifal vai te preparar para o trabalho.

— E aí — disse Parsifal.

Elisabeth gostou dele de cara. Ele parecia ter uns dezenove anos e usava o manto azul-claro amarrado na barriga redonda. Ele tinha um rosto agradável e cabelo loiro curtinho meio bagunçado e espetado.

Depois que a sra. Wick foi embora, ele correu pelo arsenal para buscar alguns itens e deixá-los numa parte vazia da mesa para ela: um cinto de couro, cheio de bolsinhas e ilhós, e uma capa branca de lã, estampada nas costas com a chave e a pena, e forrada por uma camada fina de cota de malha.

— Não fazia ideia de que poderia vestir algo assim — disse ela, tocando a capa com reverência.

— Até criados usam uniforme aqui — respondeu Parsifal, orgulhoso. — Claro que é principalmente por necessidade. Para trabalhar na Biblioteca Real, é preciso usar ferro, especialmente agora, com tudo que tem acontecido. Isso daqui são balas de sal — explicou, demonstrando como prender no cinto as bolsinhas de sal, cujo tecido fino explodia se jogado contra a pedra, soltando uma explosão de sal. — No caso de confusão, usá-las deve te dar tempo suficiente para correr e chamar um guardião.

— Eu vou ganhar uma chave-mestra? — perguntou ela, esperançosa, olhando para as duas chaves no chaveiro de Parsifal.

Bibliotecários recebiam uma segunda chave quando passavam de aprendizes para bibliotecários iniciantes.

Ele a olhou como se pedisse desculpas.

— Não, sinto muito. Por motivo de segurança, coisa e tal. Você precisa bater à porta de funcionários no começo do turno e alguém vai abrir...

Ele franziu a testa, pensativo, olhando para além dela.

— Ei, esse gato é seu? — perguntou.

Elisabeth se virou, confusa. Um gato branco peludo se encontrava atrás dela no chão, o olhar amarelo voltado para eles. Era pequeno para um gato adulto; podia ser um filhote, pensou, ou talvez só frágil. Que estranho... aqueles olhos amarelos pareciam...

Ela sentiu o coração dar um pulo.

— É — disse, meio engasgada, sem ver opção. — É... é meu gato.

— Tudo bem — tranquilizou Parsifal. — Gatos são sempre bem-vindos aqui na Biblioteca Real. Eles matam traças e sabem ficar longe dos grimórios. Andar com um gato pode até te ajudar, porque eles têm muito talento para identificar magia.

Para o horror de Elisabeth, ele andou até Silas e o pegou, levantando-o até o nível do rosto.

— Que gatinho lindo você é! — comentou. — É menino ou menina?

— Menino — disse Elisabeth, correndo, quando viu que Parsifal estava prestes a olhar de baixo do gato para conferir. — Ele se chama... é... se chama... — engoliu em seco. — Senhor Fofucho.

Pendurado por Parsifal, Silas olhou para ela com extremo desdém.

Parsifal abriu um sorriso enorme.

— Lindo — repetiu. — Bem, pode ficar com ele — concluiu, devolvendo Silas. — Vou te mostrar o lugar, mas não se preocupe em conhecer tudo agora. Vai ter muito tempo de treinamento. Primeiro, aqui é a Ala Nordeste, onde ficam todos os escritórios...

Elisabeth ficou um pouco para trás enquanto Parsifal tagarelava e encarou, chocada, o demônio que segurava no colo. O nariz e as patinhas, cor-de-rosa, contrastavam com a pelagem nevada. Ele era muito fofinho. Ela sentiu um impulso intenso de apertar a cara na barriga dele, como se fosse mesmo um gato, não um ser antigo e imortal.

— Nathaniel te mandou para me proteger de confusão? — cochichou ela.

Silas piscou devagar, o que ela tomou como confirmação. Ela franziu a testa.

— Não vou ser pega por Ashcroft. Passei dezesseis anos sem ver feiticeiros em Summershall... não vou esbarrar em nenhum aqui. De qualquer forma, minha capa tem capuz.

— Miau — disse Silas.

Até o miado era fofo. Elisabeth estremeceu e o deixou no chão. Ele a seguiu, trotando e balançando o rabinho peludo.

Parsifal a guiou pelo resto da Ala Nordeste, passando pelas salas de leitura até chegar ao

átrio central, no qual Caberia toda a Grande Biblioteca de Summershall. Era um espaço octogonal colossal, do qual saíam as quatro alas, debaixo de arcos decorados com arabescos e anjos de bronze. O teto abobadado era feito de vitral azul-escuro, salpicado de constelações. Escadarias de mármore belamente esculpidas subiam aos andares superiores, onde as prateleiras se erguiam mais e mais até se perderem na bruma azulada da cúpula. Bibliotecários andavam apressados pelo chão de mármore xadrez, diferenciados em status não só pela quantidade de chaves que carregavam, como pelos tons dos mantos, de azul-claro a azul-escuro.

Enquanto Parsifal falava, ela fechou os olhos, se deixando cobrir pelos murmúrios ecoantes e farfalhantes dos grimórios. Só ali se deu conta de quanta saudade sentia de estar numa Grande Biblioteca — era como se algo dentro dela, desalinhado desde a partida de Summershall, tivesse voltado ao lugar. Ela estava em casa.

Elisabeth se agarrou à sensação enquanto Parsifal mostrou as estátuas que moviam escadas a pedidos, o mapa de azulejos da biblioteca no meio do chão do átrio e os tubos pneumáticos escondidos atrás das estantes que carregavam recados pelo prédio numa velocidade impressionante. Enquanto o fazia, explicou o que ela deveria esperar do trabalho entre grimórios.

— Você aprende incrivelmente rápido — disse ele, impressionado. — Pena que não é órfã. Ai, desculpa, isso soou horrível. Só quis dizer que você seria uma aprendiz excelente.

O elogio atingiu Elisabeth como um tapa. Por um momento se sentiu desorientada, como se tivesse sido arrancada do próprio corpo. Quando as pessoas a olhavam agora, não viam uma aprendiz de bibliotecária, muito menos uma futura guardiã. Talvez estivessem certos. Depois de usar um artefato mágico proibido e conspirar para roubar da Biblioteca Real, talvez nem impedir Ashcroft bastasse para retomar seu posto de aprendiz. Será que essa sombra da sua antiga vida era tudo que lhe restava?

— Obrigada — disse, olhando para o chão para que Parsifal não visse seu rosto.

Felizmente, ele não notou nada de errado, só a levou à entrada da Ala Noroeste. Ansiedade deu calafrios em Elisabeth conforme se aproximaram. As figuras angelicais entalhadas no arco tinham caveiras sob o capuz e a entrada era bloqueada por uma corda de veludo. Do outro lado, sombras engoliam a ala. Uma bruma espessa se espalhava pelo chão e cochichos e murmúrios baixos percorriam o corredor, reverberando na pedra. Pareciam vir de trás de uma grade de ferro que se erguia na escuridão, com mais de quatro metros, a névoa chegando até as pontas. Ela ouviu por alto a explicação de Parsifal, que dizia que a ala continha a entrada do cofre.

— O que é aquele portão? — perguntou.

— É a entrada do arquivo restrito. Os grimórios lá dentro são quase perigosos o bastante para o cofre, mas não chegam a esse ponto. Não se preocupe, você não precisará trabalhar na Ala Noroeste. Agora, se correremos para a Torre Sul, podemos chegar a tempo de ver os guardiões treinarem no jardim.

Quando se viraram para ir embora, Silas encarou as sombras da ala com olhos acesos e ela se perguntou que tipo de coisas ele era capaz de ver e ela não.

Quando Elisabeth voltou à casa de Nathaniel, à noite, chegou tão exausta que jantou e dor-

miu imediatamente. Acordou cedo no dia seguinte e começou a caminhada de quinze minutos até a Biblioteca Real, atravessando Hemlock Park, com a companhia de Silas, que a seguia no escuro da madrugada como um fantasma felino. Ashcroft provavelmente não passaria por ela de carruagem, mas, por garantia, ela se afastou da rua principal e pegou um caminho sinuoso pelas trilhas pedestres entre as sebes e por uma parte do parque florestal. Ela só passou por criados colhendo ervas do quintal para o café, jogando fora fuligem e esvaziando os penicos. Ela sentiu uma pontada de constrangimento culpado ao notar que Silas normalmente era responsável por esse tipo de tarefa — mesmo que, honestamente, não conseguisse imaginá-lo nessa função.

O fim da caminhada passava pelo terreno do Colégio. Cavalos punham o focinho para fora dos estábulos de madeira, emanando o cheiro doce de feno e corpo quente. Uma névoa baixa prateava o gramado onde guardiões treinavam esgrima. Ela tentou ignorar a dor no peito que sentiu ao ver o alojamento, decorado com gárgulas e empenas elaboradas, onde viviam os guardiões no início do treinamento. Agora que viera para limpar o chão, seu sonho de se juntar a eles parecia pertencer a outra pessoa.

Quando chegou à entrada de funcionários da Biblioteca Real, foi imediatamente posta para trabalhar por uma criada mais velha de nome Gertrude, que ficou bem de olho enquanto ela jogava um balde de água com sabão no chão de laje. Em seguida, varreu e espanou uma sala de leitura vazia, e ajudou Gertrude a carregar os tapetes para bater. Conforme passava o dia, a frustração coçava sob sua pele. Ela nunca chegaria perto de encontrar o Códex se Gertrude não sísse de cima dela. A criada idosa até insistiu em almoçarem juntas, o que eliminou qualquer esperança que Elisabeth tinha de escapar um pouco e conferir o catálogo.

No entanto, uma oportunidade chegou após o almoço, quando Elisabeth afastou uma poltrona para varrer e encontrou um ninho de traça. As traças rastejaram para todos os lados, cinzentas e quitinosas, as menores do tamanho de ovos de galinha. Elisabeth soltou um berro feroz e começou a esmagá-las com a vassoura. Quando várias fugiram pela porta, ela finalmente sentiu gosto de liberdade.

— Mais devagar, menina! — gritou Gertrude, mas Elisabeth fingiu não ouvir e correu para outra esquina, perseguindo as traças com a vassoura empunhada como uma lança.

Gertrude logo ficou para trás, ofegante. Dali, Elisabeth só precisou virar mais algumas curvas antes de sumir de vista.

Ela parou ao entrar no átrio, reduzindo a velocidade até andar no que esperava ser uma pressa respeitável. Cortou caminho pelos bibliotecários e se escondeu atrás de uma pilastra. A sala do catálogo ficava na face do octógono oposta ao portão da frente da Biblioteca Real. Precisava simplesmente se esgueirar até ali, revirar as gavetas do catálogo e encontrar o cartão que localizava o Códex. Infelizmente, seu ânimo foi por água abaixo quando espreitou atrás da pilastra.

A sala estava fervilhando de atividade. Bibliotecários de todos os níveis subiam e desciam escadas, consultando uns aos outros nas mesas, sob supervisão de um arquivista de óculos. Nin-

guém prestaria atenção nela se estivesse usando o manto azul-claro de aprendiz, mas estava certa de que o arquivista repararia se ela subisse uma escada e começasse a abrir as gavetinhas douradas que cobriam cada centímetro da parede. Não havia muitos esconderijos ali, além do espaço sob a mesa e atrás de algumas vitrines de grimórios.

Ela observou a vitrine mais próxima. O grimório lá dentro parecia conhecido e, de fato, ela o reconhecia de Summershall, onde outro exemplar era exposto no saguão antes da sala de leitura. Era um grimório de Grau Quatro de aparência elegante, chamado de Truques Harmônicos de Madame Bouchard, cuja capa era emoldurada por ouro e costurada em penas de pavão. O coração de Elisabeth bateu mais rápido conforme um plano se desenrolou mentalmente. O único problema era que não conseguiria fazer isso sozinha.

Um rosnado profundo chamou sua atenção para a estante mais próxima. Um gato alaranjado estava agachado ali, o pelo todo arrepiado, sacudindo o rabo com força. Na frente dele, Silas parecia completamente despreocupado. O outro gato continuou a uivar, mas Silas só levantou uma das patinhas delicadas e a lambeu.

— Silas — sibilou Elisabeth.

Ela andou até ele e o pegou no colo. O outro gato fugiu.

— Preciso de ajuda — cochichou, ignorando o olhar estranho de uma aprendiz que passava por ali.

Silas a encarou com seriedade.

— É importante — insistiu.

Ele balançou o rabo, de forma a indicar que estava sendo incomodado. Ela suspeitava que ele ainda não a perdoara pelo nome Senhor Fofucho.

— Se você me deixar agir por conta própria, provavelmente vou me meter em confusão — argumentou. — Tenho certeza de que Nathaniel não gostaria nada disso.

Silas estreitou os olhos. Muito devagar, ele piscou.

Elisabeth suspirou, aliviada.

— Que bom. Então, você precisa fazer o seguinte...

Nenhum dos bibliotecários reparou quando, alguns minutos depois, um gatinho branco entrou trotando. Ninguém reagiu quando ele pulou em uma das mesas e se esticou. Prestaram atenção, no entanto, quando Silas se jogou na vitrine de vidro, a desequilibrou e fugiu correndo, dando ao mundo a impressão de ser um gato comum metido em confusão inusitada. Todo mundo ficou paralisado quando a vitrine balançou uma vez... duas... e caiu ao chão, se estilhaçando.

Truques Harmônicos de Madame Bouchard parecia ter se preparado a vida inteira para este momento. O livro se ergueu glorioso dos escombros, desenrolando um par de asas de papel, com mais de dois metros de envergadura. Os bibliotecários protegeram a cabeça das penas agitadas e o grimório abriu bem as páginas, soltando um uivo estridente digno de cantor de ópera. Mesas tremeram. Gavetas se sacudiram. Os óculos do arquivista racharam. Bibliotecários fugiram para todos os lados, protegendo os ouvidos da vibração ensurdecidora.

Elisabeth esperou a última bibliotecária ir embora antes de correr até lá. Apertou os dentes para aguentar o barulho — ao notar que tinha público, Madame Bouchard começou uma ária — e olhou pelas gavetas. O sistema de catálogo era diferente do de Summershall e eram pelo menos milhares de gavetas. Entretanto, rapidamente determinou que estavam divididas em sete colunas diferentes, com números em bronze indo de I a VII. Provavelmente representavam os graus dos grimórios, sendo que os graus de Oito a Dez eram omitidos do catálogo público.

A princípio, estimara que o Códex era Grau Cinco ou Grau Seis. Subiu a escada correspondente ao Grau Cinco primeiro e encontrou a gaveta de “Pe–Pi”. Sem encontrar nada, procurou na gaveta “Ci–Co”, para o caso de os grimórios serem organizados por título, não por autor. Sem encontrar, passou para a seção do Grau Seis, sentindo os nervos gritarem tão alto quanto Madame Bouchard. Durante os breves intervalos em que o grimório descansava, ela ouvia berros ecoando pelo átrio, cada vez mais próximos.

Ela encontrou o cartão do Códex na última gaveta. Leu rapidamente e fechou a gaveta com força. Assim que ela pulou da escada, um guardião entrou correndo, carregando uma bala de sal e uma enorme corrente de ferro. Ele encarou Elisabeth, chocado. Ela agarrou a vassoura com força.

— O que está fazendo aqui? — gritou ele, em meio ao barulho de Madame Bouchard, que agora praticava escalas cheias de energia.

Elisabeth varreu um pouco de vidro quebrado.

— Limpando essa bagunça, senhor! — gritou de volta.

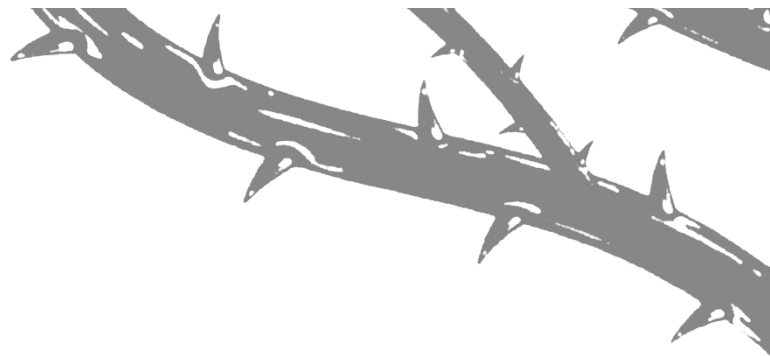
Um redemoinho de caos se seguiu. O guardião finalmente a entregou a uma bibliotecária igualmente chocada.

— Bom, devo elogiá-la por ir muito além de sua obrigação, moça — disse a bibliotecária, que a guiou de volta a Gertrude, de quem levou uma boa bronca.

No entanto, Elisabeth não estava em apuros, pois não podia ser castigada por varrer o chão.

Ela passou o resto do dia obedecendo piamente as ordens de Gertrude. Sob outras condições, não aguentaria esperar para voltar correndo para casa e contar a Katrien o que fizera, pois era exatamente o tipo de história que a amiga amava. Entretanto, o que vira no catálogo cobriu seu humor como uma nuvem tempestuosa. Ela não queria contar para Katrien; nem queria pensar no assunto.

Não seria nada fácil roubar o Códex Daemonicus, pois estava guardado nos arquivos restritos da Ala Noroeste.



VINTE

Elisabeth dormiu mal naquela noite e teve pesadelos perturbadores. Em sonho, ela caminhava pelo corredor escuro da Ala Noroeste, se aproximando do portão cada vez maior, impossivelmente alto. Quando chegava, o portão se abria sozinho. Uma silhueta se encontrava em meio à bruma agitada e distante, esperando por ela, uma presença que a aterrorizava até o osso. Sempre acordava de repente, antes que entendesse quem ou o que era.

Ela queria falar com Katrien de novo, mas a magia do espelho só se renovava aproximadamente a cada doze horas e elas precisavam reservar as conversas breves para assuntos importantes. Elas não podiam conversar a noite toda na cama, como faziam em Summershall, inquietas e acordadas no escuro. Como último recurso, Elisabeth se imaginou de volta ao quarto frio da torre, enroscada sob o peso conhecido da manta, protegida pelos muros de pedra espessa da biblioteca, até pegar no sono de novo.

Não adiantou. Ela voltou ao portão, atrás do qual ainda esperava a silhueta sombria. Desta vez, abriu a boca e berrou quando o portão se abriu.

Elisabeth abriu os olhos de repente, sentindo o coração acelerado. Os gritos não pararam. Eles ecoaram em seu crânio, vindo de todos os lados em ritmo incessante. Não eram do sonho — eram de verdade.

Ela pulou da cama, prendeu as balas de sal no cinto, pegou um atizador da lareira e saiu aos tropeços para o corredor, onde os gritos estavam mais altos. Vinham do chão, do teto, arrancados das paredes. Era como se a própria casa estivesse gemendo de dor.

Um toque de combustão etérea passou por ela, fazendo seu estômago revirar de pavor. Alguém estava praticando feitiçaria. Será que Ashcroft a tinha visto na Biblioteca Real e a seguido até ali? Será que estava atacando a casa de Nathaniel?

Sem pensar, ela correu para o quarto de Nathaniel. Ele saberia o que fazer. Os gritos faziam seus ouvidos doerem e latejarem enquanto ela avançava, erguendo o atizador em riste. Virou

uma esquina e parou de repente.

Sob a luz do luar, havia um brilho úmido na parede. Ela se aproximou do lambril em passos hesitantes e tocou a substância. Quando afastou a mão, os dedos estavam vermelhos.

As paredes choravam sangue.

Ela piscou e, de repente, tudo voltou ao normal. Os gritos cessaram. O sangue sumiu de seus dedos. Perdida, deixou o atizador cair. No silêncio abrupto, ouviu vozes do outro lado do corredor. Vinham do quarto de Nathaniel.

— Senhor — dizia Silas. — Senhor, ouça. Foi só um sonho.

— Silas! — a voz áspera e torturada devia ser de Nathaniel, mesmo que não soasse nada como ele. — Ele os trouxe de volta, minha mãe e Maximilian...

— Calma. Você já acordou.

— Ele está vivo, ele vai... por favor, Silas, acredite em mim... eu vi...

— Está tudo bem, senhor. Estou aqui. Não vou deixar nada acontecer com você.

Silêncio caiu como uma guilhotina.

— Silas — ofegou Nathaniel finalmente, como se estivesse se afogando. — Socorro.

Elisabeth sentiu que uma corda amarrada em seu corpo a puxava para a frente. Não pensou em andar, mas mesmo assim chegou ao quarto, vidrada.

A porta estava aberta. Nathaniel, sentado em suas roupas de dormir, estava enroscado nos lençóis, o cabelo inteiramente desgrenhado. Sua expressão era assustadora: as pupilas tinham engolido os olhos e ele parecia não ver nada. Estava ofegante, tremendo; o pijama grudava no corpo de tanto suor. Silas estava sentado na beira da cama, virado para longe da porta, com um joelho dobrado para ficar mais perto de Nathaniel. Apesar de ser o meio da madrugada, ele ainda estava de uniforme, exceto pelas mãos descobertas.

— Beba isso — disse, baixinho, pegando um copo na mesa de cabeceira.

Quando Nathaniel tentou segurar o copo e quase o derrubou, Silas o guiou aos lábios dele com a firmeza de anos de prática.

Nathaniel bebeu. Ao acabar, fechou os olhos com força e caiu deitado na cama. O rosto se retorcia como se quisesse se forçar a não chorar; com a mão, procurou os dedos de Silas, que apertou com ardor.

De repente, Elisabeth sentiu que bastava. Ela se afastou e voltou pelo corredor. No entanto, hesitou no corredor, andando de um lado para o outro, indecisa, como se presa numa gaiola. Não conseguia voltar para a cama. Não conseguiria dormir sabendo que Nathaniel sofria tanto. Não depois do que ouvira, do que ele dissera. Ela se lembrou do que se dizia sobre Alistair. Nathaniel estava tendo um pesadelo, mas será que era só isso mesmo?

Depois de vários minutos arrastados, Silas apareceu no corredor e ela se deu conta de que o esperava. Ele a cumprimentou com um aceno, sem surpresa; sabia que ela estava ali desde o começo. Ela não foi capaz de interpretar sua expressão.

— Vai ficar tudo bem com o Nathaniel? — sussurrou ela.

— O senhor Thorn tomou um remédio e vai descansar desimpedido até de manhã.

Não era exatamente uma resposta à pergunta que ela fizera, mas, antes que pudesse insistir, ele continuou:

— Eu agradeceria se não mencionasse os acontecimentos desta noite ao meu senhor. Ele temia que isso acontecesse. Ele tem muitos pesadelos, mas o elixir o fará esquecer.

“Ah”, pensou Elisabeth, e o mundo pareceu girar devagar sob seus pés.

— É por isso que ele não queria que eu ficasse aqui?

— A resposta é complicada... mas sim, em parte. Os pesadelos afastaram da casa os criados humanos há muito tempo. É comum que ele manifeste magia, como você viu, e ele teme que, com o tempo, perca o controle de formas ainda piores.

— Então ele afasta as pessoas — murmurou ela, pensando alto. — Não deixa ninguém se aproximar.

Ela olhou para a parede e de volta para Silas.

— Não me incomoda — declarou, finalmente. — Quer dizer... não gosto de ser acordada por gritos, nem de ver sangue escorrer das paredes, mas não me perturba, agora que sei o motivo. Não tenho medo.

Silas a observou por um bom tempo.

— Talvez você deva falar com meu senhor, afinal — disse, antes de se virar. — Venha. Tenho algo para te dar. Sinto dizer, mas é algo que tenho escondido de você, injustamente.

Ele a levou a um salão no andar de baixo, um dos muitos cômodos da casa de Nathaniel que ela olhara sem nunca entrar. Ele não acendeu nenhuma lamparina, então Elisabeth mal enxergava. No geral, ficar sozinha no escuro com um demônio deveria assustá-la, mas ela notou estranhamente que talvez Silas estivesse chateado, de seu jeito, e, por isso, agisse dessa forma, já que sempre se lembrava de acender a luz. Ela tateou até encontrar um sofá para se sentar. O rosto e as mãos de alabastro de Silas se destacavam, incorpóreas, como se a pele produzisse luz própria.

Uma porta de armário se abriu e fechou. Ele se levantou carregando um pacote comprido e alongado, que segurava com enorme cuidado, como se pudesse explodir em chamas a qualquer momento.

— Isto chegou de Summershall um dia antes de nos encontrarmos na rua — disse ele, estendendo o pacote. — Não veio com carta, mas foi enviado por alguém chamado mestre Hargrove.

O coração de Elisabeth doeu tanto que ressoou, como um martelo atingindo uma bigorna. Ela pegou o pacote com as mãos tremendo. Só podia ser uma coisa. Quando desamarrou o barbante e abriu o tecido do embrulho, um toque suave de luar fez cintilar as granadas e uma faixa líquida de metal.

— Não entendi — falou, olhando para Silas. — Por que não me deu isso antes?

O rosto dele era duro como mármore.

— Ferro é uma das poucas coisas capazes de banir um demônio ao Outromundo — respondeu.

Ela hesitou.

— Você achou que eu pudesse usá-la contra você? Acho que não posso te culpar. Antigamente, é o que eu teria feito. Além disso, ela se chama Demonícida.

Ela olhou para a espada, desamparada. Ainda não a tinha tocado. Não tinha coragem, temendo que fosse rejeitá-la; que a queimasse como se ela mesma fosse demoníaca.

— O que houve, srta. Scrivener?

— A Diretora deixou Demonícida para mim no testamento, mas... não sei se sou digna de empunhá-la — explicou, sentindo uma pressão no peito. — Não sei mais o que é certo ou errado.

As mãos dele, frias e afiadas, cobriram as dela e as levaram com cuidado à bainha da espada.

— Não se preocupe, srta. Scrivener — sussurrou. — Vejo sua alma tão viva quanto uma chama atrás do vidro.

Eles ficaram ali, sentados em silêncio, por muito tempo. Elisabeth se lembrou daquele dia na sala de leitura quando a Diretora quase sorrisse ao vê-la atrás da estante. Ela tinha quebrado as regras, mas a Diretora não se importava. Deixara Demonícida para ela mesmo assim. Além disso, nem sempre fora a Diretora — ela tinha nome, se chamava Irena, e um dia também fora menina, com dúvidas, incerteza e equívocos.

Pensar nisso fez Elisabeth sentir que perdia a Diretora de novo, pois notou que nunca conhecera Irena de verdade, nem nunca teria a oportunidade. Quando ela soltou um soluço, Silas não disse nada. Ele só ofereceu um lenço e esperou, paciente, até que ela parasse de chorar.

Passou-se um bom tempo até ela conseguir falar. Secando as lágrimas, olhou para Silas. Ocorreu a ela que ele aguentava muito bem os humanos em seu cuidado.

— Por que tem medo da espada — perguntou —, se não pode morrer no domínio mortal? Um resquício de sorriso iluminou o lindo rosto.

— Não temo por mim. Se eu fosse banido, minha perda seria inconveniente para o senhor Thorn. Fico pasmo só de imaginar o estado de seu armário. Ele ofenderia todas as jovens só pela gravata.

Ela riu, pega de surpresa, mas foi uma gargalhada angustiada, pois a verdade era horrivelmente triste. Se qualquer coisa acontecesse com Silas, Nathaniel ficaria sozinho de vez. Ele perderia o que restava de família.

— Silas... — hesitou, antes de continuar. — Você pode me contar o que aconteceu com Alistair Thorn?

— É uma história desagradável. Tem certeza de que quer saber?

Ela assentiu.

— Tudo bem.

Ele se virou e andou até a lareira. Ela não conseguia discernir o que ele olhava, além das cinzas.

— Você deve se lembrar do que contei — começou ele. — Charlotte e Maximilian faleceram em um acidente. Foi o começo de tudo.

Elisabeth pensou no que Nathaniel dissera no quarto, começando a formar possibilidades horríveis em sua imaginação. *Ele os trouxe de volta, minha mãe e Maximilian...*

— Alistair era um homem bondoso... um homem bom, se permitir a ironia do elogio vir de um demônio, e um marido e pai dedicado. Entretanto, mudou depois do acidente. Ele começou a estudar o trabalho de Baltasar noite e dia. O jovem senhor Thorn foi ficando sozinho e desenvolveu o hábito de se esconder no escritório do pai para ter companhia — disse Silas, fazendo uma pausa para considerar o que dizer. — Vou direto ao ponto. Dois meses após a morte da esposa e do filho mais novo, Alistair desenterrou os corpos e tentou ressuscitá-los por meio de necromancia, aqui nesta casa. O ritual não os acordaria dos mortos, não como eram, mas ele estava perdido no luto e se recusava a ouvir a voz da razão.

O sangue de Elisabeth parecia gelo.

— Quando você me disse que o matou...

— Sim — sussurrou Silas. — Eu e Alistair estávamos distraídos e não notamos que o senhor Thorn estava escondido atrás da cortina. Ele tinha passado a manhã toda ali, quieto como um ratinho. Entendíamos que o feitiço poderia tirar a vida de Alistair, pois era uma magia sombria e horrível, mas eu soube, ao ver os olhinhos que nos observavam pela cortina, que tiraria a vida do filho também. Portanto, acabei com tudo de uma vez, da única forma possível. O senhor Thorn viu tudo: os corpos, o ritual, a morte do pai por minhas mãos. É o que ainda vê quando fecha os olhos para dormir.

Elisabeth não disse nada. O horror era extremo. Em pensamentos agitados, ela se lembrou da viagem por Blackwald, quando Nathaniel ficara acordado, sem conseguir dormir. Não entendia nada, então...

— Há uma moral nessa história — disse Silas, desviando o olhar da lareira e se voltando para ela, perfeitamente calmo. — Alistair confiou em mim. Ele acreditou que eu nunca poderia feri-lo, portanto não mandou que eu não o fizesse. A confiança foi o que o matou.

— Não. Ele estava certo ao confiar em você.

Elisabeth sentiu um nó no estômago. Como Silas não entendia?

— Se ele estivesse são, queria que você o impedisse, custe o que custasse — continuou ela. — Você salvou a vida de Nathaniel.

— E o que fiz depois, srta. Scrivener? — perguntou ele.

— Como assim?

— Quando senhor Thorn me invocou, enquanto o corpo de seu pai jazia ainda quente no chão, o que eu fiz?

Ela não tinha resposta.

— Eu tirei a vida dele. Vinte anos entregues a mim, sendo que ele mal passara de metade disso e não entendia o que cedia, só sabia que não queria ficar só — disse Silas, dando um passo à frente. — E a vida dele será deliciosa quando for minha, assim como foi a de seu pai e a de todos os seus antepassados, trezentos anos deles.

Elisabeth apertou Demonicida como reflexo. “Duas décadas.”

— Mas como... como você pôde...?

— Eu devorei todos eles, srta. Scrivener.

Ele deu mais um passo. Seus olhos eram frestas amarelas. Naquele momento, não eram nada bonitos.

— Não veja compaixão onde não há alguma — continuou. — Não foi em meu benefício salvar a vida do senhor Thorn, para depois me apossar de parte dela?

Silas quase a alcançara. Ela ergueu Demonicida entre eles e a apontou para seu peito, impedindo que continuasse. Mesmo assim, ele deu um terceiro passo, deixando a lâmina pressionar sua costela, seu coração, se é que ele tinha um. O cheiro de carne queimada encheu o ar.

— Pare! — gritou ela. — Não quero te ferir. Não posso. O que quer que tenha feito, Nathaniel precisa de você.

— Sim — sussurrou ele, como se ela finalmente visse a verdade. — Entenda, não há perdão, nem penitência, para criaturas como eu — disse, olhos brilhando de dor. — Você poderia me derrubar, mas o golpe só feriria outra pessoa.

Ela deixou a espada cair. Silas deu um passo firme para trás e levou a mão ao peito. Uma luz horrível parecia ter se apagado nele.

— Sou um demônio — disse. — Você não pode me enxergar como nada além disso.

Elisabeth tremia dos pés à cabeça. Sabia que, se tentasse se levantar, as pernas cederiam. No entanto, o que sentia não era medo. Ela não sabia o que era. Pena, talvez, apesar de não saber bem de quem, e também raiva e desespero, a percorrendo como tempestade. Ela acreditava que Silas se preocupava com Nathaniel; ela vira, cristalino como água. Entretanto, como era possível se preocupar com alguém e ao mesmo tempo tirar tanto dele?

Vinte anos. Se o destino de Nathaniel fosse morrer jovem — talvez aos quarenta e poucos anos —, tirando isso tudo, talvez ele só tivesse mais uns poucos anos. Ela sentiu um aperto no peito, o ar arrancado dos pulmões como água pingando de um pano torcido. Ela não conseguia mais encontrar o olhar de Silas.

Quando abaixou o rosto, um reflexo no metal chamou sua atenção. Outro objeto se encontrava no fundo do embrulho, onde estivera escondido por Demonicida. Mestre Hargrove não mandara só a espada. Lentamente, ela deixou Demonicida de lado, mergulhou a mão no embrulho e puxou uma corrente. Abaixou a cabeça e pendurou a corrente ali, sentindo o peso da chave-mestra se encaixar no peito: fria, mas por pouco tempo. Finalmente, acariciou seus entalhes, conhecidos como se fossem parte dela, feitos para abrir as portas externas de qualquer Grande Biblioteca do reino.

— Silas — disse ela, devagar. — Se eu entrar na Biblioteca Real durante a noite, você seria capaz de abrir o portão do arquivo restrito?

Ele hesitou.

— É possível — respondeu.

Ela voltou a olhar para ele, segurando a chave.

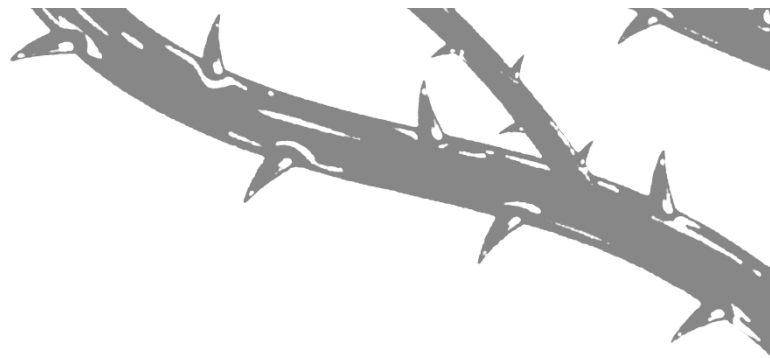
— Me ajude — pediu, sentindo a tempestade se acalmar dentro de si. — Você tirou vidas.

Agora me ajude a salvá-las.

Ele a encarou, novamente lindo, um anjo considerando a súplica de um penitente distante.

— É simples assim, srta. Scrivener? — perguntou.

— Tem que ser. Pois é tudo que há a fazer.



VINTE E UM

Grandes Bibliotecas nunca dormem, mesmo depois de todas as pessoas a deixarem. Vozes ecoavam pelo átrio que Elisabeth percorria devagar, seguindo a curva da parede, onde sua capa branca se camuflava no mármore. Alguns dos grimórios roncavam, enquanto os vizinhos reclamavam do ronco alto demais; outros cochichavam e riam. Um grimório cantava sozinho um lamento agudo que se sobrepunha ao resto, um som que atravessava os feixes de luar azul transbordando da cúpula estrelada e ecoava no firmamento como se não fosse deste mundo, música celeste tocada em taças de cristal.

Sempre que um lampião aparecia, Elisabeth se escondia, esperando que um guardião passasse. A Biblioteca Real era ainda mais vigiada à noite do que ela esperava. Ela invejava Silas, que caminhava a seu lado na forma felina. Em um momento especialmente arriscado — uma guardiã chegou tão perto que Elisabeth conseguiu ver os olhos verdes e contar os botões da jaqueta —, Silas voltou à forma humana e a puxou pelo ombro antes que emergisse do esconderijo.

— Preciso te explicar antes de continuarmos — murmurou ele. — Os guardiões usam ferro demais para que eu os influencie. Se te notarem, não posso obrigá-los a dar meia-volta e esquecer o que viram.

Ela suspeitava o que ele queria dizer.

— Se isso acontecer, você me deixará enfrentar as consequências sozinha?

Ele inclinou a cabeça, deixando um traço leve de pena transparecer.

— Eu entendo — cochichou ela. — Sua lealdade é com Nathaniel, não comigo.

Conforme andavam, Elisabeth se perguntou se a proximidade dela bastava para Silas ficar desconfortável. Ela carregava a chave-mestra e a capa era forrada por uma camada fina de ferro. Demonizada, presa no cinto, era um peso reconfortante. Se fosse incômodo, ele precisaria tolerar. Ela não podia entrar desprotegida no arquivo.

Eles passaram por muitos outros vigias até chegarem à entrada da Ala Noroeste. Os anjos esqueléticos entalhados no arco a encararam com olhos ocos e caveiras brilhantes de bronze. Ela sentiu calafrios, imaginando que eles virariam a cabeça para vê-la passar. Nenhum anjo se moveu. Não era necessário. Coisas muito piores a esperavam.

Ela e Silas passaram pela corda de veludo. Névoa cobriu suas botas, lambendo a barra da capa. Era mais espessa agora do que durante o dia, certamente emanando magicamente de um dos grimórios guardados lá dentro. Silas, de volta ao gato, só visível na forma de movimentos em meio à névoa, se encaminhou ao portão. Elisabeth esforçou-se para se distrair da presença assombrosa, ainda viva nos sonhos. Em vez disso, se concentrou no que Silas instruíra antes de sair. Eles precisariam trabalhar juntos para entrar discretamente.

Ela se enfiou em um recôndito na parede e esperou um guardião passar, carregando um lampião que parecia flutuar na bruma. Finalmente, saiu correndo do esconderijo. Teriam aproximadamente um minuto até o próximo guardião aparecer.

Silas já estava dentro do arquivo, transformado em forma humana depois de se enfiar pela grade. Ela seguiu o olhar que apontava para cima. Lá, no alto do portão, uns cinco metros acima do chão, estava um sino de ferro. Ela enfiou as botas no portão e começou a escalar.

Logo desejou ter levado luvas. As mãos suadas escorregavam da grade, já úmida por causa da névoa. Ela levou mais do que o dobro do tempo esperado — demorou tanto que o próximo guardião passou enquanto ela se agarrava ao ferro lá em cima do portão. Ela prendeu a respiração, ombros doendo de tanto esforço para se manter imóvel, mas o guardião nem olhou. A silhueta finalmente sumiu na bruma.

Soltando uma mão, ela tirou um chumaço de algodão e um pedaço de barbante de uma das bolsinhas do cinto. Enrolou o algodão no badalo do sino e usou os dentes para ajudar a amarrar. Quando acabou, desceu deslizando e caiu na laje com tanto impacto que sentiu os ossos tremerem. Silas ressurgiu do outro lado. Ele tinha tirado a jaqueta e a usava para proteger a mão do ferro ao abrir a fechadura. O portão se abriu silenciosamente, graças às dobradiças lubrificadas.

— O portão é feito para ser aberto por dentro — ele tinha explicado mais cedo. — É uma medida de segurança, para ninguém ficar preso lá dentro se a chave for roubada. É claro que, mesmo assim, há um mecanismo instalado para que os outros guardiões sejam avisados caso isso aconteça.

Acima deles, o sino se sacudia freneticamente, mas mal fez barulho. O truque de Elisabeth tinha dado certo. Ela entrou pelo portão, ciente de que a parte mais perigosa ainda estava por vir. “Se a chave for roubada”, dissera Silas. Não se a chave for *perdida*, pois nenhum guardião cometeria a besteira de perder o chaveiro.

O arquivo restrito se estendia por um corredor comprido, ladeado por estantes altíssimas que surgiam da névoa e se erguiam até a escuridão. Lamparinas, penduradas em postes de ferro em intervalos regulares, marcavam um caminho pelo meio. Ela teve a sensação incômoda de que as lamparinas estavam ali para que ninguém se perdesse, apesar de o corredor parecer uma

linha reta e ininterrupta. Ela deixou o olhar vagar pelas estantes, mas logo voltou a atenção para a frente. A maioria dos grimórios estava acorrentada às estantes, mas os mais perigosos tinham seus próprios mostruários, montados em pedestais ou trancados em gaiolas. Durante a breve análise, vislumbrara um manuscrito encadernado com pele humana costurada, preso em uma jaula forrada de espinhos, como um método de tortura medieval. Outro livro tinha dentes bordados na beira da capa e era contido por um arreio de ferro enfiado entre as páginas. Todos estavam quietos, observando. Queriam ver o que ela faria.

Ela se virou para falar com Silas, mas ele não estava em lugar nenhum. Tinha sumido no ar, deixando o portão aberto. Não deveria surpreendê-la, mas o abandono doeu mesmo assim. Talvez ele quisesse reforçar a mensagem da outra noite: era um demônio, não merecia confiança.

Não importava. Ela só precisava dele para entrar. O restante ela conseguiria fazer sozinha.

Assim que o portão fechou, os murmúrios começaram. Vozes de todo tipo rastejavam, es-corregavam e saltavam pelo corredor. Ela sentiu calafrios; era quase possível sentir as vozes se formando na névoa, agarrando-a como mãos. Ela cobriu a cabeça com o capuz forrado de ferro, abafando os sons, que se tornaram murmúrios distantes e sinistros.

Ela seguiu o corredor, guiada pela luz das lamparinas. O código bibliográfico do Códex indicava que estaria mais ou menos na metade do arquivo. Agora era só encontrá-lo, tirá-lo da estante e voltar pelo mesmo caminho. A parte mais difícil seria subir o portão para consertar o sino depois de sair. Ela não sabia o que esperar do Códex — poderia cooperar, como o exemplar do escritório de Ashcroft, ou se debater durante o caminho todo.

Sem aviso, uma figura pálida e alta surgiu do chão. Elisabeth girou, abrindo a capa para empunhar *Demonicida*. Não havia nada ali: só um redemoinho de névoa e um pedestal feito de pedra branca. Ela tinha visto o pedestal de relance e se confundido. Xingando baixinho, ela voltou ao caminho certo.

Como um pesadelo, o chanceler Ashcroft estava à sua frente. Ele estava igualzinho à última vez em que o vira, mas pálido; o rosto bonito, vazio de expressão; os dois olhos, azul e vermelho, encarando o nada. A capa dourada parecia fabricada por luz e névoa. Com um grito engasgado, Elisabeth arrancou *Demonicida* do cinto e atacou o ar.

Ashcroft se afastou com um passo. Um sorrisinho discreto surgiu no canto da boca. Ela atacou de novo e, de novo, ele se afastou, escapando da espada por um milímetro. O sorriso tranquilo e implicante sugeria que ele sabia exatamente por que ela estava ali.

Desta vez, ela não teve dúvida de que ele a mataria. Mesmo armada com ferro, ela não era páreo para a magia dele. Entretanto, ele parecia satisfeito em provocá-la antes e ela não cederia sem lutar, não enquanto houvesse qualquer mínima chance de impedi-lo. Eles se moveram pelo arquivo em uma coreografia silenciosa: Elisabeth rasgando a névoa, Ashcroft se escondendo nas estantes.

Até que ele não conseguiu fugir e a espada o atravessou.

Ele se dissolveu na névoa.

Mais silhuetas surgiram das sombras, avançando na direção de Elisabeth. Guardião Finch.

Lorelei. Sr. Hob. Até o homem que a encurralara no beco — e não era o único morto ali. A Diretora também emergiu da névoa, o rosto spectral deformado por decepção. Elas se aproximaram cada vez mais, mas Elisabeth não fugiu, mesmo que a expressão da Diretora revirasse seu estômago. As figuras não eram de verdade. Quem as conjurou, por outro lado...

— O que quer que você seja, está me mostrando meus medos — declarou, surpresa pela firmeza em sua voz. — Está tentando me prender, não é?

Ela embainhou Demonícida e se virou. Uma gaiola grande e elaborada se encontrava bem atrás dela. Se tivesse dado mais um passo sequer, para fugir das ilusões, teria caído ali. Assim que reparou, as figuras sumiram na névoa.

O rosto pálido e murcho de uma mulher a encarou de dentro da gaiola, a poucos centímetros dela, flutuando no escuro. Quer dizer — estaria encarando, se os olhos não estivessem costurados. O rosto não era o de uma pessoa, não mais: tinha sido costurado na capa de um grimório, que levitava em frente a Elisabeth, em meio a um redemoinho vaporoso. Uma fita preta se revirava no ar, ao redor do grimório, com uma agulha prateada na ponta.

— *Que menina esperta* — falou o grimório, em uma voz sibilante de coro: homens, mulheres e crianças, todos falando juntos, secos como areia arranhando osso. — *Já pegamos três guardiões com esse truque agora que convencemos o Illusarium a nos ajudar. Que pena. Que rosto interessante é o seu. Não é lindo, mas é forte.*

O grimório era mais grosso e tinha a encadernação mais reforçada do que o habitual, pois continha... *mais rostos*, Elisabeth percebeu, horrorizada, quando a lombada rangeu e a capa se abriu, folheando páginas e páginas de rostos humanos, nos quais texto enoquiano ardia como tatuagens recém-feitas. Finalmente, parou em uma página vazia, acariciando o velino carinhosamente com a agulha.

— *Temos espaço para você, caso mude de ideia.*

— Não, obrigada — respondeu Elisabeth, se afastando devagar.

— *Damos pontos precisos. Só dói um pouquinho...*

Elisabeth firmou os ombros e deu meia-volta, cuidando para não esbarrar no pedestal branco que vira antes, situado perto da gaiola. Uma placa sob o pedestal dizia ILLUSARIUM, CLASSE VII, e acima dela se encontrava uma esfera de vidro semelhante à bola de cristal de uma vidente. Tanta névoa escorria da esfera que não era possível ver a forma que continha. Se o grimório tinha voz, escolheu não usar. Talvez só pudesse se comunicar por meio das ilusões.

Ela se obrigou a continuar andando, sem olhar para trás, mesmo imaginando sentir a agulha daquele primeiro grimório arranhando suas costas. Quando se aproximou da seção indicada no catálogo, desacelerou e inclinou a cabeça para trás. Engoliu em seco.

Uma escada subia mais de três andares no escuro, a base mergulhada em névoa. O código sugeria que o Códex ficava lá em cima, onde a luz mal chegava. Ela se preparou e pisou no primeiro degrau, ignorando as provocações maldosas dos grimórios da estante. Quando começou a subir, eles sacudiram as correntes com força, fazendo a escada quicar e tremer. Jatos de tinta voaram por ela, vindos das sombras.

Parte dela esperava chegar lá em cima e descobrir que o Códex não estava no lugar. Ela parecia ter chegado longe demais, encontrado obstáculos demais, para que qualquer parte da missão fosse fácil. No entanto, quando finalmente se ergueu até o último degrau, a capa escamosa conhecida do Códex a esperava, acorrentada como os outros. O segredo do plano de Ashcroft, tão perto que ela podia tocá-lo.

Ela esticou a mão, mas parou no caminho. Sentiu as articulações travadas, os músculos desobedientes. Ela tinha ido até ali roubar da Biblioteca Real, mas, chegada a hora, cada nervo de seu corpo se revoltou. Se cruzasse esse limite, não haveria volta. Ela imaginou ser pega e ter que encarar Parsifal e a sra. Wick, que a tratavam tão bem. Seu peito ardeu de vergonha.

— Pense que está conduzindo uma missão de resgate — aconselhara Katrien na última conversa breve pelo espelho. — Tenho certeza de que o Códex prefere ir com você a ficar com quem acredita que ele foi escrito por um louco. Imagina só? Saber um segredo enorme sem que ninguém acredite?

“Sei como é”, pensou Elisabeth, sentindo o coração doer. Para o Códex, esse lugar devia ser tão ruim quanto o hospital Leadgate. Livros também tinham coração, apesar de diferente do humano, e podiam ser feridos: ela já vira acontecer. Grimórios que se recusavam a abrir, calavam as vozes, tinta desbotando e escorrendo como lágrima pelas páginas.

O Códex parecia intocado há décadas. Poeira se acumulava nas correntes e um caso negligenciado de Lombada Raquítica deixara o couro cinzento e rachado. Nem se mexeu quando ela chegou, como se o tempo passado o reduzisse a um livro qualquer.

Imediatamente, se viu capaz de se mover.

— Vim te ajudar — sussurrou.

Soltou as correntes da prateleira com cuidado. Os outros grimórios se sacudiram com ainda mais força, resmungos ofensivos se transformando em súplicas desesperadas, notando que o vizinho estava sendo solto, mas o Códex permaneceu imóvel, quase inerte. Não resistiu a ser guardado, com corrente e tudo, na bolsa presa ao cinto de Elisabeth.

Quando ela desceu a escada, os grimórios já tinham parado de se sacudir. Um silêncio profundo caíra sobre o arquivo. Nada de vozes sinistras cochichando. Nada de figuras ameaçadoras na névoa. O silêncio não era hostil, mas Elisabeth não queria demorar. Apertou o passo ao notar a gaiola, mas o rosto pálido lá dentro se virou para ela mesmo assim.

— *Esse daí espera faz tempo* — sibilou. — *Faz tempo que o Códex não sente um toque carinhoso, uma mente aberta. Mas agora vejo que você não é como os outros humanos... de certa forma, é diferente... sim, uma filha da biblioteca...*

Elisabeth hesitou. Ela queria ouvir o que o grimório tinha a dizer, mas não tinha tempo para papear com livros.

Uma mistura de alívio e arrependimento a tomou quando atravessou o portão, deixando o arquivo para trás. Esperou uma guardiã passar e subiu o portão para ajeitar o sino, apesar do peso desconfortável do Códex preso à cintura. As palavras do grimório ecoaram em sua mente. “Uma filha da biblioteca.” O que queria dizer? Como soubera? O Livro dos Olhos também dis-

sera que ela era diferente.

Ela deu um passo no átrio. Antes de dar o segundo, uma mão surgiu da névoa e agarrou sua capa. Com força impiedosa, a arrastou do meio do corredor até o recôndito onde ela tinha se escondido antes. Quando a mão a soltou, ela não fugiu, nem empunhou Démonicida. Silas estava ali, brilhando de tão branco, agachado entre as figuras encapuzadas entalhadas na parede.

“Ele não me abandonou, afinal”, pensou, surpresa. “Mas onde estava?”

Antes que pudesse perguntar, ele levou um dedo ao lábio. O olhar amarelo indicou o corredor.

Luzes atravessavam a névoa. Rodas rangiam sob o peso empurrado pelo chão, acompanhadas de passos. Os sons se espalhavam de forma sinistra, distorcidos pela pedra e pela névoa, mas deviam vir do cofre. Elisabeth prendeu a respiração quando a primeira guardiã surgiu. Ela carregava um lampião e uma espada erguida. Mais guardiões surgiram, totalizando uma dúzia. À frente da procissão andava a sra. Wick, vestindo o manto índigo longo e elegante, acompanhada por um homem que só poderia ser o Diretor da Biblioteca Real. A jaqueta azul era decorada por medalhas. Cabelo grisalho caía até o ombro, escondendo algumas das cicatrizes violentas que rasgavam seu rosto. Dois dedos faltavam da mão apoiada no punho de uma espada enorme.

— Tem certeza de que é a decisão mais sábia, Marius? — perguntou a sra. Wick.

— Não — respondeu o homem, sério. — Mas não podemos arriscar.

A sra. Wick franziu a testa.

— Se o padrão do sabotador continuar, é quase certo de que atacará Harrows. Não consigo deixar de sentir que estamos fazendo o que ele quer.

— Pode até ser, mas nenhum outro cofre em Austermeer é capaz de conter o Crônicas dos Mortos. O sabotador pode decidir atacar a Biblioteca Real a qualquer hora. Se soltar o Crônicas, todo homem, mulher e criança de Brassbridge morrerá antes do dia raiar.

Elisabeth sentiu calafrios. Não reconhecia o título, mas, no jantar de Ashcroft, Lady Ingram mencionara um grimório escrito por Baltasar Thorn, um grimório de necromancia. Só existiam alguns poucos textos necromânticos. Será que era disso que falavam?

— É verdade que Harrows tem mais preparo — concordou a sra. Wick, olhando para a frente sem ver. — O que o diretor Hyde achou?

— Hyde entende seu dever. Ele aceita morrer se necessário, se for o caso. Se o seu sacrifício salvar milhares de pessoas.

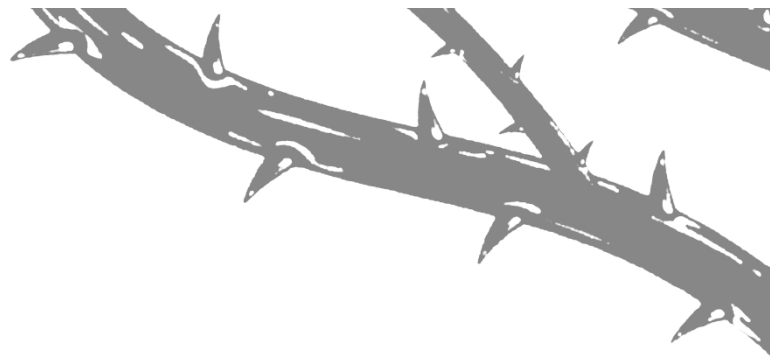
O rangido e grunhido das rodas abafou as vozes. Uma forma se materializou das sombras, cruzando a bruma como um navio preto flutuando em águas fantasmagóricas. Era uma gaiola, uma enorme jaula sobre rodas, que a princípio pareceu vazia. Finalmente, a luz raiou ali e Elisabeth enxergou uma arca de ferro pendurada no centro, presa por uma rede complexa de correntes esticadas em cada canto.

Ela sentiu a boca secar e um toque gelado descer pela espinha. A sombra que caiu na parede entre os guardiões não era da gaiola. Era outra forma, estremecendo na pedra, se esticando até o

teto, muitos andares acima, onde se entortava de lado para flutuar pelos arcos estriados lá no alto. Dedos terminados em garras se remexiam sobre os guardiões como se tentassem agarrá-los, cada unha do tamanho de uma espada. Apesar de a sombra ser vasta e distorcida demais para que Elisabeth distinguisse os traços, a forma tinha um aspecto assustadoramente reconhecível.

“Grau Dez.” Do jeito que falavam do grimório, tinha que ser. Nem como futura guardiã ela esperara encontrar um livro desses. Muito menos dar de cara com uma transferência em curso... a primeira em centenas de anos.

Em breve, os três únicos grimórios de Grau Dez do reino estariam no cofre de Harrows.



VINTE E DOIS

Elisabeth enfiou o esfregão no balde de sabão antes de arrastá-lo pelo chão, espalhando bolhas na laje. Água suja escorria, expulsando traças do esconderijo no rodapé. Ela não tinha energia para segui-las. Vendo uma traça gorda fugir em pânico, ela parou e se apoiou no esfregão. Os olhos fecharam devagar. Por um momento. Só um momento para descansar os olhos...

— Céus, menina! Que bicho te mordeu?

Elisabeth deu um pulo, sentindo o coração acelerar ao ver uma sombra comprida na parede. Ela piscou e viu que era só Gertrude, com os punhos na cintura.

— Você não anda metida com nenhum mocinho por aí, né? Olha, vou te contar... — disse Gertrude, carregando o balde pesado para o outro lado do corredor, em uma rara demonstração de bondade. — Ele não vale a pena se te deixar a noite toda acordada e estragar o resto da sua vida. Pronto, sua boba.

Elisabeth assentiu mecanicamente e voltou a limpar. Todo seu corpo parecia feito de chumbo. Os olhos estavam secos e arenosos. Se Gertrude soubesse a verdade...

Quando saiu da Biblioteca Real de manhã cedo, os sinos da cidade toavam às cinco horas e os criados de Hemlock Park já estavam a toda no trabalho, mesmo antes de o sol nascer. Apesar de estar perfeitamente alerta no arquivo, as duas noites insones bateram com força na volta. O olhar ficou embaçado; os passos, cambaleantes como os de um bêbado. Quando chegou à casa de Nathaniel e tropeçou na entrada, se lembrava vagamente de Silas pegá-la no colo e levá-la até o quarto. Ele a ajudou a se arrumar enquanto ela dormia em pé. Finalmente, antes de se dar conta, ela estava de volta à biblioteca.

Toda sua força de vontade tinha sido necessária para ir trabalhar em vez de começar a estudar o Códex. Nada era mais frustrante do que passar o dia limpando o chão, sabendo que Ashcroft podia agir a qualquer momento. Infelizmente, não podia arriscar a atenção. Só trabalhava na Biblioteca Real há três dias e, se sumisse logo depois do roubo de um grimório de

Grau Seis, a sra. Wick repararia. Era melhor passar o dia limpando o chão do que apodrecendo nas masmorras.

Até ali, não tinha visto sinal algum de que o sumiço do Códex tinha sido registrado. Nada de sinos tocando ou guardiões correndo por aí. A manhã se arrastou em um marasmo nebuloso de exaustão.

Ao meio-dia, Gertrude permitiu uma hora de intervalo e a obrigou a cochilar, para voltar ao trabalho depois e fazer por merecer. Elisabeth levou o almoço a uma sala que Parsifal lhe mostrara na Torre Sul. Tinha vista para o jardim, a vastidão verde delimitada por grupos de árvores resplandcentes em tons de vermelho e laranja-ferrugem. Era um dia ensolarado e frio de outono e os guardiões em treinamento estavam ocupados numa simulação. Ela abriu um pouco a janela, deixando o som distante de gritos e espadas entrar com a brisa. Aqueles treinando não eram muito mais velhos do que Elisabeth. Poucas semanas antes, facilmente se imaginaria entre eles. Agora, entretanto, se sentia como um fantasma assombrando o próprio corpo, observando a vida do outro lado de um vidro imundo. Não sabia qual era seu lugar — ou, ainda mais estranho, o que queria. Depois de conhecer Nathaniel e Silas, seria mesmo capaz de declarar a magia como inimigo, voltar à vida como era antes?

Ela estava na metade do almoço, sentada a uma mesa de trabalho no canto, quando Parsifal apareceu na porta.

— Imaginei que você estivesse aqui — disse ele. — Posso entrar?

Quando ela concordou, ele andou até a janela.

— Fiquei com vergonha de te contar antes, mas eu vinha para cá porque os outros aprendizes implicavam comigo. É o que acontece com um nome como Parsifal. Eu tinha fantasias de me tornar um guardião e fazer eles se arrependarem.

Ela parou de mastigar a maçã.

— Você queria ser guardião?

— Não precisa de *tanta* surpresa. Claro que queria. Todo aprendiz quer. Às vezes os motivos são bons, mas em geral só gostam da ideia de estar no comando e da possibilidade de quebrar a cara dos outros aprendizes profissionalmente.

— Não é verdade — protestou ela, mas pensou no guardião Finch e admitiu que ele estava certo. — Por que mudou de ideia?

Ele deu de ombros.

— Não sei. É que a vida vai além de fazer cara feia e esfaquear coisas por aí, né? Dá para fazer diferença de outro jeito.

Ele ficou ali, mexendo no chaveiro como se criasse coragem para falar mais. Conforme os segundos foram passando, ela começou a se sentir desconfortável.

— Elisabeth — soltou ele, finalmente. — Sei que você se apresentou ao gerente como Elisabeth Cross, mas... você é a Elisabeth Scrivener? Do jornal?

Elisabeth sentiu o sangue ir embora de seu rosto. Ela tinha um primeiro nome tão comum que achara seguro mantê-lo igual.

— Não vou contar para ninguém — disse Parsifal, correndo. — Ninguém mais sabe. É que no outro dia, quando te apresentei ao lugar, fiquei pensando que você sabia muito sobre grimórios para alguém que nunca tinha pisado numa Grande Biblioteca. E, sabe, eu estava, hm, acompanhando sua história no jornal — confessou, corando até as orelhas. — É que... desde que você derrotou aquele Malefict de Grau Oito e tal.

Elisabeth se levantou de uma vez.

— Eu apareci no jornal de novo?

— Não, não! É por isso que eu quis... foi como se você tivesse sumido depois da declaração do Chanceler.

Ele olhou por cima do ombro e continuou mais baixo:

— Você está em missão secreta do Colégio? Trabalhando disfarçada?

Ela o encarou.

— Claro — disse ele, compreensivo, dando um tapinha no lado do nariz. — Se estivesse, não poderia me contar.

— Certo — disse ela, hesitante, se perguntando em quanta confusão era possível se meter numa só vida.

Ele olhou por cima do ombro de novo.

— Tá... eu tenho uma informação para te dar — falou. — Ouvi duas guardiãs conversando hoje de manhã. Parece que o sabotador atacou a Biblioteca Real ontem à noite.

— *Quê?*

— Ele roubou um grimório de Grau Seis enquanto os guardiões estavam ocupados com uma transferência do cofre. Ainda é segredo, porque não querem deixar os jornais frenéticos, mas achei que você deveria saber. Sabe, para... — falou, ainda mais baixo. — A investigação.

— Obrigada, Parsifal. Agora, eu preciso voltar a... é... — disse ela, indicando a janela e esperando que Parsifal usasse a imaginação.

— Ah, certo, claro! Você está de vigia? Procurando alguém? Óbvio, não pode dizer. Eu nem devia estar aqui. Vou...

Ele se dirigiu lentamente à porta. Ela assentiu com a cabeça, em encorajamento, e deu um tapinha no próprio nariz. Ele foi embora correndo, muito animado.

Elisabeth suspirou e se jogou de volta na cadeira. Pelo menos uma coisa tinha dado certo. Se os guardiões acreditavam que o sabotador tinha roubado o Códex, provavelmente não suspeitariam de uma mera criada. Talvez, depois de uns dias, ela pudesse voltar a atenção completa a Ashcroft, sem distração. Agora que Crônicas dos Mortos estava a caminho de Harrows, a urgência era ainda maior.

• • •

Ela mal se lembrava de se arrastar para casa e até o quarto. O único detalhe ao qual se atentou foi que não vira Nathaniel desde o pesadelo. Ele tinha passado o dia anterior trancado no escritório e, considerando a luz esmeralda que piscava sob a porta, continuava lá. Ela se perguntou

se ele tinha saído uma vez sequer.

Lá em cima, ela acendeu uma vela. Não tirou o uniforme de criada, sabendo que poderia precisar do sal e do ferro. Demonícida estava no chão ao lado dela, perto o suficiente para alcançar, mas não tão perto, para não parecer ameaçadora. Ela não queria que o Códex a visse como inimiga.

O grimório a esperava debaixo da cama, ainda guardado na bolsa que ela usara para tirá-lo da Biblioteca Real. Ela o pegou no colo, sentindo as correntes pesadas se chocarem através do tecido. Sentada no chão, apoiando as costas no colchão, ela desembulhou o pacote e soltou a corrente no tapete. O Códex continuou inerte, sem responder. Ela inspirou fundo, suspendendo a mão no ar.

— Sou uma amiga — disse, forçando as intenções a percorrerem seu braço, atravessarem sua pele, enquanto tocava o grimório com a palma da mão.

Por um momento, nada aconteceu. Nada de voz uivando de raiva e traição. Nada de pressão assustadora preenchendo o quarto. Só silêncio. Finalmente, as páginas farfalharam em uma brisa invisível. Lentamente, como um velho que se espreguiçava para acordar, o Códex se abriu em suas mãos.

Esperança cresceu nela, seguida por uma pontada de apreensão. Se Ashcroft passara tanto tempo estudando esse grimório sem resultado, por que ela conseguiria o que ele não conseguiu? Diferente dele, ela não fazia a menor ideia do que poderia ser o segredo de Prendergast, nem tinha conhecimento algum sobre códigos e criptogramas. Chegar a este ponto tinha consumido tanto de sua atenção que ela não tivera tempo de se preparar para o que viria depois.

Ela deu uma olhada nas páginas que se abriam. As palavras boiavam à sua frente e ela tentou piscar com força para acordar, mas descobriu que a culpa não era dos olhos. As palavras estavam mesmo se movendo, tinta escorrendo em gotas arrastadas pelo pergaminho. Ela abriu outra parte, passando por diagramas anotados em enoquiano, e viu a mesma coisa acontecer ali também. Apesar de o texto em si ser legível, as frases tinham saído inteiramente de ordem. Às vezes, se alinhavam de forma a tornar um parágrafo compreensível:

A corte dos demônios nobres cintila sob um céu sem sol. A cada duas semanas eles montam cavalos brancos chifrudos, vestidos em seda, para caçar feras nas florestas do Outromundo, acompanhados por capetas uivando a seu lado. O som da corneta de caça demoníaca é inesquecível; tão belo e terrível que paralisa a presa da caça como se tivesse virado uma estátua...

O resto se desmontou antes que ela acabasse, frases vagando pela página como fileiras de formigas. Frustrada, ela pegou o espelho e chamou Katrien. Quando o rosto da amiga apareceu no vidro, ela parecia tão cansada quanto Elisabeth, pálida sob a camada de gelo. Elas não tinham tempo para colocar a conversa em dia. Especularam as principais possibilidades o mais rápido que podiam, mal parando para respirar.

— Talvez as frases só se alinhem em uma certa data ou hora — supôs Elisabeth. — Meia-

noite no solstício de inverno, quem sabe, ou em condições específicas, como um eclipse.

— Mas Ashcroft tem certeza de que logo vai desvendar, né? Se for o caso, ou o fenômeno em questão vai acontecer nas próximas semanas, ou...

— Ou a solução é completamente outra — completou Elisabeth, desanimada.

— Dê uma segunda olhada na sua pesquisa — insistiu Katrien. — Talvez alguma pista que você ignorou antes seja relevante agora. A gente sabe com certeza que Prendergast criptografou o segredo, ou é só uma suposição aceita sem provas? Enquanto isso, vou ver o que descubro por aqui.

Quando o tempo acabou, Elisabeth engoliu o impulso deprimente de implorar a Katrien para não ir embora e a viu desaparecer sob o gelo. A solidão a sufocou, intensificada pela tontura de exaustão. Ela sabia que precisava dormir, mas estava cansada demais para se levantar e embulhar o Códex na corrente.

Em vez disso, acabou folheando, desatenta, hipnotizada pelo texto móvel. Quando as frases se montavam, ela lia descrições perturbadoras e sensuais do que os demônios comiam em banquetes e vestiam nos bailes noturnos que duravam semanas inteiras. Apesar de as descrições fragmentadas a deixarem cada vez mais incomodada, ela era incapaz de desviar o olhar.

Cisnes envenenados por beladona são considerados uma iguaria especial em banquetes...

A roupa mais elegante da noite foi um vestido feito de mariposas prateadas, pregadas ao tecido ainda vivas para preservar o esplendor...

A vela na mesa de cabeceira ia se apagando. Ela sentiu a cabeça pesar. Imagens desconexas se misturavam em seu olhar: demônios dançando em fantasias elaboradas, sorrindo no banquete, rasgando carne viva. As fantasias dignas de um pesadelo pareciam agarrá-la e afogá-la, como as mãos de sereias num marinheiro naufragado, levando-o à escuridão profunda e silenciosa.

De repente, acordou.

Ou... não acordou, pois certamente era um sonho.

Ela estava em um tipo de oficina antiga. Ervas desconhecidas pendiam do teto em maços. Velas de sebo bruxuleavam em todas as superfícies, pingando cera amarela e gordurosa nas tábuas manchadas do chão. Itens bizarros se amontoavam nas prateleiras e na mesa ao centro da sala: penas de pássaro, caveiras de animais, potes contendo bolhas pantanosas flutuando em vinagre. No entanto, não foi isso que a convenceu de que era um sonho. O cômodo estava suspenso no vazio. As bordas rachadas do chão davam em um abismo preto e pedaços do teto tinham desmoronado, mostrando o mesmo nada escuro acima.

Não... não era vazio. A substância preta e lustrosa lembrava alguma coisa que ela conhecia. O cheiro vivo e distinto de pigmentos encheu o ar. Tinta.

— Quem é você? — disse a voz de um homem atrás dela, furioso. — O que está fazendo aqui?

Elisabeth deu meia-volta, sentindo o coração bater nas costelas.

O homem que ali se encontrava tinha a aparência que ela sempre imaginara que um feiti-

ceiro teria antes de conhecer Nathaniel e Ashcroft. Alto, esquelético e pálido, com olhos de obsidiana ardente e uma barba bem feita que acabava no queixo pontudo. Ele vestia um manto esvoaçante e todos os dedos eram adornados por anéis de pedras preciosas diferentes.

— Quem quer que seja, me recuso a dizer qualquer coisa — se irritou ele. — Não passei centenas de anos preso aqui à toa.

“Centenas de anos.” Ele parecia estar falando sério. Agora que analisava sua expressão, via que ele não estava exatamente furioso. Sob a raiva, tinha medo, como se ela tivesse aparecido para arrancar parte dele à força. O manto era antiquado, assim como o resto da oficina, intocada pelo tempo há séculos.

Onde quer que estivesse agora, não era um sonho. Esse homem também não... esse feiticeiro. Mais uma vez, ela olhou para o mar de tinta que os cercava, arregalando os olhos ao entender uma possibilidade. Prendergast tinha escondido o segredo *dentro* do Códex.

Ela se voltou ao feiticeiro.

— Você é Aldous Prendergast?

Não foi a coisa certa a dizer. Ele fechou a cara e cruzou a distância entre eles em passos apressados.

— Como você chegou aqui? — perguntou, agarrando os ombros dela e sacudindo até os dentes chacoalharem. — Responda, menina!

— Não sei! Eu estava lendo o Códex e peguei no sono.

— Impossível — disse ele, com desdém.

— Palavra esquisita para quem tem mais de trezentos anos — soltou ela. — Isso também não me parece possível.

Prendergast curvou os ombros. Ele a soltou e segurou a borda da mesa, com um olhar de irritação. Surpresa, ela se deu conta de que não tinha medo nenhum dele. O homem era tão magro que ela conseguiria facilmente jogá-lo da borda se ele tentasse feri-la.

— Em que ano estamos? — perguntou ele, finalmente, dirigindo o olhar a uma garrafa cheia do que pareciam caudas de rato em conserva.

Perguntas se embolavam no fundo da garganta de Elisabeth, mas ela suspeitou que ele não diria nada até que ela o respondesse.

— Mil oitocentos e vinte e quatro.

Ele digeriu a resposta.

— Não estou vivo — disse ele, depois de uma pausa longa e fatalista. — Não de verdade.

Elisabeth se retraiu.

— Necromancia — ofegou, atenta ao rosto fundo e à silhueta cadavérica.

— Não, nada de necromancia, sua menina idiota — ralhou ele. — Não sou um cadáver. Deixei meu corpo físico no domínio mortal e ancorei minha mente a... a... bom, acho que você não vai entender. Você obviamente não é feiticeira, a não ser que as exigências tenham deteriorado de forma tão significativa desde a minha época. Você só precisa saber que estou preso aqui por decisão própria. Não posso sair. E você não deveria poder me visitar pelo Códex, espe-

cialmente sem permissão.

Ela olhou ao redor.

— Estamos dentro do Códex? É algum tipo de dimensão paralela?

Ele estreitou os olhos.

— Você entende de teoria taumatúrgica, então.

Elisabeth decidiu não contar que simplesmente lia muitos romances.

— Estamos em um plano de existência artificial, ancorado ao meu grimório, do tamanho desta sala que nos cerca — explicou ele, relutante. — Tentar criar um plano maior arriscaria desestabilizar a barreira entre o domínio mortal e o Outromundo.

— Você esteve mesmo lá, então. No Outromundo.

Ele estreitou ainda mais os olhos.

— Quase ninguém acreditou em mim. Todos me acusaram de inventar meus estudos.

— Exceto por um homem — disse ela, estudando a expressão dele de perto. — Um homem que se disse seu amigo.

O rosto dele estremeceu em convulsão.

— Quem é você? — perguntou, rouco.

— Meu nome é Elisabeth Scrivener. Eu sou... era... uma aprendiz de bibliotecária. Não importa. Não tem nenhum código escondido no Códex, né? *Você* é o código. Você se escondeu aqui para fugir de Cornelius Ashcroft.

A cor escapou dos dedos de Prendergast, ainda agarrados à mesa.

— Se não tivesse fugido — continuou ela, entendendo a verdade enquanto falava —, ele teria usado magia para ler suas memórias e arrancado à força o segredo que você guarda.

Ao vê-lo arregalar os olhos, ela explicou:

— O herdeiro dele tentou fazer o mesmo comigo.

Prendergast a encarou por mais um tempo, até que caiu na gargalhada. O riso tinha um tom agudo e nervoso que assustou Elisabeth. Ela se lembrou de que ele estava preso ali há centenas de anos e que ela não tinha reagido de forma tão diferente depois de ser acolhida por Nathaniel.

— Você está mentindo — disse ele, quando voltou a respirar. — Já entendi. Você está em conluio com os Ashcroft. Não teria como saber... adivinhar...

— Não estou! Juro!

— Só sei uma coisa com certeza: os Ashcroft não deixam suas vítimas intactas — disse ele, os olhos enevoados por um brilho febril. — Você consegue começar a imaginar o que me levou a escolher uma eternidade de isolamento em vez da atenção de meu velho e querido amigo? Deixei *tudo* para trás. Meu corpo de verdade se tornou uma casca mentecapta e babona, mas é o que Cornelius teria feito comigo, de qualquer forma, depois de destroçar minha mente. Pelo menos assim fui capaz de impedir aquele diabo — falou Prendergast, com ferocidade repentina. — Ele nunca vai pegar. Nem você.

— Pegar *o quê*?

Prendergast não respondeu. Ele deu meia-volta e começou a se afastar, movendo o manto esvoaçante, apesar de não ter aonde ir além de se aprofundar mais na oficina, entre as prateleiras lotadas e envergadas.

— Você pode ter enganado Cornelius, mas o herdeiro dele está atrás do seu segredo agora mesmo — gritou Elisabeth, correndo atrás dele. — Ele sabe que você está aqui e não medirá esforços para te encontrar.

Prendergast abanou uma mão ossuda, cujas joias brilharam à luz das velas.

— Não importa. Ele não vai conseguir...

— Chegar aqui, como eu acabei de chegar?

Ele se imobilizou.

— Você está perdendo tempo.

— Escute — insistiu ela. — Procurei seu grimório porque ele tem soltado Maleficts das Grandes Bibliotecas. Dezenas de pessoas já morreram. Preciso descobrir por que ele está fazendo isso, para levar provas ao Colégio. Se não o fizer, ele nunca será castigado.

Fez-se silêncio.

— Então ele está agindo mesmo — disse Prendergast finalmente, exausto. — Está tentando acabar o que Cornelius começou.

— Se você puder me dizer o que ele planeja... Sei que, o que quer que seja, depende da Grande Biblioteca de Harrows...

A voz de Prendergast a açoitou como um chicote.

— Basta! Me deixe em paz. Não importa o que ele planeja, porque... — disse ele, se curvando e apoiando as mãos nos joelhos para se forçar a acabar a frase. — Porque sem mim... ele não vai conseguir.

Ela não tinha chegado até ali, depois de roubar da Biblioteca Real e pedir ajuda a um demônio, só para desistir. Ela andou até Prendergast e o segurou pelo braço. Em resposta ao toque, o corpo inteiro dele tremeu e ele caiu de joelhos. Dor retorceu o rosto esquelético.

Elisabeth foi tomada por culpa.

— Está tudo bem?

Assim que falou, viu que o problema não era limitado a Prendergast. As velas vacilaram, se apagando em poças de cera. Escuridão caiu sobre a oficina. Finalmente, o chão se sacudiu, uma convulsão sísmica que quase arremessou Elisabeth para longe. Vidros saíram rolando pela mesa e se estilhaçaram.

— O Códex Daemonicus — disse Prendergast, entre dentes cerrados. — Tem alguma coisa acontecendo com o grimório. Você está em perigo, garota. Seu corpo ainda está no domínio mortal.

Ela sentiu o coração pular na garganta.

— Como eu volto? Nem sei como cheguei aqui.

— Pule! — rosnou ele.

Ela não teve tempo de pensar na ordem, pois o mundo ao seu redor se despedaçava aos

trancos. Ela correu até a beira, juntando coragem, e se jogou das pontas quebradas das tábuas, pensando “Isso não é verdade. É só na minha cabeça. Não vou cair”.

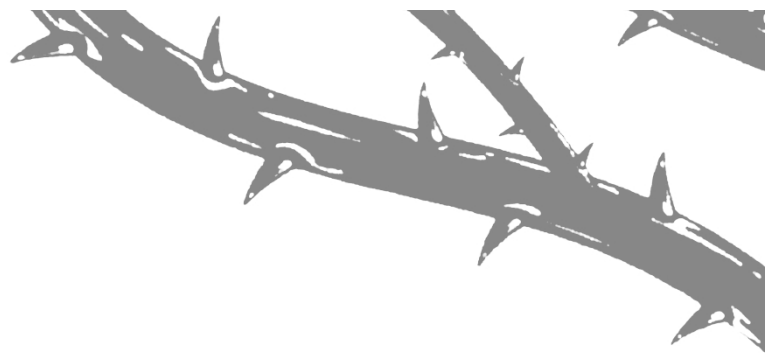
A sensação era de cair: cambalhotas incessantes pelo ar até não entender mais a direção, enquanto o gosto amargo de tinta enchia sua boca, seu nariz, sua garganta...

Ela acordou ofegante pelo impacto, como se a alma tivesse sido enfiada de volta no corpo à força. Ela se sentou no chão do quarto, atordoada, com o Códex ainda no colo.

A vela estava apagada. Não porque tinha acabado de queimar, mas porque Elisabeth tinha caído de lado enquanto dormia e esbarrado com o ombro na mesa de cabeceira. Isso tinha derubado a vela, apagando a chama. Ela se considerou sortuda por não ter causado um incêndio, mas logo mudou de ideia, porque o resultado era ainda pior.

Gotas de cera quente tinham respingado nas páginas do Códex. Ela observou a tinta se espalhar a partir da cera, como uma mancha de sangue, encharcando o papel, tornando as páginas pretas. Ela se levantou correndo e jogou o grimório no tapete. Virado, a capa se debatia e inchava como se alguma coisa estivesse tentando escapar dali. A sombra ao luar se esticou pelo chão. Elisabeth arrancou uma bala de sal do cinto, na hora certa, porque, no segundo em que reagiu, uma mão magrela e escamada se esticou pelo chão em um gesto serpenteante e prendeu seu tornozelo entre os dedos podres.

O Códex tinha se transformado num Malefict.



VINTE E TRÊS

Elisabeth sentiu o gosto de sal quando a bala explodiu, enchendo o quarto de partículas iluminadas, inesperadamente lindas sob o luar, como neve. Os dedos relaxaram o suficiente para ela soltar o tornozelo. O Malefict respondeu com um berro áspero e agudo. Seguiu-se uma confusão agitada de movimento, membros escamosos se jogando para todos os lados, até a porta do quarto ser inteiramente arrancada das dobradiças, deixando entrar a luz das velas do corredor. Uma silhueta curvada de orelhas compridas se ergueu onde antes estivera a porta. Com mais um berro, se jogou para longe.

Elisabeth pegou Demonicida do chão e correu atrás do demônio, pulando por cima dos restos quebrados da porta. O Malefict fugia pelo corredor mancando, deixando clara a origem da encadernação. Parecia com os diabretes da casa de Ashcroft, mas as escamas vermelhas eram empoeiradas e ressecadas, e o couro era atravessado por costura. Traças tinham puído as orelhas. Manchas de ouro estavam coladas no corpo, opacas e gastas pelo tempo.

Quando chegou à escada, desceu engatinhando, rasgando o carpete com as garras. Lá embaixo, atropelou uma mesa e jogou um vaso no chão de mármore. Rosas se espalharam em meio à enchente de água e porcelana estilhaçada. Desde quando havia flores novas no saguão? Elisabeth nunca as tinha notado.

Ela ignorou os degraus e escorregou pelo corrimão, pulando enquanto o Malefict tentava se reequilibrar no chão molhado. Ela avançou devagar, com Demonicida em riste. Ele se afastou aos poucos, apertando as mãos esqueléticas no peito, os olhos pretos de tinta redondos e brilhantes. Ela controlou uma pontada de pena ao prendê-lo contra a parede. Não podia subestimar sua força, especialmente depois do que fizera com a porta. Um Grau Seis agitado era perfeitamente capaz de derrotar uma guardiã.

— Que inferno é esse?

Elisabeth congelou ao ouvir a voz de Nathaniel, vinda do corredor. No instante seguinte,

ele surgiu sob a luz do luar do saguão, inteiramente vestido, apesar da hora. Ele parou, apoiado na porta, e avaliou a cena com calma, como se visse esse tipo de caos todos os dias.

Ela sentiu o estômago dar uma volta acrobática. Sua última lembrança dele, pálido e trêmulo, procurando a mão de Silas, ainda era tão recente que ela podia tocá-la. Tendo visto ele assim, parecia impossível vê-lo tão tranquilo. Tão normal, como se nada tivesse mudado. Nada tinha mudado, na verdade. Ele sempre estivera escondendo a dor. Não só dela, mas de todo mundo além de Silas, o único que o entendia.

— Scrivener — suspirou ele. — Eu devia saber que era coisa sua no instante em que ouvi o vaso antigo e inestimável da minha bisavó cair no chão.

Ele voltou o olhar atento para o Malefict.

— E você, quem é? — perguntou. — São amigos?

O Códex arreganhou as presas e soltou um grito de estourar os tímpanos. O lustre acima deles tremeu.

— Prazer — disse Nathaniel, antes de se voltar para Elisabeth. — Se vocês quiserem destruir mais alguma coisa, faz anos que quero me livrar da tapeçaria da tia Clothilde. Você vai reconhecer na hora. É lilás.

Elisabeth abriu a boca várias vezes antes de conseguir falar.

— Preciso de ajuda.

— Por quê? Você parece estar dando conta da situação.

— Você consegue transformar um Malefict de volta em grimório? Com feitiçaria?

— Provavelmente, desde que não seja poderoso demais — disse Nathaniel, erguendo uma sobrancelha. — Por quê?

Ela resistiu à tentação de cerrar os dentes. Apesar dos pesadelos, ele continuava insuportável.

— Esse grimório é uma prova importante contra Ashcroft. É tudo que eu tenho — admitiu, relutante.

Nathaniel ergueu a outra sobrancelha.

— Eu *sabia* que você estava tramando alguma coisa na Biblioteca Real. Mas roubo? Sério, Scrivener?

Sangue quente subiu a seu rosto. Ela relaxou um pouco a mão que segurava Demonizada. No mesmo instante, sentiu o erro — não podia se distrair —, mas reagiu tarde demais. O Malefict entrou em ação, a jogou para o lado e saiu correndo. Quando piscou, estava largada no chão, sem ar.

“Não deixe ele fugir”, pensou, desesperada. Se o Códex fugisse, estaria tudo perdido.

As sílabas de um feitiço queimaram o ar. Luz esmeralda rodopiou acima dela, refletida no chão molhado, delineando as pétalas das rosas despedaçadas. Elisabeth se levantou, apoiada em um cotovelo, tossindo, e viu o Malefict congelado no meio de um salto, a um mero palmo da janela. Nathaniel estava atrás dele, com um braço estendido, tão rígido de tensão que uma veia no pescoço parecia prestes a estourar. A mão tremia de esforço enquanto a boca formava o en-

cantamento.

Devagar e contínuo, o Malefict começou a se recolher. Os membros se dobraram, a cabeça se curvou, o couro escamoso encolheu. A forma ficou cada vez menor. Finalmente, a luz sumiu e o Códex caiu no chão, intacto, em um estrondo que ecoou pelo saguão.

Cuidadosamente, Elisabeth se levantou de vez, enquanto Nathaniel se curvava, ofegante. Ele conteve um gemido abafado e ela reparou que pedira mais do que imaginava. Ela estava confiante na capacidade de Nathaniel de trabalhar com esse tipo de magia — pois Nathaniel dava vida a pedras, convocava tempestades —, mas, na verdade, nunca ouvira falar de reverter a condição de Maleficts. Se fosse fácil, as Grandes Bibliotecas não seriam necessárias, muito menos os guardiões.

— Nathaniel — disse ela, andando na direção dele, antes de cair ao chão.

Ela só via escuridão. O sangue latejava em seus ouvidos. Através da rebentação de ondas de tontura, ela percebeu que alguém a segurava. Piscou rápido e o mundo voltou aos poucos. Nathaniel a tocava. A mão dele percorria seu tronco, seus braços, um contato ao mesmo tempo impessoal e desesperadamente urgente, conferindo se ela estava ferida.

Ela não queria que ele parasse. Nunca antes tinha sido tocada assim. As mãos deixavam marcas na pele como o rastro de cometas, urgentes e ardentes, o corpo pedindo mais. Uma dor sôfrega encheu seu peito. A intensidade da sensação a dominou.

— Você se feriu? Consegue dizer?

Quando ela não respondeu, Nathaniel segurou seu rosto.

— Elisabeth! — insistiu.

Ouvir seu nome dito pela primeira vez na voz de Nathaniel, naquele tom, finalmente a acordou.

— Não estou ferida — disse ela, sentindo o sangue correr sob o toque dele. — Só me levantei muito rápido. Estou...

— Exausta — completou ele quando ela hesitou, analisando o rosto com seu olhar cinzento. — Há quanto tempo não dorme?

“Três noites.” Ela não respondeu em voz alta. A expressão de Nathaniel já estava distante. Um músculo do maxilar se retesou quando ele a ajudou a ficar de pé e a levou até uma cadeira. Ele parecia doente, como se o contato físico entre eles fosse venenoso, ou como se o ar estivesse escoando da sala como água descendo no ralo. Confusão embaralhava os pensamentos de Elisabeth. Conforme a tontura foi passando, ela entendeu. A explicação era óbvia: ele achava que era o culpado.

— Espere — protestou ela, mas ele já tinha se afastado.

— Silas — chamou.

No momento em que Silas apareceu nas sombras do saguão, Nathaniel se dirigiu a ele. Elisabeth agora se sentia bem, quase perfeitamente lúcida, mas o nó de emoções na garganta era tão apertado que mal conseguia respirar. Ela queria poder impedir o que fosse acontecer, voltar no tempo, ter oportunidade de conversar com Nathaniel. Desamparada, ela o viu se curvar so-

bre Silas e falar em um tom furioso.

— Por que você não me contou que tenho tido pesadelos? Não sou mais criança. Se eu fizer feitiços dormindo, *enquanto tem gente na casa*, preciso saber! Céus, Silas, eu podia tê-la machucado!

— Senhor — disse Silas, obediente.

— O que foi dessa vez? — continuou Nathaniel, sem hesitar. — Sangue pingando da parede, ou cadáveres se arrastando pelo corredor? Talvez tenha sido meu preferido, a aparição do meu pai, tropeçando por aí com a garganta cortada. Essa foi muito eficiente para se livrar do mordomo.

— São ilusões, senhor. São inofensivas.

— Não — a palavra soou como um tapa. — Você conhece a magia que corre no sangue da minha família. Você serviu Baltasar.

Silas inclinou a cabeça.

— Portanto, deveria dizer que minha opinião...

— *Não* — insistiu Nathaniel. — Não discuta comigo. Não quando se trata disso — acrescentou, com a expressão fria, inteiramente digna de um catedrático. — É uma ordem.

Silas estreitou a boca. Então, impassível, ele se curvou em reverência.

Nathaniel passou a mão pelo cabelo e andou em círculos pelo saguão. Ele não encontrou o olhar de nenhum dos dois.

— Encontrarei outra hospedagem para você, srta. Scrivener — disse ele. — Só devo levar um ou dois dias. Este acordo era temporário desde o início.

Tendo dito isso, ele se dirigiu para a escadaria.

Elisabeth tentou entender como tinha ido de “Elisabeth” a “srta. Scrivener” em meros segundos. A situação fugia dela em velocidade horripilante, se desenrolando como um novelo derrubado. Ela sentia que, se não interviesse, se afastaria de Nathaniel a ponto de se tornarem desconhecidos e não seria capaz de voltar nada ao lugar. Ela inspirou fundo, trêmula.

— Não quero ficar em outro lugar! — gritou para a escada.

Nathaniel subiu mais um degrau e parou, empertigando a coluna. Ele não se virou, como se não aguentasse vê-la.

— Gosto daqui — disse ela, se surpreendendo com a verdade. — É quase... eu quase me sinto em casa. Eu me sinto segura. Não tenho medo de você, nem dos seus pesadelos.

Ele riu, uma gargalhada amarga, sem humor algum.

— Você mal me conhece. Nunca viu o que posso fazer de verdade. Quando acontecer, sei que vai mudar de ideia.

Ela pensou naquela noite em Blackwald, quando ele observara o trabalho de seus ancestrais na floresta, uma ferida ainda aberta depois de centenas de anos. Era disso que tinha medo? De que o horror de Baltasar vivesse dentro dele? Cada batimento do coração dela doía, como uma faca enfiada no peito.

Ela tirou uma rosa do chão. As pétalas estavam molhadas e os espinhos espetaram sua mão.

Um símbolo de amor, vida e beleza, tão inesperado na mansão vazia e desesperadora de Nathaniel, apesar de na verdade não pensar na casa assim há bastante tempo. Agora, entendia que as rosas eram para ela. Um sinal de esperança que surgia com esforço entre as cinzas.

— Talvez eu não tenha visto o que você pode fazer, mas eu vi o que escolhe fazer — disse ela, erguendo o rosto. — Não é isso o mais importante?

A pergunta pegou Nathaniel desprevenido. Ele segurou o corrimão para se equilibrar.

— Eu escolhi não te ajudar a lutar contra Ashcroft.

Ela sentiu o peito doer. Olhou para os ombros dele, o desenho das costas expressando tão nitidamente sua infelicidade.

— Ainda dá tempo de mudar de ideia — falou.

Nathaniel se curvou e apoiou a testa no braço. Fez-se silêncio. O saguão fedia a combustão etérea, mas, no fundo, restava o leve perfume das rosas.

— Tudo bem — disse ele, finalmente.

Alegria percorreu Elisabeth como um gole de champanhe, mas ela não ousou pedir demais de uma vez.

— Posso ficar aqui?

— Claro que pode, seu desastre. Não é como se pudesse impedi-la, mesmo se quisesse.

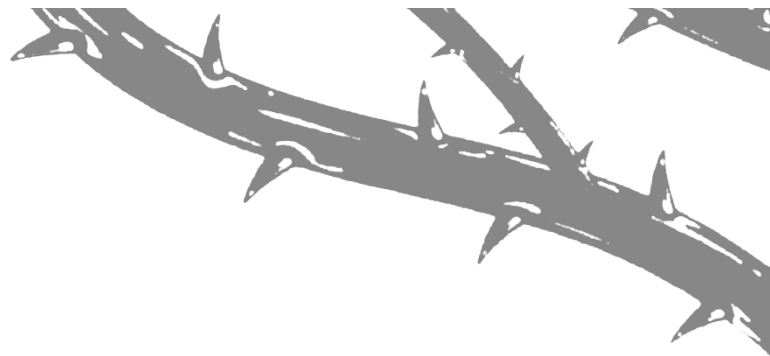
Ele parou de novo. Ela esperou, prendendo a respiração, que ele se obrigasse a completar o que tinha a dizer.

— E vou te ajudar, tá? Não é por motivos nobres — acrescentou rapidamente, enquanto o ânimo dela crescia. — Ainda acho que é uma causa perdida. Provavelmente vamos morrer — disse, voltando a subir a escadaria. — Mas todo homem tem um limite. Não consigo simplesmente ficar parado enquanto te vejo destruir antiguidades insubstituíveis.

Elisabeth sorria de orelha a orelha.

— Obrigada! — gritou para ele.

Nathaniel acenou do alto da escada, desmerecendo o que dizia. Antes que virasse a esquina, ela o viu sorrir também.



VINTE E QUATRO

Quando Elisabeth levou o espelho perscrutador ao escritório de Nathaniel na noite seguinte, ele não pareceu surpreso — mesmo que, pelo que ele disse, estivesse perdido há quase um século.

— Era da minha tia Clothilde — explicou. — Ela morreu antes de eu nascer, mas já ouvi muitas histórias sobre o hábito que tinha de espionar a família do marido.

Elisabeth hesitou, lembrando-se do que a sra. Wick dissera.

— Não foi depois da Reforma?

— Foi, mas você nem imagina quantos artefatos proibidos estão escondidos em casas antigas como esta — disse ele, fechando os olhos e tocando as bordas do espelho com os dedos, concentrado. — Os Lovelace encontraram aparelhos de tortura ambulantes no porão, inclusive uma dama de ferro que correu atrás deles até o térreo, abrindo e fechando que nem um molusco. Pessoalmente, eu nem entro no subsolo. Algumas portas lá embaixo não são abertas desde que Baltasar construiu a casa, e Silas me disse que ele tinha uma obsessão esquisita por marionetes... ah — se interrompeu, abrindo os olhos. — Pronto.

Ela se aproximou no sofá para ver melhor. A camada de gelo tinha sumido da superfície do espelho. De acordo com Nathaniel, ele não estava quebrado; a magia só precisava ser recarregada depois de tantos anos adormecida. Agora, ela e Katrien poderiam conversar o quanto quisessem.

Ela soltou uma gargalhada alegre. Quando ergueu o rosto, viu que Nathaniel a observava, atento, estudando seu rosto como uma pintura. Um choque a percorreu quando seus olhares se encontraram. Tudo ao seu redor se destacou: os instrumentos do escritório cintilando no fundo, a suavidade da boca dele à luz de velas, a estrutura cristalina dos olhos, infinitamente complexa quando vista tão de perto.

Por um segundo, alguma coisa pareceu prestes a acontecer. Então, uma sombra cobriu seu

olhar. Ele pigarreou e entregou o espelho.

— Pronta? — perguntou.

Elisabeth conteve seu constrangimento, se esforçando para não mostrar o que sentia. Ela esperava que ele não notasse sua face corada, ou que, se notasse, achasse que era alívio por poder conversar com Katrien.

— Pronta, mas antes quero experimentar uma outra coisa.

Ela aproximou o espelho do rosto, ignorando o frio na barriga.

— Mostre Ashcroft — comandou.

Nathaniel ficou tenso quando a superfície do espelho estremeceu. Entretanto, não mostrou imagem nenhuma. Em vez disso, o vidro foi tomado por luz dourada e cintilante. Ela nunca vira o espelho fazer isso antes.

— Não entendi. Será que não tem espelhos onde ele está?

— É a magia de Ashcroft — respondeu Nathaniel, mais relaxado. — Parece que ele se cobriu de feitiços de proteção. Normalmente seria para impedir rituais maliciosos, mas parece que também bloqueiam espelhos perscrutadores.

Ela suspirou, só então notando que estava prendendo a respiração.

— Ele está sempre preparado. Foi o que entendi, presa na casa dele. Poder espioná-lo pareceu fácil demais, mas não pude deixar de tentar.

— Talvez seja melhor assim — disse Nathaniel, compreensivo. — Imagine se déssemos de cara com ele na latrina. Ou aparando os pelos do nariz. Ou quem sabe...

Elisabeth fez uma careta.

— Mostre Katrien — disse ao espelho, antes que Nathaniel continuasse.

Ela apertou a moldura com mais força quando o vidro estremeceu de novo. Ela tinha preparado Katrien e Nathaniel o melhor possível para aquele momento, considerando que só tivera um minuto para conversar com a amiga de manhã, mas estava assustadoramente nervosa agora que tinha chegado a hora do encontro. Por algum motivo, achava que não aguentaria se sua melhor amiga odiasse Nathaniel.

O rosto de Katrien apareceu no espelho. Ela estava sentada no chão, de pernas cruzadas, embrulhada até o pescoço em uma manta enorme. Mesmo assim, conseguia parecer ameaçadora. Talvez fosse só o olhar, que dissecava Nathaniel como um espécime de laboratório.

— Thorn — declarou.

— Quillworthy — respondeu ele.

Passou-se uma longa pausa, durante a qual Elisabeth achou que fosse vomitar. Finalmente, Katrien ajustou os óculos com uma mão, que logo escondeu debaixo da manta, como se nunca tivesse existido.

— Acho que você dá conta — disse ela. — Agora, o que preciso saber antes de começar?

Simples assim, o constrangimento se foi. Elisabeth mal conteve o impulso de pular e comemorar. Ela mudou o ângulo do espelho para Katrien ver os dois direito.

— Para começo de conversa, Ashcroft está com alguns dias de atraso no ataque à Grande

Biblioteca de Fairwater.

Katrien franziu a testa.

— Será que é pela falta de progresso no Códex?

— Exatamente. Ele pode estar enrolando, porque não está pronto para o que quer que esteja planejando em Harrows...

Os três conversaram até tarde da noite, atrapalhados uma vez pela inspeção aleatória do quarto que os levou a correr para interromper o feitiço do espelho antes que a guardiã visse duas caras flutuando sobre o armário de Katrien, e outra vez por Silas, que insistiu em servir um jantar de três pratos na mesinha de centro. Katrien observou Silas com interesse aguçado, mas, felizmente, não falou nada.

Acabaram a reunião tentando mandar Nathaniel para dentro do Códex. Primeiro, tentaram que ele fosse sozinho — para estabelecer controle, segundo Katrien, mas Elisabeth suspeitava que ela só quisesse ver Nathaniel sofrer. Depois, tentaram ir juntos, de braços dados, na esperança de que Elisabeth pudesse carregar Nathaniel junto. No entanto, todas as vezes ela aparecia sozinha na dimensão da oficina. Prendergast ficou tão irritado com as aparições insistentes que começou a jogar vidros cheios de dedos amputados nela. Quando chegou a este ponto, eles decidiram que era hora de dormir.

— Elisabeth — disse Katrien, quando todos se levantaram e espreguiçaram. — A gente pode conversar em particular?

Nervosismo atacou o estômago de Elisabeth imediatamente. Katrien sem dúvida notara que ela ficava corada sempre que Nathaniel segurava seu braço. Será que precisavam mesmo falar disso? Quando Nathaniel e Silas saíram do escritório, ela afundou de novo no sofá, prendendo as mãos entre os joelhos.

— Está tudo bem? — perguntou Katrien. — Você parece estar com dor de barriga. Enfim, tenho pensado na sua resistência à magia. De onde pode vir, coisa e tal.

Elisabeth relaxou nas almofadas. Ela sentiu seus órgãos derreterem de tanto alívio.

— Você teve alguma ideia? — perguntou.

— Então... — hesitou Katrien. — Existe algum motivo para você ser a única pessoa que consegue entrar no Códex, e isso deve estar relacionado — falou, antes de uma pausa. — Lembra quando você caiu do telhado e não quebrou nada?

Elisabeth assentiu, pensando no assunto. Ela tinha catorze anos na época e caiu do segundo andar, aonde tinha escalado para fugir do guardião Finch.

— Dei sorte.

— Acho que não. Aquela queda devia ter te ferido, mas você só ficou meio arranhada. Stefan jura que você quebrou uma laje. Depois teve aquela história do lustre no refeitório, que quase caiu na sua cabeça. E lembra quando pegou a geleia de morango e encheu...

— Eu sei! — interrompeu Elisabeth, corada. — Lembro. O que isso tem a ver com minha entrada no Códex?

Katrien mordeu o lábio.

— Você não é só resistente à magia, como mais fisicamente resiliente do que pessoas comuns. Você sobreviveu a situações que teriam matado qualquer um.

Elisabeth estava prestes a discordar, mas se lembrou da batalha com o Livro dos Olhos. O Malefict a esmagara até sentir que o pulmão ia explodir, mas, até onde sabia, não tinha nem quebrado a costela. Em retrospecto, era esquisito.

— Estava pensando na conexão entre essas qualidades e uma ideia me ocorreu — disse Katrien, devagar. — Lembra aquelas experiências que eu fiz quando nos conhecemos?

— Com as traças?

Katrien assentiu, os olhos se enchendo de lágrimas.

— Traças são criaturas fascinantes. Elas passam o dia todo correndo por pó de pergaminho, comendo e respirando feitiçaria, mas não são feridas. São gigantescas, difíceis de matar. No início, achei que fossem outra espécie, diferentes das traças comuns, mas, depois de estudá-las, entendi que não era o caso. Elas nascem normais. É a exposição aos grimórios que as transforma.

Por um momento, Elisabeth ficou sem palavras. Tonta. Ela se imaginou quando bebê, engatinhando entre estantes. Quando menina, se esgueirando pelas passagens. Mal tinha lembranças de infância em que não estivesse coberta de pó dos pés à cabeça.

— Quer dizer... Você acha que eu sou uma *traça*?

— Uma traça humana — disse Katrien. — Até onde sei, você é a única pessoa do mundo a crescer numa Grande Biblioteca. Quando aprendizes chegam, aos treze anos, devemos estar desenvolvidos demais para mudar, mas você...

Elisabeth sentiu que tinha levado uma pancada de grimório na cabeça. Por dezesseis anos e meio, vivera míope, e de repente, pela primeira vez, o mundo entrara em foco. Era por isso que tinha acordado quando o Livro dos Olhos fugira. Era por isso que resistira a Ashcroft; por isso o livro no arquivo a chamara... do que a chamara?

Filha da biblioteca.

Tinta e pergaminho corriam em suas veias. A magia das Grandes Bibliotecas vivia em seus ossos. Eram parte de Elisabeth, assim como Elisabeth era parte delas.

• • •

Durante a semana, na Biblioteca Real, Elisabeth não pensou em mais nada. Trabalhou como se perdida em um sonho, observando inúmeras coisas que nunca antes notara. Grimórios farfalhavam quando ela passava, mas ficavam imóveis e silenciosos na presença dos bibliotecários. Estantes rangiam. Exemplares raros batiam no vidro para chamar atenção. O caminho do depósito passava por um Grau Quatro infame entre aprendizes pelo péssimo humor — eles fugiam correndo e gritando, porque o livro cuspiam tinta —, mas ele a deixava em paz desde que o cumprimentasse todo dia. Um incidente especialmente memorável foi quando parte da estante se abriu sozinha, derrubando Gertrude no chão de tanta ansiedade para mostrar uma passagem secreta a Elisabeth.

Quanto mais ela varria, esfregava e lustrava, entretanto, o fascínio se esvaía, deixando um

vazio oco em seu peito. Se nunca pudesse retomar a posição no Colégio, o que restava para ela no mundo? Fora das Grandes Bibliotecas se sentia um animal no zoológico, uma curiosidade arrancada de casa e exibida em lugares aos quais não pertencia. Todo dia, tentava se convencer a pedir demissão e se concentrar completamente em Ashcroft. Todo dia, uma onda de pavor a paralisava só de pensar. Quando tirasse o uniforme e saísse por aquela porta, talvez nunca mais pudesse voltar.

Gertrude suspirou e resmungou, ainda convencida de que Elisabeth estava distraída por um menino. De certa forma, era verdade. As noites insones agora se deviam a madrugadas passadas ao redor da lareira verde crepitante do escritório de Nathaniel. Cada vez mais entulhado dos resultados das reuniões, a sala parecia o quartel-general de uma guerra. Eles tinham rearrumado os móveis e grudado anotações nas paredes. Mesmo assim, apesar do esforço, Prendergast continuava sem cooperar e eles não tinham chegado nem um pouco mais perto de descobrir o plano de Ashcroft.

Hoje Elisabeth estava encarregada de limpar o chão do Observatório, cujos azulejos azuis e prateados brilhavam como joias a cada toque do esfregão. A sala era projetada para grimórios cujo texto só se revelava à luz da lua ou das estrelas, ou durante alinhamentos planetários específicos. Apetrechos astronômicos zumbiam de leve, longe do alcance, especialmente a enorme esfera armilar de bronze pendurada no meio da cúpula de vidro do Observatório como um lustre. Quando ela chegou ao canto da sala e olhou para baixo, viu o terreno do Colégio tão do alto que ficou tonta. A tarde parecia calma, exceto por uma única pessoa que galopava de cavalo até a biblioteca, vestida no uniforme do Colégio, manchado pela viagem.

Ela estava quase acabando quando a porta do Observatório abriu com um rangido. Olhou para cima, esperando que Gertrude tivesse mais uma tarefa para ela, mas o que viu foi uma capa dourada entrando na sala.

— Sobre o que quer conversar, vice-diretora?

O choque de ouvir a voz de Ashcroft a atordoou, como se o chão desmoronasse e a mergulhasse em água gelada. Ela correu para trás de um pedestal, agarrada ao esfregão. Escondida ali, paralisada, escutou o farfalhar do manto da sra. Wick, torcendo para que não trouxesse Ashcroft para mais perto. Os dois sem dúvida acreditavam que a sala estava vazia.

O olhar de Elisabeth identificou o balde de água ensaboada a poucos metros dela, sentindo calafrios congelantes. Desde que Ashcroft não olhasse na direção errada...

— Acabamos de receber notícias de uma mensageira — disse a sra. Wick. — Achei importante te informar em primeira mão que a Grande Biblioteca de Fairwater foi sabotada.

Elisabeth prendeu a respiração. Ela se virou para espreitar por trás dos elos interligados do instrumento sobre o pedestal. Os dois tinham parado perto do meio da sala, onde uma fileira de espelhos refletia um feixe de luz do sol concentrado nos azulejos. Ashcroft estava em parte iluminado, a claridade cortando uma faixa da manga e piscando no objeto em sua mão. Ele estava apoiado em uma bengala decorativa, cujo punho dourado era entalhado na forma de uma cabeça de grifo.

— Ah, que pena. Eu sinto muitíssimo — disse ele, soando sincero, apesar da graça iluminando os olhos díspares. — Foram muitas vítimas?

— Quatro guardiões e três civis morreram devido ao veneno do miasma do Malefict. A diretora Florentine sobreviveu, mas sofreu uma lesão craniana grave. A princípio, não consegue se lembrar de nenhum detalhe do ataque.

Ashcroft curvou os lábios em um sorriso de satisfação. Lesão craniana, ou seria o efeito de um feitiço? Elisabeth ficou enjoada. Se a sra. Wick pudesse ao menos ver a expressão dele...

Enquanto continuava a conversa, Elisabeth se lembrou da reunião na noite anterior, com Katrien e Nathaniel. Tinham chegado à conclusão quase certa de que Ashcroft não saía de Brassbridge para os ataques. A não ser que conhecesse um feitiço secreto e poderoso o suficiente para transportá-lo ao outro lado do país, seria impossível conduzir os ataques pessoalmente — não o de Fettering, já que ele interrogava Elisabeth diariamente no escritório, nem este, pois suas roupas não mostravam traços da viagem. A suspeita de Nathaniel era de que ele trabalhasse em cumplicidade com outro feiticeiro.

Finalmente, Ashcroft se virou para partir.

— Voltarei à Cátedra imediatamente — declarou. — Posso garantir que nossos melhores feiticeiros estão trabalhando nesta investigação.

— Se me permitir ser sincera, Chanceler, temo que seus melhores feiticeiros não estejam dando conta. Até agora, só a Grande Biblioteca de Harrows continua impune. O sabotador atacou até a Biblioteca Real sem consequências...

Um calafrio percorreu Elisabeth quando Ashcroft abriu a porta para a sra. Wick. Claro que a notícia do desaparecimento do Códex tinha chegado aos ouvidos dele; assim que o roubo fora atribuído ao sabotador, se tornara parte da investigação. Será que o Colégio lhe dera acesso aos documentos da Biblioteca Real? Será que ele pensaria em analisar os novos funcionários contratados?

Ele parou antes de sair. Acariciou a cabeça de grifo da bengala, pensativo. Virou-se para o Observatório, passando o olhar cor de rubi pelos instrumentos. Quando se aproximou do balde, ela se preocupou, mas ele não pareceu notá-lo; a atenção continuou seu caminho, chegando ao esconderijo. Elisabeth se encolheu, sumindo de vista, o coração palpitando até a boca. Mesmo ouvindo a porta bater logo em seguida, passou um bom minuto paralisada até ousar olhar de novo.

Ashcroft se fora. Ela estava sozinha.

• • •

Naquela noite, o clima no escritório era solene. Nathaniel tinha passado o dia dedicado às ilusões para o Baile Real, mas nem as borboletas absurdas voando pela sala acalmaram Elisabeth. Os últimos dias tinham dado a impressão de que Ashcroft pudesse ter adiado o plano e que, portanto, eles teriam mais algumas semanas, quiçá meses, para pegá-lo. Ninguém soube o que dizer em resposta à notícia de Elisabeth. A decisão sofrida de deixar a Biblioteca Real para não

mais voltar merecera um olhar de pena até de Silas.

Ela respirou fundo. Chegara a hora de confessar.

— Acho que Prendergast não vai me contar nada sobre o objetivo de Ashcroft — falou. — Ele ainda não confia em mim e, se sou a única pessoa capaz de visitá-lo, o que parece mesmo provável, não podemos usar o Códex como prova. Não temos mais nada.

Ela olhou para os rostos ao seu redor e viu a verdade refletida neles. Os três acreditavam em tudo que ela dissera, apesar de nunca terem visto sinal de Prendergast, mas para o resto do mundo ela seria simplesmente uma menina fugida do hospital psiquiátrico, inventando alegações enlouquecidas sobre um livro roubado. Era um beco sem saída. Desânimo caiu sobre o escritório, pontuado pela chuva que açoitava as janelas.

Finalmente, Silas se levantou.

— Vou buscar chá.

De alguma forma, o chá ajudou. Elisabeth segurou a xícara fumegante com as duas mãos, grata pelo calor que ia do estômago às pontas dos pés. Sorriu de leve para Nathaniel quando ele se juntou a ela, perto da lareira. A chuva tinha aumentado, martelando com força do lado de fora. Vento uivava pelas calhas e o fogo chiava sempre que gotas escapavam pela chaminé. A luz verde das chamas dava aos olhos de Nathaniel a mesma cor da tempestade que ele invocara naquela primeira noite na cidade. Ele hesitou a falar.

— Eu quero que você saiba... no fim, se não conseguirmos deter Ashcroft, não vou te abandonar... Eu...

Ele parecia perturbado, à beira de uma admissão difícil. Um raio de nervosismo a atingiu, como se disparado em uma flecha, caindo bem na boca do estômago.

— Farei tudo que estiver ao meu alcance para restaurar sua posição no Colégio — concluiu, olhando para o fogo. — Para garantir sua segurança onde Ashcroft nunca poderá encontrá-la. Knockfeld, quem sabe, ou Fairwater... lugares pouco visitados por feiticeiros.

Elisabeth assentiu, sem confiar no que diria. Ela não entendia a decepção que ardia em seus olhos. Ele oferecia exatamente o que ela queria. Só que, por um momento, ela achara que ele diria outra coisa.

— Sobre o que você acha que Silas e Katrien estão conversando? — perguntou, desesperada para mudar de assunto.

Os dois estavam mergulhados numa conversa há vários minutos.

— Só posso imaginar que estejam planejando dominar o mundo — disse Nathaniel, estreitando os olhos. — Acho que não podemos deixá-los sozinhos tanto tempo. Me assusta.

— Se eles dominarem o mundo, pelo menos não teremos mais que nos preocupar com Ashcroft.

Ela viu uma borboleta pousar no espelho perscrutador e bater as asas cor de safira. Ashcroft sem dúvida estaria no Baile Real. Ela nem poderia ver a ilusão de Nathaniel...

Ela se empertigou de repente.

— Espere. Tive uma ideia.

— Por mais tentador que seja — disse Nathaniel —, não vamos tentar dominar o mundo. Em teoria é divertido, mas na verdade é um pesadelo logístico. Muitos assassinatos e coisas do tipo.

Vendo sua falta de reação, ele explicou:

— Silas me contava histórias para dormir.

— Estou falando sério — insistiu ela. — Tive uma ideia. Talvez não tenhamos provas para acusar Ashcroft oficialmente, mas não estamos perdidos. Ainda podemos expor quem ele é.

— Não entendi.

— Vamos confrontá-lo em público, em um evento onde todas as personalidades importantes de Brassbridge vejam a reação. Ele acredita ter destruído minha mente. Mesmo antes de usar aquele feitiço em mim, não fazia ideia de que eu estava ouvindo tudo que ele dizia, até sob o encanto de Lorelei.

Ela viu o momento em que Nathaniel entendeu, pois ele fez uma expressão cuidadosamente neutra.

— Você quer partir para o ataque — disse, devagar. — Revelar-se para Ashcroft e acusá-lo em público antes que ele possa tomar controle da situação.

Ela assentiu, se aproximando.

— A princípio, todo mundo pode achar que sou doida de pedra, mas são coincidências suspeitas demais para ignorar. Ele não vai conseguir sair dessa na lábia. Com *você* do meu lado, me apoiando na acusação... pense nisso. Se ele tentar nos ferir, só vai provar...

— Não — interrompeu Nathaniel. — É perigoso demais.

Ele se levantou e bateu palmas insistentes.

— Reunião encerrada — declarou.

Ela segurou a manga dele e o puxou de volta antes que pudesse se despedir de Katrien com um feitiço.

— Quando é o Baile Real? Vai acontecer logo, não?

Nathaniel fez uma careta.

— O baile é no fim de semana, srta. Scrivener — respondeu Silas. — Espera-se que o senhor Thorn esteja presente, é claro, e o convite inclui um acompanhante.

Quando Nathaniel o olhou ofendido, como se tivesse sido traído, Silas retribuiu com um sorriso angelical.

— O senhor não me mandou ficar quieto — se explicou.

Elisabeth ignorou os resmungos de protesto de Nathaniel.

— Silas, você seria capaz de ficar de olho em Ashcroft para nós? Sem que ele o veja?

Ele refletiu por um momento e inclinou a cabeça.

— Eu posso segui-lo a noite toda, caso ele tente retaliar. A criada do Chanceler, Lorelei, não é uma ameaça significativa para mim. Nem os demônios menores que o servem.

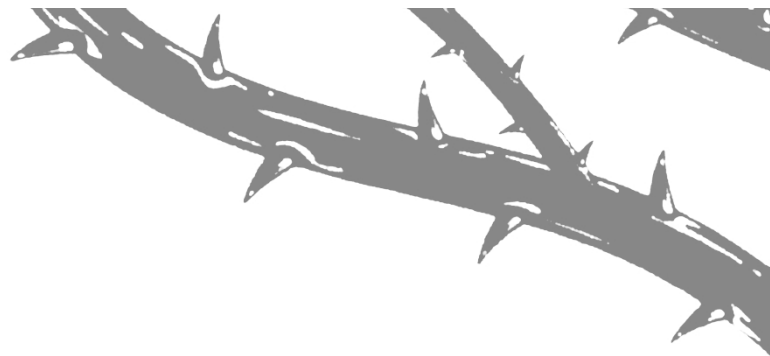
Um calafrio a fez estremecer ao lembrar como Lorelei falara de Silas no escritório de Ashcroft.

— O Baile Real seria a oportunidade perfeita — disse ela, se voltando para Nathaniel. — Se Silas nos proteger, estaremos muito mais seguros. Por favor — acrescentou. — Sei que é arriscado, mas pode ser nossa única chance de detê-lo.

— Acho que vale a pena — disse Katrien, do espelho.

Quando os três olharam, ela deu de ombros.

— Provocar o feiticeiro mais poderoso do reino, soltar Elisabeth num baile... — continuou. — O que pode dar errado?



VINTE E CINCO

Deparada com o original, Elisabeth admitiu que, de fato, tinha sido um erro confundir a Mansão Ashcroft com um palácio. O lugar de verdade era tão grande que era impossível vê-lo inteiro da janela da carruagem. Boquiaberta, viu as torres invertidas no reflexo do espelho-d'água, estendidas por uma eternidade, iluminadas pelas velas flutuando na água. Ela sentiu que tinham entrado em outro mundo, deixando a cidade para trás. O trajeto pela entrada a tocou como um feitiço: árvores embrulhadas em luzes cintilantes, sebes podadas em labirintos geométricos e chafarizes na forma de cisnes e leões, tudo encoberto pelo brilho atraente do crepúsculo.

O fascínio se esvaiu como um encanto quando a carruagem desacelerou, se juntando à fileira de carruagens estacionadas na entrada. As carruagens formavam uma corrente ao redor do espelho-d'água, despejando torrentes incessantes de convidados, que subiam a escadaria à luz de velas. Em breve, precisaria convencê-los todos da culpa de Ashcroft.

Quando a carruagem parou de vez, ela sentiu o estômago revirar. Um criado vestindo o uniforme cor-de-rosa do palácio abriu a porta e Elisabeth aceitou a mão de Nathaniel, descendo cuidadosamente por causa dos sapatos de seda bem amarrados. A expressão severa em seu rosto hesitou quando ele tocou a capa que cobria o vestido de Elisabeth.

— Scrivener — disse ele, com cuidado. — Não quero ser enxerido, mas isso é...

— Uma espada escondida no meu vestido? É.

— Entendo. E como exatamente...

— Achei que não quisesse ser enxerido — respondeu, apertando o braço dele. — Chegamos — disse, com uma confiança que não sentia —, vamos lá.

Lustres reluziam através das janelas, quase iluminados demais para serem vistos de frente. Ela sentia os olhares curiosos que a encontravam na subida da escada, todos ansiosos para conhecer a primeira acompanhante que Nathaniel já levava ao baile. O coração de Elisabeth bateu mais rápido. Se ao menos estivessem ali como um casal de verdade, prestes a passar a noite dan-

çando, rindo e bebendo champanhe...

No alto da escada, dois criados os levaram para dentro. Lentamente, ela soltou Nathaniel. Pilares se erguiam ao teto abobadado, pintado com nuvens e querubins em movimento. As nuvens em ouro e creme flutuavam pelo céu azul pastel, onde querubins batiam asas. O arco do lado oposto do saguão certamente levava ao salão, através da cortina de folhas douradas. Convidados ofegavam de surpresa ao atravessar a ilusão, sumindo na sala distante.

Um criado se aproximou para pegar a capa de Elisabeth. Ela hesitou ao desfazer o laço que prendia a peça na garganta, sentindo a seda deslizar entre seus dedos, o tecido peludo e aveludado se afastar. Em seguida, resistiu ao impulso de cruzar os braços no peito. O ar gelado percorria sua pele nua como se tivesse acabado de arrancar a armadura.

Nathaniel a olhou de relance e paralisou. Ele ainda não a vira neste vestido. Os lustres refletiam prismas no tecido cor de marfim, iluminando a seda franzida com um toque prateado. Folhas douradas desciam pelo corpete, agrupadas no alto para formar o decote e se repetiam na barra, onde flutuavam sobre uma camada transparente de organza. Brincos de pérola tremiam contra seu pescoço como lascas de gelo.

Nathaniel tinha passado a viagem ao palácio em silêncio, tornando impossível adivinhar seus pensamentos. Agora, arregalou os olhos; parecia perdido.

— Elisabeth — disse, rouco. — Você está...

— Maravilhosa — disse um homem, se aproximando para apertar a mão de Nathaniel.

Sentindo o coração afundar, Elisabeth o reconheceu: era Lorde Ingram, do jantar de Ashcroft.

— Que prazer te ver, catedrático Thorn. Só queria te parabenizar pelo trabalho na ilusão, está maravilhosa. Quando soubemos que você tinha sido convidado este ano, tememos chegar e encontrar o palácio decorado com esqueletos!

Ele soltou uma gargalhada pela própria piada. Nathaniel apertou o maxilar, mas Lorde Ingram nem notou.

— E quem é esta belíssima jovem? — perguntou Lorde Ingram, se virando para Elisabeth e olhando para cima, e ainda mais para cima ao descobrir que ela era uma boa cabeça mais alta do que ele.

— É a srta. Scrivener, meu bem — disse Lady Ingram, chegando ao lado do marido. — Do jornal.

— Ah. *Ah* — reagiu Lorde Ingram, dando um passo para trás. — Srta. Scrivener, eu tinha a impressão de que a senhorita fora mandada... bem, não é apropriado... me dê licença, por favor.

Lady Ingram o puxou para longe, o rosto paralisado no sorriso frio. Ele foi sem reclamar, olhando por cima do ombro com preocupação.

Elisabeth sentiu o coração afundar ainda mais. Olhando ao redor, via sinais de fofoca por todos os lados. Mulheres paravam de andar para encará-la e cochichar com os parceiros, destacando bem a boca ao dizer “hospital”. Ninguém mais tentou se aproximar quando ela e Nathaniel

niel seguiram na direção do salão. Cochichos aumentavam no caminho, escondidos por mãos enluvadas e sorrisos educados.

— Estou estragando sua reputação, né? — perguntou ela, vendo o espetáculo se desenrolar.

— Não se preocupe — respondeu Nathaniel. — Faz anos que me esforço para estragar minha reputação. Talvez, depois disso, famílias influentes parem de tentar arremessar suas filhas solteiras pela grade do jardim. Isso aconteceu de verdade uma vez. Tive que usar uma pá para me defender.

Elisabeth sorriu, incapaz de resistir ao sorriso dele. No entanto, fechou a cara quando chegaram ao arco.

— Mudou de ideia? — perguntou ele.

Ela sacudiu a cabeça, tentando ignorar a pressão apertando seus pulmões. Era tarde demais para desistir. Mesmo que não fosse, mesmo que o salão estivesse lotado de demônios de Ashcroft, ela continuaria; não tinha outra opção.

Quando atravessaram a cortina de folhas, fascínio superou o medo por um momento. Eles se encontravam em um cômodo enorme, no qual crescia a clareira de uma floresta. Uma nuvem de borboletas azul-safira os rodeou, brilhando como joias, antes de voar até a orquestra e se espalhar entre os instrumentos. Hera se enroscava nos suportes de música e flores silvestres engoliam a mesa de bebida. O cenário encantado estava repleto de pessoas vestidas de seda, pele e diamante, rindo impressionadas ao ver folhas caindo dos lustres.

Infelizmente, nenhuma beleza mudava o fato de que, no meio desta festa grandiosa, Ashcroft os aguardava.

— Quer uma bebida, senhorita?

Antes mesmo de Elisabeth se virar, sabia quem encontraria ao lado. Ainda assim, quase se assustou ao ver Silas: loiro, de olhos castanhos, vestindo o uniforme do palácio e carregando uma bandeja de taças de champanhe. Ele parecia completamente humano e resignado. Ela e Nathaniel fingiram escolher as taças com cuidado para enrolar alguns segundos.

— Obrigada por fazer isso — sussurrou Elisabeth.

Silas suspirou.

— Pode ter certeza de que eu não teria aceitado se essa afronta tivesse sido parte de seu plano original. O uniforme veste mal e eu não gostaria de servir esta safra detestável nem para a plebe. Sem ofensa, srta. Scrivener.

Elisabeth tossiu, escondendo uma gargalhada.

— Não me ofendeu.

Demônios eram proibidos no palácio, mas Nathaniel tinha conseguido levar Silas à tarde, com todas as ilusões, quando foi enfeitiçar o salão. Silas estava de olho em tudo desde então.

— Chanceler Ashcroft está do outro lado do salão — explicou —, conversando com Lady Ingram. Acredito que ele esteja se preparando para se aproximar. Ficarei por perto.

Tendo dito isso, ele acenou discretamente e se misturou à multidão.

O estômago de Elisabeth não parava de revirar. Ela esticou o pescoço, se esforçando em

busca de qualquer sinal de Ashcroft, mas, apesar da altura permitir que ela visse o salão quase inteiro, havia convidados demais no caminho.

Nathaniel segurou a mão dela.

— Por aqui. Encontrei um bom grupo. O príncipe Leopold é sensível, deve estar aberto ao que temos a dizer.

Ela sentiu até os pensamentos gaguejarem em reação ao toque inesperado dos dedos entrelaçados nos dela, mas se obrigou a se concentrar. Ele a puxou na direção de um grupo de pessoas que incluía Lorde Kicklighter, todos fazendo reverências e elogios a um jovem de uniforme militar vermelho.

— É ele? O príncipe?

Nathaniel assentiu.

— Acredite se quiser, eu era a fim dele. Até que ele deixou o bigode crescer. Ou talvez tenha assassinado um hamster e grudado na cara. Honestamente, não sei diferenciar.

Ela o olhou com surpresa.

— Não sabia... quer dizer...

— Também gosto de mulheres, Scrivener — disse Nathaniel, com um brilho de diversão no olhar. — Gosto dos dois. Se tiver fantasias sobre minha vida amorosa, insisto que sejam corretas.

Ela franziu a testa.

— Não tenho fantasias sobre sua vida amorosa.

— Que estranho. É território desconhecido pra mim. Mulheres jovens costumam ficar mais do que felizes em dedicar parte considerável do cérebro à tarefa de contemplar meu esplendor.

— Até as que jogam champanhe na sua cara?

— Isso só aconteceu *uma* vez, para sua informação, e havia circunstâncias... — de repente, seu bom humor sumiu. — Esqueça. Ele está vindo. Lembre o que treinamos.

— Nathaniel — disse Ashcroft, atrás deles. — Srta. Scrivener. Que prazer excelente vê-los.

A voz dele desceu pelas costas de Elisabeth como uma gota de suor frio. Ela se preparou e virou. Assim que encontrou seu olhar, o horror dos dias passados na Mansão Ashcroft voltaram com tudo. A boca secou e as mãos tremeram. Ela tinha esquecido como ele era lindo de perto — como parecia um herói de historinhas, de cabelo dourado e sorriso charmoso. Lady Ingram estava ao lado dele, obviamente interessada em desvendar o ressurgimento de Elisabeth assim que possível. Por um momento, Elisabeth se sentiu de volta à casa de Ashcroft, presa numa armadilha, sem poder fugir.

Um espaço se abriu discretamente na multidão. Os outros convidados continuavam a conversar, mas Elisabeth sentia o peso de sua atenção. Por mais ocupados que parecessem, estavam ouvindo cada mínima palavra.

— Ficamos todos tão preocupados quando a senhorita desapareceu do Hospital Leadgate — disse Ashcroft, franzindo a testa em preocupação, a mesma preocupação que a enganara poucas semanas antes. — Temíamos que tivesse acabado perdida nas ruas. Esta cidade tem

áreas incrivelmente perigosas para moças desacompanhadas.

— É verdade — disse Nathaniel.

Seu olhar cinzento analisou o terno cor de pérola de Ashcroft e parou na bengala, a mesma do Observatório, com o punho na forma de grifo.

— Ela esteve em perigo — continuou, voltando o olhar de desprezo para o rosto de Ashcroft. — Mas, no fim, parece que os criminosos da rua não são nem de perto tão perigosos quanto aqueles que vivem em mansões.

O sorriso de Ashcroft endureceu. Elisabeth podia ter só imaginado: uma faísca de incerteza na expressão dele, uma sombra de compreensão repentina.

— Soube que sua recuperação foi milagrosa, srta. Scrivener — disse ele, tranquilamente, se voltando para ela. — É verdade?

Qualquer um poderia ter dado um banho, um vestido e uma escova a Elisabeth para levá-la ao Baile Real, mesmo que não tivesse sobrado nada na cabeça dela. Ela sabia que esse era o desejo de Ashcroft, até sua esperança: que ela fosse praticamente uma bonequinha viva, incapaz de falar. Chegara o momento de descobrir que, apesar de tudo que fizera, não tinha conseguido quebrá-la. Pensar nisso a encheu de determinação, como uma faca derretida e fervente mergulhada na água.

— Eu não me recuperei — disse ela.

Ao redor deles, arquejos de choque.

— Sou a mesma que era quando o senhor me condenou ao Hospital Leadgate — continuou —, sob recomendação de um médico que mal falou comigo. O único milagre é minha sobrevivência.

Ashcroft abriu a boca para responder, mas ela o interrompeu:

— É uma vergonha chamar aquele lugar de hospital.

Ela se lembrou do rosto triste de Mercy, ciente de que não era a única menina que passara tanto tempo sem voz.

— A administradora, dona Leach — prosseguiu —, aceita dinheiro de clientes ricos que abusam das pacientes por prazer. Aceitava, melhor dizendo, pois hoje de manhã ela se entregou às autoridades.

Isso tinha sido trabalho de Silas; ele voltara ainda de madrugada, reclamando da sujeira daquela área da cidade.

A voz de Lorde Kicklighter quase a fez pular:

— Chanceler Ashcroft, não é este o hospital que recebe seu patrocínio?

— Vou investigar esta questão, sem dúvida — disse Ashcroft, cujo sorriso se tornara mais estreito e cujos olhos tinham perdido o calor simpático de costume. — Não se esqueçam de que essas alegações vêm de...

— Uma moça com a qual esperava lucrar? — perguntou Nathaniel, com tal violência que Elisabeth se assustou. — Dona Leach forneceu documentos que mostravam sua conexão ao esquema, afinal. Ou há outro motivo, mais urgente, para querer esconder a srta. Scrivener, Chan-

celer? Talvez possa nos explicar.

— Eu me lembro de tudo, Ashcroft — acrescentou ela, mais baixo. — Tudo que você fez comigo. Todas as tardes no escritório. O feitiço que usou em mim. Os capetas.

O choque ecoou.

— Meu deus — murmurou alguém. — Ela falou em *capetas*?

Ashcroft nem fingia mais sorrir.

— Essas alegações são absurdas. Lembrem, todos, que a pobre srta. Scrivener foi diagnosticada como histérica por um médico registrado. Ela sofre de extrema ansiedade. Alucinações.

— Acho que não imaginei os capetas — disse Elisabeth. — Afinal, saíram no jornal.

Na multidão, alguém gargalhou, nervoso. Todo mundo olhava para ela, Nathaniel e Ashcroft. A atmosfera tinha mudado.

Elisabeth prendeu a respiração. Eles tinham treinado a fala seguinte de Nathaniel centenas de vezes.

— Se realmente não tiver nada a esconder — disse ele, lentamente, sem tirar o olhar de Ashcroft —, garanto que todos gostaríamos de saber por que estava tão ansioso para silenciar uma testemunha da investigação sobre as Grandes Bibliotecas. Parece até que o senhor não quer encontrar o sabotador.

Fez-se silêncio no aguardo da resposta. Lorde Kicklighter estava passando informações para o príncipe Leopold, no que sem dúvida acreditava ser um sussurro:

— Isso, Hospital Leadgate. Esse mesmo. Acusações das mais perturbadoras...

Quando a orquestra começou a tocar, em um caos de violinos, Ashcroft tremeu. Várias pessoas se afastaram dele. Lady Ingram agarrou o braço do marido e foi embora, a postura emperdigada indicando que não queria ter nada a ver com este novo escândalo inesperado.

— Com licença — disse Ashcroft, correndo, oferecendo a todos uma imitação forçada do sorriso costumeiro. — Tenho compromissos longe daqui.

Tendo dito isso, ele foi embora.

Todos o viram se afastar, boquiabertos. Convidados abriram caminho, juntando as cabeças, nas quais joias brilhavam, para espalhar a notícia do que tinha acontecido pelo salão como fogo no palheiro. Olhares horrorizados acompanharam a saída de Ashcroft. Ninguém além de Elisabeth e Nathaniel prestou a mínima atenção ao criado do palácio que deixou de lado a bandeja e, no instante seguinte, foi atrás do Chanceler.

O reflexo dos lustres encheu a visão de Elisabeth. As bolhas na taça de champanhe estouravam no vidro, milhões de explosões miniaturas sob seus dedos. De repente, o salão parecia claro demais, barulhento demais, lotado demais, todo mundo se voltando para ela.

— Srta. Scrivener?

Um rosto desconhecido apareceu à sua frente. Sua audição flutuava estranhamente enquanto ele se apresentava como funcionário da Cátedra.

— Se estiver disponível para uma declaração... — começou ele.

— Amanhã — interrompeu Nathaniel.

Ele observava Elisabeth, atento. Uma onda de gratidão a tomou quando ele segurou seu braço.

— Vamos para um lugar mais calmo — sugeriu ele.

Ela sentiu um pulso na memória. Primeiro, ele a conduzia pela multidão, até que de repente ele a sustentava no corredor, permitindo que ela se apoiasse nele enquanto seus pulmões se revoltavam. Cada inspiração forçada batia no peito como um soco. Manchas pretas flutuavam ao redor de sua visão.

— Acabou. Respire. Respire, Elisabeth.

— Desculpa — ofegou.

— Tudo bem.

— Eu não... não sei porque...

— Tudo bem — insistiu ele.

Depois de uma pausa, ele acrescentou:

— Quando coisas horríveis acontecem, às vezes a promessa de coisas boas pode ser igualmente apavorante.

Ela não sabia quanto tempo ficaram ali. Finalmente, parou de tremer e, quando abriu os olhos, se viu em um corredor ladeado por pinturas e janelas. Não havia ninguém à vista, além do criado que carregava uma bandeja na outra ponta. Sons musicais distantes chegavam do salão.

— Como você sabia o que fazer? — falou, rouca, se virando para Nathaniel.

A expressão dele era ilegível.

— Experiência. Depois da morte do meu pai, passei meses incapaz de sair de casa sem ter um ataque parecido.

Ela inspirou fundo. Notou que ainda estava agarrada ao paletó dele e se forçou a soltar.

— Sinto muito.

— Já disse que tudo bem.

— Não, quis dizer que sinto muito por você ter passado por isso.

Por um momento, ele ficou quieto. Finalmente, afastou as cortinas e olhou pela janela mais próxima.

— Ashcroft pegou a carruagem faz poucos minutos, foi embora correndo. Uma carruagem da Cátedra também está saindo agora. Parece que nem precisamos de Silas, afinal.

Elisabeth respirou fundo mais algumas vezes, aceitando a vitória com hesitação. O plano tinha funcionado. Tudo que acontecera era verdade.

— Você viu a cara de todo mundo? Acho que realmente... — pausou. — Nathaniel?

Ele estava encostado na parede, piscando com força. Ela estava prestes a perguntar se estava tudo bem, quando ele deixou a taça no parapeito, derramando champanhe. Ela não tinha tocado a própria bebida, onde quer que estivesse, mas obviamente ele não tinha tomado o mesmo cuidado. Agora que prestava mais atenção, notou as pupilas escuras e dilatadas. Ele estava corado e tinha bagunçado a gravata.

— Nathaniel...

— Vem comigo? — perguntou rápido, como se temesse o que ela diria. — Quero te mostrar uma coisa.

Ela hesitou, sentindo uma pressão no peito.

— E Ashcroft?

— Suspeito que não precisemos mais nos preocupar com ele. Hoje não. Talvez nunca mais, também — disse ele, olhando para baixo, apertando um músculo no maxilar. — Só achei que...

A conclusão chegou a Elisabeth de repente, deixando-a tonta. Se as suspeitas contra Ashcroft se confirmassem, tudo logo mudaria. Não haveria mais noites no escritório de Nathaniel, os dois próximos, jantando juntos ao pé da lareira. Ela precisaria encarar o futuro, um futuro que talvez não o incluísse.

— Sim.

Antes que ele mudasse de ideia, ela pegou sua mão. Ao longe, notou que a música se tornara doce e triste. Como se tivesse saído do próprio corpo, ela o viu embrulhá-la no casaco, com um cuidado extraordinário, e levá-la pelas portas de vidro no fim do saguão.

O ar noturno resfriou seu rosto corado. Os passos ressoavam no caminho do jardim. Ali por perto, um chafariz respingava. Estavam cercados por sebes altas, perfumadas pelo cheiro melancólico de flores passadas do ponto, e o braço de Nathaniel a esquentava. Depois do ataque no corredor, ela se sentia tonta, estranha e grogue, puxada pelo peso das palavras não ditas entre eles.

Finalmente, chegaram a um portão, quase escondido pelas sebes. Nathaniel encontrou a fechadura e o abriu.

Elisabeth ofegou. O verão ainda não deixara este lugar secreto. Rosas floresciam em centenas de tons diferentes, do pérola ao escarlata, o perfume atordoante encharcando os canteiros cultivados. No final do jardim amurado se encontrava um pavilhão de mármore branco, iluminado ao luar, cujas varandas estavam cobertas por hera. Eles avançaram de braços dados, passando por baixo de mandris de onde pendiam flores, por cima de lajes cobertas de pétalas.

— Como você descobriu este lugar? — perguntou Elisabeth, subindo os degraus do pavilhão.

Ela sentia que tudo podia desaparecer em um instante, como uma ilusão.

— Meus pais me traziam aqui quando eu era menor. Eu pensava que eram ruínas de um castelo antigo. Eu e Maximilian brincávamos por horas... — disse, com uma pausa. — Não voltei desde então. Ele teria quatorze anos agora, meu irmão.

O silêncio caiu entre eles. Tinham chegado ao alto. Por cima da balaustrada envolvida em roseiras brancas em flor, a vista abarcava os jardins até o palácio. As janelas brilhavam como diamantes incrustados em pedra, torres enquadradas por estrelas. Estavam distantes demais para que Elisabeth identificasse o salão entre toda a luz: outro mundo, cheio de música, dança e riso.

Tristeza apertou sua garganta. Ela observou Nathaniel, cujas feições pálidas estavam igual-

mente distantes. Ela não sabia o que dizer, como atravessar o fosso entre eles. Não aguentava pensar em deixá-lo, como todos tinham feito; todos menos Silas, cujo serviço custava tanto. A dor cantou dentro dela como música, cada nota uma ferida.

— Perdão — disse Nathaniel. — Não te trouxe aqui para falar da minha família.

— Não — respondeu ela, sacudindo a cabeça. — Por favor. Nunca se desculpe por isso.

— Não é um assunto apropriado para uma noite de comemoração.

Ela o viu se recolher, prestes a se enfiar em si mesmo.

— Você não é como Baltasar — soltou, notando que poderia ser sua única chance de dizê-lo. — Você sabe disso, não sabe?

O rosto dele se retorceu. Por um momento horrível, ela achou que ele riria. Finalmente, ele falou:

— Você precisa saber de uma coisa. Quando meu pai começou a pesquisar o ritual, eu sabia exatamente o que ele planejava. Nunca tentei impedi-lo. Queria que funcionasse. Queria tê-los de volta, Max e minha mãe. Teria feito qualquer horror para trazê-los de volta.

— Você tinha doze anos — disse ela, suave.

— Já é idade o bastante para saber o que é certo e o que é errado.

Finalmente, ele se virou para ela, com o olhar desolado.

— Meu pai era um bom homem — falou. — A vida toda ele foi bom, exceto pelo final.

Sua expressão completava: “Então, como eu posso ter qualquer esperança?”

— Você é bom, Nathaniel — disse ela, baixinho, tocando seu rosto. — É mesmo.

Sob o toque dela, um tremor o percorreu. Ele a olhou como se estivesse se afogando, como se ela o tivesse afundado, como se não soubesse o que fazer.

— Elisabeth — disse, o nome arrancado dele como súplica.

O coração dela parou. Os olhos dele estavam escuros e turbulentos como um rio em pleno inverno, tão próximos. Ela sentia-se à beira do precipício, prestes a cair no primeiro gesto. Se caísse, se afogaria com ele; nunca mais emergiria.

Ela se inclinou para a frente e o sentiu fazer o mesmo. Estava tonta. Nada podia prepará-la para isso: o primeiro beijo à luz da lua, cercada por rosas, com um garoto que invocava tempestades e fazia anjos abrirem as asas. Era um sonho. Ela se preparou para o choque e o mergulho, para satisfazer a agonia dentro dela, que arrebatava sua própria alma.

Seus lábios se tocaram, divinamente suaves; o toque mais leve, mais intoxicante que o perfume das rosas.

— Você não tem gosto de champanhe — suspirou ela, atordoada, fascinada. — Achei que fosse ter gosto de champanhe.

Desta vez ele riu. Ela sentiu o ar acariciar seu rosto.

— Não bebi. Achei melhor assim.

— Mas...

Ela se afastou e o olhou. Será que tinha imaginado aquele momento no saguão? Quando ele perdera o equilíbrio, desorientado, logo depois de olhar pela janela e dizer...

Um arrepio percorreu seu braço.

— O que houve? — perguntou Nathaniel.

— Não sei — disse ela, olhando ao redor. — Se não queria falar da sua família, por que me trouxe até aqui?

— Eu... — respondeu ele, franzindo a testa. — Estranhamente, não consigo dizer...

Ele não sabia. Não lembrava. Porque não tinha tomado a decisão de levá-la até ali... era a decisão de outra pessoa. Ela levantou a saia e empunhou Demonicida, dando uma volta para encarar o resto do pavilhão.

Nas sombras, alguém aplaudiu.

— Você notou mais rápido do que eu esperava, srta. Scrivener — disse Ashcroft, surgindo ao luar, posando em meio ao aplauso.

Elisabeth mal conseguia respirar.

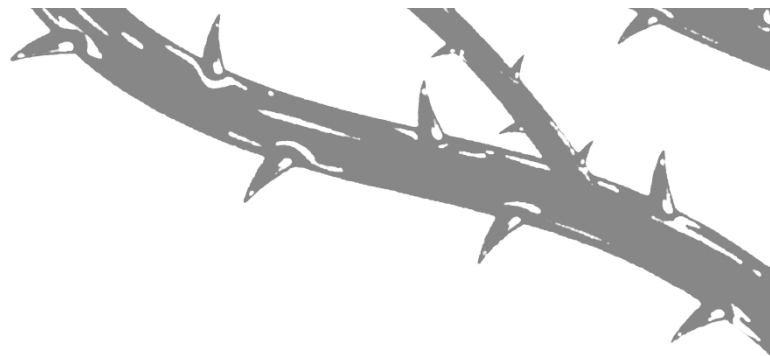
— Você o enfeitiçou — cochichou.

Demonicida tremia em suas mãos.

— Olha, não precisa me atacar — disse Ashcroft. — Só trouxe vocês até aqui para uma simples transação.

Ele esticou a mão para trás e puxou. Correntes de ferro ecoaram no mármore quando uma silhueta esguia caiu a seus pés. Elisabeth demorou para entender o que via: cabelo branco comprido, espalhado pela pedra. Um lindo rosto contorcido de sofrimento, olhos sulfúreos abaixados.

— Me dê a garota — disse Ashcroft, dirigindo-se a Nathaniel — e eu devolverei seu demônio.



VINTE E SEIS

A cor sumiu do rosto de Nathaniel. Por um instante, ele pareceu anos mais novo, um menino assustado prestes a perder tudo, de novo.

— Silas? — perguntou.

As correntes se moveram. Silas se voltou para Nathaniel, os olhos enevoados de dor. O esforço daquele movimento mínimo já exigiu demais. Ele caiu de volta ao mármore, fechando os olhos pesados.

Nathaniel o encarou. Centímetro a centímetro, sua expressão se endureceu, como o rastriho de um cofre descendo aos poucos. Quando acabou, não havia mais expressão alguma. Ele deu um passo à frente, na direção de Ashcroft.

— O que quer com Elisabeth? — perguntou, cada sílaba cortante como vidro.

— Ainda não entendeu? Quero encontrar Prendergast, óbvio. Sei que a srta. Scrivener tem acesso a ele — explicou Ashcroft, abrindo um sorriso tranquilo ao ver o horror em seus rostos. — Vocês não são os únicos que têm um espelho perscrutador, sabiam? Você precisa dar uma olhada na proteção da sua casa, Nathaniel. Alguns dos feitiços mais velhos não são atualizados há séculos. Também vale a pena dar uma arrumada no escritório.

Elisabeth sentiu o estômago se revirar. Viu, claro como o dia, os apetrechos na mesa do escritório de Nathaniel, cheios de lentes e espelhos. Todas aquelas noites em que se sentiu segura em frente à lareira... a presença de Ashcroft cobriu a memória como uma mancha. Ela se esforçou para compreender o grau de violação.

— Você estava fingindo lá dentro — constatou ela, em voz alta. — Queria que acreditássemos ter ganhado.

— Não foi das experiências mais agradáveis, confesso, mas pouco importa. Daqui a alguns dias, ninguém mais vai se importar com a fofoca da festa.

O sangue cantava nos ouvidos de Elisabeth. Ela apertou *Demonicida* com mais força e, sem

pensar, se moveu.

— Melhor não — avisou Ashcroft, a interrompendo.

Ele girou a cabeça de grifo na bengala e uma espada saiu dali, brilhando ao luar. Ashcroft pressionou a lâmina no pescoço branco de Silas, soltando fumaça. Silas não se moveu nem emitiu som algum, mas seus olhos estremeceram, como se em esforço para continuar consciente.

— Ele não foi fácil de pegar — continuou Ashcroft —, nem com armadilha. Estou tentado a matá-lo só para me livrar.

— Espere — disse Nathaniel, rouco.

Ashcroft olhou para ele, cheio de expectativa. A espada se afastou milimetricamente do pescoço de Silas. A distância, Elisabeth ouviu Nathaniel concluir:

— Eu te desafio a um duelo.

— Um duelo de feiticeiros? — riu Ashcroft. — Minha nossa. Você sabe que foi proibido pela Reforma. Tem certeza?

Nathaniel assentiu, brusco.

— Ah, por que não? — disse Ashcroft. — Vai ser interessante.

— Nathaniel — sussurrou Elisabeth.

Ele encontrou seu olhar. Deliberadamente, olhou para Silas, antes de dar meia-volta. Ele caminhou até a ponta oposta do pavilhão, onde se voltou para eles de novo, observando Ashcroft dali. Sua voz ecoou enquanto arregaçava as mangas.

— As regras do duelo são as seguintes: não podemos envolver nossos demônios. Nenhuma arma além da feitiçaria. Lutaremos até a morte. Aceita?

— Com honra — disse Ashcroft.

O olho de rubi cintilou. Ele enfiou a espada no cinto e avançou, se posicionando à frente de Nathaniel.

Ashcroft não planejava jogar limpo, mas Nathaniel também não. Assim que Elisabeth soltasse Silas, seriam três contra um. Tensa, ela se preparou. Ashcroft e Nathaniel se cumprimentaram com reverências e o tempo entre batimentos cardíacos se estendeu eternamente. Nenhum dos dois se ergueu da reverência. Ela olhou entre eles, incerta. Estavam de olhos fechados, concentrados; baixinho, murmuravam encantos.

Nathaniel acabou primeiro. Ele se levantou com um chicote de fogo esmeralda nas mãos, chamas cuspindo brasas verdes no mármore. Quando o chicote açoitou o pavilhão, Ashcroft rasgou o ar com a mão e o jogou para longe sem esforço. A manga de camisa rasgada revelou que ele transformara o próprio braço: a pele estava reforçada por escamas douradas, os dedos culminando em garras. Quando sorriu, seus caninos cresceram, pontudos.

Ela não teve tempo para observar o que aconteceu depois. Atirou-se na direção de Silas, caindo de joelhos ao lado dele. Com as mãos, percorreu as correntes que prendiam os punhos atrás das costas, cercavam seu peito, cintura, pernas. Onde tocavam pele nua, deixavam sulcos fumegantes e abertos. Ele se remexeu sob o toque, mas não parecia ter controle total dos sentidos. Ela ofegou quando as algemas balançaram, expondo marcas escuras dos dois lados dos bra-

ços, como se empalados em uma estaca de ferro.

Por mais freneticamente que procurasse, não conseguia encontrar pontos fracos, junções, nem mesmo cadeados prendendo os elos. Era como se as correntes tivessem se enroscado no corpo e se fundido perfeitamente.

Silas respirou com esforço.

— Srta. Scrivener — ofegou. — Atrás de você.

Elisabeth se virou. Uma silhueta elegante estava curvada sobre a grade, encostada em um mandril exuberante, repleto de rosas perenes. Um raio de luar revelava dedos tranquilos tocando o joelho, com garras esmaltadas da cor de sangue. O resto continuava indistinto, escondido por flores e sombras, mas Elisabeth sabia quem era antes mesmo que ela falasse.

— Acha que meu senhor é bobo? — disse Lorelei, destilando satisfação. — Ele nunca deixaria Silas desprotegido. Devo confessar, no entanto, que gostei de ver seu esforço.

Elisabeth ergueu *Demonicida* entre elas. Ouviu o estalo do chicote de Nathaniel ali por perto, seguido de um grito abafado de dor. Não conseguia distinguir se era de Ashcroft ou Nathaniel. Não ousou desviar o olhar de Lorelei.

— Abaixе a espada, querida — disse o demônio. — Não precisamos brigar. Se você se entregar, meu senhor vai acolhê-la. Você já viu como ele trata bem os hóspedes. Vestidos novos toda noite, baús cheios de joias e todos os bolinhos de ameixa que puder desejar. Não é tentador?

— Não — disse Elisabeth. — Ele me usaria para encontrar *Prendergast* e me mataria depois.

Seda deslizou contra pedra quando Lorelei desceu da grade e emergiu à luz da lua. Usava um vestido da cor da obsidiana, brilhando com tons de joia, como as penas de um estorninho. As faíscas verdes dos feitiços de Nathaniel, entrelaçadas com o ouro dos de Ashcroft, se refletiam nas profundezas daqueles olhos vermelhos.

— Não agora que ele entendeu seu valor — suspirou ela, olhando faminta para o rosto de Elisabeth. — Uma menina que resiste à magia... que especial. Imagine como poderia ser útil: capaz de desmascarar qualquer ilusão, imune à influência de demônios. Será vantagem nos dias que virão — explicou, curvando a boca vermelha em um sorriso. — Se tomar o lado dele, será recompensada. Eu prometo.

— Como assim, nos dias que virão? — perguntou Elisabeth, ajeitando *Demonicida* em suas mãos e sentindo suor cobrir a empunhadura. — O que Ashcroft quer com *Prendergast*?

— Ai, nossa — disse Lorelei, abrindo um sorriso enigmático. — Falei demais?

Não devia escutar um demônio, pensou Elisabeth. Eram mentirosos. Golpistas. Desonestos até o último fio de cabelo.

Exceto aqueles que não o eram.

Um som arranhado veio de trás dela: Silas tentando, em vão, se levantar. Ela ajustou os pés, se posicionando entre ele e Lorelei.

— O que está fazendo? — perguntou Lorelei, estreitando os olhos e tentando decifrar as

ações de Elisabeth.

Choque apareceu em seu rosto, seguido por uma onda de deleite.

— Sua boba! — disse Lorelei, sorrindo. — Você gosta dele!

Elisabeth não respondeu com palavras, mas com a espada. A lâmina de Demonícida sibilou no ar, raspando a barriga de Lorelei, que deu um passo ágil para trás, sacudindo o cabelo preto e comprido.

— É ainda melhor do que eu podia imaginar — disse ela, animada e alegre. — Silas não corresponde a esses sentimentos. Um dia você vai entender.

Elisabeth atacou de novo e de novo, incessantemente empurrando Lorelei de volta à grade. O demônio ria, um som tilintante e extasiado, a cada golpe de que desviava. Ela estava provocando Elisabeth, brincando com ela. Não duraria muito. Ela tinha subestimado a força da determinação de Elisabeth — no instante seguinte, arquejou, levando a mão à bochecha. Estava paralisada, encarando Elisabeth com olhos arregalados. Uma gota de sangue escorria sob seus dedos. Demonícida cortara seu rosto.

Agora, a ponta pressionava a base de seu pescoço.

Daquele ângulo, Elisabeth enxergava a outra batalha travada no pavilhão. Rastros pretos queimavam o mármore onde o chicote de Nathaniel tinha raspado o chão. Os dois homens estavam sem fôlego, mas ainda de pé. Ela foi tomada por alívio. Apesar da manga da camisa de Nathaniel ter sido rasgada e da gola estar grudada por suor, ele não parecia ferido. Acima da gravata desatada, seu rosto era uma máscara: concentração firme, cabelo escuro embaraçado, os olhos e a mecha na têmpora do mesmo tom de prata iluminada.

O chicote açoitou de novo, uma língua de chama esmeralda se esticava na direção de Ashcroft, que se desviou do ataque, antes de gritar e cair de joelhos, se apoiando com a mão demoníaca.

O chicote era uma distração. Enquanto Ashcroft se concentrava nesse ataque, as roseiras que subiam pela balaustrada tinham ganhado vida, agarrando seu tornozelo. Quando ele se moveu para rasgá-las com as garras, mais cipós surgiram, amarrando os punhos. Os espinhos apertaram cada vez mais, esticando seu braço. Nathaniel avançou, sombrio.

Demonícida pressionava o pescoço de Lorelei, sem vacilar. Um instante se passou. Então, impossivelmente, Lorelei não estava mais lá.

Elisabeth tropeçou para a frente. Deu meia-volta. Lorelei estava equilibrada na grade a vários metros dali, deixando um rastro de pétalas flutuando na brisa devido à rapidez sobrenatural. Enquanto Elisabeth ainda a observava, cada vez mais horrorizada, Lorelei levou os dedos à boca e assobiou.

Um rugido ecoou em resposta através do pavilhão. Elisabeth se esquivou bem a tempo. O mandril explodiu como se tivesse sido atingido por um canhão, arremessando flores, espelhos e lascas de madeira pintada para todos os lados. Um capeta pulou por ela e parou no mármore, escorregando, sacudindo os chifres para soltar as folhas que tinham ficado presas ali. Finalmente, expirou fumaça e concentrou o olhar vermelho em Elisabeth. Vários outros capetas trotaram

pela escada, osso e músculo se retorcendo sob as escamas.

Ela girou, tentando identificar qual demônio atacaria primeiro. Apontou Demonicida para um alvo, depois para outro, a lâmina vacilante em seu desespero. Não podia enfrentar os capetas e Lorelei ao mesmo tempo.

Ao ver Elisabeth encurralada, Nathaniel empalideceu. Ele hesitou no meio do encanto. Era a reação pela qual Ashcroft esperava.

O tempo pareceu parar quando um rasgo de luz dourada apareceu no ar à frente de Ashcroft. Ele se arremessou ali, através do rasgo, sumindo de onde ajoelhara para ressurgir atrás de Nathaniel. As plantas que o amarravam se desataram no chão, como cordas arrebitadas.

Nathaniel se virou. Elisabeth gritou. A mão demoníaca de Ashcroft cruzou o ar, cada garra do tamanho de uma faca. O golpe acertou com força o bastante para empurrar Nathaniel um passo para trás.

A princípio, Nathaniel parecia ileso e Elisabeth cogitou com esperança enlouquecida que Ashcroft pudesse ter errado. A expressão dele era surpresa, quase confusa. Finalmente, tropeçou mais um passo para trás. Olhou para baixo, para as manchas que surgiam ao longo da camisa, inicialmente pequenas, mas então se espalhando, florescendo como papoulas, encharcando o tecido até o peito todo estar vermelho e molhado. O chicote em suas mãos se apagou. Ele caiu de joelhos.

Elisabeth perdeu o foco da visão e se jogou para a frente, atacando sem precisão o capeta agachado entre ela e Ashcroft.

Ferro se enfiou nas escamas. O capeta uivou quando ela arrancou Demonicida de seu ombro e atacou de novo, e de novo, sem sentir o próprio corpo ou a força descomunal que a tomava ao ver o corpo estupefato e ensanguentado de Nathaniel. Com um último grito, o capeta cedeu. Elisabeth pulou para a frente, usando o corpo caído como impulso antes mesmo de atingir o chão. Por um momento, pareceu capaz de voar. Demonicida brilhou como luar líquido, envolvido em vapor; o casaco de Nathaniel esvoaçou atrás dela e o vento sibilou a seus ouvidos.

Ela nunca acabou o salto. Um peso se chocou com ela no meio do ar, arremessando-a de volta ao chão. Seu mundo se dissolveu em uma mistura de hálito fétido, escamas pretas, gotas de saliva quente no pescoço. Demonicida se sacudiu e soltou faíscas pelo mármore, escorregando para longe. Assim que começou a entender o ataque do segundo capeta, uma pata afiada pressionou sua costela, prendendo-a no chão. Manchas nadavam em sua visão conforme o peso arrancava o ar dos pulmões.

Do ângulo reto, viu Ashcroft desembainhar a espada. Nathaniel estava curvado para a frente, uma mão apoiada no chão e a outra agarrada ao peito. Um rio de sangue serpenteava pelo braço.

Desamparo desbotou seus pensamentos. Ela não via como eles sobreviveriam a isso. Não, eles não — ela sobreviveria, raptada, de volta à Mansão Ashcroft, o prêmio do Chanceler. Desesperada, ela reparou que preferia morrer ao lado de Nathaniel.

— Devo confessar que é uma pena te ver partir — disse Ashcroft. — O último herdeiro da

grande Casa Thorn, derrubado antes do auge.

Ele considerou Nathaniel, acariciando a lâmina da espada, testando o fio.

— Por outro lado, você sempre esteve determinado a ser o último, não é? — continuou. — Faria de tudo para impedir outro Baltasar... outro Alistair.

Os ombros de Nathaniel se sacudiram. A outra mão bateu no chão, sustentando seu peso, deixando marcas sangrentas ao mover os dedos. Ashcroft o observou, com pena.

— Portanto, de certa forma — disse ele, erguendo a espada —, suponho que esteja te dando o que você sempre quis.

Nathaniel ergueu o rosto, seus olhos lúcidos e frios. No mármore, usando o sangue, tinha desenhado um selo enoquiano que agora começava a brilhar em luz esmeralda.

A expressão de Ashcroft desmoronou. “Então essa é a cara dele quando é realmente pego de surpresa”, pensou Elisabeth. O selo ardeu cada vez mais forte e ele caiu para trás com um berro de dor, cobrindo os olhos com o braço. Ela apertou os próprios olhos, sentindo a onda de choque mágica percorrê-la como um rastro de faíscas ardidas.

O chão estremeceu. Mármore rachou e desmoronou. Quando abriu os olhos lacrimejantes, o que viu foram as roseiras, grossas como troncos de árvore, arrancando fragmentos da balaustrada. O pavilhão fora aprisionado por um emaranhado de espinhos, que sob o luar pareciam de outro mundo, tirados de uma lenda antiga. Os caules colossais perfuravam pedra e demônios. Enquanto ela observava, as plantas continuaram a crescer, se curvar e se juntar, enroscando-se no corpo dos capetas e apontando esticadas para o céu estrelado.

Ela não sentiu cheiro de sangue, carne queimada, ou nenhum outro fedor. Só o perfume doce e melancólico das rosas. A pressão sumira de seu peito e, quando olhou por cima do ombro, viu o capeta que a atacara ser engolido por vegetação. A luz de seu olhar se apagou quando brotos se abriram em folhas, escondendo-o de vista.

Ashcroft tropeçou, piscando, desorientado. Esbarrou nos espinhos entrelaçados que tinham crescido ao seu redor como uma jaula. Elisabeth só tinha olhos para Nathaniel. O viu balançar e desmaiar, caído numa poça de sangue.

Com um grito, ela se jogou para a frente. Ao fazê-lo, caiu bem nos braços de Lorelei.

O demônio a segurou em um abraço duro e frio. A calma atordoante de um encanto envolveu Elisabeth, obrigando seus pensamentos a se arrastarem e os músculos a relaxar. Ela se tornou um inseto grudado à teia da aranha.

— Relaxe, querida — murmurou Lorelei em seu ouvido. — Está quase acabando. Quando meu senhor se soltar, vai se livrar rápido do menino Thorn. Consegue ouvir o coração dele parando? Eu consigo.

Garras tocavam de leve sua bochecha, sua orelha, acariciando seu cabelo. As mãos a viraram para outro lado.

— Veja ele morrer — disse Lorelei.

Foi um erro. Ao ver Ashcroft atravessar os espinhos para chegar a Nathaniel, Elisabeth sentiu tudo de uma vez: a dor dos cortes e contusões, o sangue pulsando em suas veias, o ar notur-

no em seus pulmões, a brisa fria no rosto molhado. Seus arredores se tornaram destacados e claros como cristal, desmontando a teia da influência de Lorelei.

Ali estava Silas. No meio da batalha, ele tinha conseguido se agachar. Apesar da agonia embaçando seus olhos amarelos, ele a observava com calma, significado e intenção. Demonícida estava a seu lado, quase tocando as mãos acorrentadas. Ele olhou para a espada e de volta para Elisabeth. Estava esperando seu sinal.

Elisabeth não podia assentir. Lorelei veria. Lentamente, como um gato, ela piscou.

Demonícida deslizou pelo mármore. Quando chegou a seu alcance, Elisabeth pisou com força na empunhadura, jogando-a no ar. Ignorou a dor penetrante quando pegou a lâmina com uma mão e a empurrou para trás, enfiando a espada no corpo de Lorelei.

A resistência foi menor do que ela esperava. Lorelei engasgou, tossiu. As garras apertaram os braços de Elisabeth em convulsão.

— Você — rugiu, com esforço. — Como ousa...

Então ela se foi. A morte de um demônio nobre era diferente da de um capeta. Não restava corpo, só fiapos de fumaça esvoaçando ao redor de Elisabeth, embrulhando-a em um abraço final, com um cheiro leve de enxofre.

Sem pensar, ela correu até Silas, aos tropeços. Enfiou Demonícida por um elo da corrente e a torceu, usando toda sua força para empurrar a espada. Metal rangeu. O elo se retorceu até arrebentar.

Tarde demais.

Pelo canto do olho, viu Ashcroft erguer a espada acima do peito de Nathaniel. Não chegaria lá a tempo. Silas, enfraquecido...

As correntes caíram ao chão com um estrondo, amontoadas e vazias na laje.

A espada de Ashcroft cintilou no luar, desenhando um arco.

Até a ponta emergir, vermelha, das costas de Silas, onde a espada o perfurara no coração. Em menos de um segundo ele aparecera entre Ashcroft e Nathaniel, usando o próprio corpo como escudo.

O mundo parou. Silêncio desceu como gelo. O cabelo de Silas estava solto, escondendo seu rosto. Depois de um momento, a mão pálida se ergueu para tocar a lâmina de ferro enfiada em seu peito, quase curiosa, apesar de as garras soltarem nuvens de fumaça ao fazê-lo.

— Não entendo — disse Ashcroft, hesitante. — Ele não te mandou fazer isso.

Silas olhou para ele. As expressões não poderiam ser mais diferentes. Silas era um santo esculpido, as feições de mármore lindas, impassíveis, intocadas por emoção ou dor. Ashcroft era um mortal confrontado, pela primeira vez na vida, com algo que não era capaz de entender.

— Se o tivesse deixado morrer, seu acordo se cumpriria — disse Ashcroft. — A vida que ele prometeu... você a teria. Mas agora perdeu tudo.

— Sim — sussurrou Silas. — Eu sinto. Se foi.

Ashcroft arregalou os olhos.

— Explique, demônio! Explique o que ganharia...

Um rastro de sangue correu do canto da boca de Silas, o vermelho chocante contra a pele branca. Ele fechou os olhos, aparentemente aliviado. Finalmente, sumiu.

No instante em que a espada de Ashcroft se soltou, Elisabeth estava lá para encontrá-la. Ferro contra ferro, forçou o Chanceler a se afastar, sem poupar forças. Ele conseguiu se defender com uma sequência de golpes desajeitados; finalmente, Demonicida encontrou a empunhadura da espada dele e arrancou a arma de suas mãos, mandando-a para longe pelo ar.

Pânico surgiu em seu olhar. Com um choque, Elisabeth notou que seus dois olhos estavam azuis. Não só a marca demoníaca sumira, como os farrapos da manga direita da camisa pendiam sobre um braço normal. Na ausência de Lorelei, ele não era mais um feiticeiro, só um homem comum.

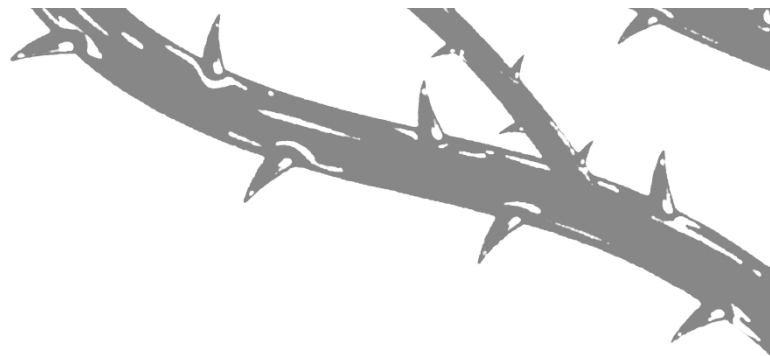
Lentamente, ele levantou as mãos vazias, se rendendo.

— Vai me matar, srta. Scrivener? — perguntou ele, com um rosto estranhamente solene. — Se fizer isso, vai mudar para sempre. Vai levá-la a um caminho do qual não poderá escapar. Acredite... eu sei.

Demonicida vacilou. Na hesitação de Elisabeth, Ashcroft arrastou a bota na pedra. Mais rápido do que ela poderia prever, ele se esquivou por entre as plantas e pulou pela beira do pavi-lhão.

Ela correu para a frente e se agarrou à balaustrada destrocada, com o coração batendo rápido, pronta para persegui-lo. Seria capaz de dominá-lo com facilidade: ele parecia ter torcido o tornozelo no salto, pois tropeçava enquanto fugia por entre o emaranhado de rosas. Poderia segui-lo, pegá-lo e acabar com seu plano de vez.

Ou poderia correr no sentido oposto e encontrar a ajuda necessária para salvar a vida de Nathaniel.



VINTE E SETE

O resto da noite passou em um borrão. Primeiro, a claridade atordoante do palácio, seguida pelas caras assustadas dos convidados que passaram por Elisabeth no corredor. Depois, se lembrava de gritos, ação agitada. Um médico foi chamado. Alguém perguntou da ferida na mão de Elisabeth, mas ela disse que o sangue era de Nathaniel, o que fez todo mundo sair correndo. Logo depois, estava no jardim das roseiras, vendo dois homens levarem o corpo inerte de Nathaniel na carruagem.

A condição dele era séria. Ela sabia pela urgência do médico, pelos gritos pedindo socorro. Ela tentou ir até ele, mas suas mãos estavam presas. Precisavam saber o que tinha acontecido. “O Chanceler”, dissera, mas ninguém acreditou — pelo menos até um homem gritar do alto do pavilhão, erguendo a espada de Ashcroft, o punho de grifo inconfundível no luar.

Pandemônio. A voz retumbante de Lorde Kicklighter atravessou o burburinho. Um convidado a ajudou a subir na carruagem. Como eram estranhas as roupas elegantes de todos, manchadas aqui e ali pelo sangue de Nathaniel. O vestido dela estava arruinado, sem chances de salvação. Silas não ficaria nada feliz; eles tinham passado o dia inteiro fazendo compras, e ele aguardara pacientemente o fim de inúmeras medidas, enquanto Elisabeth se mantinha perfeitamente imóvel para que a costureira não a espetasse com alfinetes. Ela via nitidamente o olhar de desaprovação.

De repente, lembrou que Silas tinha sido atravessado por uma espada e se fora.

Ela andou na carruagem com Nathaniel e o médico. As rodas sacolejavam no chão irregular e Nathaniel chegou a gemer uma vez. Suor encharcava sua testa, mas as mãos estavam congelantes. Ela não se lembrava de tê-las segurado. O médico estava ocupado, pressionando o peito de Nathaniel. Ele olhou uma vez para a palma ferida dela, em seguida para seu rosto, mas não disse nada.

Pararam na frente da casa de Nathaniel, onde uma multidão se aglomerara. Metade do baile

parecia tê-los seguido até Hemlock Park, misturados a repórteres e feiticeiros de pijama. Luzes ardiam nas casas da rua toda, janelas escancaradas, moradores dependurados. Elisabeth mal notou a comoção, porque nada era nem minimamente tão estranho quanto o que acontecia na casa de Nathaniel.

Todas as gárgulas tinham ganhado vida. Elas perambulavam pelo telhado e se enroscavam, rosnando, nas mísulas. Os arbustos espinhentos dos jardins malcuidados ao redor da casa tinham crescido, transformados em sebes altas e impenetráveis, balançando ameaçadoramente quando qualquer pessoa ousava se aproximar da grade de ferro. Nuvens escuras ferviam ao alto.

— A proteção foi ativada — disse o médico. — A casa reconhece que o herdeiro está em perigo e fará de tudo para protegê-lo. A dificuldade é que não há mais ninguém da linhagem dele para nos deixar passar. Srta. Scrivener, Nathaniel confia em você?

Ela viu os homens tirarem Nathaniel da carruagem. Para alcançar as feridas, o médico tinha tirado a camisa dele. A pele, onde não estava coberta por sangue, era branca como papel. A cabeça pendia, assim como um dos braços. O cabelo preto caía como tinta derramada no rosto cinzento — preto, sem nenhum sinal de prata. Era tão errado que ela ficou tonta.

— Não sei — disse ela. — Sim. Acho que sim.

— Não é convencional, mas não temos tempo. Tente se aproximar da casa. Se qualquer coisa te ameaçar, volte correndo. Prefiro não acabar com dois pacientes na mesma noite.

O burburinho se aquietou quando Elisabeth chegou mais perto. Rostos ansiosos observavam na multidão. Ela reconheceu uma das garotas que tinha fofocado sobre ela no conservatório de Ashcroft, que agora parecia perturbada, segurando a mão de uma amiga.

Durante o trajeto da carruagem, Elisabeth não soltara Demonícida. Brilhava a seu lado enquanto ela atravessou o portão aberto na direção dos arbustos de espinhos, galhos retorcidos que a assomavam. Instantaneamente, eles pararam de se debater. Um sussurro percorreu a sebe. Finalmente, os galhos se retraíram, abrindo caminho até a porta. Uma gárgula se abaixou, depois a outra, abaixando a cabeça como funcionários recebendo de volta sua rainha.

Fez-se silêncio. Ela seguiu o caminho e subiu os degraus. Quando ia pegar a maçaneta, a fechadura se abriu sozinha e a porta se escancarou sem um toque.

Chocada, ela abriu espaço para o médico passar. Ele foi correndo, dando instruções aos homens que carregavam Nathaniel, sentindo o pulso com os dedos. Uma jovem de óculos correu junto com eles, carregada de bolsas e caixas. Atrás dela, os galhos voltaram a se fechar, se costurando como fios no tear, bloqueando a multidão. A última coisa que Elisabeth viu antes de os espinhos se entrelaçarem foi um repórter que a observava. Fascínio transformava sua feição e ele deixara o lápis cair no chão, esquecido.

Ela seguiu a procissão pelas escadas, incapaz de desviar o olhar do rosto inconsciente de Nathaniel. Não havia espaço para ela no quarto, então ela ficou no corredor, se apertando contra a parede sempre que a assistente do médico passava carregando jarros d'água ou panos ensanguentados.

Ninguém disse nada, mas Elisabeth obviamente estava atrapalhando. Atordoada, desceu de

volta. Tirou o casaco de Nathaniel e o pendurou no cabideiro. Notou algumas gotas de sangue no chão da entrada e limpou com o vestido, já que a seda cor de marfim já estava estragada. Em seguida, se sentou no primeiro degrau, a cabeça zumbindo. De longe, lá de cima, ouviu passos acompanhados de vozes tensas. O relógio de pêndulo batia no compasso do coração.

A partir dali, Ashcroft seria destruído. Tudo sairia no jornal da manhã. O mundo inteiro saberia quem ele era de verdade. No entanto, não parecia uma vitória. Não tendo perdido Silas e Nathaniel sangrando no quarto. Não enquanto Ashcroft estivesse à solta.

Não... a luta ainda não tinha acabado. Seria besteira pensar outra coisa. Ela ficou mais um instante sentada, refletindo, antes de se levantar e andar com determinação até o escritório de Nathaniel, onde pegou a lupa da mesa, a arremessou ao chão e esmagou com os pés. Seguiu para o próximo cômodo, onde encontrou mais um espelho e o arrancou da parede. Não parou por ali. O progresso ao redor da casa deixou um rastro de destruição. Vidro lascado, estilhaçado, explodido no tapete, espalhado em fragmentos cintilantes pelos móveis. Nenhum espelho era seguro. Bateu com o punho de Demonicida no espelho da sala onde passara tantas horas estudando grimórios e viu seu reflexo rachar antes de cair ao chão. Quando acabou lá embaixo, foi subindo, deixando cacos de vidro pelos corredores.

Parecia que ela devia sentir alguma coisa, mas não sentiu. A mão ferida não doía, mesmo que sangue escorresse aos borbotões pelo punho de Demonicida. Os espelhos em molduras pesadas cediam sem esforço. Era como se ela fosse feita de luz e ar, desconectada do mundo físico, ao mesmo tempo irrefreável e prestes a se desmontar, arder em chamas, ir-se no ar.

Finalmente, chegou ao próprio quarto. Pegou o espelho perscrutador e tentou explicar o que acontecera para Katrien, que fez várias perguntas que ela não sabia responder, porque, a certa altura, palavras tinham perdido o sentido. Quando acabaram de falar, Elisabeth embrulhou o espelho em uma fronha e o jogou pelo buraco da lavanderia. Ashcroft não conseguiria espioná-la dali. Em seguida, se dedicou a assegurar o resto do quarto, da única forma que conhecia.

Depois de um tempo incalculável, ela voltou a si, a mão saudável agarrada a Demonicida, cercada por madeira e vidro quebrado. “Silas não vai gostar disso”, pensou. “Vou ajudar a limpar”, pensou.

O luto, quando veio, chegou como um soco no estômago. Ela se curvou e caiu no chão, respirando em espasmos sufocantes. Não era feita de ar nem luz. Era humana, fraca e devastada, e sentia dor, mais do que era capaz de aguentar. Silas se fora. Ela não sabia o que Nathaniel faria, ou como contaria para ele, ou se suportaria o olhar dele quando contasse. Ela não sabia nem se Nathaniel acordaria de novo.

Ela chorou até o mundo ao seu redor se embaçar e apagar e, finalmente, não soube mais nada.

Quando abriu os olhos inchados, viu uma mulher desconhecida sentada na cadeira do canto. A luz da tarde entrava pelas cortinas. Elisabeth olhou para si mesma, deitada na cama, o que foi fácil pois estava meio sentada, apoiada em travesseiros. A mão ferida estava envolvida por

uma atadura. Demonícida se encontrava de seu outro lado, ainda entre o aperto de seus dedos.

— Eu e o dr. Godfrey não conseguimos tirá-la de você, mesmo já adormecida.

Elisabeth olhou para a mulher. Não era desconhecida, afinal. Era a assistente do médico, magra, de óculos, vestindo um avental branco engomado. A roupa estava manchada de sangue seco, mas ela não parecia incomodada.

— Eu me chamo Beatrice — disse ela. — Sou eu quem tem cuidado de você.

Elisabeth sentiu o coração pular. Não conseguia desviar o olhar do avental manchado.

— Nathaniel...?

— Está bem. Pelo menos, dentro do possível. Beba isso.

Ela levou um copo d'água aos lábios de Elisabeth e a viu engolir um pouco antes de continuar, falando com calma, como se fosse uma manhã perfeitamente comum, de conversas e café da manhã.

— O catedrático Thorn perdeu muito sangue, mas o dr. Godfrey está confiante na recuperação — explicou. — Feiticeiros podem sobreviver a feridas admiráveis com a ajuda da proteção da casa. De qualquer forma, ele não deve sair da cama até o peito começar a melhorar.

Alívio encharcou Elisabeth. Ela se endireitou, mas parou, contendo um grunhido. Seu corpo inteiro doía. Até os ossos latejavam.

— Tem um espelho no quarto dele — falou ela. — Preciso...

Beatrice apoiou uma mão em seu ombro.

— Eu e dr. Godfrey já cuidamos disso — falou, antes de acrescentar, mais gentilmente: — Você contou o que estava fazendo ontem à noite, quando te encontramos aqui no chão. Não lembra?

Elisabeth não lembrava e preferia nem imaginar o estado em que tinha sido encontrada, mas estava grata por ter sido levada a sério. Olhou para baixo, rangendo os dentes contra os protestos do corpo.

— Posso ver Nathaniel? — perguntou.

— Se quiser... mas ele ainda vai dormir por algumas horas. Quando acordar, pode não estar inteiramente lúcido. Ele tomou láudano para a dor.

Ela ajudou Elisabeth a vestir a camisola e a acompanhou pelo corredor. Elisabeth não sabia se teria conseguido percorrer o caminho sozinha. Enquanto mancava como uma velha, Beatrice falou que ela tinha muita sorte de não ter quebrado nada.

— A maioria das pessoas teria sofrido fraturas, depois de golpes tão violentos.

Para enfatizar, olhou de relance para Demonícida, ainda na mão de Elisabeth.

Quando chegaram à porta de Nathaniel, ela só conseguiu encarar. Nathaniel parecia à deriva na extensão enorme da cama de dossel, com pilares entalhados e cortinas bordadas e escuras. O rosto estava virado de lado e o ângulo do sol cruzava a bochecha delineada, transformando suas feições em escultura. Sob a gola aberta da camisola, ataduras envolviam seu peito.

Por algum motivo, não parecia correto vê-lo assim. Ele respirava de forma tão superficial que o peito mal se mexia. O rosto estava inerte: testa lisa, boca aberta. Sombras azuis mancha-

vam a pele sob os olhos. Parecia que ele quebraria se ela o tocasse, como se fosse feito de alguma substância além de carne e osso, frágil como porcelana.

Beatrice a instalou na poltrona perto dele e se virou para ir embora. Parou na porta, deixando as boas maneiras se esvaírem um pouco, como uma cortina, revelando um toque de cautela por trás.

— É verdade que o catedrático Thorn não tem criados humanos? — perguntou ela. — Só um demônio?

— É, mas não precisa ter medo. Silas, como ele se chamava, não está mais aqui. Mesmo que estivesse, não...

Elisabeth se esforçou para encontrar as palavras certas, tomada por uma necessidade profunda de explicar para que Beatrice entendesse. Parecia inaceitável que ninguém mais conhecesse Silas, soubesse o que ele tinha feito. Ela concluiu com dificuldade:

— Ele se sacrificou para salvar a vida de Nathaniel.

Beatrice franziu a testa, assentiu brevemente e foi embora, nada impactada pela revelação. “Ela acha que ele agiu por ordem de Nathaniel.” Simples assim, Elisabeth entendeu que ninguém nunca apreciaria o ato final de Silas. Ninguém acreditaria na história. Ele sumira do mundo como névoa, deixando em seu rastro só rumores: a criatura horrenda que servira à casa Thorn.

A injustiça a sufocou, ardendo em seus olhos como agulhas. Por muito tempo, ficou ali em silêncio, de cabeça abaixada, piscando para conter lágrimas.

Ouviu tecido farfalhar. Ao lado dela, Nathaniel se mexeu. Ela prendeu a respiração ao ver os cílios estremecerem, mesmo que os gestos parecessem menos um esforço consciente de despertar, e mais uma reação a um sonho. Impulsivamente, ela arrumou uma mecha de cabelo que caíra no rosto dele. Os fios deslizaram por seus dedos, mais macios que seda. Ela tinha tão pouco a oferecer, mas pelo menos podia mostrar que ele não estava sozinho.

Nathaniel entreabriu os olhos, claros e desfocados.

— Silas? — sussurrou.

Elisabeth sentiu o coração desmoronar. Acabou de ajeitar a mecha de cabelo atrás da orelha dele e, então, segurou sua mão. Ela o viu voltar ao sono, tranquilizado.

A perda da marca demoníaca mostrava que ele ganhara de volta as duas décadas que prometera a Silas. Mesmo assim, era impossível ficar feliz por ele. Ela sabia que, se tivesse escolha, ele trocaria de novo esses anos todos para ter Silas de volta, sem hesitar.

Horas se passaram. Beatrice veio e foi, trazendo um almoço frio encontrado na cozinha. Mais tarde, o dr. Godfrey trocou o curativo de Nathaniel. Elisabeth apertou os braços da poltrona, vendo o pano manchado revelar quatro linhas irregulares cortadas em diagonal no peito de Nathaniel. Elas se estendiam da parte de baixo das costelas de um lado à clavícula do outro, pregadas por suturas. Obrigou-se a não desviar o olhar, lembrando-se do gesto das garras de Ashcroft, da expressão vazia de Nathaniel ao tropeçar para trás. Dava para ver que as feridas deixariam cicatrizes vivas e permanentes.

Quando o dr. Godfrey acabou de refazer os curativos, tocou a testa de Nathaniel e fez uma careta.

— O que foi? — soltou ela.

— Ele está ficando com febre. É comum com feridas desta natureza. Febre desse tipo pode ser perigosa, mas, neste caso, os feitiços de proteção da casa devem resguardá-lo de consequências mais sérias — explicou, fazendo uma pausa. — Catedrático Thorn? Consegue escutar?

Nathaniel tossiu, baixo, da cama. Elisabeth se empertigou na ponta da poltrona, tensa no corpo inteiro. Logo, os olhos de Nathaniel abriram, revelando o cinza-claro, pálido e cristalino. Ele a observou em silêncio, estudando seu rosto como se nunca a tivesse visto antes, ou temesse ter esquecido durante o sono.

— Você ficou comigo — disse ele, finalmente, sua voz pouco além de um suspiro, um ofego.

Ela assentiu. Lágrimas encheram seus olhos. Ela engoliu em seco, mas as palavras saíram mesmo assim, incontidas.

— Desculpa. Foi tudo minha culpa. Foi minha ideia confrontar Ashcroft no baile. Sem mim, nada disso teria acontecido.

Uma ruga surgiu entre as sobrancelhas dele. Inicialmente, ela achou que ele não lembrava, até que ele falou:

— Não. O espelho perscrutador... você não tinha como saber.

Ele fez um intervalo, reunindo forças. Até respirar parecia doer.

— Ashcroft — continuou. — Você o pegou?

Ela sacudiu a cabeça em negativa, lacrimejando. Não queria contar o resto, mas era necessário.

— Silas... — sua voz soou aguda, estranha, diferente.

Sentiu um nó na garganta. Não conseguiu completar a frase.

A ruga na testa de Nathaniel se tornou mais funda, confusa. Ela viu o momento em que ele começou a entender. Ele não desviou o olhar, mas ficou paralisado.

Louça tilintou no corredor. Beatrice. Ela tinha descido para fazer chá.

Nathaniel ficou alerta. Antes que Elisabeth pudesse impedi-lo, ele se impulsionou para sentar. Instantaneamente, ficou pálido de dor e se inclinou para o lado, se apoiando no cotovelo, mas não soltou nem um pio. Encarava a porta com tal intensidade, em expectativa, que Beatrice congelou ao aparecer e vê-lo.

— Se quiser sentar, podemos arrumar as almofadas — disse o dr. Godfrey. — Você não pode se esforçar tanto ainda.

Nathaniel não pareceu ouvi-lo. Medo da desgraça iminente abriu um buraco no estômago de Elisabeth. Beatrice trazia a mesma bandeja de prata que Silas sempre usava. Os olhos de Nathaniel estavam duros, loucos, quase cegos.

— Saia — disse ele, baixinho.

Beatrice e o dr. Godfrey se entreolharam.

— Os dois. Saiam daqui.

Beatrice se aproximou, deixou a bandeja na mesa de cabeceira e deu um passo para trás, cruzando as mãos no avental. Ela tinha os modos de alguém acostumado a lidar com pacientes difíceis. No entanto, não sabia que, para Nathaniel, o que fizera era imperdoável.

O crime era simples. Ela levava chá. Ela não era Silas.

Calma, ela começou:

— O láudano pode fazê-lo sentir...

Nathaniel pulou da cama, agarrou a bandeja e a arremessou contra a parede. Todos se esquivaram quando a porcelana se estilhaçou, deixando uma poça de chá escorrer pelo papel de parede.

— SAIAM! — rugiu Nathaniel. — Saiam da minha casa!

A voz ecoou por todos os lados, amplificada. As paredes se sacudiram e rangeram ameaçadoramente; pó de gesso caiu na cama, vindo do teto. Ele estava de pé, ofegante, de camisa e calça de pijama, os olhos ardendo de luz febril.

— Venha, Beatrice — disse o dr. Godfrey, fechando a maleta de couro com um clique.

Ele olhou para Nathaniel uma última vez antes de levar a assistente para longe. Passos rangeram na escada. No momento seguinte, a porta da frente bateu.

Elisabeth olhou pela janela. O sol estava baixo no chão, piscando vermelho através dos arbustos de espinhos. Os galhos entremeados se afastaram para deixar o dr. Godfrey e Beatrice passarem, antes de se emaranharem de novo.

Ela se voltou para Nathaniel, boquiaberta.

A raiva tinha sumido, mas não o brilho febril dos olhos.

— Vamos lá, Scrivener — disse ele, animado. — Vamos logo. Posso me apoiar em você?

— Espere — protestou ela. — Você não pode sair da cama.

— Ah. Isso explica por que minhas pernas pararam de funcionar.

Ele olhou para Demonizada em aprovação.

— Que bom, você veio preparada — declarou Nathaniel.

— Mas...

Ele desmoronou e ela correu para segurá-lo antes que atingisse o chão. Seu corpo estava tão mole que foi difícil arranjar o braço por cima dos ombros dela.

— Aonde vamos? — perguntou Elisabeth.

Ele riu, como se a pergunta não fizesse nenhum sentido.

— Vamos invocar Silas, óbvio. Vamos trazê-lo de volta.

Ela arregalou os olhos. Não sabia que trazer Silas de volta era possível. De repente, sabia aonde levá-los, sem que Nathaniel precisasse dizer. Ao quarto proibido. Do outro lado da porta trancada.

Eles levaram uma eternidade para cruzar o corredor, parando toda vez que ele caía em cima dela, piscando até retomar a consciência. Certamente era uma má ideia. Se ela tivesse qualquer noção, daria meia-volta e o poria de volta na cama. Ele não podia assustá-la como fizera com

Beatrice e o dr. Godfrey; mesmo que conseguisse, não desceria o corredor sozinho. No entanto, assim que o pensamento lhe ocorreu, sua consciência se revoltou.

Ele nunca a perdoaria pela traição. Além disso, ela não podia deixar ele sozinho, como tinha ficado aos doze anos, sem ninguém no mundo em quem confiar. Agora, ela era a única pessoa que restara.

Quando chegaram à porta, Nathaniel murmurou uma frase enoquiana baixinho e estalou os dedos. Nada aconteceu. Ele piscou, encarando a maçaneta sem entender nada, e soltou um palavrão.

— É Silas quem cuida de todas as chaves. Normalmente, eu só...

Ele estalou os dedos de novo, sem sucesso. A magia tinha ido embora. Ela viu em seu rosto o quanto a falta de magia o afetou, como se tivesse esticado a mão para se apoiar e encontrado só o ar, mais nada. Agora, ele não sabia o que fazer.

— Segure firme — disse Elisabeth.

Ela ergueu *Demonicida* e bateu com a empunhadura contra a maçaneta. O primeiro golpe a amassou. O segundo a mandou voando ao chão.

Nathaniel começou a tremer. Ela se virou, preocupada, mas descobriu que ele ria.

— Scrivener — disse ele.

Ela franziu a testa.

— O que foi?

— É que... você é tão...

Ele estava rindo demais para falar, ofegando em desespero de tanta dor. Fez um gesto com a mão, sugerindo um martelo e um prego.

— Acho que você tomou láudano demais — disse ela, empurrando a porta aberta e levando-o para dentro.

O fedor de combustão etérea quase a sufocou. Olhando ao redor, sentiu calafrios na nuca. As cortinas estavam fechadas, deixando entrar só a luz suficiente para identificar que a sala parecia vazia. Alguns objetos pequenos que ela não sabia identificar estavam espalhados no meio do chão, como se um dia crianças tivessem vivido ali e esquecido brinquedos para trás. Pela primeira vez em semanas, sentiu a presença imaginária dos fantasmas da casa, dos mortos de Nathaniel. Com muito cuidado, ela o deixou no chão e atravessou a sala para escancarar as cortinas.

Poeira rodopiava entre a luz do sul que invadiu o ambiente. Olhando para baixo, ela pulou de lado. Um pentagrama complexo estava entalhado nas tábuas sob seus pés, os sulcos carbonizados e imundos de fuligem. Manchas escureciam a madeira ali dentro e ao redor: manchas de sangue, algumas tão grandes que ela se perguntou se marcavam onde pessoas tinham morrido. Os objetos que vislumbrara eram velas derretidas, ancoradas em poças de cera em cada ponta do pentagrama. Dois outros itens aguardavam no chão ao lado do círculo. Uma caixa de fósforos e uma adaga, cujo metal era ofuscado por uma camada de poeira.

Ela se lembrou do que Silas dissera, tantas semanas antes. “Você não gostaria de ver.” Era

aqui que ele tinha sido trazido ao domínio mortal, não só uma vez no passado distante, mas de novo e de novo.

Nathaniel se atrapalhou com a caixa de fósforos, dedos tremendo violentamente demais para conseguir. Elisabeth segurou Demonícida debaixo do braço e pegou a caixa.

— Quero ajudar — disse ela. — Como se faz isso?

Ele olhou para ela, muito pálido, a luz íngreme atravessando translúcida o tecido fino do pijama, revelando os traços do corpo por baixo. Ele parecia seu próprio fantasma.

— Tem certeza? — perguntou.

Isso era pior do que usar o espelho perscrutador. Pior até do que roubar da Biblioteca Real. No primeiro dia como aprendiz, Elisabeth jurara proteger o reino de influências demoníacas. Se participasse de uma invocação e qualquer fofoca se espalhasse, nem que fosse mera especulação, todas as Grandes Bibliotecas fechariam suas portas para ela. Nenhum guardião lhe dirigiria a palavra. Ela seria expulsa do único mundo ao qual já pertencera.

Entretanto, seu juramento não tinha sentido algum se pedisse que ela abandonasse as pessoas com quem se importava nos momentos de maior necessidade. Se fosse esse o custo de ser guardiã, ela não deveria sê-lo. Ela teria que decidir por si própria o que era certo e errado.

Apesar de não dizer uma palavra, Nathaniel viu a resposta escrita no rosto dela. Ele fechou a mão em punho contra o chão. Ela achou que ele podia tentar dissuadi-la, mas ele disse:

— Acenda as velas em sentido anti-horário. Cuidado, fique fora do círculo. Não atravesse as linhas. É importante.

Elisabeth acendeu um fósforo, sem jeito, usando a mão ferida, e deu a volta no pentagrama. Cada vela que voltava à vida parecia marcar o sacrifício do passado e o início do novo. Tanto de sua memória era caracterizado por chamas. O reflexo da luz de velas nas granadas de Demonícida. Guardião Finch, a vermelhidão da tocha tremeluzindo em seu rosto, perguntando a ela se andava metida com demônios. O Livro dos Olhos, só cinzas ao vento.

Quando sacudiu o último fósforo para apagá-lo, ela viu a adaga na mão de Nathaniel. Antes que pudesse reagir, ele a arrastou contra o pulso nu, ao lado da cicatriz retorcida no antebraço. O corte era superficial, mas ver sangue brotar de sua pele ainda fez o coração dela parar com uma ansiedade que nunca antes sentira por outra pessoa. Quando ele acabou, deixou a adaga cair da mão enfraquecida.

— Afaste-se — disse ele.

Nathaniel pressionou o pulso contra a borda do círculo, deixando uma mancha vermelha no chão. Quando falou de novo, sua voz ecoou de poder antigo.

— Pelo sangue da Casa Thorn, eu te invoco, Silariathas.

Silariathas. O nome verdadeiro de Silas. Não fugiu de sua mente como as outras palavras enoquianas que ouvia Nathaniel falar; em vez disso, se agarrou com força, ardente, como se marcada a fogo em meio a seus pensamentos.

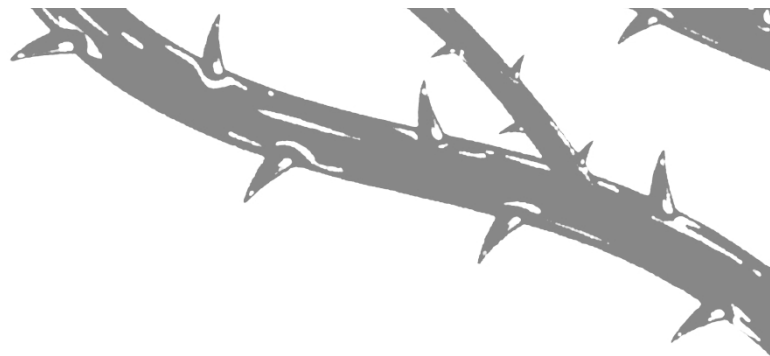
Lá fora, o sol afundou atrás dos telhados, mergulhando a sala em sombras. Uma brisa perturbou o ar parado, apagando as cinco velas simultaneamente. Os ilhós das cortinas tilintaram

quando o pano balançou. Uma silhueta surgiu no meio do pentagrama.

Ele só vestia um pano branco solto e enrolado na cintura. Nu, ele não parecia só esguio, como ela o via antes, mas magro, quase esquelético. Sombras traçavam suas costelas, os ossos dos punhos, as pontas afiadas dos ombros, uma forma elegante em sua simplicidade, como se tudo de desnecessário tivesse sido deixado de lado. O cabelo solto descia em uma cascata lisa e prateada até abaixo dos ombros, escondendo o rosto abaixado. Onde a espada o perfurara, o peito estava imaculado. Ele era diferente assim: mais belo, mais assustador. Menos humano do que antes.

Ele ergueu a cabeça e sorriu.

— Olá, Nathaniel.



VINTE E OITO

Por um momento, nada aconteceu. Do chão, olhando para Silas, Nathaniel tinha a expressão de um homem prestes a mergulhar numa batalha que sabia ganhar, mas cujo custo seria altíssimo. Elisabeth não entendeu. Ela não esperava uma reunião emocionada no meio de um penta-grama sangrento, mas isso... não parecia certo. O sorriso de Silas estava muito estranho.

— Silas — disse ela, se aproximando. — Está tudo bem?

— Não — comandou Nathaniel, ríspido e urgente, a voz como um tapa enquanto estendia a mão para segurar o punho dela. — Não encoste no círculo.

Ela poderia ter se soltado de Nathaniel com facilidade. No entanto, foi o olhar de Silas que a imobilizou. Suas pupilas estavam tão dilatadas que as íris pareciam pretas, envoltas por uma borda fina amarela, como o sol em pleno eclipse. Os olhos não continham nada do habitual, nenhum sinal de reconhecimento.

— Ele não pode atravessar o círculo, mas, no instante em que você tocá-lo, ele vai tomar sua vida — disse Nathaniel. — Ele vai te matar.

Não fazia sentido. Na manhã anterior, Silas tinha feito café da manhã para Elisabeth. Tinha ajudado ela a se arrumar para o baile, fechando o vestido e prendendo os brincos. Por outro lado, Nathaniel não diria nada disso se não tivesse certeza.

— O que aconteceu com ele? — sussurrou ela.

Por um segundo, Nathaniel fechou os olhos com força. As têmporas brilhavam de suor, que grudava cachos do cabelo no rosto.

— Ele está com fome — explicou, depois de um longo intervalo. — Normalmente, demônios nobres são invocados imediatamente em seguida da morte do senhor anterior. Quando satisfeitos, negociam com mais facilidade. Mas faz seis anos desde...

“Desde que Alistair Thorn morreu”, pensou Elisabeth. “Desde que Silas foi pago.”

— Silas não é humano — continuou Nathaniel. — Quando está assim, o tempo que passa-

mos com ele, os entendimentos aos quais chegamos... nada disso importa. A fome é forte demais.

Não era só fome. Silas estava esganado. Lentamente, ele voltou o olhar angustiante para Nathaniel. Não deu nenhum sinal de se importar com a conversa, nem mesmo de escutar.

— Silariathas — disse Nathaniel, com uma calma que Elisabeth nem era capaz de imaginar, apesar de talvez ser pelo láudano, pela perda de sangue, ou pelo simples fato de já ter encarado esta versão de Silas outra vez. — Eu o invoquei para renovar nosso acordo. Ofereço vinte anos de minha vida em troca do seu serviço.

— Trinta — retrucou Silas, em uma voz baixa e rouca.

Nathaniel respondeu imediatamente, sem hesitar:

— Vinte e cinco.

— Ousa oferecer tão pouco?

Silas olhou para Nathaniel, de cima, como se ele fosse um mero inseto rastejante. As palavras sussurradas ardiam como granizo.

— Lembre-se de quem sou — continuou. — Antes que a Casa Thorn me prendesse a seu serviço, servi a imperadores e reis. Pintei rios de vermelho com o sangue dos mortais que massacrei por eles. Você é só um menino e eu me degrado para dobrar suas roupas e fazer seu chá. Trinta anos, ou encontrarei outro senhor que me recompensará proporcionalmente ao que valho.

As pálpebras de Nathaniel estremeceram. Com uma careta, ele levou uma mão ao peito e agarrou os curativos por trás da camisa. Quando ele ofegou, Elisabeth entendeu que usava a dor para se manter acordado. Estava se esvaindo e, a qualquer instante, cederia. Ele faria de tudo para ter Silas de volta, até conceder o tempo que talvez nem tivesse.

Ela não aguentou. Silas observava sem pena, sem o menor interesse, o sofrimento do garoto que o amava, cuja vida ele salvara a tanto custo.

— Silas, Nathaniel está ferido! — exclamou ela. — Não vê?

O olhar de Silas se desviou de Nathaniel, devagar, como se fosse difícil fazê-lo, e a encontrou. Ela ficou sem ar ao ver o vazio no breu noturno daqueles olhos, mas não hesitou.

— Sei que você ainda se importa — disse ela. — Meras horas atrás você se sacrificou por ele. Não desperdice seu gesto ao pedir demais. E se ele não tiver trinta anos para te dar?

— Srta. Scrivener — sussurrou ele.

Ela sentiu um calafrio; ele a reconhecia, afinal. Era ainda pior.

— Você continua a se equivocar — prosseguiu. — Quando interceptei a lâmina do Chanceler, o fiz por saber que seria invocado novamente, desta vez por uma recompensa ainda mais alta. Você vê sacrifício onde só há egoísmo.

— Não é verdade. Eu estava lá.

— Se quiser provar — disse ele —, é só entrar no círculo.

Ela viu a verdade, então: a força tensionando os músculos, o desalento se esforçando para atravessar a máscara fria e faminta. Se ela se aproximasse, ele a mataria; não seria capaz de se

conter. No entanto, não queria feri-la. Não queria tomar três décadas de Nathaniel. Isso, ela acreditava com todo o coração.

— Tire de mim os outros dez anos — disse ela.

— Elisabeth — arfou Nathaniel. — Não.

Ela insistiu:

— Você mesmo disse que nunca tinha visto uma vida como a minha. Sei que quer prová-la, não quer?

Silas entreabriu os lábios. Nos olhos pretos, uma faísca. A batalha em curso dentro dele não tocava a superfície gelada. Finalmente, ele sussurrou:

— Sim.

— Então é sua. Vamos acabar com isso.

Ela se lembrou da noite quando ele trouxera Demonícida, quando avançara para assustá-la. Foi assim de novo, ver uma luz horrível se apagar nele quando a fome se afastou. Ele abaixou os cílios. Entreabertos, os olhos encararam o chão.

— Você entende que só posso servir um mortal por vez. Enquanto eu vagar por este domínio, você estará marcada, mas não receberá nada em troca.

— Eu sei.

— As mesmas condições de antes, senhor Thorn?

Nathaniel estava apoiado em um braço, tremendo com o esforço de sustentá-lo, e não tinha forças para olhar para nenhum dos dois. O silêncio se estendeu. Ela o sentiu tentar buscar energia para resistir, discutir, mas suas forças estavam esgotadas. Finalmente, desolado, assentiu.

Silas saiu do pentagrama e se ajoelhou à frente deles. Ele pegou a mão de Elisabeth que não estava coberta de ataduras, e a beijou. Quando os lábios roçaram sua pele, um toque suave como pétalas de rosa, ela sentiu a promessa dos dez anos que lhe concedera sair de seu corpo para entrar no dele — uma sensação de tontura, enfraquecimento, como se uma baixa de pressão. Em seguida, ele tomou a mão de Nathaniel e repetiu o gesto. Ela viu a cor prateada voltar ao cabelo de Nathaniel, começando na raiz, mercúrio escorrendo pelos fios.

— Sou seu criado mais devoto — disse Silas para ele. — Por mim, você recebe a arte da feitiçaria. Seguirei qualquer comando que me fizer.

A exaustão fez as palavras de Nathaniel soarem arrastadas:

— Você odeia seguir meus comandos. Quando te dou ordens, você sempre faz com que eu me arrependa.

Um leve sorriso, lindo, iluminou o rosto de Silas.

— Mesmo assim — respondeu.

Silas começou a se levantar em um gesto fluido, mas não foi capaz de completá-lo. Nathaniel se jogara contra ele e o segurava com força. Silas não estava acostumado a abraços, era visível. Ele ficou paralisado, curvado, com os olhos arregalados concentrados acima da cabeça de Nathaniel, como se esperasse encontrar por acaso uma desculpa boa o bastante para que ele se desvencilhasse da dificuldade atual. Quando nada do tipo se apresentou, ele ergueu uma mão e

a tocou, cuidadosamente, no topo dos cachos emaranhados de seu senhor. Eles ficaram assim muito tempo, até os braços de Nathaniel se soltarem, escorregando da cintura de Silas. Ele tinha desmaiado.

Silas olhou para ele e suspirou. Ajeitou o corpo de Nathaniel e o levantou no colo como se fosse uma criança adormecida em frente à lareira, que precisava ser levada à cama. Ele fez a manobra com tanta familiaridade que Elisabeth entendeu que já a fizera muitas vezes antes, apesar de sem dúvida ter acontecido quando Nathaniel era muito menor. Silas aguentava o peso do senhor com facilidade, mas o tamanho de Nathaniel adulto ainda era, no mínimo, desconfortável de carregar.

— Vou deixar o senhor Thorn confortável — disse Silas, parando ao lado de Elisabeth para fungar. — Em seguida, srta. Scrivener, prepararei seu banho. Acredito que também seja hora do jantar. E... ninguém acendeu a luz? — perguntou, parecendo irritado. — Mal me ausentei por vinte e quatro horas e o mundo já desmoronou em decadência.

• • •

Vida e ordem voltaram para a casa. Luz expulsou a escuridão que pressionava as janelas. Lençóis foram trocados, camas arrumadas, restos de refeição recolhidos. Os cacos de espelho sumiram de todos os quartos. Finalmente, depois de passar o dedo numa arandela para inspecionar a poeira, Silas anunciou que prepararia o jantar e sumiu na cozinha. Elisabeth ficou alguns minutos sozinha com Nathaniel, que dormia. Ela estava tentada a encostar a cabeça na coberta e se juntar a ele; entretanto, se obrigou a levantar e descer. Precisava conversar com Silas.

Ela percorreu a casa em silêncio. Mesmo assim, quando Elisabeth se aproximou da porta da cozinha, Silas falou sem nem se virar.

— Encontrei o espelho perscrutador, srta. Scrivener — disse, tranquilo. — No futuro, aconselho que não use o cesto de roupa suja para se livrar de artefatos mágicos.

Envergonhada, ela entrou e se instalou em um banquinho perto do forno. Havia sinais de que Beatrice usara a cozinha: uma tábua ao lado do pão, os restos de legumes picados. Uma panela fumegava no fogão. Quando Nathaniel a expulsou, ela estava fazendo sopa.

Silas estava impecavelmente vestido no uniforme de criado, com o cabelo preso, analisando o trabalho de Beatrice com desdém. Elisabeth o viu ajustar a tábua até ficar paralela à beira da bancada. Ela procurou ressentimento, medo ou raiva dentro de si, mas não encontrou nada. Ele sempre tinha sido honesto sobre quem era.

— O que você fez com o espelho? — perguntou.

— Deixei no porão, em frente ao retrato de Clothilde Thorn. Se o Chanceler decidir usá-lo, acredito que encontrará uma surpresa desagradável.

Antes que Elisabeth pudesse responder, ele disse:

— Pode experimentar esse caldo e me dizer o que acha?

Ela encontrou uma concha e a mergulhou na panela.

— Está bom — respondeu.

— Mas não está excepcional?

— Acho que não — disse ela, sem saber que caldo podia ser excepcional.

— Como eu temia — suspirou ele. — Vou precisar começar do zero.

Elisabeth o viu picar cenouras e cebolas, hipnotizada pelo ritmo da faca na tábua. Depois da noite anterior, parecia impossível que as mãos de alabastro estivessem tão impecáveis. As feridas queimadas e fumegantes voltaram a seus olhos e ela fez uma careta.

— Silas — perguntou, hesitante —, como Ashcroft te capturou?

A faca parou. Ela não sabia se a leve tensão em seus ombros estava ali mesmo ou se só a imaginara.

— Ele usou um instrumento inventado pelo Colégio durante a Reforma, para controlar feitiçeiros rebeldes por meio da captura dos criados. Eu não estava esperando. Não via nada disso desde que servi o bisavô do senhor Thorn.

— Desculpa — disse ela, sentindo a culpa revirar seu estômago. — Se eu não tivesse te pedido para ir...

— Não se desculpe, srta. Scrivener — respondeu ele, a voz brusca, o mais próximo de raiva que ela já o ouvira emitir. — A culpa foi de meu próprio descuido.

Elisabeth tinha suas dúvidas. Silas sempre fora perfeitamente meticoloso. Entretanto, ela teve a impressão de que ele não gostaria de ouvir essa resposta.

Finalmente, ele falou de novo.

— Você desceu aqui para perguntar sobre a vida que me concedeu. Quer saber como funciona.

Ela se empertigou, surpresa.

— Sim.

— Mas agora está em dúvida.

— Não sei se... talvez seja melhor não saber — hesitou ela. — Eu posso viver até os setenta anos, ou morrer amanhã de repente. Se eu soubesse... se você me contasse... acho que mudaria como vivo. Pensaria nisso o tempo todo, mas não quero que aconteça.

Silas continuou a picar legumes, notando que ela não tinha acabado.

— Mas quero saber... como acontece. Você mesmo cuida disso? Ou a gente só...?

Ela se imaginou caindo morta, o coração parando em um instante. Não seria tão horrível, pelo menos para ela. Pensar em Nathaniel morrendo assim...

— Não — disse Silas. — Não é assim.

Foi a vez dele hesitar.

— É impossível saber quantos anos um ser humano viverá, ou de que modo morrerá — continuou, baixinho. — A vida é como o óleo da lamparina. Pode ser medida, mas o ritmo em que queima depende do uso dia a dia, da força e da luz da chama. Além disso, não podemos prever se a lamparina será derrubada ao chão e estilhaçada, sendo que poderia queimar por muito mais tempo. É essa a imprevisibilidade da vida. É bom que você não tenha tantas perguntas; eu não tenho respostas. Uma parte do combustível, da energia vital que um dia pertenc-

ceu a você e ao senhor Thorn... agora eu tenho em mim. É só isso que sei dizer. O resto é incerto.

Pensativa, Elisabeth se encostou nas pedras quentes da lareira.

— Entendo.

Ela achou a explicação estranhamente reconfortante — a ideia de que não tinha um número predeterminado de anos à frente, que nem Silas conhecia seu destino.

O calor das pedras relaxou seus músculos feridos e doloridos. Ela sentiu os olhos pesarem. Era como se metade dela estivesse na cozinha, ouvindo o barulho abafado das panelas, e a outra metade, em Summershall, sonhando com maçãs no outono, a feira saturada de luz dourada. Finalmente, foi acordada por Silas, que punha a mesa à sua frente. Seu estômago roncou em resposta ao aroma delicioso de tomilho emanando da panela no fogão. Piscou até acordar de vez, vendo que Silas tirava a tampa da panela e olhava lá dentro.

Ela se perguntou como ele sabia dizer que tinha acabado, se achava o gosto, e provavelmente o cheiro, tão pouco apetitosos.

— Foi algum dos criados que te ensinou a cozinhar? — perguntou ela, sonolenta.

— Não, senhorita — respondeu ele, se esticando para pegar uma cumbuca. — Os criados humanos não falavam comigo, nem eu falava com eles. Aprendi na prática, por necessidade. O apetite de um menino humano de doze anos é quase tão assustador quanto o de um demônio. Além da falta de modos... sinto calafrios só de lembrar.

Culpada, ela pegou o guardanapo e o desdobrou no colo, atenta ao olhar que ele lhe dirigira por baixo dos cílios.

— Então você só começou depois que Alistar morreu.

Ele assentiu e serviu sopa na cumbuca.

— Inicialmente, eu não fazia a menor ideia de como cuidar do senhor Thorn. Ele chegou a mim em péssimas condições; tinha cortado o braço horivelmente na hora de tirar sangue para me invocar. É aquela cicatriz, pois eu não tinha o conhecimento de como tratá-la adequadamente...

Silas desacelerou os movimentos até parar. Seu olhar estava distante, não direcionado à cozinha, mas ao passado. A luz das chamas bruxuleava em seu rosto jovial, dando aos traços de alabastro a ilusão da cor. Nem isso bastava para que ele parecesse mortal. Ela sentia nitidamente o vasto abismo entre eles: a idade imensurável, as voltas impenetráveis de seus pensamentos, como as engrenagens de uma máquina.

— Primeiro, aprendi a fazer chá — disse ele, finalmente, falando mais sozinho do que com ela. — Quando humanos querem ajudar, vivem oferecendo chá.

Elisabeth sentiu um aperto no peito. Ela imaginou as duas versões diferentes de Silas: aquele do pentagrama, cujos olhos eram escuros, vazios e famintos, e aquele no luar do pavilhão, o peito atravessado pela espada, o rosto marcado por alívio.

— Você o ama — disse ela.

Silas se virou de costas. Ele tampou a panela de novo.

— Eu não entendia, antes — ela continuou, baixinho, torcendo o guardanapo sob a mesa.
— Na verdade, não achei que fosse possível. Só hoje, quando finalmente vi por que...

“Por que tomou vinte anos da vida de Nathaniel.” Ela não completou a frase.

Silas se levantou e deixou o prato à frente dela.

— Bom apetite, srta. Scrivener — falou. — Vou cuidar do senhor Thorn, ver se consigo persuadi-lo a tomar um pouco de caldo.

Quando ele se virou, seu olhar se prendeu em alguma coisa próxima ao rosto dela, e parou. Ele estendeu a mão, garras muito próximas do pescoço dela, e puxou delicadamente uma mecha de cabelo. Ela sentiu o coração dar um pulso. Vários dos fios brilhavam, prateados, entre o cabelo castanho na mão dele. A marca de Silas. Não era tão perceptível quanto a de Nathaniel, mas ela ainda precisaria escondê-la... talvez até cortá-la, para evitar suspeita.

— Quase esqueci — murmurou Silas, observando o brilho prateado como se hipnotizado.
— É um sinal extraordinário de confiança que meu senhor demonstrou ao permitir que você ouvisse meu nome verdadeiro. É a primeira pessoa fora da casa Thorn a sabê-lo nos últimos séculos. Agora, se quiser, pode me invocar. No entanto, precisa saber outra coisa. Também tem o poder de me libertar.

A boca dela estava seca, apesar da sopa que emanava vapor perfumado.

— Como assim?

Ele se virou para ela. Na luz do fogo, os olhos pareciam mais dourados do que amarelos.

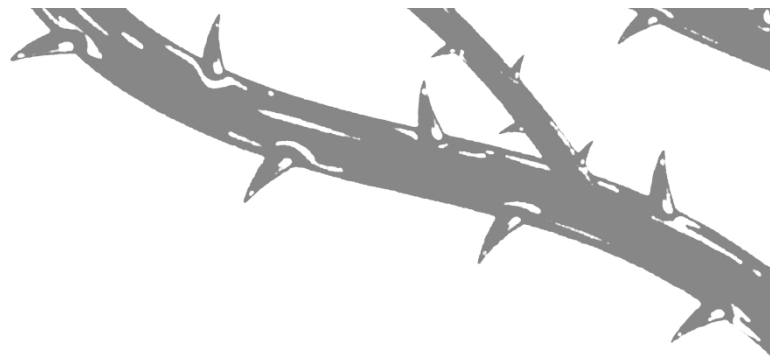
— Preso ao serviço, existo como uma imitação desbotada de quem sou verdadeiramente, pois a maior parte de minha força fica contida. Você vislumbrou o que sou de verdade naquele pentagrama... mas foi só um vislumbre. Se me libertasse, eu seria solto neste mundo como uma praga, um cataclisma inimaginável.

Um calafrio percorreu as costas de Elisabeth. Isso era um pedido de liberdade? Certamente não, mas ela não conseguia pensar em outro motivo para que ele explicasse.

— Quando criança, o senhor Thorn propôs esta ideia — disse Silas, suavemente. — Ele gostaria de me libertar para que fossemos iguais, em vez de senhor e criado. Eu pedi que não o fizesse. Aviso o mesmo agora, apesar de não acreditar que você precise ser advertida. Não me liberte, srta. Scrivener, não importa o que virá contra nós, não importa o quanto a situação se torne insuportável, pois posso garantir que eu sou ainda pior.

Ele sustentou seu olhar por mais um momento, antes de endireitar as costas e inclinar a cabeça em reverência.

— Boa noite, senhorita — disse, deixando-a paralisada perto da lareira.



VINTE E NOVE

Na manhã seguinte, Silas trouxe para dentro um exemplar da *Tribuna de Brassbridge* que tinha sido deixado na soleira. Uma gárgula tinha começado a mastigá-lo, mas ainda estava legível. Elisabeth sentiu o coração acelerar ao ponto de um galope ao esticá-lo no pé da cama de Nathaniel, juntando as partes rasgadas na ordem correta.

O nome de Ashcroft estava por todos os lados. Seu olhar pulou de uma manchete para outra, sem decidir o que ler primeiro. A coluna da esquerda dizia: DUELO MORTAL CRIA CAOS NO BAILE REAL. A da direita: CÁTEDRA CORRE PARA INSTAURAR NOVO CHANCELER. O texto destacado bem no meio da página era, de longe, o mais empolgante: OBERON ASHCROFT, CHANCELER DE MAGIA, ENVOLVIDO NA SABOTAGEM DAS GRANDES BIBLIOTECAS.

Ela se curvou e começou a ler.

“Dadas as várias tentativas de silenciar Elisabeth Scrivener, uma testemunha-chave na investigação das Grandes Bibliotecas, acredita-se que o chanceler Ashcroft está ligado à série de ataques recentes. Ele é procurado por tentativa de assassinato e pela invocação ilegal de demônios menores. A Cátedra formou um perímetro ao redor de sua propriedade, onde supõem que ele esteja escondido, mas até agora não puderam atravessar as barreiras de proteção...”

Ela se interrompeu, lembrando-se do que Ashcroft havia contado assim que ela chegara: sua proteção era forte o suficiente para conter exércitos. Talvez a Cátedra esperava que ele se rendesse, mas Elisabeth não via possibilidade. Ashcroft não cederia tão fácil. No pavilhão, ele quase soara como se não importasse mais se fosse descoberto — se o plano desse certo, os resultados tornariam tudo isso irrelevante.

Nathaniel gemeu baixinho. Ela olhou para cima, mas ele não tinha acordado. Estava se revirando em meio à febre, o rosto corado e o cabelo encharcado de suor. Ela o viu virar a cara e

murmurar palavras inaudíveis no travesseiro. O pijama largo estava grudado no corpo, mas tinha escorregado do ombro, revelando uma clavícula reluzente.

Ela se levantou e torceu um dos panos na bacia próxima. Quando o dobrou e o posicionou na testa dele, sentiu o calor que irradiava de sua pele antes mesmo de aproximar a mão. Ele fez uma careta, como se o pano doesse. Cuidadosamente, ela acariciou os cachos molhados e, sob seu toque, ele suspirou e parou, começando a respirar mais tranquilamente.

Dentro dela, uma tensão se apertou, como a corda do violino aguardando o toque do arco. Olhando para ele, o coração dela doeu em uma canção que não tinha letra, notas ou forma, mas se esforçava mesmo assim para ganhar voz — uma sensação semelhante ao sofrimento, pois parecia forte demais para ser contida no corpo. Era como se sentira no pavilhão quando tinham quase se beijado.

Ela se afastou e foi à janela, onde pressionou o rosto ardente no vidro gelado. Lá fora, flocos de neve caíam, cintilantes. A neve tinha começado à noite, logo depois de Nathaniel acordar delirante, aos berros, de um pesadelo e se acalmar, tremendo, nos braços de Silas. Sem conseguir dormir depois, Elisabeth estava acordada quando os primeiros flocos começaram a cair. Desde então, caíam constantemente. Agora, uma camada espessa cobria as gárgulas, que de vez em quando se sacudiam, soltando lufadas de branco brilhante. Uma camada reluzente de gelo esmaltava os galhos dos arbustos de espinhos e os telhados do outro lado da rua. Ela observou a cena, maravilhada. Nunca vira uma nevasca tão cedo no ano.

Com o rosto ainda pressionado contra a janela, ela tomou consciência de um barulho distante, uma espécie de zumbido — gritos, entendeu, distorcidos em vibrações agudas pelo vidro reforçado. Ela franziu a testa e apertou os olhos para enxergar através da neve. O que se desenrolava era tão ridículo que ela precisou piscar, se perguntando se tinha sido deixada levar pela imaginação.

Havia um homem preso na sebe, braços e pernas embolados em galhos espinhentos, gritando por socorro enquanto uma gárgula em forma de leão o cercava. Ela arregalou os olhos ao notar que ele vestia o uniforme dos correios. Apertou o roupão e desceu correndo as escadas.

A porta da frente se escancarou sem ser tocada. Ela foi atingida por uma lufada de ar frio, que jogou flocos de neve na entrada. Mal notou o choque congelante quando enfiou os pés descalços na neve.

— Não o machuque! — gritou para a gárgula, prestes a atacar, balançando o rabo de pedra de um lado para o outro.

O rosto estranho da gárgula — aparentemente entalhado por alguém que nunca vira um leão de verdade — abandonou o rosnado quando ela se aproximou e tocou seu ombro.

— Graças a deus você está aqui — gaguejou o carteiro. — Não sabia que essa maldita sebe ia ganhar vida. Feiticeiros, honestamente. Por que não usam magia para buscar as entregas e poupam gente como a gente?

— Acho que não são tão práticos — disse ela, ajudando-o a se soltar dos galhos. — Da última vez que vi Nathaniel conjurar um objeto, ele quase caiu na minha cabeça e me matou.

Obrigada.

Ela virou o pacote que ele entregara e sentiu um pulo no coração ao ler o nome rabiscado no remetente: Katrien Quillworthy.

O carteiro acenou. Ele já estava fugindo pela passagem aberta na sebe.

— Por favor, peça para aquele seu feiticeiro parar com a neve. Está caindo na cidade inteira, sabia, não só aqui em Hemlock Park. Nesse ritmo, o rio vai estar todo congelado antes do anoitecer. Metade das casas da minha rota estão fechadas pela neve, o trânsito está um inferno...

Ela quase protestou, mas pensou nos resmungos incoerentes de Nathaniel desde o pesadelo, nos tremores frios e violentos. Não seria a primeira vez que ele soltara feitiços adormecido.

Ela olhou para o céu branco como leite, sentindo um fascínio renovado. Flocos desciam em espiral, pousando em seu cabelo e cílios. Silêncio envolvera a rua, normalmente agitada, tão profundamente que quase escutava os cristais de gelo tilintando nas nuvens: um som agudo, claro e suave, como se alguém tocasse as notas mais altas do piano bem acima dos telhados. “Nathaniel fez isso”, pensou.

Mentalmente, repetiu o que o carteiro dissera. “Aquele seu feiticeiro.” Era isso que todo mundo pensava agora? De repente, ela se sentiu estranhamente desajeitada, como se o mundo tivesse virado alguns graus no eixo. Agarrada ao pacote, correu de volta para dentro.

Desembrulhou a entrega no escritório e prendeu a respiração ao desenrolar o lindíssimo mapa desenhado de Austermeer que continha. Ela tinha esquecido que estava a caminho. Katrien tinha posto o presente no correio quase duas semanas antes, no começo das reuniões, depois de encontrá-lo juntando poeira em um dos depósitos da Grande Biblioteca. Elas vinham planejando pendurá-lo acima da lareira.

Elisabeth ficou nas pontas dos pés para prendê-lo. Afastando-se, viu que Katrien circulara os ataques de Ashcroft em tinta vermelha. Knockfeld. Summershall. Fettering. Franzindo a testa, procurou uma caneta e um tinteiro na escrivaninha e circulou Fairwater também. Agora que as quatro bibliotecas estavam marcadas, Harrows representava o quinto e último ataque de um círculo quase completo e perfeito ao redor do reino.

Lentamente, Elisabeth se sentou. O padrão lembrava alguma coisa. Uma ideia vaga se formou no fundo de sua mente, mas escapou quando ela tentou firmá-la, sempre um pouco além do alcance. Percorreu o mapa de novo e de novo com o olhar. Ao lado da Biblioteca Real bem no meio do círculo, Katrien desenhara um ponto de interrogação. Eles nunca tinham descoberto se Ashcroft planejava atacar Brassbridge depois de Harrows.

Por um momento, seus arredores se ofuscaram e ela voltou à Mansão Ashcroft, brindando com a taça de champanhe. Ouviu a própria voz, em coro com os outros convidados, recitando após Ashcroft: “Ao progresso!”. Gargalhadas fantasmagóricas ecoaram em seus ouvidos. O que tinha perdido? Frustrada, apertou os punhos contra os olhos até manchas coloridas encherem sua visão.

Ela não devia estar sentada ali, em segurança, na casa de Nathaniel. Devia estar lá fora, fazendo alguma coisa, lutando contra Ashcroft. No entanto, não podia ganhar essa batalha sozi-

nha. Enquanto os minutos se esvaíam, ela só podia esperar.

• • •

A febre de Nathaniel baixou na manhã seguinte. Quando Silas trocou o curativo, o esparadrapo saiu limpo. As feridas não pareciam mais expostas e vivas, pois durante a noite tinham se tornado cicatrizes rosadas e brilhantes, como se já tivessem semanas.

— É o efeito das barreiras de proteção — explicou Silas ao ver a expressão de Elisabeth, enquanto se preparava para tirar os pontos de Nathaniel. — Magia foi fundida às pedras da casa pelos ancestrais do senhor Thorn por centenas de anos. Feitiços de proteção e cura para guardar os herdeiros.

A neve se afinou ao longo da tarde, transformada em um pozinho brilhante. Já era hora — o acúmulo no peitoril já chegava aos cinquenta centímetros, enterrando a gárgula instalada lá fora no telhado. A casa era envolvida em silêncio abafado, como se as paredes tivessem sido forradas de penas de ganso. Sem ter o que fazer, Silas se transformou em gato e dormiu enroscado nos pés de Nathaniel com o focinho enfiado debaixo do rabo. Elisabeth observou os dois, sonolenta, surpresa ao descobrir que Silas de fato dormia. Ela sempre o imaginara acordado a noite toda, polindo prata ou se esgueirando pelas ruas de Brassbridge para tarefas misteriosas. Será que ele tinha o próprio quarto na mansão? Ela nunca vira sinal de onde ele guardava roupas. Ela sentiu os olhos pesarem. Um dia, perguntaria a Nathaniel...

Ela abriu os olhos um tempo depois e notou que já tinha escurecido. Chamas crepitavam na lareira e Silas tinha embrulhado suas pernas em uma manta. Ela prendeu a respiração quando o olhar chegou a Nathaniel. Ele estava acordado. Tinha sentado, encostado na cabeceira da cama, e encarava as sombras do corredor, uma mão suavemente apoiada no peito enfaixado, os olhos cinzentos ilegíveis sob a luz das velas distribuídas pelo quarto. Quando ela se mexeu, ele a olhou e ofegou. Angústia queimava em seu olhar.

— Dez anos, Elisabeth — disse ele, a voz falha de emoção. — Você não devia ter feito isso. Não por mim.

Ela passara as longas horas de espera se preparando para esse momento, tentando imaginar como ele reagiria quando recuperasse a consciência necessária para se lembrar do que acontecera, mas ainda assim não estava pronta para a intensidade da expressão. Ela achava que ele podia ficar com raiva, ou criticá-la pela tolice. Vendo no olhar dele um desespero tão explícito, ela entendeu que não podia estar mais enganada. Um por um, seus argumentos treinados se perderam.

Baixinho, ela perguntou:

— Você teria feito o mesmo por mim? Acho que teria.

— Isso não...

Ele não conseguiu acabar a frase, pois seu olhar apavorado respondia nitidamente: *Claro; isso e muito mais. Qualquer coisa. Tudo.* Ele apertou bem os olhos antes de se trair ainda mais, mas ela já vira o bastante para ficar emocionada.

— Quando Silas te trouxe de volta — continuou ele, mantendo a voz estável —, eu sabia que nada de bom podia surgir de uma associação entre nós. Todo dia, desejei que você fosse embora — falou, passando a mão no rosto. — Achei... esperei que, depois da batalha, você pudesse pensar melhor. Que eu acordaria e você não estaria mais aqui.

As palavras eram duras. Ela prendeu a respiração, esperando o resto.

— Mas você ficou comigo. Por motivos egoístas, fiquei feliz... nunca quis nada como isso na vida. Maldita seja — disse ele. — Que criatura teimosa e intratável. Você finalmente me fez acreditar em algo. É tão horrível quanto imaginei.

Ela secou o rosto úmido.

— Você não gostaria de mim se eu fosse mais tratável — disse.

Ele riu, um som baixo e atormentado, como se ela o tivesse apunhalado entre as costelas. Ela achava que podia entender o que ele sentia, pois sentia o mesmo: uma espécie de alegria e dor ao mesmo tempo, um desejo insuportável no peito.

— Tenho certeza de que é verdade — disse ele, soando rouco. — Mas, devo admitir, gostaria de não ter sido quase esmagado por uma estante quando nos conhecemos.

— Foi só uma vez. E havia circunstâncias atenuantes.

Desta vez, a risada dele foi mais alta e surpresa. Ele encontrou o olhar dela e ficou sem ar. O desejo que ele sentia era óbvio, uma sensação tangível, como um fio invisível puxado ao limite entre os dois. Tenso, ele desviou o olhar para a janela.

— Está nevando? — perguntou.

— Você fez nevar enquanto dormia.

Ao ver a expressão de horror no rosto de Nathaniel, ela sentiu o coração afundar.

— Tudo bem — acrescentou. — Você não feriu ninguém. É só neve.

Ela se levantou e segurou a mão dele.

— Vem cá — falou.

Nathaniel hesitou, mas se levantou da cama rigidamente e permitiu que ela o ajudasse a sentar perto da janela. Quando eles se instalaram ali, Silas abriu um olho amarelo. Ele os observou por um momento, pulou da cama e saiu do quarto.

O espaço nas almofadas da janela mal era o bastante para ela e Nathaniel juntos. O frio que atravessava o vidro era penetrante, mas o corpo dele estava aquecido pela cama e muito próximo, a perna dobrada encostada na dela.

A neve transformara a cidade. Até no anoitecer azul, via muito longe acima dos telhados, as telhas desenhadas em branco, a vista clara e iluminada. Chaminés soltavam baforadas de fumaça. Nuvens se abriam revelando um céu cintilante. Cada luz se refratava: o calor lustroso dos postes da rua, a claridade fria das nuvens, banindo a escuridão quase toda. Nunca seria noite de verdade na presença de tanta luz.

Ela esperava que as ruas estivessem vazias e, no geral, estavam — sem trânsito, sem fregueses. No entanto, pessoas ainda perseveravam pela neve e sob a luz dourada; algumas em grupos, outras em duplas de mãos dadas, todas viajando em silêncio na mesma direção. Havia uma

qualidade quase sagrada na procissão, como ver santos indo de uma vida à outra.

— Aonde estão indo? — perguntou ela.

— Ao rio.

A respiração de Nathaniel embaçou o vidro. Gradualmente, a tensão dos ombros foi se soltando.

— Quando congela, vai todo mundo patinar — explicou.

— Até no escuro?

Devagar, como se em meio a um sonho, ele assentiu.

— Faz anos que não vou... costumava ir com minha família. Acendem fogueiras ao longo da margem e assam tanta castanha que dá para encontrar o caminho só pelo cheiro — contou, antes de uma pausa. — Se quiser, posso te levar no inverno.

Havia infinitos motivos para recusar. Era improvável que ela estivesse ali no inverno. Talvez nem estivesse viva. A meros vinte minutos de carruagem dali, Ashcroft estava tramando em sua mansão.

No entanto, parecia a Elisabeth que o mal não poderia existir, ali, não enquanto tanta gente peregrinasse ao rio à luz dos postes; havia beleza demais no mundo para que o mal tivesse qualquer esperança de sair vitorioso.

— Eu gostaria — disse ela.

— Tem certeza? Já estou em dúvida. Acabei de pensar em você correndo por aí com facas presas aos pés.

Ela franziu a testa. Ele sorriu. Ela notou, com uma pontada de dor, que tinha sentido saudade daquele sorriso: do ar travesso que dava a ele, da diversão cintilando em seu olhar como a luz do sol dançando na água. Enquanto se entreolhavam ao longo de segundos, o sorriso começou a se esvaecer.

— Não pare — disse ela, mas não adiantou.

Ele voltou a ficar sério.

Entretanto, não era a mesma seriedade de antes. O ar entre eles tinha mudado. Ela sentiu com enorme precisão todos os pontos em que seus corpos se tocavam, agora ardentes em vez de simplesmente mornos, um calor que se espalhava em seu rosto e apertava em seu estômago — uma antecipação doce e quase dolorida.

Ela engoliu em seco.

— Eu queria perguntar — falou. — Quando estávamos no pavilhão... quando...

A forma como Nathaniel a olhava quase a impediu de acabar.

— Foi você? — perguntou ela. — Ou foi o controle do feitiço de Ashcroft?

Ele não respondeu com palavras. Em vez disso, se inclinou e a beijou, a boca macia como veludo, dedos emaranhando seu cabelo.

Depois, ele se afastou. Decepção a invadiu, mas ele só se moveu o suficiente para encostar a testa na dela.

— Meu deus, Elisabeth, eu estou perdido desde o momento em que te vi expulsar um ca-

petta da carruagem com uma pancada de pé-de-cabra. Como você não notou? Faz semanas que Silas revira os olhos.

Ela riu. Em uma onda imensa e atordoante, muito do que ele dissera e fizera fizeram sentido de repente. Ela se sentiu transformada pela revelação. Não existia mais nada além da respiração misturada, da janela fria contra seu tronco, da memória dos lábios suaves de Nathaniel ainda sentida nos dela. Foi a vez dela de se inclinar.

— Espere — disse ele com dificuldade, se forçando a falar. — Isso... é melhor não.

— Por quê?

— Não seria justo com você. Não posso oferecer um futuro decente. Ainda criança eu abandonei qualquer esperança de levar uma vida boa ou normal. Sujeitá-la a isso, arrastá-la às sombras comigo...

Carinho inflou seu peito. Era tudo sempre tão complicado com ele. Ela encontrou a mão dele, apoiada em seu rosto, e entrelaçou os dedos.

— Já estou com você e me cai perfeitamente bem — disse ela. — Você me basta como é, Nathaniel Thorn. Não quero mais nada além disso.

Então, se beijaram de novo, com urgência. No pavilhão, ela estava certa; era mesmo como se afogar, um mergulho desesperado, sôfrego e leve, a boca de Nathaniel vital como ar, o mundo se afastando para muito longe enquanto caíam juntos em um poço infinito de sensação. Ela esticou o braço, querendo trazê-lo para mais perto, e o ouviu arquejar. Tarde demais, lembrou-se do peito enfaixado. Antes que pudesse se desculpar, ele a pressionou contra as almofadas.

Acima dela, com uma mão apoiada de cada lado, ele a observou, com os olhos escuros e a boca corada. O cabelo solto e embaraçado formava sombras azuladas nos ângulos planos do rosto; distantemente, ela pensou que ele precisaria cortá-lo em breve, ou começar a prendê-lo como Silas.

Ele apoiou o peso em um braço e, com o outro, tocou o cinto do roupão que ela vestia. Com o coração na garganta, ela assentiu. Ela o viu desfazer o nó com maestria, com uma só mão, e afastar o tecido com cuidado infinito. A luz das velas bruxuleou contra o cetim cor de creme da camisola. Ela sentia a respiração ofegante, o peito que subia e descia, o comichão da borda rendada da roupa e o tecido fino contra a pele.

— Eu lutei contra o Livro dos Olhos de camisola — disse, em um quase sussurro.

— Neste caso, acho que não tenho a menor chance — respondeu ele.

Ela não sabia se era brincadeira. A expressão dele era de quase agonia. Com pena dele, ela levou as mãos aos seus ombros, o nervosismo ecoando nela como uma nota musical ao puxá-lo para baixo.

Eles se beijaram suavemente desta vez, timidamente, agora que o primeiro impulso atordoado se fora. Nathaniel tocou seu rosto, acariciou seu cabelo e desceu a mão pelo seu tronco até encontrar a cintura, os dedos calejados agarrados ao cetim. A pele dela se tornara tão sensível ao toque que ela se surpreendeu ao tremer de prazer; o tecido escorregadio da camisola se moldava ao corpo e ela mal se sentia vestida. A concentração se dedicou ao calor das bocas e da respira-

ção, ao aperto delicioso da mão dele no quadril, aos músculos que se moviam nas costas dele sob o toque suave dos dedos dela, impressionada com a força dele, com os corpos se encaixando como se feitos para isso. Quando ela virou o rosto para deixar que ele beijasse seu pescoço, o ar frio da janela tinha gosto de neve e estrela. As luzes da cidade se espalhavam nos padrões do gelo.

O tempo pareceu se arrastar. Refletidas no espelho, as chamas oscilantes das velas se paralisaram. Flocos de neve estavam suspensos no ar, cintilando. Ela não sabia se era causado por Nathaniel, ou um tipo de magia completamente diferente.

Uma alegria intensa e urgente vibrou pelo seu corpo. Ela se sentia capaz de pular da janela e voar, flutuar muito acima dos telhados, imune ao frio. Fechou os olhos e se agarrou às costas de Nathaniel, perdida na sensação esmagadora da boca dele contra a pele dela.

Uma batida soou na porta.

Calor subiu ao rosto de Elisabeth quando os dois se levantaram de uma vez. Minutos antes, a porta estivera aberta. Silas devia tê-la fechado em algum momento e ela imaginou o que ele vira.

— Pode entrar — disse ela, ajeitando o roupão.

A porta abriu com um rangido. Como de costume, a expressão de Silas não indicou o que pensava. Ela instantaneamente sentiu-se boba por imaginar que, depois de séculos de vida entre humanos, ele seria capaz de se chocar com o comportamento dela e de Nathaniel.

— Senhor — disse ele. — Srta. Scrivener. Peço perdão por interrompê-los, mas vocês precisam me seguir imediatamente. Alguma coisa aconteceu com o Códex Daemonicus.

Por uma fração de segundo, Elisabeth congelou, os ouvidos zumbindo com as palavras de Silas. Em seguida, pulou de pé, quase derrubando a poltrona na pressa de pegar Demonizada, guardada no canto. Sem pensar duas vezes, saiu correndo.

Lacrimou. Tossiu. Uma névoa cobria o corredor e, quando ela chegou à escadaria, fumaça se erguia do saguão em nuvens gordurosas. O fedor azedo e inconfundível de couro queimado a sufocou. Ela estava vagamente ciente de Nathaniel e Silas, que a seguiam escada abaixo.

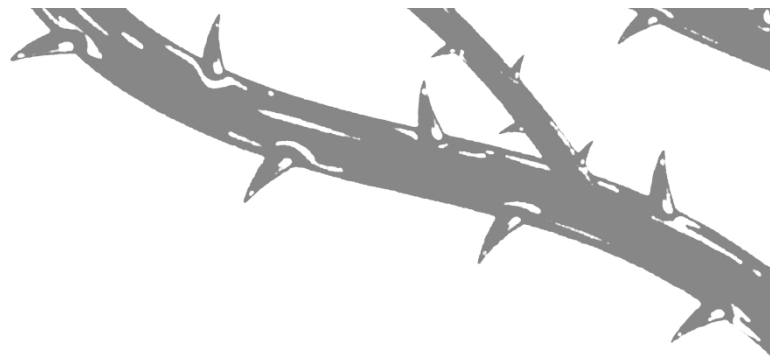
— Alguma coisa caiu no Códex? — gritou por cima do ombro, mentalmente pensando nas precauções tomadas.

Desde a noite em que o grimório se transformara em Malefict, ela tinha tomado cuidado para não o deixar próximo de velas. Talvez uma das poções do escritório tivesse explodido, ou um artefato mágico tivesse...

— Não, senhorita — respondeu Silas. — Até um instante antes estava tudo bem.

Elisabeth sentiu o estômago se revirar. Se o dano ao Códex não viera do lado deles, só podia significar uma coisa.

Ashcroft tinha conseguido entrar.



TRINTA

Quando Elisabeth chegou ao escritório, ela parou e apertou os olhos para enxergar através da fumaça que enchia a sala. O Códex flutuava vários centímetros acima da mesa de Nathaniel, as páginas abertas, escancarado em um ângulo tão obscuro que arriscava quebrar a própria lombada. Brasas dançavam pelas bordas das páginas e o couro da capa borbulhava como breu fervente.

Nathaniel apareceu ao lado dela, cobrindo o nariz com a camisa para se proteger da fumaça.

— Parece estar sendo torturado.

Era exatamente o medo de Elisabeth.

— Preciso entrar — falou, avançando na direção do grimório.

Ele segurou seu braço.

— Espere. Não fazemos ideia do que está acontecendo. Você pode ficar presa lá dentro.

Ele estava pálido. Arrependimento a atravessou como uma espada. Ela daria qualquer coisa para voltar no tempo, estar no quarto com ele, distante de preocupações.

— É verdade, mas não temos escolha. Se Ashcroft estiver torturando Prendergast, preciso impedi-lo, ou ao menos tentar.

Ele abriu a boca para discutir, mas ela não o escutou. Já tinha esticado o braço e agarrado o Códex, cuja capa queimou sua mão como um ferro quente mesmo através dos curativos, e o mundo começara a girar.

Ela apareceu na oficina de Prendergast com um baque, quase escorregando no chão molhado. A sala parecia ter passado por um terremoto. A mesa, virada de lado; o teto, rachado. Um tremor sacudiu a dimensão e potes escorregaram pelas prateleiras envergadas, estilhaçando-se no chão e espalhando o conteúdo gosmento.

Desta vez, ela não tinha ido sozinha. A mão de Nathaniel ainda segurava seu braço. Silas

também estava ali, segurando o punho de Nathaniel. Eles se entreolharam. Se Prendergast não os deixara entrar de propósito, não era mais capaz de afastá-los.

— Ah, que maravilha — disse Prendergast, fraco. — Mais visita. Peço perdão por não me levantar para oferecer um chá.

Ele estava jogado no chão entre as prateleiras tortas, como se alguém o tivesse arremessado ali no feitiço de um pano de chão usado. Elisabeth correu para mais perto. O rosto dele estava da cor cinzenta do mingau, contorcido de dor.

— O que aconteceu? — perguntou ela. — Cadê o Ashcroft?

Prendergast se desmantelou em um ataque de tosse. Quando se recuperou, ofegante, respondeu:

— Vocês acabaram de perdê-lo. Tivemos uma conversa deliciosa.

Elisabeth conteve a frustração quando mais tosse sacudiu aquele corpo magro.

— Me ajude a sentar, menina — ofegou ele, por fim. — Isso. Quero ver o que ele fez com minha... ah.

Ele se calou. Ela seguiu seu olhar. Ao redor da sala, brasas ardiam pelas beiradas quebradas das tábuas do chão, exatamente como as páginas do Códex. Cinzas rodopiavam no vazio.

— A dimensão está entrando em colapso — explicou Nathaniel para Elisabeth, aparecendo. — Não podemos ficar muito tempo por aqui. Só mais alguns minutos.

Prendergast arregalou os olhos.

— *Você*. Você é um Thorn.

Ele se virou para Elisabeth e cuspiu:

— Ficou louca, trazendo alguém como ele para cá? Faz ideia de quem ele é?

Nathaniel ficou tenso. Como reflexo, passou a mão pelo cabelo — para tentar esconder a mecha prateada, ela logo entendeu.

— Imagino que você não fosse amigo de Baltasar — disse Nathaniel.

Prendergast fez uma careta de desgosto.

— De forma alguma, que demônios o tenham. Aqueles entre nós que tinham a mínima noção nos afastamos o máximo possível. Nem Cornelius encostava nele. E você é igualzinho, menino.

Nathaniel parecia enjoado. Elisabeth não podia permitir que isso continuasse.

— Precisamos saber o que aconteceu — interrompeu. — Ashcroft vai voltar? Não sei por que ele teria ido embora, a não ser que...

Ela hesitou. Prendergast evitou seu olhar.

— A não ser que você tenha contado o segredo — concluiu ela.

— Em minha defesa — disse ele —, dor é consideravelmente mais persuasiva para quem não sente nada há séculos.

Ele se encolheu sob o olhar de Elisabeth.

— O que contou? Precisamos saber!

— Se acha que vou permitir que a verdade caia nas mãos de um Thorn...

— Não importa! Acabou! — gritou ela, resistindo à tentação de sacudi-lo até os dedos tremerem. — Tudo isso, tudo que você fez... — disse, indicando a oficina. — Tudo será em vão se não nos ajudar. Nathaniel veio impedir Ashcroft. Pode acreditar ou não, mas seu tempo está se esgotando. É sua última oportunidade de consertar tudo.

Prendergast abaixou a cabeça. Sua boca se retorceu em uma careta. Vários segundos se passaram antes que ele tomasse uma decisão.

— Prestem atenção — instruiu ele, amargo. — Não vou me repetir.

Ele arrancou seis anéis dos dedos ossudos. Sob o olhar perplexo de Elisabeth e Nathaniel, começou a arrumá-los no chão. Ela entendeu quando ele dispôs o último anel no devido lugar. Era uma forma que Elisabeth conhecia tão bem quanto a própria mão. Um anel no meio, cinco outros espalhados ao redor, equidistantes, em círculo.

— Que padrão eu fiz? — perguntou ele.

— As Grandes Bibliotecas — respondeu Elisabeth.

— Um pentagrama — respondeu Nathaniel ao mesmo tempo, com igual certeza.

Fez-se silêncio.

Elisabeth olhou de novo, desta vez mais atenta. Mentalmente, desenhou as conexões entre os anéis de Prendergast até formar uma estrela dentro do círculo. A forma *era* um pentagrama. Era também um mapa das Grandes Bibliotecas. Era as duas coisas.

Pavor a tomou de assalto, deixando Elisabeth sem ar.

— Sentido anti-horário — sussurrou ela.

Quando Nathaniel se virou para ela, Elisabeth continuou:

— Passei o dia incomodada com alguma coisa, desde que chegou o mapa de Katrien. Agora sei o que é. Os ataques nas Grandes Bibliotecas estão sendo feitos em sentido anti-horário. Knockfeld, Summershall, Fettering, Fairwater. Depois Harrows. O padrão me lembrou de quando acendi as velas para invocar Silas.

— Continue, menina — disse Prendergast, seus olhos escuros brilhando. — Quase lá.

Ela se voltou para ele e disse:

— Cornelius construiu as Grandes Bibliotecas.

— Sim. Ele as construiu na forma de um círculo de invocação.

Os pensamentos de Elisabeth estavam em alvoroço. Sentiu vagamente que ia vomitar. Não queria acreditar em Prendergast. Se ele estivesse falando a verdade, o Colégio tinha sido fundado com base na mentira mais sombria imaginável. A vida dela era uma mentira. A magia que corria em suas veias, a beleza e majestade das Grandes Bibliotecas... seria tudo para isso?

— Os Maleficts... — falou ela, hesitante, se forçando a continuar. — Ashcroft queria que eles fossem derrotados, não queria? Foi esse o objetivo da sabotagem. Ele os está usando no lugar de velas.

Prendergast assentiu.

— Um ritual desse tamanho pede mais do que cera e pavio. Quando destruídos, Maleficts emanam quantidades vastas de energia demoníaca. Posicionando um sacrifício dessa natureza

em cada ponta do pentagrama, ele consegue poder suficiente para uma invocação maior, rompendo o véu.

Elisabeth apertou as unhas na palma das mãos. Mais uma vez, sentiu o esforço de enfiar *Demonicida* no Livro dos Olhos, viu as gotas de tinta escorrerem ao virar a lâmina. Uma parte crucial do plano de Ashcroft cometida por suas próprias mãos.

— Mas *por quê?* — interrompeu Nathaniel. — Por que criar um círculo tão grande? Pentagramas normais funcionam perfeitamente bem. Não há motivo para...

Ele parou, apertando os olhos para encarar Prendergast.

— Ashcroft precisava tirar alguma coisa de você para completar o ritual — falou. — O que era?

Prendergast retribuiu o olhar de Nathaniel. Seu rosto era marcado por animosidade.

— Um nome. É isso que guardo há tantos anos.

— Um nome — repetiu Nathaniel, sem emoção.

— Você conhece demônios menores, capetas, duendes, os súditos mais baixos da sociedade demoníaca. Conhece também os demônios nobres que os comandam, como o seu demônio ali. No entanto, os demônios nobres também são comandados por alguém. O trono do Outro-mundo pertence a um ser de poder quase ilimitado... uma criatura chamada de Arconte.

Nathaniel e Elisabeth se voltaram para Silas ao mesmo tempo. O rosto dele era inescrutável como uma estátua de mármore, mas os olhos amarelos, concentrados em Prendergast, pareciam brilhar com luz fria. Quase imperceptivelmente, ele assentiu. Prendergast falava a verdade.

Um sorriso infeliz retorceu a boca de Prendergast.

— Cornelius e eu éramos amigos íntimos... ou eu achei que fôssemos. Conte para ele das minhas viagens ao Outromundo. Teorizamos que o verdadeiro nome do Arconte poderia ser usado para invocá-lo, desde que o feiticeiro fosse capaz de organizar um ritual à altura, o que não acreditei ser possível. Por muitos anos, o assunto nunca mais surgiu entre nós. Até que, certo dia, ele me pediu o nome do Arconte. Nessa época, ele já tinha começado a construir as Grandes Bibliotecas. Quando entendi o que ele estava planejando, me recusei a contar e ele se enfureceu. Até aquele momento, acho que ele esperava mesmo que eu pudesse ajudá-lo. Ele via o Arconte como um recurso que poderia ser explorado e controlado para aperfeiçoar a humanidade...

— Progresso — murmurou Elisabeth.

Como ela tinha sido ignorante, tinham sido todos, ao brindar o plano de Ashcroft.

— Arrogância — corrigiu Prendergast. — Não há como controlar um ser como o Arconte. Mesmo assim, o herdeiro de Cornelius vai tentar invocá-lo. Hoje.

Ela olhou para Silas.

— O que vai acontecer se ele conseguir? — perguntou.

— Se o Arconte tiver permissão para entrar no domínio humano, seu poder destruíra o véu que separa nossos mundos — explicou Silas, apertando os lábios. — Demônios ficarão à solta, entregues ao prazer de chacinar vocês.

Ela se levantou tão rápido que ficou tonta.

— Precisamos impedi-lo — disse, virando-se para Nathaniel em apelo.

O desamparo que viu nos olhos dele revirou seu estômago.

— Até a força da Cátedra inteira levaria horas para quebrar as barreiras de Ashcroft. Não temos tanto tempo. Até lá, ele terá acabado o ritual.

— Então vocês devem ir diretamente a Harrows — disse Prendergast — para impedir o último sacrifício.

— Mas a viagem leva três dias — protestou Elisabeth.

— Não necessariamente.

Prendergast se segurou na prateleira mais próxima para se impulsionar até ficar de pé. Ele se enfurnou entre as estantes, aos tropeços, passando os dedos pelos potes, caveiras e livros espalhados e derrubados por ali. Finalmente, puxou uma corrente, na ponta da qual se encontrava uma pedra de ônix. Não, não era uma pedra: era um frasco redondo de cristal repleto de sangue.

— Só eu descobri o modo de viajar entre dimensões, de dobrar a realidade como uma tapeçaria juntando um local ao outro. A magia vive no meu sangue. Visto que não possuo mais forma física verdadeira, esta amostra é tudo que resta — disse ele, contorcendo o rosto em amargor. — E cá estou, prestes a entregá-la a um Thorn.

Elisabeth não aguentou a desconfiança desenhada em seu rosto.

— Nathaniel não é Baltasar — soltou. — Juro que ele é diferente.

Prendergast a olhou, azedo.

— O sangue é suficiente para transportar vocês três a Harrows e para voltar — falou ele, jogando o frasco para Nathaniel, que o pegou com uma mão só, assustado. — Use com cuidado, garoto. Vai ter seu custo.

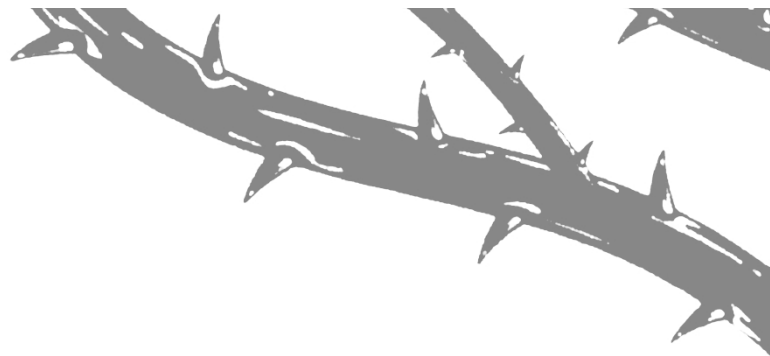
Nathaniel passou a corrente pela cabeça e Prendergast se afastou, mancando. Ele ajeitou uma cadeira e olhou para a mesa derrubada com tristeza. Elisabeth endireitou a mesa no lugar, mesmo sabendo que não adiantaria. As brasas já tinham comido mais uns metros de chão. Em meros minutos, a seção onde se encontravam seria consumida e a mesa cairia no vazio.

Outro tremor sacudiu a oficina. Madeira rangeu e mais potes se estilhaçaram ao redor. Os dedos de Prendergast agarraram o espaldar da cadeira com espasmos.

— E você? — perguntou ela. — Podemos te levar junto?

Ele sacudiu a cabeça. Lentamente, como se cada articulação causasse dor, ele se instalou na cadeira, de frente para a escuridão que se aproximava.

— Vá, menina — disse, rouco. — Meu tempo acabou. Reze para que o seu fim seja melhor.



TRINTA E UM

Elisabeth caiu. Imagens voaram ao seu redor como cenas vislumbradas pela janela de uma caruagem em debandada. Colinas escuras. Árvores destacadas contra o céu noturno. Campo estendendo-se sob a lua crescente. Vistas estranhas, como a floresta de galhos cinzentos e retorcidos em meio à névoa, ou a ruína recoberta por flores luminosas. Não estavam voando pelo domínio mortal nem pelo Outromundo, mas por algum lugar entre eles.

Ela não podia fechar os olhos. Neste espaço oco, não sentia vento, nem respiração, só a pressão da mão de Nathaniel agarrada à dela, acompanhada da sensação infinita de queda.

Finalmente, vento golpeou seu corpo. Arrancou o ar de seu peito, agitou o cabelo com força. Frio a penetrou até os ossos. O chão sob seus pés cambaleava como se estivesse tonta de tanto girar; as estrelas acima rodopiavam também.

Ela tropeçou, mas sua bota só encontrou ar vazio. Um braço cercou sua cintura e a puxou de volta. Pedras desmoronaram da beira da rocha onde ela estivera um segundo antes, mergulhando em silêncio nas árvores lá embaixo. Os três tinham aparecido em um penhasco. Chocada, ela encarou a queda atordoante enquanto Silas os arrastava para longe do precipício.

— Parecemos estar no lugar certo — comentou ele —, mas talvez o senhor queira tomar mais cuidado com a precisão na viagem de volta.

Nathaniel riu, uma gargalhada transloucada. Em seguida, se curvou e vomitou. As agulhas de pinheiro sob seus pés foram atingidas por um líquido escuro.

— O sangue não é dele, srta. Scrivener — disse Silas, quando ela gritou de susto.

Ele guiou Nathaniel a uma pedra e o sentou com firmeza antes que ele caísse.

Claro. O frasco pendurado contra o peito de Nathaniel estava pela metade, a porção superior do cristal melada de vermelho viscoso. Para usar a magia de Prendergast, precisara bebê-lo. Ele tinha explicado os princípios do feitiço quando pularam do Códex desintegrando de volta ao escritório, correndo para enfiar botas e casacos por cima dos pijamas. Era magia de sangue,

estritamente proibida pela Reforma, o que ele declarara alegremente demais para Elisabeth ao levar o frasco à boca.

— Tudo bem? — perguntou ela, com uma pontada de náusea misturada ao alívio.

Nathaniel sorriu para ela, apesar de ainda parecer um pouco doente.

— Não se preocupe, já engoli substâncias muito piores. Um dia, por exemplo, fui expulso e banido permanentemente das terras de um lorde depois de...

— Vamos deixar essa história para outro dia, senhor Thorn — interrompeu Silas, ignorando a careta de Nathaniel. — Se minha memória não falha, a Estrada de Tinta cruza esta colina e a Grande Biblioteca fica a menos de quatrocentos metros. Vocês chegarão em meros minutos.

— Você não vem com a gente? — perguntou ela.

— Sou um demônio, srta. Scrivener — respondeu ele, baixinho.

Ela olhou para as próprias mãos, fechadas em punho. Silas lutara contra Ashcroft com tanto afinco quantos eles. No entanto, se fosse junto, os guardiões tentariam matá-lo imediatamente. A injustiça a enojou.

Ele fez uma pausa, observando sua expressão.

— Vou acompanhá-los até a estrada. Deve ser seguro, desde que eu não seja visto.

Eles passaram mais alguns momentos se recuperando antes de Silas sumir entre as árvores. Elisabeth achou ter visto aonde ele fora: um galho trêmulo, uma mancha branca que podia ser o pelo de um gato. Ela ajudou Nathaniel a se levantar, com um olhar preocupado quando ele tropeçou. A própria tontura já tinha passado, mas ela só experimentara a magia de Prendergast em segunda mão. Nathaniel nem devia ter saído da cama, para começo de conversa.

Um tapete macio de agulhas de pinheiro amortecia seus passos descendo a colina, passando por árvores nodosas e pedras que surgiam da terra como ossos quebrados. Acima deles, a serra denteada de Elken spine se erguia a uma altura estonteante, seus cumes impecavelmente brancos, imponentes contra o céu noturno. Neve descia deles como flâmulas, esvoaçando ao vento. Elisabeth estremeceu. O vento que rasgava os galhos parecia uivar a solidão e o isolamento da paisagem; suas orelhas já ardiam de frio.

À frente, luzes cintilavam, piscando entre os galhos grossos de abetos. Foi o primeiro vislumbre que Elisabeth teve da Grande Biblioteca. Quando chegaram à estrada e a vista foi liberada, os dois pararam de caminhar.

Precisaram levantar a cabeça para ver a estrutura inteira. Se erguia aos céus como uma fortaleza preta, entalhada diretamente na base da montanha. A luz das lamparinas queimava por trás dos vitrais altos e arqueados, janelas trancadas por grades de ferro. Tochas pingavam ao longo da muralha que cercava a fachada, tão alta que Elisabeth não enxergava ninguém da patrulha, apesar de saber que havia guardiões lá em cima, atentos.

Cautelosamente, continuaram o caminho. Barricadas tinham sido erguidas na estrada, completas com estacas de metal apontadas para fora. Ela e Nathaniel trocaram um olhar. As barricadas não eram feitas para manter os grimórios lá dentro, mas para manter as pessoas lá fora. A biblioteca era equipada para sobreviver ao estado de sítio.

Quando acabaram de percorrer as barricadas, o som de seus passos ecoou da muralha como um aviso. Elisabeth não viu sinal de portão ou acesso nas placas de ferro cobertas de rebite que compunham a parte externa, assomando acima deles.

— Oi? — gritou ela. — Tem alguém aí?

A voz ecoou, quicando entre as ameias altíssimas, um som fraco e desolado. Por um momento fez-se silêncio. Então, uma cacofonia retumbante de estrondos e rangidos a respondeu: a fricção de engrenagens acordando uma maquinaria imensa enterrada na muralha. O chão tremeu. Um movimento no alto da barreira chamou sua atenção: canhões, abaixando para mirar. Pensando melhor, *canhão* era uma palavra inadequada. O tamanho da boca das armas era suficiente para uma pessoa entrar.

Horrorizada e tensa, ela perguntou:

— Não vão atirar na gente, né? Nathaniel?

Os olhos dele estavam fechados, o rosto calmo, os lábios se movendo sem som sob o tumulto das máquinas. Ela sentiu os ouvidos estourarem quando o ar se encheu de umidade pesada. Olhando para cima, viu o céu acima da Grande Biblioteca ferver de nuvens, acesas em um tom ameaçador de verde.

Silhuetas pularam para longe dos canhões quando um raio atingiu a muralha, quase as eletrizando. As máquinas pararam de uma vez. Abriu-se uma janelinha acima da cabeça deles, de onde dois olhos os encararam. Um guardião.

— Identifique-se, feiticeiro! — gritou ele.

— Excelente — disse Nathaniel, alegre. — Chamei sua atenção. Eu sou o catedrático Nathaniel Thorn e esta é a srta. Elisabeth Scrivener. Nossa reputação nos precede, sem dúvida. Viemos trazer um aviso urgente ao Diretor.

Se os nomes tiveram qualquer efeito no guardião, ele não indicou. Na verdade, ainda parecia preferir matá-los a conversar.

— Ninguém pode entrar nem sair da biblioteca. Catedráticos não são exceção. Vão embora, ou vamos atirar.

— Espere — disse Elisabeth.

Ela puxou a corrente no pescoço e levantou a chave-mestra até ser visível na luz. Pensou na conversa que ouvira entre a sra. Wick e o Diretor da Biblioteca Real.

— Prometo que o diretor Hyde quer nos ver — declarou ela.

O guardião arregalou os olhos ao ver a chave-mestra e ainda mais à menção do nome do Diretor. Como supunha Elisabeth, o nome só era conhecido por um grupo seletivo. Para a maior parte das pessoas, era só “o Diretor”. Com sorte, o guardião suporia que ela estava ali como autoridade do Colégio.

Antes que perdesse a coragem, ela continuou:

— Sabemos que o sabotador planeja atacar hoje. Viemos impedi-lo — explicou, de repente inspirada. — Eu trago Demonizada, a espada da antiga Diretora de Summershall.

— Mostre-a.

Elisabeth afastou o casaco, permitindo que a luz das tochas se refletisse nas granadas de Demonícida. Ela esperava que Irena compreendesse o uso da espada.

O olhar do guardião passou dela para Nathaniel. Finalmente fechou a janela. Engrenagens voltaram a ecoar, mas desta vez não moviam os canhões. Uma placa de ferro deslizou para o lado, revelando um rastrilho na base da muralha.

— Entrem — comandou a voz do guardião.

Depois de certa hesitação, eles obedeceram. Engrenagens gigantescas, do tamanho de rodas, trabalhavam atrás deles para a parede voltar ao lugar. Ficaram presos entre a muralha e o rastrilho, em uma espécie de cela de prisão a céu aberto. O espaço fedia a graxa e era grande o suficiente para uma carruagem e uma equipe completa de cavalos. A julgar pelas marcas gastas no chão, era frequente. Todos que entravam ou saíam da Grande Biblioteca deviam parar ali para serem inspecionados.

Do outro lado da grade, a luz das tochas lambia um pátio sombrio. As lajes eram cobertas por uma crosta do que Elisabeth inicialmente acreditou ser gelo, mas logo entendeu que deveria ser sal.

Eles aguardaram vários minutos, mudando o peso de pé em pé para se aquecer. Finalmente, o guardião apareceu do outro lado do rastrilho.

— O Diretor aceitou vê-los, mas sob certas condições: nada de armas e vocês precisam usar grilhões — disse ele, olhando para Nathaniel e erguendo correntes e algemas tilintantes. — De ferro.

Nathaniel fez uma careta.

— Vão me impedir de usar feitiçaria — explicou para Elisabeth, baixinho.

Mais alto, respondeu:

— Certo. Aceitamos.

Já que Nathaniel estava disposto a aguentar a perda da magia, ela não ia causar um escândalo por ser obrigada a entregar Demonícida. No entanto, sentiu uma resistência puramente física ao tentar fazê-lo. Sua mão se recusava a soltar a espada e o guardião precisou puxá-la, causando dor na palma ferida, antes que os dedos permitissem o gesto. Ele entregou os pertences deles a um segundo guardião, que sumiu nas sombras. Finalmente, Elisabeth e Nathaniel se viraram e deixaram que algemasse as mãos atrás das costas.

O rastrilho se ergueu com um rangido.

— Sigam-me — disse o guardião.

As correntes das algemas tilintaram quando eles passaram entre dois anjos mórbidos de obsidiana que guardavam a porta. O vento foi abruptamente cortado quando atravessaram a entrada, substituído por um silêncio poeirento de gemidos e murmúrios de papel. Umas lamparinas a óleo faziam pouco para dissipar a escuridão opressora da biblioteca. A maior parte da luz entrava pelos vitrais compridos, decorados com cenas montadas de tons lúgubres de cinza e vermelho, pintando as estantes altas e pretas de estilhaços de luar. Um bibliotecário de rosto severo os olhou de relance antes de se enfurnar no labirinto dos corredores, fazendo farfalhar o manto

manchado ao redor dos pés. Elisabeth ouvira por aí que bibliotecários consideravam uma vaga em Harrows como castigo, não privilégio. Não era difícil entender o porquê.

Não havia nada da atmosfera calorosa e acolhedora que indicaria a presença de grimórios amigáveis e bem tratados. Em vez disso, prevalecia uma sensação úmida de vigilância e o ar fedidia a mofo e lustra-móveis. Diferente das outras Grandes Bibliotecas, nenhum grimório estava exposto; todas as estantes eram mantidas atrás de uma grade de ferro. Sibilos furiosos soavam das prateleiras conforme eles andavam. Ela se sentia atravessando um tribunal escuro, sob a censura dos juízes escondidos.

— Não temos nenhum grimório abaixo de Grau Quatro — explicou o guardião, vendo a expressão de Elisabeth. — Só textos de segurança máxima por aqui — acrescentou, soando orgulhoso.

Sem aviso, um tremor percorreu os azulejos de mármore sob suas botas. Mais engrenagens, imaginou, até que um uivo abafado subiu do chão — um som que não era humano, tampouco máquina.

Nathaniel ofegou.

— O que foi isso?

— Malefict preso nas masmorras. Grau Oito.

O guardião sorriu de forma desagradável, nitidamente satisfeito pela rara oportunidade de ensinar a um feiticeiro.

— Guarda a entrada do cofre — explicou. — Às vezes o usamos para treinar.

O comentário perturbou Elisabeth, mas ela não ousou opinar. Eles subiram uma escadaria estreita em espiral, soturna e barulhenta, e saíram em um corredor igualmente estreito e tenebroso, ao fim do qual o guardião bateu em uma porta, a abriu e se afastou.

Enquanto entravam, o guardião tocou o braço de Elisabeth. Ela se assustou, mas, depois de olhar com hostilidade para Nathaniel, ele só murmurou:

— O Diretor não ouve bem. Ajuda se ele puder ler seus lábios.

O conselho foi baixo, só para os ouvidos dela. Elisabeth demorou um instante para entender o motivo. Nathaniel era um feiticeiro, um intruso, indigno de confiança. Ela não podia explicar a onda de raiva que sentiu pelo guardião em resposta. Há pouco tempo, ela acreditava nas mesmas coisas que ele, mas não queria ser aliada e confidente deste homem, nem mesmo mentalmente, e deixar Nathaniel de fora.

Fogo baixo ardia na lareira da sala, dourando cabeças de veados, lobos e javalis montadas nas paredes, cujas placas ocupavam quase todo o espaço disponível. A silhueta de pé à frente da lareira chegava a parecer uma fera também: alta e larga, com uma pele espessa cobrindo os ombros do uniforme de guardião. Vento sacudia o batente solto da janela da torre, deixando entrar lufadas que bagunçavam os papéis na mesa.

Ela e Nathaniel esperaram à porta, como crianças chamadas à diretoria da escola, na espera de que o diretor Hyde se virasse. Nathaniel se mexeu um pouco, incapaz de esconder a impaciência.

Finalmente, o Diretor falou. A voz grave e retumbante lembrava um urso.

— A Grande Biblioteca de Harrows nunca foi invadida, por homem nem grimório, nos trezentos anos desde que foi esculpida na montanha. Sobreviveu a tempestades e quebrou todos os cercos trazidos às suas portas. Vocês dizem que hoje haverá um ataque. Como podem saber uma coisa dessas e por que eu devo acreditar?

Antes que ela pudesse impedir, Nathaniel deu um passo grande na direção da mesa.

— Senhor, o guardião sem dúvida deu nossos nomes. Dado o atentado do Chanceler contra nossas vidas e o envolvimento anterior da srta. Scrivener...

Uma tábua rangeu quando o diretor Hyde se virou. Nathaniel parou de falar e Elisabeth congelou. O rosto de Hyde era mais cicatriz do que pele, lacerado por marcas de garras brutais às quais Elisabeth acharia ser impossível sobreviver. No meio da paisagem de carne destroçada, os olhos eram vivos, duros e, acima de tudo, desconfiados. O olhar percorreu a boca de Nathaniel. Ele se virara rápido o suficiente para ouvir, ou ver, o fim.

— O que falou do Chanceler de Magia? — rosnou.

A princípio, a pergunta não fez sentido. Finalmente, fazendo um rápido cálculo mental, Elisabeth sentiu o coração pesar. Ela se virou para Nathaniel.

— Claro que o guardião não reconheceu nossos nomes — disse ela, baixinho. — Eles não receberam as notícias. O Colégio deve ter enviado um mensageiro para todas as Grandes Bibliotecas imediatamente, mas ele só chegará a Harrows hoje à noite.

Desconfortável, ela olhou para Hyde de novo.

— Eles não sabem de Ashcroft — acrescentou.

— Desgraça. Não pensei nisso. Se tivéssemos trazido um jornal...

Nathaniel pigarreou e continuou, em voz mais alta:

— Diretor, permita-me explicar. Chanceler Ashcroft é um traidor. Anteontem foi desmascarado como sabotador.

Hyde olhou de um lado para o outro, absorvendo a tranquilidade da conversa. “Estamos sendo íntimos demais”, entendeu ela. Nenhuma bibliotecária respeitável falaria com um feiticeiro como ela fizera, muito menos com um catedrático. Como se fosse amigo... íntimo. Entretanto, isso certamente não importava tanto quanto a notícia que traziam. Certamente, Hyde os levaria a sério...

— Scrivener — disse ele, finalmente. — Conheço seu nome. Você é da Grande Biblioteca de Summershall.

Ela assentiu, apertando o maxilar para conter um tremor de medo.

— O Chanceler me manteve prisioneira em sua mansão — explicou. — Enquanto eu estava lá, ouvi seus planos. O resto da história é complicada, mas Nath... catedrático Thorn diz a verdade. Um mensageiro do Colégio chegará em breve para confirmar tudo.

— Tudo, inclusive o ataque iminente a esta biblioteca?

Nathaniel olhou para Elisabeth antes de responder. Sua expressão se tornava cada vez mais resguardada.

— Não, descobrimos isso sozinhos e viemos imediatamente. Não tivemos tempo de alertar o Colégio. O Chanceler está sacrificando grimórios como parte de um ritual. Posso garantir que não é exagero dizer que o destino do reino inteiro está em jogo.

— Por favor, Diretor — interrompeu ela. — Harrows é a última etapa do plano do Chanceler. O senhor já sabe que o sabotador provavelmente viria para cá em seguida, dado o padrão dos ataques. Ele pode estar infiltrando a biblioteca agora mesmo.

Pareceu a coisa errada a dizer. Hyde deu uma volta na mesa, seu peso fazendo o chão ranger. A sombra cresceu sobre ela, gelada como o vento da janela. Quando ele se pronunciou, sua voz era perigosamente baixa.

— E como vocês conseguiram chegar a Harrows mais rápido do que os mensageiros mais ágeis do Colégio? Não você, catedrático Thorn. Quero que Scrivener me responda.

Ela engoliu em seco.

— Magia — disse ela, voz tremendo só um pouco. — Usamos magia.

O rosto dele se fechou.

— Quer dizer que mexeu com feitiçaria, Scrivener?

Ela não podia voltar atrás. Ergueu o rosto, encontrando o olhar do Diretor.

— Sim — respondeu. — E o faria de novo se necessário.

Com o punho, ele agarrou a frente da capa dela, amassando o tecido entre os dedos enormes e machucados, e a levantou do chão.

— Solte-a! — mandou Nathaniel.

Seguiu-se um barulho confuso de correntes; ele tinha pulado em Hyde, mas sido impedido pelo guardião em sentinela.

O Diretor não deu atenção a Nathaniel. Seu olhar percorria o rosto de Elisabeth a meros centímetros de distância, cheios de nojo. Vergonha queimava dentro dela, tão verdadeira e fisicamente dolorida quanto o açoite de um chicote, mas ela não desviou o olhar. Os ensinamentos do Colégio ainda tinham poder sobre ela; talvez tivessem para sempre. Ela crescera ao redor deles, como uma árvore ao redor do prego, levando a parte externa ao cerne de seu ser, por mais venenosa que fosse. No entanto, não tinha passado por tudo aquilo, lutado e sofrido, para ceder à vontade deste homem como uma aprendiz de castigo.

— Você foi corrompida — rosnou ele.

— Se for verdade — disse Elisabeth —, fomos todos, desde o início. Você sabe que as bibliotecas a que servimos foram construídas por um feiticeiro. Já se questionou por quê?

A resposta foi uma carranca. Óbvio. Este homem não questionava. Ele passou a vida seguindo ordens até se tornar a pessoa que ordenava, uma engrenagem idêntica à anterior para que a máquina da biblioteca funcionasse exatamente como funcionava há séculos.

Mesmo assim, ela não podia abandonar a esperança de convencê-lo.

— Já viu um círculo de invocação, Diretor? — insistiu ela. — Não... não deve ter visto, mas certamente pode imaginar...

— Silêncio!

Cuspe atingiu seu rosto. Ela engasgou nas palavras, obedecendo como resultado do choque quando o Diretor ergueu a outra mão e, com força, puxou uma mecha de seu cabelo. Tarde demais, ela entendeu o que ele procurava e o que encontrara. Fios prateados brilhavam entre os dedos nodosos.

— Você carrega a marca de um demônio — rugiu ele.

Silêncio. Um silêncio apavorante, em meio ao qual ouviu a respiração ofegante do guardião.

— Diretor — interveio Nathaniel com rispidez, a voz tomada por pânico sincero —, falo com toda minha honra ao dizer que a mente da srta. Scrivener continua sendo inteiramente dela, que esta situação é muito mais complicada do que você pode...

Ele parou com um grunhido, como se o guardião o tivesse calado com uma joelhada no estômago.

Elisabeth mal escutou. “Tarde demais, tarde demais, tarde demais.” Se pelo menos tivesse se lembrado de cortar a mecha prateada...

O rosto de Hyde se retorceu de repulsa. Com força, ele a arremessou ao chão, longe. Ela caiu de mau jeito e gritou quando as algemas estalaram contra suas costas.

— Elisabeth!

— Não ouvirei nenhuma dessas mentiras — declarou o Diretor. — Você é uma desgraça para o Colégio, menina. Corrompida. Imunda. Carcomida por demônios.

Cada palavra a atingiu como um chute na boca do estômago.

— Você enlouqueceu? — rugiu Nathaniel. — Ela arriscou a própria vida para vir até aqui! Ela está tentando te *salvar*, seu imbecil!

Hyde se virou com agilidade.

— E você, sem dúvida o responsável por arrastar a garota à escuridão. Já vi demais desta cena vil.

Para o guarda, acrescentou:

— Leve-os às masmorras. Eles não são confiáveis. Só o tempo dirá se falaram a verdade ou se estão envolvidos na sabotagem.

Através da névoa desolada, Elisabeth sentiu o guardião puxá-la de pé e empurrá-la pela porta. A julgar pela tempestade de xingamentos que se seguiram, Nathaniel era tratado da mesma forma. Ela nunca o ouvira tão furioso. O ar tinha até um leve perfume de feitiçaria, como se a raiva quase bastasse para superar o ferro.

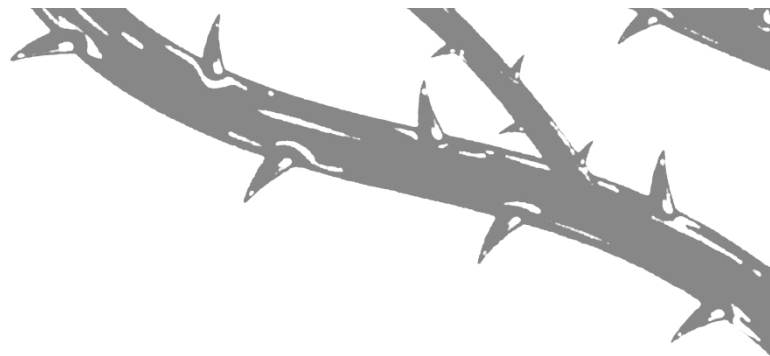
Eles foram levados de volta pela escadaria em espiral, pelas prateleiras de antes, por mais alguns andares, até ela tropeçar nas pedras desiguais de um túnel de masmorra, evitando olhar para as tochas crepitantes. Metal retiniu com estrondo e ela foi empurrada para dentro da cela, vazia exceto pelo balde no canto e um montinho de feno no chão. Nathaniel foi empurrado com tanta força que caiu de joelhos, sem conseguir se apoiar, já que as mãos estavam algemadas. A porta da cela foi fechada com força.

O guardião parou, antes de ir embora, ele observou Elisabeth, sem expressão, segurando o punho da espada.

— Não é tarde demais para impedir — disse ela, juntando forças. — Ainda há tempo...

— Não falo com traidores — interrompeu ele.

Sem mais uma palavra, ele se foi, as botas ecoando pelo corredor até o silêncio.



TRINTA E DOIS

Por um momento, Elisabeth ficou paralisada, chocada demais para reagir. Em seguida, se jogou contra a grade. Virou de costas e as apalpou com as mãos algemadas, tentando encontrar alguma parte solta do metal, argamassa rachada, dobradiça enferrujada — qualquer coisa que pudesse usar para escapar dali. Ela era mais forte do que uma pessoa comum. Se encontrasse um ponto fraco...

— Elisabeth, pare.

Nathaniel podia estar até falando outra língua. Ela rangeu os dentes e puxou com mais força, mesmo que fazê-lo causasse uma pontada de dor na mão machucada. Ela foi tomada por loucura e selvageria, o corpo inteiro consumido, como acontecera ao atacar o capeta no pavilhão, ou ao destruir todos os espelhos da casa de Nathaniel.

Depois desta noite, ela nunca mais poderia entrar em uma Grande Biblioteca, mas isso não importava porque, se Ashcroft fosse bem-sucedido, nem haveria mais bibliotecas. Ela não sabia com quem estava mais furiosa: Ashcroft ou o diretor Hyde. Pensar que o mundo poderia desmoronar em ruínas devido às decisões de um único homem mesquinho no poder... que bastava isso para condená-los...

— Elisabeth! — exclamou Nathaniel.

Ela se virou para ele de uma vez, lembrando, com gloriosa clareza, que o guardião não confiscara o frasco de Prendergast.

— Consegue usar para nos tirar daqui? — perguntou ela.

Ele estava ofegante, olhando para ela. Levou um momento para entender ao que ela se referia.

— Não — respondeu. — Não enquanto estiver preso por ferro. Olha... — continuou, mas ela o interrompeu, voltando para as barras.

— Já era mais de meia-noite quando lutamos contra Ashcroft — falou ela. — O Colégio

não tem como ter mandado um mensageiro antes disso. Ele só vai chegar daqui a várias horas.

“Estaremos presos nas masmorras quando o reino arder em chamas.”

— Elisabeth. Você está se machucando.

— Não estou.

Depois daquela primeira pontada, ela se sentira bem.

Nathaniel se forçou entre ela e a grade antes que ela continuasse.

— Olhe para as suas mãos — disse ele, com uma expressão estranha.

Ela se contorceu para olhar por cima do ombro, levantando as mãos o melhor que podia dentro dos limites das algemas. A luz fraca da tocha no corredor desenhava sua pele e ela viu que Nathaniel estava certo. Sangue escurecia a palma do curativo. Ela tinha praticamente arrancado fora duas unhas.

— Sente-se — disse ele, empurrando-a com o ombro na direção dos fundos da cela. — Descanse por um momento.

Relutante, ela o seguiu aos tropeços.

— Nunca descobrimos como Ashcroft tem organizado os ataques. Se ele está trabalhando com um capanga, ou... — parou, perturbada por saberem tão pouco. — Precisamos nos preparar para qualquer coisa.

— E você não estará preparada para nada se acabar machucada de tanto brigar contra uma grade. Honestamente, Scrivener. Não precisamos fugir. Silas virá nos resgatar.

Silas. Ela tinha esquecido.

— Como ele sabe que precisamos de ajuda?

— Ele só sabe. Sempre sente quando eu me meto em confusão.

Nathaniel fez uma careta, descendo contra a parede e se sentando em um ângulo desconfortável por causa das mãos algemadas, encostando o ombro na pedra.

— Às vezes suspeito que Silas simplesmente acredite que, sem ele por perto para ser a voz da razão, é inevitável que eu acabe em algum problema — continuou —, mas prefiro dar crédito à intuição sobrenatural.

As garras da culpa penetraram seu corpo. Nathaniel devia estar descansando, não ela. Preocupada, ela se agachou ao lado dele. Um momento depois, ele deslizou um pouco para o lado até encostar o ombro no dela.

A energia frenética escoou de seus músculos, deixando-a cansada e com frio. O único som no silêncio subterrâneo das masmorras era o da respiração dos dois. Ela se lembrava bem do silêncio de Summershall — como era opressor, como confundia sua cabeça. Nem conseguia imaginar quão pior seria ficar presa sozinha naquele lugar, sabendo que o cofre mais restrito do reino escondia-se ali por perto em meio ao labirinto de pedra, cheio de habitantes adormecidos com poder suficiente para destruir cidades inteiras caso fossem soltos...

Elisabeth prendeu a respiração.

— O que foi? — perguntou Nathaniel.

Ela se virou para ele.

— O grimório que Baltasar escreveu... se chama Crônicas dos Mortos?

Ele retesou os músculos. Seu rosto parecia fantasmagórico, os olhos poças escuras na luz fraca da tocha. Por um momento, ela achou que não receberia uma resposta. Até que, finalmente, ele assentiu.

Elisabeth não queria contar, mas era necessário.

— Está aqui. Em Harrows. Foi transferido em segredo na noite em que roubei o Códex. Nathaniel ficou de pé em uma explosão.

— Por que não me contou?

— Esqueci. Tinha muitas outras preocupações na hora.

Seu peito se retorceu de infelicidade quando viu Nathaniel dar de costas para ela, andando em círculos pela cela. Hesitante, ela perguntou:

— Quanto você conhece das Crônicas?

Nathaniel parou de andar de repente, olhando para o corredor. Quando falou, sua voz soou rígida.

— Contém o feitiço que Baltasar usou para erguer o exército, entre outros rituais de necromancia. Quanto aos poderes que manifestaria como Malefict, essa é a área de conhecimento de bibliotecários, não minha.

Em silêncio, ela esperou. Ele estava guardando algum segredo. Finalmente, ele encostou a testa na grade e continuou:

— Meu... meu pai leu. Para se preparar. Ele não era exatamente o mesmo quando voltou. Nunca fui capaz de decidir exatamente o que tinha mudado. Às vezes achava que ele parecia ter trazido alguma coisa junto. Em outras, parecia que ele tinha deixado parte dele para trás.

Ela analisou o rosto de Nathaniel, os traços marcantes de seu perfil.

— Desculpa.

— Por quê?

“Por tudo”, pensou.

— Eu te arrastei para essa história — disse ela. — Você não estaria aqui se não fosse por mim.

— Verdade. Estaria sozinho no escritório, inteiramente infeliz, passando minhas últimas horas sem saber que demônios estavam prestes a dominar o mundo.

Ele voltou e caiu ao lado dela, inclinando a cabeça contra a pedra.

— Prefiro esta versão — continuou. — A que tem você.

— Mesmo que a gente morra?

Ele fechou os olhos.

— O último mês foi o período mais feliz da minha vida desde os meus doze anos, sem contar os capetas, o sangue que bebi e a ameaça iminente de um apocalipse demoníaco. Acho... acho que eu já estava um pouco morto antes de você aparecer — falou ele, virando a cabeça para olhá-la. — É uma honra lutar ao seu lado, Elisabeth, pelo tempo que for. Você me lembrou de viver. Vale a pena ter o que perder.

Elisabeth engoliu em seco. Ela não tinha o que dizer; só conseguia pensar em como era intolerável um dia ter achado aquele rosto cruel. Impulsivamente, ela se curvou e encaixou a cabeça no peito dele. Depois de um instante, ele encostou o queixo no cabelo dela. Elisabeth ficou ali, no escuro, ouvindo o batimento do coração de Nathaniel.

O momento se estendeu, o tempo impossível de calcular, e seus pensamentos se estenderam juntos, indo longe. Ela imaginou a Grande Biblioteca de cima, as tochas derretidas e torres pretas altíssimas muito acima do mato.

Quanto tempo levaria para Silas encontrá-los? Ela não compartilhava com certeza a confiança de Nathaniel. A segurança ali era maior do que qualquer coisa que já vira. Mesmo que Silas pudesse escalar a muralha física que cercava o prédio, era forrada de ferro e vigiada por guardiões. Isso era só o começo; em seguida, ele precisaria se esgueirar pela biblioteca e atravessar os inúmeros portões de ferro trancados levando às masmorras.

Depois de esperar pelo que pareceram horas, ela se sentou.

— Você não acha que Silas foi pego, acha? — perguntou.

— Acredito que não — respondeu uma voz sussurrante do corredor, soando levemente ferida. — Não sou um amador.

— Silas! — exclamaram os dois, correndo até a grade.

Ele suspirou, aparecendo na luz.

— Mais baixo, por favor.

Nathaniel sorriu de forma incontida ao vê-lo, um ser de outro mundo à luz da tocha, mas imaculado e imperturbável, exatamente como se essa fosse uma noite normal em casa.

— Você não se machucou? — perguntou Nathaniel.

Silas sacudiu uma mão, indicando que a pergunta não era digna dele.

— Vejo que vocês dois não perderam tempo até serem presos.

Ele se curvou para inspecionar a porta e tirou um molho de chaves de guardião do bolso, segurando o ferro com cuidado, com a ajuda de um lenço dobrado.

— É o quê, senhor? — continuou. — A terceira vez em que o tiro de uma cela de prisão?

Nathaniel tossiu.

— As duas ocasiões anteriores foram meros mal-entendidos — disse, para tranquilizar Elisabeth.

Silas selecionou uma das chaves para abrir as algemas de Nathaniel. Enquanto Nathaniel abria as de Elisabeth, Silas selecionou outra para testar na porta. Ele falava tranquilamente, os cílios cobrindo o olhar.

— Pelo menos desta vez está vestido, senhor.

— Eu já falei que foi um acidente — disse Nathaniel. — Além disso, o público não se importou nem um pouco. Uma mulher até me mandou flores.

Ele se virou para Elisabeth e acrescentou:

— Não se preocupe, ela tinha quarenta anos e se chamava Mildred.

Silas puxou a mão para longe quando a porta se escancarou, soltando as chaves e um sibilo.

Um fiapo de fumaça subiu de seus dedos. Ele deu um passo para se afastar, mas foi interrompido por Elisabeth, que o agarrou em um abraço, seguida por Nathaniel, que o abraçou pelo outro lado. Ele congelou, completamente rígido, aceitando o afeto como um gato de pedigree sendo esmagado por uma criança. Quando ele estremeceu, eles finalmente o soltaram.

— Nunca mencionaremos nada disso — avisou ele, espanando as mangas do uniforme. — Srta. Scrivener, me siga, por favor. Acredito que sua espada foi levada à sala de armas.

Ela pegou o molho de chaves do chão. Os três se esgueiraram pelos túneis das masmorras em fila, se escondendo nas sombras sempre que uma tocha de patrulha se aproximava. Felizmente, Silas sabia exatamente aonde ir e, depois de vários minutos, eles chegaram a uma porta coberta de ferro, que Elisabeth conseguiu abrir com uma chave. Ela arquejou ao ver a sala. A luz das tochas não cintilava só nas espadas, mas numa coleção impressionante de machados, lanças, bestas e até uma arma cravejada de espinhos que identificou como uma possível estrela-d'alva. Depois de recuperar Demonícida de uma estante, ela pegou um cinto e o apertou na cintura. Sob o olhar de Nathaniel, que se divertia com seu entusiasmo, ela encheu os bolsos de balas de sal.

— E agora? — perguntou ele.

Elisabeth conseguiu enfiar uma última bala.

— Precisamos encontrar o cofre — respondeu. — Só precisamos impedir que quem quer que venha atacá-lo consiga entrar. Silas, você passou pelo cofre no caminho?

Silas estava andando por entre as estantes, examinando as armas com uma expressão ilegível, as mãos cruzadas atrás das costas. Ele parou na frente de um apetrecho antigo e de aparência cruel que pendia do teto, semelhante a uma jaula enorme repleta de espinhos enferrujados. Elisabeth sentiu o coração dar um pulso, olhando dos espinhos para os punhos dele.

— Não — disse ele, virando-se —, mas eu sinto as emanções psíquicas dos grimórios. Posso levá-los até lá.

Ele não mostrou sinal de identificar se aquele apetrecho era o mesmo que Ashcroft usara para capturá-lo. Ela olhou uma última vez para a sala de armas antes de sair, vendo a coleção com outros olhos. Para Silas, era uma sala de tortura.

Quando voltaram ao túnel, o chão tremeu com a força de um uivo conhecido.

— Devemos estar perto do Malefict — disse Nathaniel.

Silas inclinou a cabeça.

— Não tem como contorná-lo. Todos os caminhos para o cofre passam por aquele corredor.

Com cuidado, viraram a esquina. No final, o túnel se abria em uma caverna, um espaço tão grande que o teto sumia em névoa, fumaça e sombra. Estalactites pendiam como dentes da escuridão insubstancial. Abaixo deles, iluminada por fogueiras em braseiros queimados e fumacentos, uma espécie de poço tinha sido esculpida na pedra. As botas retiniram de leve na passarela de metal que o cercava, limitado por grades. Uma escada — de muitas — descia ao chão coberto de serragem lá embaixo, que estava marcado por sulcos e arranhões, semelhantes aos

feitos por um animal inquieto e agitado.

Ou um monstro.

Eles assistiram ao Malefict se aproximar, em passos lentos e pesados. Ele era do tamanho de uma casa pequena, construído de modo ao mesmo tempo poderoso e bruto, a forma de urso sem orelhas, nariz, nem mesmo olhos, e o couro do focinho atravessado por costuras malfeitas. Arrastava uma corrente pesada, cujos elos eram grandes o suficiente para enforcar bois, presa na outra ponta a um sistema de engrenagens e polias instalado na parede da caverna. Ele sacudia a cabeça de um lado para o outro, desorientado pela dor da coleira de ferro. Tinta escorria das feridas abertas, molhando e brilhando seus ombros, e cicatrizes antigas marcavam a couraça. Nathaniel o olhou com uma expressão assustada. Profundamente enjoada, Elisabeth se lembrou da explicação do guardião.

— Isso está errado — disse ela. — Não é um boneco feito para apanhar, sofrendo acorrentado.

Silas parou ao seu lado, impassível.

— Não acredita em criaturas do mal, srta. Scrivener?

Ela apertou o punho de Demonicida. Estava começando a entender que o mal não era um conceito tão simples quanto imaginava. Talvez não fosse errado que Maleficts quisessem ferir humanos — os humanos que os criaram, aprisionaram, atormentaram com sal e ferro e, finalmente, os confinaram às formas distorcidas.

— Nada disso é culpa dele — respondeu ela, enfim. — Ele não escolheu ser um monstro.

Se Silas tinha opinião sobre o assunto, ele não a ofereceu.

— Olhem. Ali está o cofre — disse Nathaniel, apontando.

Do lado oposto da arena, no andar de baixo, havia um rastrilho na reentrância da pedra. Todos que descessem e tentassem alcançá-lo seriam massacrados pelo Malefict, a não ser que conseguissem sacrificar o monstro.

Impulsivamente, ela empunhou Demonicida e andou na direção da escada. Nathaniel agarrou seu braço. Antes que ela pudesse discutir, ele a virou para o outro lado e a prendeu contra a rocha. Ela levou um tempo para entender. Nathaniel estava rígido de tensão, o corpo tão retesado quanto a corda de um arco, mas ele não tinha sido tomado por um desejo repentino e apaixonado de beijá-la contra a parede das masmorras. Ele estava usando o casaco escuro para escondê-los de vista.

Não estavam sozinhos. No começo, ela só ouviu os bufados e grunhidos cansados do Malefict, mas passos logo fizeram estremecer a passarela. Pelo canto do olho, ela viu o diretor Hyde chegar à passagem que eles tinham acabado de abandonar. Ela prendeu a respiração até ele se virar, franzindo a testa, na direção oposta — seu olhar desconfiado não conseguiu discernir o esconderijo deles, a poucos metros dali. Eles suspiraram, aliviados, quando ele se foi, tranquilizado.

O alívio durou pouco. Hyde devia estar fazendo a patrulha para inspecionar o cofre. O que quer que tivesse dito no escritório, era vigilante demais para ouvir um aviso como o deles e ig-

norá-lo inteiramente. No entanto, ao descer, ele se punha, com as chaves, exatamente onde Ashcroft as queria.

Um gemido metálico de perfurar os tímpanos ecoou pela caverna. Hyde tinha usado a chave de diretor para ativar a engenhoca. As rodas dentadas giravam, guinchando a corrente pesada para cima, elo a elo. O Malefict uivou, fazendo força contra a coleira, futilmente; por mais que se esforçasse, a máquina continuava a arrastá-lo, inexoravelmente, pela serragem. Quando o guincho parou com um estrondo, a corrente tinha sido tão esticada que a parte da frente do Malefict pendia do chão. Balançava ali como um touro esperando o abate, com a cabeça baixa, tinta pingando de feridas reabertas.

Hyde desceu pela escada mais próxima e atravessou a arena sem nem olhar para trás. Ele destrancou o rastrilho, entrou e o fechou.

A engenhoca voltou à vida. Lentamente, a polia começou a abaixar o Malefict. Com uma pontada de alarme, Elisabeth notou que eles só tinham meros momentos para atravessar a arena.

— Precisamos seguir Hyde — disse ela, se encaminhando para a escada. — Cadê o Silas?

Nathaniel apontou para cima com a cabeça. Elisabeth seguiu seu olhar, mas desejou não tê-lo feito. Para fugir da atenção de Hyde, Silas tinha escalado a parede toda da caverna e agora estava parado ali como uma aranha, direcionando para eles os olhos amarelos e inumanos.

— Ele já vai — disse Nathaniel. — Vamos logo.

Segundos depois, as botas de Elisabeth chegaram à serragem. Quando Nathaniel parou ao seu lado, o Malefict virou a cara costurada e gotejante na direção deles. A engrenagem rangia enquanto o monstro se arrastava para a frente, puxando a corrente ao limite, farejando o ar. Nathaniel olhou para a máquina antiga com incerteza e segurou o punho de Elisabeth para apressá-los.

Eles estavam na metade da arena, correndo juntos, quando um estampido ensurdecedor e agudo sacudiu a caverna. Um objeto passou quicando por eles, soltando nuvens de serragem: a roda da polia.

Não havia tempo de reagir, só de correr. Elisabeth tateou as chaves, selecionando a maior dentre elas. Deveria ser a chave restrita dos guardiões. O problema era que ela não tinha certeza de que abriria o rastrilho. Dependendo da proximidade do cofre, talvez só respondesse à chave pessoal do Diretor. Se fosse esse o caso, não haveria tempo para se virar e lutar; o Malefict os alcançaria e esmagaria em um instante.

A porta estava cada vez mais perto. A sombra do Malefict se estendia sobre eles, o chão tremendo sob os passos pesados. Ela puxou a chave. Sua mão continuou firme ao inseri-la na fechadura, mas o Malefict foi rápido demais. A sombra os mergulhou em trevas...

E sumiu, deixando a luz vermelha dos braseiros inundá-los novamente. Chocada, ela olhou por cima do ombro. O Malefict se encontrava jogado no chão, longe dali, inconsciente, e Silas se erguia entre eles, com uma mão erguida no gesto de um tapa na cara concluído. Tinta pingava de suas garras.

Forçando-se a fechar a boca, Elisabeth girou a chave. Um mecanismo martelou dentro da parede e os dentes do rastrilho se afastaram do chão. Silas não se moveu. Nathaniel o segurou pelo casaco e o puxou para o próximo túnel.

Por um momento horrível, Elisabeth achou que Silas estava ferido, até notar que ele só encarava a mão imunda, enojado. Ela ofereceu um canto do próprio casaco. Sem comentários, ele o usou para limpar as garras.

Não havia sinal de Hyde, nem uma faísca da tocha no escuro profundo. Nathaniel conjurou uma chama verde na mão, iluminando uma escada que descia, cujos degraus cintilavam de umidade. Água pingava ali perto, fora de vista. Elisabeth arregalou os olhos frente à beleza inesperada do túnel. A rocha era do preto puro da obsidiana, com veios de minerais reluzentes.

— Silas, sabe dizer se tem mais alguém com a gente? — perguntou ela, baixinho.

Se o Diretor ouvisse tão pouco a ponto de não ter voltado ainda, ela duvidava que conversar fizesse diferença, no fim.

Silas terminou de inspecionar as unhas e olhou para a escada.

— Esta montanha é cheia de pirita; suponho que tenham escolhido a localização do cofre exatamente por este motivo. A presença de tanto ferro inibe meus sentidos. Temo não ser capaz de dar certeza.

— Se ajudar — disse Nathaniel —, não havia nenhum sinal de magia na arena. Acho que ninguém passou pelo Malefict antes de Hyde.

— A não ser que Ashcroft saiba um caminho secreto para a biblioteca — sugeriu Elisabeth. — Cornelius planejou isso tudo desde o começo. Talvez tenha construído um corredor escondido na montanha, que só ele conhecia.

— É possível que uma coisa dessas passe tanto tempo sem ser descoberta?

— Acho que sim. Descobri todo tipo de passagem secreta em Summershall e os bibliotecários mais velhos não faziam a menor ideia.

Eles continuaram andando, em silêncio. Nathaniel apagou a chama quando a luz vermelha da tocha de Hyde ressurgiu à frente, destacando a pele que cobria seus ombros. Enquanto se esgueiravam atrás dele, os passos do diretor ecoavam pela pedra nua. Ele erguia a tocha bem alta em uma mão, segurando a espada com a outra, sem nunca parar ou olhar para trás.

Elisabeth prendeu a respiração. A qualquer momento... a qualquer momento...

Ela sentiu o coração dar um pulso quando a luz da tocha banhou uma irregularidade no chão: um par de botas saindo de um túnel conectado. Olhando para a frente, Hyde não pareceu notar. Ele continuou andando.

Os três pararam, deixando que Hyde ganhasse alguns passos de vantagem enquanto encontravam a guardiã caída no túnel. Uma mulher, ainda armada, jogada no chão. A tocha tinha caído em uma poça e se apagado. A luz fraca e bruxuleante tornava impossível confirmar se ela respirava.

— Ela está viva — cochichou Silas. — Não há feridas. Só está dormindo.

Eles se entreolharam. “O feitiço do sono.” O ataque já tinha começado. No entanto, Hyde

já estava quase no cofre e eles não tinham visto sinal algum do invasor.

A verdade a atingiu como um raio.

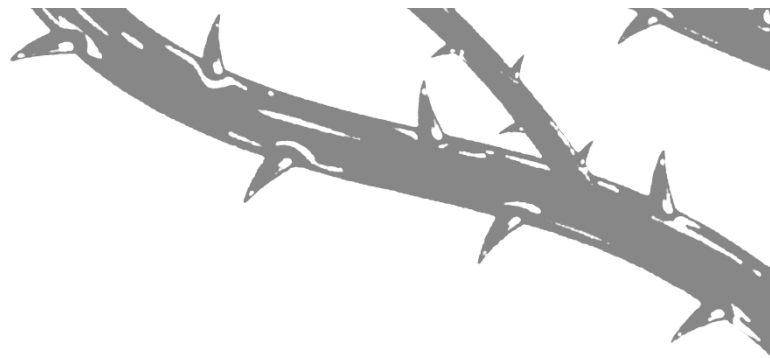
Elisabeth abandonou qualquer possibilidade de discrição.

— Pare! — gritou, correndo atrás de Hyde. — Não o deixe entrar no cofre!

Tarde demais. O rastrilho no final do túnel se fechou com um baque, os separando de Hyde, do outro lado. Ela parou de uma vez, escorregando no chão.

Ele se voltou para olhá-los através da grade. Um sorriso se espalhou em seu rosto, esticando grotescamente as cicatrizes. A expressão não era nada natural naqueles traços, mas mesmo assim tinha um toque conhecido. Ela já vira aquele sorriso muitas vezes: nos corredores dourados da Mansão Ashcroft, no salão do palácio, no pavilhão das rosas sob o luar.

Não era o sorriso de Hyde, mas o do chanceler Ashcroft.



TRINTA E TRÊS

— Vejo que você entendeu, srta. Scrivener — disse Ashcroft, a voz arrogante dissonante na boca machucada de Hyde. — Honestamente, estou surpreso por ter demorado tanto. Afinal, você conheceu o Livro dos Olhos.

“O Livro dos Olhos.”

De uma só vez, as peças faltantes se encaixaram. Quando Elisabeth lutara contra o Malefict em Summershall, ele a provocara com a verdade de quem matara a Diretora. A própria Irena descrevera os feitiços que aquele grimório continha: magia que permitia que feiticeiros invadissem a mente alheia, lessem pensamentos e até os controlassem. Como o Livro dos Olhos conhecia a identidade do sabotador? Simples: já o tinha encontrado antes. Dado seu status, Ashcroft seria um dos raríssimos feiticeiros aos quais se confiava o direito de ler um grimório tão perigoso.

Para cumprir sua missão, ele não precisava trabalhar com cúmplices, nem mesmo abandonar o conforto da mansão.

— Você tem possuído os Diretores — disse ela, atordoada. — Você os obriga a cometer a sabotagem com as próprias mãos.

— Perdão? — perguntou Ashcroft, se aproximando das barras com uma careta, antes de esfregar o ouvido de Hyde. — Sabe, mal escuto o que você diz. É bem inconveniente, mas tudo bem. Não vou vestir este corpo por tanto tempo.

Ele girou a chave no dedo em um gesto animado, se virou e entrou mais fundo no cofre.

O sangue latejava nos ouvidos de Elisabeth. Nada parecia de verdade. Ela observou o cofre como se em sonho: uma imensa caverna natural cujas paredes cintilavam de tanta pirita. Estátuas de anjo imponentes vigiavam nas paredes, entalhadas em obsidiana, e rios de ferro derretido corriam das mãos em concha ao chão. Um canal circular conduzia o metal líquido ao redor da circunferência da sala, como um fosso. Ashcroft fez o corpo de Hyde cruzar uma ponte es-

treita de pedra preta, o calor distorcendo a borda da capa. Os movimentos eram estranhamente desajeitados — em certo ponto, ele até se desequilibrou para o lado e quase caiu no fosso antes de se endireitar.

— Hyde ainda está lá dentro — constatou Elisabeth, em choque. — Ele está lutando por controle.

“Foi o que aconteceu com Irena”, pensou.

Sem aviso, uma explosão de fogo esmeralda passou por ela, queimando a ponta das orelhas. Atravessou a grade e rodopiou na direção de Ashcroft como um ciclone. No entanto, ao se aproximar, se dissolveu em uma chuva de faíscas verdes.

Nathaniel abaixou o braço e soltou um palavrão.

— Tem ferro demais — explicou.

Movendo-se em puxões e tremores horríveis, Ashcroft tirou uma brasa residual da capa de pele de Hyde.

— Sei o que está pensando, srta. Scrivener — disse ele, sem se virar, assim que conseguiu cruzar a ponte. — Está imaginando como deve ter sido para a querida e linda Irena quando entrei na mente dela e a obriguei a trair tudo que amava. Coitada... nunca nem suspeitou. Eu a enfeitei anos antes, na sala de leitura de Summershall. Não dá trabalho nenhum para o Chanceler de Magia marcar uma reunião com a Diretora. Minha magia viveu dentro dela por quase uma década, só esperando para ser ativada.

Elisabeth prendeu a respiração. Como se tivesse acontecido ontem, ela se lembrou do cheiro sufocante de combustão etérea que emanava da poltrona da sala de leitura: o resíduo permanente de um feitiço antigo e poderoso. Sentiu vagamente a mão de Nathaniel a ajudando a se manter de pé.

— Irena também resistiu, claro. Ela era teimosa, que nem você. Ficou comigo o tempo todo, até o cofre, até o último instante quando o Livro dos Olhos a atacou.

Um som escapou de Elisabeth, algo entre grito e soluço. Ashcroft não estava prestando atenção. Ele estava quase no meio do cofre.

Um trio de colunas de obsidiana gigantescas dominava o centro do cofre, se erguendo até o teto sem interrupção. No chão entre elas estavam entalhadas uma chave e uma pena cruzadas. Ashcroft pisou no símbolo ao chegar, levantando a tocha de Hyde.

— Magnífico, não acham?

A princípio, ela não entendeu ao que ele se referia. Finalmente, a luz inundou a coluna mais próxima. Vapor espiralava dentro da pedra translúcida, cercando uma forma suspensa por correntes. Como se agitada pela proximidade de Hyde, a névoa começou a ferver e, das profundezas, brilharam raios. As faíscas iluminavam a capa de um grimório, encadernado em escamas pretas brilhantes contornadas por prata. A capa se enchia e esvaziava em ritmo regular, como se o grimório respirasse.

As colunas não estavam ali para sustentar o teto. Elas continham grimórios de Grau Dez.

— O Librum Draconum — disse Ashcroft, a voz suavizada por fascínio sincero. — Criado

usando o couro de um Lindwurm, o último dragão de Austermeer, extinto pela caça no século XIV. Os feitiços ali dentro podem invocar tempestades e terremotos cataclísmicos, desastres naturais em escala global...

Ele andou até a coluna seguinte, aproximando a tocha. Suspirou, emocionado. Nas correntes, pendia... nada. Não... havia alguma coisa ali, um reflexo oscilante, como um espelho, a superfície que fluía como água. Tentar se concentrar nele fazia a cabeça de Elisabeth doer.

— Oraculis — murmurou Ashcroft. — Origem desconhecida. Os feitiços possibilitam ler o futuro, ou pelo menos é o que sugere a teoria, mas todos que o leram tiraram a própria vida imediatamente. Que pena. Eu teria adorado estudá-lo.

Ele chegou à terceira coluna. Através da obsidiana translúcida, a tocha revelou a pele escorregadia e pulsante de um coração que ainda batia. O órgão estava preso à capa do grimório como um tumor grotesco, veias enroscadas no couro, selando as páginas. As veias se inchavam ritmicamente, como se bombeassem sangue, mas o brilho verde que as animava era pura feitiçaria, a magia da Casa Thorn. Necromancia, mantendo vivo o coração há muito morto.

— Ah, o Crônicas dos Mortos — disse Ashcroft, dando um tapinha na coluna e sorrindo, pensativo, quando o coração respondeu com um espasmo. — Aqueles que tentam abri-lo sucumbem imediatamente à magia. Exceto por você, Nathaniel. Este livro é seu. Ele te chama, sem dúvida. Que tal conhecer o trabalho do seu ancestral?

— Não — gemeu Nathaniel, rouco, agarrando as barras da grade com dedos pálidos.

Elisabeth recuperou os sentidos em uma maré de fúria.

— Não vai funcionar! — gritou, do outro lado do rastrilho. — Você não vai conseguir controlar o Arconte! Ele vai destroçar o mundo. Quando invocá-lo, será o primeiro a morrer!

Ashcroft parou e os encarou, com os olhos apertados e uma mão em concha na orelha.

— Confesso que nunca tive jeito para leitura labial — falou, finalmente, com uma gargalhada tímida. — Você está me mandando parar, não é? Ah, srta. Scrivener, você não entende. Não tem como entender. Esse foi o propósito que herdei do meu pai, e do pai dele antes disso, assim por diante por trezentos anos. Sou parte de um projeto muito maior do que eu — explicou, inclinando a cabeça para trás, para observar a coluna. — Com os poderes do Arconte à minha disposição, a humanidade será transformada. Nada de doença, pobreza ou guerra. Será uma maravilha... uma era gloriosa em que tudo é possível, todo sonho, realidade...

Ele parou de falar, os olhos úmidos de emoção. Até na forma de Hyde, parte da luz e do magnetismo naturais de Ashcroft transparecia.

“Ele acredita mesmo no que diz”, pensou Elisabeth, horrorizada. No fundo, ele não se via como vilão, mas como herói.

Ashcroft pigarreou.

— Vejamos — falou, andando em círculos e inspecionando o símbolo do Colégio no chão. — Cornelius enfrentou um certo problema na construção desta biblioteca. Como libertar um grimório de um cofre repleto de ferro, centenas de metros abaixo de uma montanha? Felizmente, a própria tecnologia do Colégio oferece solução.

Ele se moveu para desembainhar a espada de Hyde, mas parou de repente. A mão de Hyde se prendeu ao punho, os músculos tensos de resistência. Seu rosto ficou roxo enquanto as duas mentes lutavam por controle. Esperança encheu o peito de Elisabeth como ar enquanto se afogava.

— O ferro deve estar enfraquecendo o feitiço de Ashcroft — comentou.

Ela se virou para Nathaniel, que estava pálido como papel, encarando o Crônicas. Achou que ele não a ouviria se ela falasse. Portanto, perguntou para Silas:

— Tem algum jeito de você entrar?

Silas estava vários passos para trás, um fantasma na escuridão do túnel. Ele avançou, esticando a mão na direção do rastrilho. Ela foi tomada por medo, mas ele parou um milímetro antes de tocar as barras espessas de ferro reforçado.

— Temo que não seja possível — disse ele. — A grade foi projetada para impedir que seres como eu entrem. Mesmo que conseguisse entrar, não teria todas as minhas forças dentro do cofre.

Claro que Silas estava afastado. Na luz vermelha infernal do ferro fundido, ele parecia desbotado, quase doente.

O baque de metal contra pedra puxou sua atenção de volta para Ashcroft. Ele tinha conseguido libertar a espada de Hyde, apesar de, no gesto, cambalear para a frente, quase largando a arma. Enquanto ela observava, desamparada, ele arrastou a lâmina, raspando o chão, até posicioná-la verticalmente em cima do símbolo do Colégio, pressionando-a com toda a força. Então, como uma chave na fechadura, a ponta da espada se encaixou em um mecanismo escondido. Suando e tremendo de esforço, Ashcroft a girou para a direita.

Por um momento, nada aconteceu. Em seguida, um estrondo ecoou pela caverna. O chão tremeu sob a força de engrenagens escondidas, acordando o maquinário da Grande Biblioteca. Uma rachadura ziguezagueante atravessou o teto. Na ponta oposta do cofre, um dos anjos gigantes de obsidiana começou a se virar, não por magia, mas pela força das engrenagens; o rosto ainda imóvel e sereno. O rio de ferro derretido que cascadeava das mãos foi secando, virando uma goteira. Daquele ângulo, bloqueou o canal, escoando o fosso lentamente.

No lugar onde antes estivera o anjo abria-se um túnel. No entanto, Elisabeth só tinha olhos para o teto, onde a rachadura tinha continuado pela caverna, dividindo a rocha acima do rastrilho. Agarrando e sacudindo as barras, ela sentiu a grade ceder um pouco.

Ashcroft estava curvado, o rosto de Hyde se contorcendo de forma grotesca. Ele cambaleou até o pilar do Crônicas e se segurou com uma mão que não parava de se fechar em punho e relaxar. Usando o outro braço, levou, em movimentos instáveis, a chave de diretor a uma abertura na coluna.

Ainda havia tempo. Ashcroft errou uma vez, duas vezes, batendo a chave na pedra. Elisabeth se jogou contra o rastrilho. Metal rangeu, se afastando de leve de um lado, a grade cedendo contra seu ombro.

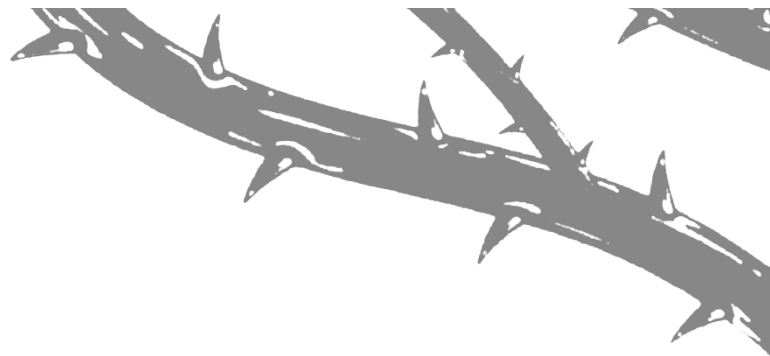
Com a boca arreganhada, Ashcroft finalmente forçou a chave a entrar. Quando a girou, um

painel se abriu. Névoa esverdeada fluiu por ele, caindo em ondas que cobriam as botas de Hyde.

Tum-tum. Tum-tum. Tum-tum. As convulsões do coração morto e antigo encheram a caverna, batendo dentro dos ossos de Elisabeth. O fedor quase a levou ao chão. Era como se estivesse na entrada de uma cripta, inspirando podridão, pedra e magia antiga, o cheiro de caveiras repletas de besouros, de musgo manchando tumbas desmoronadas.

O rastrilho rangeu quando ela enfiou o ombro no vão, usando a parede como impulso. No entanto, era tarde demais.

Tarde demais para impedir que Ashcroft enfiasse os dedos no coração pulsante.



TRINTA E QUATRO

As veias do coração pulsavam com luz esmeralda. Começaram a se espalhar, crescer, se enroscando como raízes nas correntes, mandando galhos para fora. O pensamento paralisado de Elisabeth se prendeu à ilustração de um sistema nervoso que lembrava ter visto em um dos livros anatômicos do mestre Hargrove. O Crônicas se desenvolvia em Malefict, começando pelo coração.

Em segundos, a forma em expansão do Malefict preencheu a coluna. Dedos e garras se retorceram na beira da abertura, pingando tinta dos tendões expostos. Ela se lembrou das sombras daquelas garras espalhadas pela Biblioteca Real, tentando pegar os guardiões que levavam a jaula no carrinho.

Ashcroft tropeçou para trás, apertando o peito. Arregalando os olhos em desespero, pegou a espada descartada perto do símbolo. Não, não era Ashcroft... era Hyde. Ashcroft tinha acabado o trabalho, abrindo mão do corpo e largando Hyde à mercê do Crônicas dos Mortos, como devia ter feito com Irena depois de soltar o Livro dos Olhos.

O Malefict estendeu o braço. Em um estrondo de metal, parou de repente a meros centímetros de Hyde, atingindo o limite da corrente enroscada no punho. Os elos se deformavam sob o esforço conforme as garras se esticavam, tentando agarrá-lo.

Determinação endureceu o rosto de Hyde. Ele ergueu a espada.

— Comigo não — rosnou. — Não enquanto eu estiver vivo, sua abominação.

— *Então morra* — sussurrou o Malefict, em uma voz como vento se esvaindo do túmulo.

Uma das garras se esticou e tocou a face de Hyde.

O rosto de Hyde se esvaziou. Luz verde percorreu as veias de seu pescoço, estremeceu na face e entrou na garra do Malefict. Ele piscou uma vez e caiu morto, atingindo o chão como um cadáver pálido e murcho. No impacto, o corpo explodiu em pó, como se estivesse há séculos secando em um mausoléu.

A mão do Malefict tremeu, sentindo a vida roubada pulsar. Rachaduras deram voltas na coluna. Foi o único aviso antes de o pilar se estilhaçar, fazendo voar cacos de obsidiana. Uma forma alta e magra se desdobrou dos destroços, escondida por nuvens de fumaça. Correntes quebradas pendiam de seus punhos e a testa era coroada por um par de galhadas.

Elisabeth já vira aquela forma, na noite que passara em Blackwald com Nathaniel. O coração do grimório... Baltasar o arrancara de alguém do povo do musgo. Um ser que dava vida transformado em outro que a tirava; ela não conseguia imaginar nada mais profano.

Como se sentisse seus pensamentos, a cabeça do Malefict se virou de repente. Os olhos verdes queimavam através da poeira. Ele os encarou por um longo momento, perfeitamente imóvel. Apesar de não ser muito maior do que o Livro dos Olhos, a presença emanava uma malevolência antiga e putrefeita que cobria a pele de Elisabeth de terror em ondas congelantes. Seus instintos gritavam para que pegasse Demonicida, mas ela não conseguia se mover.

Depois de mais alguns segundos, o monstro pareceu perder interesse. Ele se virou na direção do túnel, atravessando a parte seca do canal antes de sumir nas sombras distantes.

As chaves tilintaram no bolso de Elisabeth. Ela estava tremendo como se tivesse passado a noite ao sereno em pleno inverno. Mesmo assim, secou as mãos no casaco e redobrou o esforço para forçar o rastrilho. Se o Malefict escapasse, inúmeras pessoas morreriam. Depois do que ela acabara de ver, não sabia se os guardiões conseguiriam impedi-lo. Ele poderia tomar a Estrada de Tinta até Brassbridge, sugando a vida de cidades inteiras no caminho, e deixar só pó para trás.

Pelo canto do olho, ela viu Nathaniel encarar o lugar onde o Malefict estivera.

— Nathaniel — conseguiu chamar, rangendo os dentes. — Me ajuda.

Ele não desviou o olhar.

— Você não ouviu? — perguntou ele.

A voz soava estranha, quase sonhadora. Ela parou, observando sua expressão. Ele parecia muito mais calmo agora do que um momento antes, mas seus olhos estavam iluminados, como quando tomara láudano. Nem a luz avermelhada do cofre disfarçava sua palidez.

— A voz — continuou. — Ele falou... ele queria... você não ouviu o que ele disse?

Um calafrio percorreu a espinha de Elisabeth. Ela olhou de relance para Silas, que sacudiu a cabeça discretamente — também não tinha ouvido nada. Com cuidado, ele tocou o braço de Nathaniel.

— Senhor — disse.

Nathaniel franziu a testa. Ele passou a mão pelo cabelo.

— Desculpa — falou, soando muito mais normal. — Não sei o que me deu. Claro, me juntarei ao seu ato perigosíssimo de heroísmo com prazer, Scrivener. É só pedir.

Nathaniel apoiou as mãos contra as barras e eles empurraram juntos. Com um último rangido agonizante, o rastrilho se curvou para fora o suficiente para que eles se enfiassem de lado. Silas pulou atrás deles na forma de gato, equilibrando-se no ombro de Nathaniel. Ele balançou o rabo enquanto atravessaram a ponte correndo, o calor do fosso ainda fumegante subindo co-

mo em uma fornalha.

Elisabeth se obrigou a não olhar para baixo quando passaram pelo uniforme vazio de Hyde, nem para cima quando passaram pelos outros grimórios de Grau Dez, acordados do estupor pela fuga do Crônicas. Relâmpagos estouravam pelo pilar do Librum Draconum e uma música leve emanava do Oraculis, como sinos agitados por uma brisa distante.

Ela chegou primeiro ao túnel e parou de andar. O fedor de podridão e rocha do Malefict enchia a entrada. Todas as fibras de seu corpo se revoltavam contra a ideia de entrar, mas ela tensionou o maxilar, empunhou Demonícida e perseverou em frente. No momento seguinte, uma chama verde se acendeu na mão de Nathaniel, iluminando o brilho de suor em sua testa. Ele sorriu ao correr ao lado dela, mas ela sabia que era só fingimento. Ele devia estar ainda mais assustado do que ela. Estava prestes a encarar os seus próprios pesadelos. No entanto, um minuto antes, ele estivera quase calmo...

Ela foi tomada por desconforto.

— O que você ouviu o Crônicas dizer?

Ele a olhou de relance e voltou a concentrar o olhar no caminho adiante.

— Devo ter imaginado — disse ele, rindo de forma pouco convincente antes de se forçar a continuar. — Ele queria que fôssemos... com ele. Que nos juntássemos a ele. Não faz sentido nenhum. Por que raios queria isso?

Elisabeth hesitou. O Crônicas tinha falado só com Nathaniel. Ela duvidava que o convite incluía todos eles.

— Se ele falar de novo — disse ela —, prometa que não vai ouvir. Que fará tudo que puder para bloqueá-lo.

Nathaniel engoliu em seco.

— Prometo — disse ele.

Triste, ela esperou que bastasse.

O Malefict não os esperava; ele tinha continuado o caminho. Quando o túnel se inclinou, começando a subir, a primeira coisa que ela ouviu foi o sino de alarme da Grande Biblioteca dobrando em lamentos pela pedra, um som que despejou coragem como fogo em suas veias. Se os guardiões tinham se movimentado a tempo, ainda restava esperança.

O túnel acabou em uma escadaria íngreme. Lá no alto, parecia que o Malefict tinha arrebatado o que restava da terra à força, criando uma abertura estilhaçada coberta por um círculo de céu noturno. Escalando as pedras destruídas, emergiram no caos da batalha.

O frio atingiu Elisabeth como um tapa no rosto. Canhões explodiam, clarões vermelhos iluminando o pátio incrustado de sal da Grande Biblioteca. O cheiro picante de pólvora estava no ar. Guardiões corriam em passos pesados, ocupados demais para olhar duas vezes para ela e Nathaniel. Entre cada tiro de canhão, gritos atravessavam o tinido nos ouvidos de Elisabeth. Mais à frente, uma seção da muralha tinha sido rompida, transformando o maquinário em ruínas fumegantes. Elisabeth olhou ao redor, tentando se localizar, e viu um guardião voltar aos tropeços do buraco na muralha, o rosto se cobrindo de cinzas como se fosse gelo. Quando esta-

va prestes a chegar às portas da biblioteca, caiu e se desmanchou em pó.

O próximo ataque dos canhões iluminou uma silhueta se erguendo sobre a muralha, as pontas das galhadas apontando para a lua. Com um golpe lateral, as galhadas derrubaram um canhão, jogando-o de lado em uma explosão de alvenaria.

Elisabeth deu um passo hesitante para trás. Não parecia possível, mas...

— Ficou enorme — gritou em meio ao tumulto.

— Está ganhando força a cada vida que toma — gritou Nathaniel em resposta. — Vai continuar ficando maior e mais poderoso.

Ela se virou para ele, o vento embolando seu cabelo no rosto.

— Precisamos impedi-lo — disse Elisabeth.

O olhar cinzento de Nathaniel se demorou no dela. Em seguida, ele assentiu. Abaixou a cabeça, movendo a boca. Nuvens foram varridas sobre a lua, engolindo as estrelas. Por um momento, o vento parou completamente. Uma calma fantasmagórica caiu sobre o pátio quando canhões pararam de disparar, sem conseguir enxergar o alvo no escuro. Até o toque dos sinos foram abafados. Na quietude repentina, o encanto de Nathaniel pareceu ficar mais alto, sílabas enoquianas ecoando das paredes.

— É o feiticeiro — gritou uma guardiã. — Ali!

Elisabeth estava com medo de que isso acontecesse. Sem provas do envolvimento de Ashcroft, Nathaniel parecia ser responsável pela fuga do Crônicas. Guardiões galoparam na direção deles e Elisabeth se interpôs, empunhando Demonícida. Silas pulou do ombro de Nathaniel e chegou ao chão já em forma humana.

Demonícida bateu na espada do guardião mais próximo, a vibração tremendo em seu braço todo. Ele tinha a vantagem da técnica, mas ela era mais alta e forte. Esquivando-se de forma imprudente, ela conseguiu bloquear os ataques até prender a espada dele.

— Ele não é o sabotador! — gritou, por cima das armas cruzadas.

O guardião não a escutou. Veias pulsavam em seu rosto enquanto ele a empurrava, sua espada raspando perigosamente contra o fio de Demonícida. Ela sentiu o estômago se revirar ao entender que talvez tivesse que lutar contra ele de fato — talvez até arriscar matá-lo. Não conseguiria contê-lo por muito mais tempo sem que um dos dois se ferisse.

Ali por perto, Silas desviou com precisão do ataque de outro guardião e apareceu atrás dele no mesmo instante. Ele agarrou o punho do homem e o torceu. Um estalido estarrecedor soou e o guardião berrou e soltou a espada. Antes da espada cair, Silas já tinha passado para o agressor seguinte em um borrão de movimento. Um a um, guardiões caíram como peões de xadrez ao redor de Nathaniel, gemendo e segurando os membros quebrados.

Vento rasgou o ar do pátio. Nathaniel ergueu a cabeça, cabelo desgrenhado, olhos delineados em brilho esmeralda. Fogo dançava por seus dedos. Ele também parecia um demônio. Arreganhando a boca, murmurou as últimas sílabas do encanto.

Elisabeth ofegou quando foi levantada do chão, a ponta das botas roçando a laje sem peso algum. Eletricidade estalava pelo ar, crepitando sobre as roupas e deixando seu cabelo em pé. A

energia cresceu e cresceu até ela achar que os tímpanos iam estourar — só para se soltar em uma onda que pulsou pelo seu corpo, acompanhada por um estrondo de trovão como se o céu tivesse mergulhado para bater com força na terra. Gravidade a puxou de volta ao chão e um relâmpago brilhou do lado oposto da muralha. O raio caiu uma, duas, três vezes e continuou, cada ataque cegante e escaldante se retorcendo entre as galhadas do Malefict e descendo por seu corpo em rios de luz verde.

Quando os relâmpagos finalmente pararam, a visão de Elisabeth estava cheia demais de fumaça e manchas roxas para ver o que tinha acontecido. No entanto, conseguiu adivinhar quando um tremor percorreu o pátio, como se alguma coisa pesada tivesse caído, e gritos de comemoração soaram da muralha.

Com um empurrão forte, Elisabeth afastou o guardião. Ele tropeçou, incerto. Mais guardiões tinham chegado, mas esperavam, encarando Nathaniel.

O peito dele se movia com esforço. Faíscas piscavam por seu corpo; raios em miniatura estalavam entre as pontas de seus dedos e as lajes do chão. Como se não bastasse, ele ainda estava sorrindo.

Uma das guardiãs avançou.

— Parem — comandou uma voz, vindo do alto.

Uma mulher atarracada de cabelo raspado se encontrava em uma das escadas, ziguezagueando pelo lado interno da muralha, os observando. Ela pulou o baluarte e parou ao lado de Elisabeth.

— A batalha ainda não acabou e estes dois não são nossos inimigos — disse a mulher, em tom de autoridade. — Aqueles que ainda conseguirem andar devem abrir espaço para o feiticeiro na muralha. É um catedrático. Precisamos dele.

Quando nenhum dos guardiões reagiu, ela gritou:

— Andem!

Antes que Elisabeth pudesse responder, ela foi empurrada, junto com Nathaniel, na direção da escada. A guardiã responsável os olhou de soslaio.

— É melhor que eu não me arrependa disso. Vocês viram o Diretor?

— O Malefict o matou — respondeu Elisabeth, rouca.

Ela fez uma cara severa, mas não surpresa.

— Acho que isso significa que sou Diretora agora.

Depois de uma pausa, ela olhou para Silas e, em seguida, para Nathaniel.

— É seu demônio, imagino? — perguntou a guardiã.

— Ah — disse Nathaniel, sacudindo os dedos para se livrar das últimas faíscas.

Deliberadamente, ele evitou olhar para os guardiões feridos que ainda rolavam pelo pátio, agarrando as pernas quebradas.

— É, sim, Diretora — confirmou.

A guardiã — a nova Diretora — franziu a testa. Elisabeth se preparou para o desastre.

— Ele é meio pequeno — foi tudo que a Diretora disse, antes de dar meia-volta.

As botas ecoaram nos degraus de metal. Quando chegaram ao alto, fumaça os cercou em nuvens fétidas. Em meio à névoa, os guardiões dedicados aos canhões eram só manchas pretas destacadas pela luz das tochas. Elisabeth correu até as ameias e olhou para baixo. Uma massa fumegante amontoadada se encontrava na base da muralha, cercada por barricadas derrubadas, cujos espinhos rasgavam a fumaça que se espalhava ao vento. O Malefict caído não tinha se desintegrado em cinzas.

— Não morreu — gritou ela.

— Por favor, Catedrático, eu ficaria muito feliz se pudesse matá-lo — disse a Diretora. — O mais rápido possível, pelo bem de todos.

Escondidos pela fumaça, Nathaniel e Elisabeth se entreolharam. Ela sabia a verdade: não havia como conter um monstro tão perigoso. Ashcroft não lhes deixara escolha. Ela imaginou o Crônicas se soltando e atacando Brassbridge, derrubando torres com as garras, deixando um rastro de mortos e moribundos. Como isso se compararia à invasão de demônios? Quantas baixas, quanta destruição? Ela não sabia. Era como se estivesse de olhos atados perante uma balança, com a responsabilidade de pesar um desastre contra o outro, escolher como o mundo chegaria ao fim. Enquanto ela e Nathaniel se olhavam nos olhos, o destino de milhares pairava no ar entre eles, mas não havia tempo de falar, nem mesmo pensar — só agir.

— Sim — disse ela, a palavra uma agonia. — Mate.

— Duvido que mais raios funcionem — disse Nathaniel, se virando para a Diretora. — Tenho que experimentar outra coisa. Preciso de um momento.

Ele fechou os olhos.

Elisabeth apertou a mão livre e deu um passo para trás, se juntando a Silas. Ele estava olhando além da muralha, sem expressão, com o cabelo ao vento, começando a se soltar da fita. Ela se agarrou a uma última esperança.

— Você não pode fazer nada? — perguntou.

— Não opero milagres, srta. Scrivener — respondeu ele, os lábios mal se movendo, como se fossem mesmo esculpidos em alabastro. — Não posso lutar contra essa criatura, pois foi criada pelo meu antigo senhor. As ordens de Baltasar me proíbem, mesmo séculos após sua morte.

Ela hesitou quando outra ideia lhe ocorreu. A resposta de Silas não era inteiramente verdade. Se ela o libertasse, ele não seria mais confinado às ordens de Baltasar... a nada. Poderia impedir tudo isso. Teria o poder de salvá-los todos.

— Mas eu não o faria — murmurou ele. — Você sabe que não.

O tom dele a interrompeu de uma vez.

— Desculpa — disse ela, apesar de não saber precisamente pelo que se desculpava, se pela ideia que tivera, ou pela fome nos olhos de Silas.

Ele inclinou a cabeça. Então, de repente, arregalou os olhos.

— Abaixese! — gritou. — Abaixese!

Foi a primeira vez que ela o viu erguer a voz. O mundo despencou de lado quando ele agarrou ela e Nathaniel e os jogou no chão. O Malefict subiu para além da muralha, fumaça jorran-

do da boca e dos rasgos das narinas, olhos fulminantes de um verde imundo e necromante. Silas os apertou contra o chão quando um braço colossal varreu as ameias. Vento uivou sobre Elisabeth, agredindo seus sentidos, rasgando suas roupas. Um vácuo cinzento horrível apagou sua consciência; ela sentia que a vida era uma vela gotejante arrastada por uma ventania. Sua audição se abafou e a visão escureceu. Chama verde irrompeu antes de o mundo se destroçar, estilhaçado como um caleidoscópio.

Fragmentos de som. Movimento. Voz.

— Elisabeth.

A voz pertencia a Nathaniel, tensa com emoção mal controlada.

— Elisabeth, está me ouvindo?

O rosto dele estava acima dela, um borrão pálido e vago na escuridão. Estava sujo de fuligem e brasas esverdeadas rodopiavam na noite atrás dele. Ele a abraçava com um braço e segurava sua mão com o outro, apertando em desespero. Ela ofegou quando viu os próprios dedos, murchos e sem cor. Enquanto observava, o toque do Malefict retrocedeu. Sensação voltou à mão em um formigamento imediato.

Nathaniel a ajudou quando ela tentou levantar. Ao redor deles, devastação. Chamas esmeralda lambiam as ameias e dançavam pelos uniformes vazios espalhados na muralha. Um canhão solitário soou e um grito reverberou em seu ouvido: o Malefict. Ali por perto, a Diretora berrava ordens, tentando organizar os guardiões restantes.

— Estou bem — disse Elisabeth, ajustando a mão em Demonícida. — Estou pronta.

A expressão de Nathaniel era peculiar. Ele olhou para Silas, com intenção, e deu um passo para trás. Um protesto chegou à boca dela antes mesmo que ele falasse.

— Vou atraí-lo para longe...

— Não.

— Preciso fazê-lo. Sou a única pessoa que não se afeta pela magia.

— Espere — disse ela. — Você não deve fazer isso. A voz... talvez não seja capaz de resistir a ela.

— Não se preocupe. Tive uma ideia. Não tenho tempo para explicar, mas...

Ele já estava se virando, desenrolando entre as mãos um chicote de fogo cuja luz o transformava em uma silhueta alta e magra. A última coisa que ela viu foi um traço de sorriso.

— Confie em mim — disse ele.

Além dali, o Malefict acabou de arranhar uma torre com as garras e se virou, deixando pedaços de alvenaria caírem dos ombros. Apesar da semelhança com o espírito do musgo que eles viram na Blackwald, a casca que compunha seu couro era escura e podre, cheia de rachaduras que revelavam o brilho verde interno. Nathaniel era impossivelmente minúsculo andando naquela direção, o chicote um mero fiapo de luz.

Elisabeth não iria ficar quieta e assistir. Ela enfiou Demonícida no cinto e correu até o canhão mais próximo, cujo responsável anterior era só um uniforme e uma pilha de pó. Varrendo os restos para longe, ela entrou no assento do atirador.

O apetrecho era muito diferente dos canhões de estilo medieval sobre os quais já tinha lido. Como o resto dos mecanismos da Grande Biblioteca, era um instrumento complexo, repleto de pistões e engrenagens. Ela agarrou um volante e experimentou puxá-lo para a esquerda, sentindo a dor do frio metálico nos dedos. A máquina reviveu, roncando, sacudindo o assento com tanta violência que ela só não era jogada para longe porque se agarrava ao volante. Com um rugido de protesto, o cano do canhão se moveu vários metros para a esquerda. Agora, para cima. Ela puxou um outro volante e o cano subiu. Só restava a alavanca perto do quadril. Devia ser o que disparava o canhão.

O chicote de Nathaniel se desdobrou, pronto para atacar, mas ele não completou o gesto. Estava parado, olhando para cima, para o Malefict que o assomava. Ela sentiu o coração dar um pulso, se lembrando da expressão paralisada no rosto dele no cofre. “Ande”, desejou ela. “Lute.”

No silêncio, a floresta expirou. Vento rodopiou sobre a muralha, fétido e podre, como se saísse da boca de um cadáver. Galhos se curvaram. Ramos racharam. Uma voz sussurrou:

— *Thorn...*

— Não escute! — berrou Elisabeth.

Ela sentiu o coração pulsar contra a gola do casaco ao apertar com tudo a alavanca.

Um som de chocalho veio ali de dentro, como correntes subindo num guincho. O cano estremeceu, a boca ardendo em vermelho. Em seguida, o canhão pulou no coice, fazendo os dentes de Elisabeth tremerem e adormecendo seu braço até o cotovelo. De alguma forma, ela não se soltou.

Veio um assobio fino e agudo, seguido de um baque. Ela se levantou, agarrando o volante para se equilibrar. Luz verde se agitava ao redor da bola de metal enfiada no peito do Malefict. Elisabeth sabia que o pelouro devia ser enorme, mas, comparado ao corpo colossal do monstro, não parecia maior que uma bola de gude.

O Malefict mal reagiu. Ela começou a se perguntar se a ideia tinha sido boba. Então, o pelouro explodiu.

O Malefict berrou quando lascas da pele amadeirada saíram voando. Uma nuvem branca se espalhou pela cratera que deixara: *sal*. O pelouro era uma bala de sal coberta de ferro.

Lá embaixo, Nathaniel sacudiu a cabeça, como se tentasse limpar teias de aranha. Ele tensionou os ombros e varreu o ar com o chicote, a chama chiando ao se enroscar no punho do Malefict. Ele puxou o monstro para desequilibrá-lo e ergueu a outra mão, soltando um jorro vulcânico de fogo verde. Empurrado para trás, o Malefict se sustentou, enfiando as garras em uma ameia. Quando as brasas ardentes caíram, ele olhou para Nathaniel no nível dele, próximo o suficiente para agarrá-lo se quisesse.

— *Eu te conheço* — sussurrou. — *Filho da Casa Thorn, senhor da morte.*

— Não — suspirou Nathaniel, rouco, com um passo para trás.

— *Por que esconde sua natureza? Nega o chamado de seu sangue?*

Pavor penetrou o peito de Elisabeth.

— Nathaniel! — gritou ela.

Ele nem reagiu, nem pareceu escutar.

— *Entendo* — disse o Malefict. — *Você quer poupar a moça que ama. Mas você conhece a verdade da magia. O maior poder só nasce do sofrimento.*

O monstro se aproximou de Nathaniel, fumaça escapando por entre os dentes pontudos da boca.

— *Junte-se a mim* — sussurrou. — *Senhor da morte, se torne as trevas que te assombram. Morte a moça.*

O braço de Nathaniel se abaixou, deixando o chicote apagar. Lentamente, ele se virou. Elisabeth não reconheceu a expressão no rosto dele. O casaco estava rasgado e os olhos contornados de vermelho.

Com a boca seca, ela girou os volantes, mudando o ângulo do canhão. Socou a alavanca de novo. Enquanto Nathaniel caminhava em sua direção, chamas percorriam seus ombros e braços como se uma planta estranha e translúcida florescesse.

O canhão tossiu. Jatos de pedra se espalharam a metros do Malefict. Ela tinha errado o tiro. Não podia mirar diretamente na cabeça dele sem correr o risco de atingir Nathaniel.

Faíscas verdes iluminaram a muralha. O céu acima deles borbulhou, uma massa violenta e agitada de nuvens e tempestade. Cercado por uma coroa de fogo, ele parecia intocável, inumano.

As mãos de Elisabeth tremeram nos controles.

— Nathaniel, pare!

Ele não a ouviu. Continuou a avançar enquanto relâmpagos riscavam o céu, formando arcos entre os cumes das montanhas. A terra tremeu e uma cascata de neve desceu de uma montanha próxima, uma avalanche derrubando as árvores que pontilhavam a encosta com força suficiente para aplanar uma cidade. Elisabeth nunca vira tanta destruição pura. Pior ainda, Nathaniel nem parecia notar o que fazia.

Um pensamento horrível lhe ocorreu. Ela podia ajustar a mira do canhão. O pelouro era feito de ferro; ele não conseguiria escapar se ela atirasse nele. Se fosse o necessário... se fosse a única forma de acabar com isso, de impedi-lo de virar outro Baltasar...

Um toque frio segurou sua mão.

— Espere — disse Silas.

Seu cabelo estava solto, voando ao vento. Ela não entendeu como podia estar tão calmo.

Nathaniel estava quase ali. Feitiçaria enevoava seu olhar. Chamas corriam por seu corpo como uma capa. Em um instante, seria tarde demais para impedi-lo.

— Elisabeth.

A voz ecoou irreconhecível, de tanto poder. Ele esticou a mão. O fogo retrocedeu como uma onda, saindo de sua manga, para que ela pudesse tocá-lo.

“Confie em mim”, ele pedira.

Ela se lembrou do dia em que o conhecera, quando ele oferecera uma mão e ela hesitara, certa de que ele iria feri-la. No entanto, os horrores que ela havia imaginado, aquelas crueldades

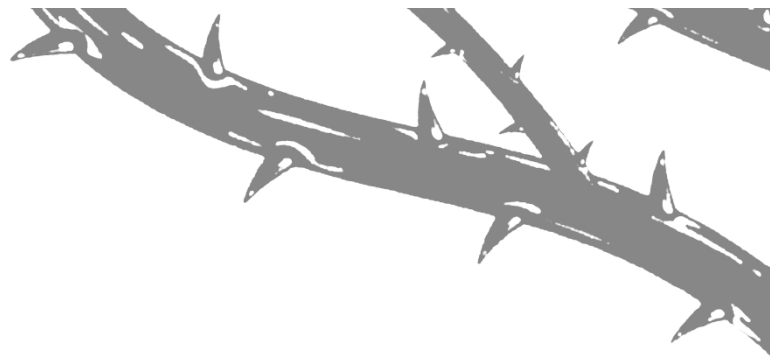
des... ele nunca fora capaz disso. Nathaniel, seu Nathaniel, torturado pelas trevas apenas por ser tão bom.

As palavras do Malefict se repetiram em sua mente. “A moça que ama.” Aquela verdade ecoou dentro dela como o dobrar de um sino.

Lentamente, ela desceu do canhão. Calor brilhava no ar, mas ela não sentiu dor. Era como se tivesse vestido uma armadura, se tornado invencível. Elisabeth caminhou na direção das chamas esmeralda, que se abriram para ela em curvas que se afastavam de seu corpo como enormes ondas. A mão de Nathaniel esperava, estendida.

Ela tocou seus dedos. Ele fechou os olhos. Foi então que viu: o frasco de Prendergast, vazio, pendurado em seu peito.

O Malefict uivou, furioso, sentindo o truque tarde demais. Ele se jogou na direção deles, a boca escancarada, a cabeça cada vez mais perto, o bafo fétido os cobrindo, quando a magia os tomou e Harrows sumiu em turbilhão.



TRINTA E CINCO

Elisabeth, Nathaniel e Silas surgiram em um salão desconhecido, no meio do agradável chá da tarde de um grupo de mulheres. Pelo menos *estava* agradável, até a cabeça arrancada de Crônicas cair no meio da mesa.

Chegou com um baque que esmagou os pés retorcidos da mesa e fez estremecer a porcelana nos armários espelhados do salão. Decapitado pelo pescoço, com as galhadas arrancadas, parecia um pedaço de carvão do tamanho de uma rocha enorme. Chocada, Elisabeth supunha que tinha se aproximado o suficiente de Nathaniel para ser pego pelo feitiço. Evidentemente, no entanto, a magia de Prendergast não era capaz de transportar um ser tão grande quanto o corpo inteiro do Malefict para outra dimensão, então só a cabeça viera com eles. Quando os músculos relaxaram, a língua se desenrolou da boca, reluzindo no tapete como uma lesma gigante.

Uma colher caiu ao chão. As mulheres, paralisadas, continuaram sentadas, os vestidos de seda manchados por gotas de tinta. Nenhuma delas falou uma palavra quando a cabeça começou a se desintegrar, cuspindo brasas no lambril.

— Com licença, senhoras — disse Nathaniel.

Ele fez uma reverência, soltando um punhado de fuligem do cabelo. Em seguida, seus olhos se reviraram e ele caiu de cara no chão.

Gritos encheram o ar. Xícaras saíram voando. As mulheres fugiram da sala, tropeçando na borda do tapete, e Elisabeth caiu de joelhos ao lado de Nathaniel, virando-o para que se deitasse em seu colo. Cada centímetro de pele exposta estava coberto de fuligem. O casaco queimado ainda fumegava e o fogo tinha chamuscado suas sobrancelhas. Em algum momento, ele tinha cortado a testa — ela não sabia quando, nem como, mas cobria o rosto de sangue. Ela pressionou os dedos contra o pescoço dele e relaxou ao sentir o pulso estável.

— *Esse* era o plano dele? — perguntou para Silas, apontando para a cabeça do Malefict.

Como se o dedo de Elisabeth fosse a última gota, a cabeça se desfez em uma pilha de pó.

Olhando para Nathaniel, Silas suspirou.

— Para ser sincero, senhorita, suspeito que ele não tivesse plano algum e tenha simplesmente improvisado.

— Ai. Onde estamos? Alguém faz ideia? — perguntou Nathaniel, abrindo um olho cinza, assustadoramente claro em comparação com o rosto coberto de sangue e fuligem.

Ele olhou ao redor com desconfiança, como se ainda duvidasse de querer acordar, e abriu o outro olho devagar, se concentrando no rosto de Elisabeth.

— Olá, sua ameaça.

Ela riu, fraca de alívio. Acariciando o cabelo dele, afastando as mechas da testa melada, ela foi tomada por um carinho insuportável.

— Eu também te amo — falou.

Nathaniel franziu as sobrancelhas. Ele virou a cabeça para o lado e piscou várias vezes.

— Graças a deus — disse ele, finalmente. — Acho que amor não correspondido não combinaria comigo. Talvez eu tivesse que começar a escrever poesia.

Elisabeth continuou com o cafuné.

— Não me soa tão ruim — comentou.

— Acredite, teria sido mais desagradável para todos do que necromancia.

Ela riu de novo, sem conseguir se conter. Uma alegria cintilante e leve a preencheu, como a luz do sol nas manhãs de primavera, depois da chuva passar e das nuvens fugirem correndo, quando o mundo parecia novo, limpo e claro, transformado em uma versão melhor de si próprio, de beleza estarrecedora. A imensidão do sentimento fez suas costelas doerem. Ela secou o rosto com as costas da mão, consciente da presença atenta de Silas.

Nathaniel a olhou de lado.

— Scrivener, sei que pareço um pedaço de mau caminho deitado aqui no chão, todo coberto de sangue, o que eu já soube que algumas moças acham bastante atraente, o que é inusitado, mas não julgo se você for dessas... mas, por favor, pare de chorar. É uma ferida superficial. A qualquer momento voltarei a lutar contra o mal.

Ela fungou, alto.

— Não estou chorando. Só lacrimejei porque você está fedendo.

— Quê? Eu nunca estou fedendo. Eu cheiro a sândalo e sedução masculina.

Ele ergueu a cabeça para se cheirar e se engasgou.

— Deixa para lá — concluiu.

— Talvez da próxima vez o senhor deva considerar não pegar fogo — sugeriu Silas, severamente.

Um ruído veio do saguão. Dois criados ocuparam a porta, um deles apontando uma espada antiga que parecia ter sido arrancada da parede e tremia violentamente em suas mãos.

— Entregue-se em paz, feiticeiro — declarou ele, depois de um olhar encorajador do outro —, assim não vamos feri-lo.

Nathaniel apertou os olhos.

— Acho que te conheço. Estamos na casa de Lady Ingram?

“Espero que sim”, pensou Elisabeth. A mancha de tinta do tapete parecia permanente.

— É... — disse o criado da espada, incerto.

— Excelente.

Antes que Elisabeth pudesse impedir, Nathaniel ficou de pé em um pulo e olhou ao redor, cambaleando de forma perigosa. Ela segurou um de seus braços e Silas segurou o outro. Sem parecer notar que não conseguia andar sozinho, ele seguiu na direção da porta, explicando:

— Mirei o feitiço para perto da Biblioteca Real. Fica a poucas quadras daqui.

Elisabeth se lembrou do mapa de Austermeer, onde Katrien desenhara um ponto de inter-rogação na Biblioteca Real, no centro.

— É onde Ashcroft vai acabar o ritual — constatou, em voz alta. — No meio do pentagrama.

— Precisamente. Espero ter conseguido atrapalhar o processo, já que trouxe parte do Crônicas conosco, mas era tão grande que talvez a energia demoníaca emitida em Harrows seja suficiente.

— Então não podemos perder tempo.

Um relógio de pêndulo tiquetaqueava no canto. Com uma sensação de irreabilidade, ela viu que eram só oito e meia da noite. O que em Harrows parecera durar anos só tinha levado umas duas horas.

Quando se aproximaram, o criado os ameaçou com a espada, sem ânimo. Ele pareceu aliviado quando Elisabeth a puxou pela lâmina. Ela examinou a arma — inútil — e a enfiou no porta-guarda-chuvas perto da porta.

Eles emergiram em um sonho de inverno. Gargalhadas enchiam a noite e famílias caminhavam, embrulhadas em luvas e cachecóis, carregando patins de gelo pendurados nos dedos. Uma carruagem solitária navegava na direção oposta, cascos do cavalo quase silenciosos, abafados pela neve. Velas iluminavam as janelas das casas da rua, permitindo vislumbrar as cenas: uma mulher que punha o bebê na tina, um cachorro adormecido na frente da lareira com os chinelos do senhor. A respiração de Elisabeth soltava nuvens brancas no ar.

A calma foi um choque. Desorientada, por um momento ela acreditou ter alucinado tudo que acontecera desde a partida de Brassbridge.

Enfim, a luz tocou os topos das torres próximas. Ela protegeu os olhos quando acendeu a estátua do pégaso erguido, cintilante contra o céu escuro, como uma lanterna de bronze costurada no veludo. As janelas da torre se inflamaram em ouro e rosa conforme a luz se espalhou. Quando atingiu a rua, varreu a neve, transformando-a em um banho de diamantes, reluzindo ofuscantes dos galhos congelados das árvores. Ela suspirou. Instintivamente, pensou: “O sol está nascendo.” Não estava... não podia estar.

O cavalo que puxava a carruagem resfolegou e se encolheu frente à luz, sacudindo as rédeas. A família que passava por eles deu meia-volta, exclamando, surpresa. Portas se abriram pela rua toda; os vizinhos botaram a cabeça para fora, cobrindo os olhos com as mãos, sombras compri-

das cruzando a neve.

— Olha! — gritou alguém. — Magia!

Fitas douradas e luminosas dançavam pelo céu, reluzentes e ondulantes, lembrando Elisabeth de uma descrição que lera das luzes polares. Era de tirar o fôlego. Espetacular. O nascer do sol no fim do mundo.

— O que é isso? — perguntou ela.

Nathaniel estava tenso.

— Combustão etérea. Matéria do Outromundo queimando ao entrar em contato com o ar de nosso domínio — respondeu, hesitante. — Nunca vi uma reação tão poderosa... só em livros.

Silas escapou por baixo do braço de Nathaniel e desceu da calçada, erguendo o rosto para a luz, que empalidecia suas feições e diluía os olhos amarelos. A expressão era quase de saudade, como um anjo que olhava para o céu e sabia que nunca mais o tocara.

— O Arconte chegou — disse ele, simplesmente.

Elisabeth e Nathaniel se entreolharam e começaram a correr, tropeçando e escorregando na neve. Por um instante apavorante, Elisabeth temeu que Silas ficasse para trás, paralisado, mas ele logo apareceu ao lado deles de novo, segurando o cotovelo de Nathaniel com tranquilidade antes que escorregasse em um pedaço de gelo.

— A presença dele abriu uma fenda no Outromundo — explicou Silas. — Quando se soltar do círculo de invocação, o véu entre os mundos se romperá e será impossível fechá-lo de novo.

— Mas ainda não aconteceu? — insistiu Nathaniel.

Silas sacudiu a cabeça em um movimento discreto.

— Então ainda podemos impedir — disse Elisabeth.

O olhar de Silas se demorou no rosto de Elisabeth, antes de se desviar. Ele observou Nathaniel por baixo dos cílios, a expressão sempre inescrutável, e ela imaginou o que ele devia pensar.

— Vamos tentar, srta. Scrivener.

Pedestres entupiam a rua que passava na frente da Biblioteca Real: patinadores voltando do rio, rosto corado e cachecóis cheios de neve. Todo mundo encarava a cúpula acima do átrio. A luz brilhante diminuía, chegando a uma claridade abafada em turbilhões dentro do vidro, acendendo a quadra em um crepúsculo aguado. Fiapos dourados ainda dançavam ao redor do prédio, fluindo pelas estátuas de mármore e textos esculpidos, mas ficavam cada vez mais fracas, provocando suspiros de pena na multidão.

O estômago de Elisabeth se revirou. A vista era inegavelmente linda e a hora não podia ser pior. Parecia que as pessoas acreditavam ser uma apresentação de magia por diversão.

— Vocês precisam ir — gritou ela, empurrando-os com o ombro na direção da biblioteca. — Todos vocês! Corram! Estão em perigo!

Cabeças se viraram, confusas; a maioria não escutou em meio ao burburinho. Outro som, mais alto, abafou o resto. Como o som dos gafanhotos cantando no campo, crescendo ao casca-

tear na direção deles. Gritos.

Finalmente, as pessoas começaram a correr, mas não foram rápidas o bastante. Espalharam-se para todos os lados quando um capeta pulou na multidão, mordendo e rosnando, os dentes faiscando na luz sobrenatural. Pelo canto do olho, Elisabeth viu uma criança tropeçar no patins e cair, movimento acompanhado pelos olhos vermelhos do demônio. Ela soltou Nathaniel e pulou sem pensar, rasgando o ar com Demonicida.

O demônio se virou para encontrá-la e hesitou quando a lâmina quebrou um dos chifres e continuou, separando osso e músculo como manteiga, parando só ao bater com estrondo no paralelepípedo, soltando fumaça. Elisabeth tropeçou para trás, se preparando para se defender do contra-ataque do demônio, mas ele não veio. O corpo caiu na rua, sem vida. Ela praticamente o cortara pela metade.

Ali, outro capeta, sobre uma mulher desesperada... mas caiu antes que ela pudesse agir, a luz vermelha sumindo de seu olhar. Ela não entendeu o que tinha acontecido até um borrão branco passar por ali e um terceiro demônio cair ao chão, inerte. Silas costurou pela multidão como um bailarino, rostos chocados se virando quando ele passava. As garras cintilavam, apontadas, rasgando a garganta dos capetas antes que o vissem chegar. Um tremor de fascínio a percorreu, seguido por uma pontada instintiva de medo. Era um vislumbre do Silas de antigamente, solto em um campo de batalha de eras passadas, cercado por lanças e flâmulas, transformando a frente de batalha em uma valsa impiedosa de morte. Na época, no entanto, eram humanos que sangravam a cada toque das garras.

Como se sentisse o olhar de Elisabeth, ele parou o suficiente para cumprimentá-la com um aceno de cabeça. Ela prendeu a respiração. Finalmente, acenou de volta e virou-se, confiante de que ele cuidaria dos capetas que ela não conseguia alcançar.

Luz esmeralda se acendeu; o chicote de Nathaniel se desenrolou ao lado dela. Mesmo cambaleante, ele abriu um sorriso ousado e imprudente, dentes brancos acendendo o rosto imundo. Uma objeção morreu na boca dela quando o chicote estalou em um capeta que ameaçava um grupo de pessoas. Cuspindo brasas e estalidos, o chicote puxou o capeta diretamente ao caminho da espada de Elisabeth.

Convicção a tomou quando ela derrubou o demônio. Sentia o sangue pulsar nos ouvidos. Depois do que ela e Nathaniel tinham encarado em Harrows, isso era brincadeira de criança. Nada podia impedi-los.

Eles cortaram caminho na direção da biblioteca, avançando aos poucos. Os inúmeros ataques adormeceram os braços de Elisabeth, fizeram seu sangue cantar. Toda vez que um capeta pulava na direção dela, o chicote de Nathaniel o açoitava. Sempre que um capeta corria na direção dele, Elisabeth estava lá para interceptá-lo com a espada. Dezenas caíram a seus pés.

Não bastava. Cada vez mais capetas chegavam, jorrando incessantes pelas escadarias da Biblioteca Real, saltando das janelas em explosões cintilantes de vitral. Entre eles três, mantinham os demônios afastados, mas não podiam entrar sem soltar os capetas pela cidade.

A respiração de Nathaniel tocou seu rosto, quente.

— Ganhe tempo para mim.

Antes, ela não entenderia o pedido, mas agora ela girou sem hesitar, bloqueando o capeta que pulara em Nathaniel quando ele se ajoelhou, abrindo as mãos espalmadas contra os paralelepípedos. O cabelo dele cobria a testa, escondendo tudo exceto pelos traços afiados das maçãs do rosto e da boca torta, contraída em uma careta de concentração.

Feitiçaria ardeu pelo ar. Elisabeth golpeou o capeta, que tombou a seus pés. Com a visão agora desobstruída, ela viu o momento em que o feitiço de Nathaniel fez efeito.

Uma fileira de bibliotecários encapuzados era entalhada em baixo-relevo de uma ponta à outra da fachada da biblioteca. Ela os viu erguer a cabeça e apertar com mais força as lamparinas de pedra em suas mãos. Mármore desmoronou quando eles se soltaram do prédio e andaram à frente, marchando em um batalhão sem rosto ao meio do combate. Cantavam no caminho, um hino triste e solene que retumbava pelos ossos de Elisabeth como o movimento de uma mó.

Acima deles, estátuas de anjo se espreguiçaram, suspiraram e abriram as asas. Os rostos serenos se viraram para observar o campo de batalha. Uma delas desceu da plataforma e empurrou um capeta com força. Outro segurou a ponta de uma cornija esculpida e, sem emoção, a arrancou da biblioteca e a arremessou com força suficiente para esmagar completamente um demônio. Santos e frades se juntaram à luta, jogando de tudo: de porta-incensos de mármore a pergaminhos petrificados. Gárgulas desceram dos postos gastos para encarar os capetas de frente.

Uivos de dor encheram a noite quando a maré da batalha virou. Era como o feitiço que Nathaniel usara em Summershall, mas multiplicado por cem. Ele não tinha simplesmente dado vida às estátuas da Biblioteca Real; tinha criado um exército para lutar em seu nome.

Boquiaberta e de olhos arregalados, Elisabeth quase não notou a tempo que um capeta se jogava na direção dela. Desajeitada, se defendeu da boca arreganhada, só para ver as garras voando, vindas de outro lado. Finalmente, um estrondo semelhante ao toque de um gongo ecoou em seus ouvidos e o capeta foi mandado para longe, pisoteado pelos cascos de bronze reluzentes do pégaso de cima da torre. Vitorioso, ele jogou a crina para trás e ergueu as patas. O chão tremeu quando ele caiu de volta, causando rachaduras que percorreram os paralelepípedos em rede.

— Isso deve mantê-los ocupados — disse Nathaniel.

Ele se levantou com esforço. A cor se esvaiu do rosto, deixando-o fantasmagoricamente branco.

Elisabeth o pegou antes que caísse. Seu corpo irradiava calor, mesmo sob o casaco, como se ele estivesse de novo em meio à febre.

— Magia demais — disse ele, arrastado, com os olhos pesados. — Daqui a pouco melhora.

O peito dela se retorceu. Horas antes ele mal conseguia sair da cama. Desde então, ele os transportara para o outro lado do reino não uma, mas duas vezes. Ele chamara fogo e raios e acordara um exército de pedra. Era um milagre que ele estivesse de pé esse tempo todo.

— Você aguenta continuar? — perguntou ela.

— Claro que sim — disse ele, dando um tapinha fraco e reconfortante no braço dela. — Posso ser inútil, mas minha beleza pode ser fundamental para melhorar os ânimos. Silas?

Surgindo do nada, Silas se transformou em gato e pulou no ombro de Nathaniel. Respirando fundo, Nathaniel se endireitou, de repente muito mais saudável.

— Silas é o conduto de minha feitiçaria — explicou, sorrindo. — Em momentos como este, ele pode me emprestar um pouco de força.

Elisabeth queria até beijar Silas, mas a expressão em seus olhos amarelos sugeria que ninguém que ousara fazê-lo sobrevivera. Assim que confirmou que Nathaniel conseguia andar sozinho, ela subiu as escadas de dois em dois degraus, escapando de um capeta que rolava escada abaixo. A batalha custara minutos preciosos. Ela não se permitiu considerar que já podia ser tarde demais.

O que a esperava acima da escada a paralisou. Um corredor grandioso levava ao átrio, ladeado de estantes que iam até o teto e se refletiam nos azulejos polidos. No entanto, ao final, onde deveria estar o arco, em vez disso se encontrava um vasto céu azul-cobalto, salpicado de estrelas. Livros derrubados flutuavam, leves, nas beiradas do portal, que parecia ter sido aberto na biblioteca como um rasgo de faca. Ela observou um diabrete de escamas verdes sair dali e escalar as prateleiras, os encarando com olhinhos reluzentes cor de ônix.

— Isso é uma fenda que leva ao Outromundo, não é?

— Provavelmente uma de muitas — ofegou Nathaniel, chegando ao seu lado. — Precisamos encontrar outro caminho.

— Não tem outro caminho. Só com a chave de um bibliotecário de nível alto.

As chaves de Harrows tilintando em seu bolso não serviriam para as portas da Biblioteca Real. Ela olhou ao redor, analisando os corredores que se abriam à esquerda e à direita. Só levavam às salas de estudo, às salas de reunião, aos armários de onde tirava o balde e o esfregão de manhã...

Elisabeth inspirou fundo.

— Sei aonde ir. Venham.

Ela virou a esquina sem olhar para trás. Nathaniel foi junto.

— Se você for derrubar outra estante, só garanta que eu não estou no caminho.

— Não preciso derrubar — disse ela. — Vou só pedir com jeitinho.

Ignorando o olhar confuso, ela procurou estantes conhecidas ao redor. Se ao menos tivesse prestado mais atenção naquele dia... Onde é que ela e Gertrude estavam, exatamente, quando aconteceu? Continuou em frente, passando correndo por mais fendas, que serpenteavam pelas paredes e pelos tetos do corredor como arranhões causados por garras de um monstro invisível. A influência do Outromundo se infiltrava na biblioteca por todos os lados. Bustos de antigos diretores tinham saído dos pedestais, flutuando em ângulos surreais. Velas pendiam do ar e cortinas esvoaçavam sob um vento inexistente. Ela tentou não pensar no motivo do sino da biblioteca não tocar, dos corredores estarem vazios; era fácil demais imaginar os bibliotecários sendo sugados pela vastidão estrelada do Outromundo, para nunca mais serem vistos.

“Ali.” Era onde as prateleiras tinham se aberto revelando uma passagem secreta. Sem saber se alguma ação específica as instigaram, ela encostou a palma nos grimórios e pressionou a testa contra as lombadas.

— Por favor — suspirou. — Me deixem entrar.

Calor pulsou pelo couro tocando sua pele. Um farfalhar percorreu os grimórios, como se cochilhassem entre si, espalhando o recado. Ela deu um passo para trás e o painel se escancarou.

Nathaniel riu, impressionado. Quando ela virou para olhá-lo, viu que ele a observava com olhos brilhantes. Era a mesma expressão do baile, de quando a vira pela primeira vez no vestido.

— O que foi? — perguntou.

— Eu sabia que você falava com livros. Só não sabia que eles escutavam.

— Eles fazem muito mais que escutar.

As tábuas do chão rangeram quando Elisabeth entrou. Ela respirou fundo, sentindo o gosto da poeira do ar, e fechou os olhos, imaginando a Biblioteca Real como se fosse o próprio corpo, os cofres compridos, as salas secretas e os inúmeros mistérios, a magia que corria pelas paredes.

— Viemos impedir que Ashcroft invoque o Arconte — declarou para os muros ao seu redor, se sentindo muito menos boba do que esperava; de alguma forma, sabia que estava sendo ouvida. — O que ele está fazendo... vai destruir todos nós. Sei que já está machucando vocês. Podem nos levar até ele?

Ela nunca tentara isso antes: falar não com um livro, mas com todos, pedir ajuda à própria biblioteca. Não fazia ideia se funcionaria. Uma brisa voou por ali, grudando uma teia de aranha em seu rosto como o carinho de uma mão sem substância. Então...

Um tremor tomou o chão. Ela abriu os olhos de uma vez quando a madeira da passagem rangeu e gemeu. Ao redor deles, tábuas balançavam como teclas tocadas de piano, distorcendo as paredes. A transformação se espalhou em onda, deslocando nuvens de fumaça, abrindo espaço onde não havia nenhum. A passagem estava se rearrumando. Mostrando o caminho.

Ela começou a correr.

— Vamos!

Ao seu lado, Nathaniel conjurou uma chama fraca para iluminar a trilha. Ela se preocupou com a aparência frágil da chama, mas, fora isso, Nathaniel parecia bem. O que quer que Silas estivesse fazendo, tinha funcionado.

A passagem continuou a se reconstruir à frente deles, fazendo com que dessem tantas voltas que Elisabeth nem podia adivinhar aonde iam. Ela não sabia se só estava imaginando que a magia da biblioteca corria em seu corpo, impulsionando seus passos e expandindo seus pulmões, uma sensação atordoante, até se tornar mais que humana.

Finalmente, chegaram ao que parecia um beco sem saída... mas ela continuou em frente e, como esperava, a parede se escancarou antes que ela colidisse, abrindo alas. Eram os fundos de uma estante; eles tinham chegado ao lado oposto do túnel.

Tropeçando, chegaram à névoa e ao silêncio. Lâmpioes quase apagados formavam bolhas embaçadas ao redor, como dezenas de luas brilhando através da bruma espessa. Elisabeth levou um momento para entender onde estavam. A prateleira que se abrira para eles fechou com um gemido, um som fundo, trêmulo e quase subterrâneo, acabando em um clique que ecoou do teto alto. Sussurros se espalharam em seguida, correndo pela névoa.

— Estamos nos arquivos restritos — disse ela, surpresa.

Apesar da névoa que cobria seu rosto como um véu, ela ainda sabia que direção tomar.

— Por aqui — falou.

— Por que a... — ouviu Nathaniel tentar entender o que tinha acontecido. — A biblioteca nos trouxe para cá?

— Não tenho certeza.

Teria sido muito mais rápido levá-los diretamente ao átrio, em vez de carregá-los pela ala noroeste. Ela se obrigou a caminhar sem empunhar Demonicida. Apesar da malevolência deste lugar, ela tinha certeza de que a biblioteca não queria fazer mal algum.

Por volta do meio do corredor, o vapor se dissipou. As estantes se tornaram visíveis, os asso-mando, névoa lambendo as prateleiras mais baixas como a maresia nas falésias costeiras. Eles pareciam estar mais no fundo dos arquivos do que ela chegara da última vez.

Sem aviso, uma forma branca e gigantesca se ergueu acima dela, à luz das lamparinas. Ela deu um pulo assustado, mas era só uma caveira de baleia cujo esqueleto era suspenso do teto por milhares de cabos, se estendendo até as sombras. De novo, ela sentiu, nervosa, que os arquivos não eram um corredor tão reto quanto pareciam. Que era possível se perder aqui, dar uma volta inexplicável, vagar em seções que não existiam momentos antes.

Conforme continuavam, a pergunta de Nathaniel continuava a perturbá-la. *Por que* a biblioteca os levava até ali? Ao redor, os grimórios faziam silêncio. Era como se estivessem escutando, à espreita, prendendo a respiração. Como se esperassem que alguma coisa acontecesse...

Seus passos hesitaram frente a um movimento trêmulo. A névoa formando um redemoinho.

— Cuidado com as ilusões — falou, por cima do ombro.

Nathaniel deu um pulo ao som de sua voz; ele estava encarando, com a testa franzida, um livro cuja capa era incrustada de dentes humanos.

— Os grimórios podem tentar nos enganar — insistiu ela.

— *Você não, querida...*

Elisabeth deu uma volta. A voz sibilara da névoa, de uma origem impossível de identificar. Ela observou as prateleiras, mas não viu sinal de qual grimório havia falado.

Da direção oposta, veio outra voz:

— *E suponho que possamos abrir exceção para os outros humanos...*

— *Circunstâncias especiais, entende* — sussurrou mais outra.

— *Não vamos machucá-los. É uma promessa.*

— *E aí? Não vai continuar, garota? Estamos esperando.*

Desamparada, Elisabeth virou de uma estante à outra, procurando em vão de onde vinham as vozes.

— O que querem dizer? — perguntou. — O que querem de mim?

As vozes se calaram.

Nathaniel se aproximou, esticando a mão como se fosse tocá-la, até hesitar, incerto. Era óbvio que ele não ouvira os grimórios.

— Elisabeth?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não é nada.

Frustração a tomou quando continuaram a andar, voando pelas estantes. Não era verdade. Eles tinham sido levados aos arquivos por algum motivo, mas ela não via o que poderia ser mais importante do que alcançar Ashcroft e impedir o ritual o mais rápido possível. Isso se *conseguissem* impedi-lo, só os três, com a magia gasta de Nathaniel...

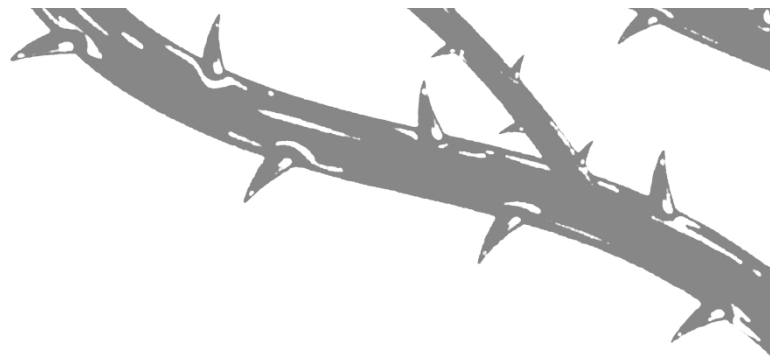
“Ah.” A resposta se iluminou com mais beleza do que o sol nascente. Sem pensar duas vezes, ela deu meia-volta e correu para as estantes.

Nathaniel pareceu desesperado.

— O que... Elisabeth?

Os grimórios não silvaram, nem se chacoalharam nem cuspiram tinta quando ela se aproximou. Só aguardaram em expectativa. Ela subiu nas pontas dos pés para soltar a corrente que percorria a prateleira mais próxima. Puxou com força e se voltou para Nathaniel, a ponta pendendo de sua mão enquanto os livros abriam as páginas atrás dela, se erguendo.

— A biblioteca quer lutar.



TRINTA E SEIS

Nathaniel a seguiu, correndo de estante a estante, arrombando jaulas, arrancando correntes. Isso ia contra tudo que ela tinha aprendido, mas ela não sentiu culpa, vergonha ou hesitação. Em vez disso, sentiu que uma represa se rompera dentro dela, águas jorrando para derrubar qualquer incerteza do caminho.

Gritos de júbilo encheram o ar. Grimórios que não sentiam o gosto da liberdade há séculos abriram asas de pergaminho e voaram. Outros se jogaram das prateleiras e se arrastaram pelo chão, farfalhando as páginas com alegria. A escuridão sombria do corredor se transformou em caos.

— Espere — disse Nathaniel. — Tem certeza de que devia fazer isso? A biblioteca foi construída por Cornelius. Era para invocar o Arconte desde o começo — falou, desviando de um grimório que se revirava perto das botas. — E se for...

Ele parou, mas ela sabia o que queria dizer. Um truque. Uma armadilha. Ela não o culpava, mas, finalmente, entendia.

A biblioteca não pertencia a Ashcroft e seu plano mais do que Elisabeth pertencia aos pais desconhecidos que a puseram no mundo. Tinha vida própria, se tornara muito maior do que Cornelius supunha. Pois as bibliotecas não continham livros comuns. Eram conhecimento vivo. Sabedoria com voz. Cantavam quando a luz das estrelas entrava pelas janelas. Sentiam dor e tristeza. Às vezes eram sinistros e grotescos... mas o mundo lá fora também. Isso não diminuía o valor de lutar pelo mundo porque, onde havia escuridão, havia também muita luz.

Era este o propósito de Elisabeth. Não se tornar guardiã na esperança de se provar para pessoas que nunca entenderiam. Ela não fora feita para dominar correntes, mas para rompê-las. Era a vontade da biblioteca encarnada.

Ela sentiu: a consciência da biblioteca passando por ela, através dela, como uma corredeira ágil. Centenas de milhares de grimórios juntos como um.

Ela não tinha palavras para explicar nada disso para Nathaniel. Ainda não. Portanto, olhou nos olhos dele e pediu:

— Confie em mim.

O que quer que ele tenha visto no rosto de Elisabeth o impressionou. Ele assentiu. Então, como se mal acreditasse no que fazia, ele se virou para a estante e começou a soltar as correntes.

Juntos, correram pelo arquivo, libertando todos os grimórios que alcançavam. Com cada corrente rompida, a coragem de Elisabeth ardia mais forte. Ashcroft tinha cometido um erro. Tinha ido à biblioteca dela. À casa *dela*. Desta vez, ele não escaparia das consequências.

Ela chegou a uma jaula conhecida e parou, esquecendo momentaneamente o barulho, o papel voando pelo ar. Um rosto murcho flutuava nas sombras, a fita e a agulha cintilando mesmo assim.

— Você vai ajudar? — perguntou Elisabeth.

A voz de muitos tons pareceu achar graça.

— *Esse Ashcroft é bonito?*

— Muito.

— *Que delícia. É só mostrar o caminho, querida.*

Ela não tinha a chave da gaiola, mas não precisava. Enfiou Demonicida entre as barras e a girou, dobrando o ferro velho e enferrujado até abrir espaço para o grimório voar. Em seguida, ela pegou a bola de vidro do Illusarium e continuou a correr. Um fantasma de ilusão ganhou vida a seu lado: a Diretora, Irena, o cabelo vermelho como fogo esvoaçante na névoa. Orgulho iluminava seu rosto, abrindo um sorriso muito leve para Elisabeth. Antes que Elisabeth pudesse chamá-la, ela sumiu, dissipando-se em vapor.

Nathaniel soluçou. A princípio, ela achou que ele também tinha visto Irena. No entanto, quando se virou, o rosto dele estava inclinado para outra parte da bruma, onde as silhuetas de uma mulher sorridente e um garotinho sério de terno se desfaziam. Silas olhava na mesma direção, os olhos reluzentes como joias. O Illusarium mostrava outra coisa para Nathaniel: sua família. Ela soltou uma das mãos e procurou a dele. Entrelaçou os dedos, apertando com força.

Momentos depois saíram correndo pelo portão. Uma avalanche de grimórios saiu atrás deles, caindo na ala noroeste. Guiando a onda expansiva de pergaminho e couro, passaram voando pelos anjos esqueléticos entalhados no arco e fizeram uma curva, encarando um exército de demônios.

O coração de Elisabeth quase parou. Escamas, chifres e verrugas preenchiam cada milímetro do átrio. Fendas subiam em espiral pelos andares de estantes, até a cúpula, cujo vidro azul tinha começado a rachar, deixando cacos suspensos refletindo o céu do Outromundo. Mais carpetas pulavam das fendas, segundo a segundo. Diabretes escalavam as grades e duendes pulavam pelas varandas, nas quatro patas. Eram centenas de demônios. Talvez até milhares.

Mesmo assim, as forças de Ashcroft ainda estavam em minoria.

Um diabrete parou de morder uma estante e olhou na direção deles. Devagar, ergueu o rosto. Os olhos pretos se arregalaram, refletindo um enxame de manchinhas, cada forma cres-

cendo e crescendo. Uma sombra se estendeu pelo átrio quando a onda de grimórios quebrou.

Elisabeth se preparou. No instante seguinte, o mundo se dissolveu em uma tempestade de páginas. Ela e Nathaniel ficaram de pé, de mãos dadas, os cabelos açoitados pelo vento, enquanto Silas se agarrava com as garras ao casaco de Nathaniel. Tudo era bloqueado por um ciclone aparentemente infinito de pergaminho que os atacava como milhares de asas. O cheiro de tinta, magia e poeira a sufocou. Por um momento, não conseguiu mais respirar. Até que, brusca como uma revoada que se ia, a torrente cessou e os arredores se revelaram.

Para cada demônio, havia uma dúzia de grimórios. Um duende caiu no chão, engolido por uma multidão de livros que atacavam seu corpo como um cardume de piranhas, mastigando e batendo os dentes. Um diabrete grasnou quando páginas se fecharam nas orelhas compridas, o levando pelo ar. Ali por perto, um rosto envelhecido se ergueu em meio a dois capetas, os avaliando como costureira profissional. Uma agulha voou com precisão entre eles, até que caíssem ao chão, costurados um no outro. Pelo átrio inteiro, demônios eram derrubados, uivando pelos cortes de papel e cegos com jorros de tinta.

Convocados para a luta, grimórios desciam das estantes em cascatas de ouro e couro multicolorido. Nuvens de fumaça se espalhavam quando caíam no chão, vindo de três, quatro, até cinco andares acima. Um relance de plumas de pavão veio da direção do catálogo e o lamento lírico de Madame Bouchard levou capetas a se retorcerem e baterem as patas contra os ouvidos.

— Precisamos encontrar Ashcroft! — gritou Elisabeth, a voz soando como o zumbido de um mosquito, quase inaudível em meio ao tumulto. — Ele deve estar por aqui!

Nathaniel a segurou pelo ombro e apontou. Cacos da cúpula tinham começado a descer afunilados no centro do átrio, puxados por uma força invisível. Eles se entreolharam antes de voltar a observar o caos à frente. Os grimórios estavam ganhando... mas precisavam ganhar mais rápido.

Tomada por inspiração repentina, Elisabeth deixou o Illusarium no chão e bateu no orbe com o punho de Demonicida, rachando o vidro. Névoa escapou pelas frestas, envolvendo-a em um cinza úmido e grudento. Quando o vapor acabou de emanar, o vidro saiu rolando, vazio. Ela o encarou, chocada. Será que não tinha nada lá dentro?

— *Aaaaaaaaah* — suspirou uma voz fantasmagórica, emanando de lugar nenhum e todo lugar ao mesmo tempo.

Bruma ferveu pelo átrio, reduzindo os combatentes a sombras enevoadas. Capetas se jogaram contra figuras que surgiam da névoa, sumiam e apareciam de novo do outro lado, em provocação. Aproveitando a distração, os grimórios os atacaram com mais vigor. Elisabeth viu um duende tentar escapar da bruma, até ser puxado de volta por uma força escondida, deixando uma onda silenciosa no vapor. Ganidos e lamúrias se seguiram. Finalmente, os sons pararam abruptamente, deixando cair um silêncio assombroso.

Ela e Nathaniel correram quando a névoa começou a se dissipar, se demorando nos corpos deitados e espalhados de demônios. Ela mal acreditou. Nenhum tinha sobrevivido.

— Olhe — disse Nathaniel. — O que eles estão fazendo?

Páginas sussurravam. Um a um, grimórios se erguiam da névoa. Eles se juntavam em grupos e subiam em direção as sacadas em rastros espiralados, como revoadas de pássaro em câmera lenta. Elisabeth arregalou os olhos ao ver aonde iam. Cada grupo se dirigia a uma fenda.

Chocada, a primeira coisa que supôs foi que as fendas os atraíam, tentando destruí-los. No entanto, os grimórios não estavam resistindo. Eles ascendiam tranquilos, com propósito. Sempre que um livro tocava a superfície da fenda, se acendia e se desintegrava em pó — e as bordas da fenda se encolhiam um pouquinho, como feridas que cicatrizavam. Um canto ecoava pela cúpula fraturada: notas agudas e cristalinas, puras e prateadas como a luz das estrelas.

— Eles estão tentando fechar as fendas — disse Elisabeth, sentindo seu coração se apertar como um punho. — Estão se sacrificando para salvar a biblioteca.

Ali, Madame Bouchard. E lá, caindo em uma chuva de pó, o Grau Quatro que cuspiam tinta nos aprendizes de manhã. Todos esses livros tinham alma. Muitos eram centenários, insubstituíveis. Alguns tinham acabado de sentir a liberdade pela primeira vez desde sua criação — minutos de liberdade, depois de uma vida presos. Ainda assim, cantavam ao dar suas vidas.

Lágrimas arderam nos olhos de Elisabeth. Ela não podia permitir que o sacrifício fosse em vão.

A névoa tinha sumido quase inteiramente agora; as sombras se clareavam. Quando os últimos resquícios se foram, ela e Nathaniel chegaram aos tropeços ao centro do átrio, em meio à invocação de Ashcroft.

Uma silhueta se erguia ali, cercada por cacos de vidro como planetas na órbita de um sol. Era mais alta que um homem, comprida e luminosa, mas, por mais que Elisabeth apertasse os olhos, não conseguia enxergar as feições. A sensação era estranhamente semelhante à da luz do sol refletida no espelho: inconstante e intangível, um mero espectro de algo muito maior, radiante e horrível de ver.

Com a cabeça inclinada, a silhueta observava o humano a seus pés.

Ashcroft.

Ele olhava para o Arconte que se assomava, arrebatado, banhado em sua luz, parecendo insensível à batalha que se travava ao seu redor. O esplendor transformara seu rosto. Ele parecia dez anos mais novo, sua expressão aquela do desejo quase inocente. Sangue escorria pelo punho esquerdo, segurado pela mão direita. Uma adaga estava esquecida no chão.

Esperança pulou dentro de Elisabeth. Ele não tinha acabado o ritual. O Arconte continuava dentro do círculo: um círculo formado pelo mapa da biblioteca desenhado pelos azulejos do chão, onde ela pisara dezenas de vezes sem nunca suspeitar do motivo.

— Você viu os olhos de Ashcroft? — murmurou Nathaniel. — A marca se foi. Ele não invocou Lorelei de novo.

“Então ele não pode usar magia para lutar”, pensou ela. Encorajada, ergueu Demonizada por cima do ombro. A luz refletida na lâmina chamou a atenção de Ashcroft. Como se os esperasse, ele abriu os braços e um sorriso infantil.

— Srta. Scrivener! — gritou. — Nathaniel! Tinha esperança de que vocês viriam. Tiveram

um papel tão importante, que eu queria que vissem. Não é esplêndido?

Atrás dele, uma parte da sacada se desintegrou, pedaços de corrimão e estante flutuando ao redor da fenda. Os grimórios diminuía a destruição, mas não podiam superar o poder do Arconte.

— Você precisa parar o ritual! — gritou ela.

Ele riu.

— *Parar* o ritual?

— Você vai destruir tudo. A biblioteca está desmoronando! — insistiu ela, apontando com Demonícida para as lascas de céu do Outromundo se retorcendo acima. — Se é isso que o Arconte já fez, o que acha que vai acontecer quando soltá-lo?

— Ah, srta. Scrivener. Se ao menos entendesse... — disse ele, seus olhos azuis brilhando de sinceridade. — Observe.

Ele soltou o punho ferido e o inclinou até uma gota de sangue pingar no azulejo. O sangue sumiu imediatamente, como se nunca tivesse existido. Ele esticou o braço, mostrando que o corte tinha se curado, sem deixar cicatriz.

— Entendeu agora? — insistiu ele. — Quando eu o capturar, o prender a meu comando, tudo será possível. Vou mudar o mundo.

Era impossível argumentar. Nathaniel parecia ter pensado o mesmo. Ele estalou o chicote, a chama crepitante e flamejante. Silas se apertou mais no ombro e fechou os olhos, concentrado em transmitir toda sua força a Nathaniel.

Ashcroft riu de novo. Desta vez, o som era um pouco maníaco. Ele cortou o ar com o braço e um arco de luz se espalhou, crescendo ao se aproximar.

“Impossível.” Como...?

Ela não teve tempo de pensar. Jogou-se ajoelhada na frente de Nathaniel, levantando Demonícida acima da cabeça. A espada vibrou ao rasgar a luz. Quando ela se levantou, a lâmina ardia, vermelha, o punho de couro quente, grudento e desconfortável, como se tivesse começado a derreter. Assustada, ela se deu conta que talvez a espada se estilhaçasse se ela tentasse bloquear outro feitiço.

Um segundo arco de luz voou. Eles se jogaram ao chão, vendo o raio passar milímetros acima, perto o suficiente para cortar vários pelinhos brancos do rabo de Silas. Atravessou o átrio inteiro antes de se apagar da existência. Por um momento, Elisabeth achou que não tinha atingido nada. Então, uma estátua caiu de lado e tombou ao chão, cortada precisamente no tornozelo.

Para criar o feitiço, Ashcroft nem murmurara um encanto.

— Como ele fez isso? — gritou Elisabeth.

Nathaniel estava apertando o maxilar, o rosto encharcado de suor.

— O poder do Arconte deve estar entrando nele. Mesmo sem um acordo, se derrama como um chafariz.

“Em breve, vai afogá-lo.”

Eles rolaram pelo chão, se afastando e mal evitando mais um arco que cavava um sulco sibilante pelo chão entre eles, dividindo o mármore com a facilidade de uma faca na manteiga derretida. Mais um os jogou para trás. Nathaniel não tinha tempo de lançar um feitiço mesmo que tivesse força. Os ataques vinham sem parar, implacáveis demais para que pudessem fazer qualquer coisa além de reagir.

— Silas... — começou ela, mas aqueles olhos amarelos a calaram.

Ele não podia se transformar sem deixar Nathaniel desamparado. Se demorasse uma fração de segundo a mais para desviar de um arco daqueles, Nathaniel morreria antes de chegar ao chão.

Era a hora dela, então.

Dentro do círculo, a luz do Arconte ficara mais forte, se derramando nos azulejos. Parecia ter crescido vários metros. O desenho também estava mais nítido: ela via a forma de asas e uma auréola ao redor da cabeça que podia ser uma coroa. Mais destroços voavam à sua órbita, fragmentos de bronze e mármore das sacadas se juntando ao rio cintilante de vidro que cercava seu corpo. Pouco a pouco, a biblioteca estava desmoronando.

Desatento a tudo, Ashcroft estava extasiado, os olhos enevoados por uma camada branca iluminada. A luz parecia queimar dentro dele, jorrando para fora. Quando Elisabeth se desviou do último ataque e pulou de pé, o rosto duro e decidido, ele sorriu — não para ela, mas para o Arconte — e ergueu os braços em gesto de súplica.

Ela avançou correndo. Raios de luz vinham do alto, como estrelas cadentes, explodindo nos azulejos aos seus pés. Os mísseis caíam na velocidade de flechas, rápidos demais para seguir, impossíveis de evitar. Ela só podia continuar a correr. Por um momento, se sentiu invencível, sem ar. Até que, atrás dela, um som congelou seu coração: um grito de dor. *Nathaniel*.

— Continue! — gritou ele.

O chicote passou por ela e se enroscou em um dos braços de Ashcroft, desequilibrando-o. Ela se jogou contra ele um segundo depois, derrubando-o no chão com tanta força que a cabeça bateu com estrondo no azulejo. Antes que ele recuperasse os sentidos, ela o empurrou de bruços e puxou os braços para trás. Lembrando-se das algemas que Nathaniel usara em Harrows, puxou a corrente de aros grossos de ferro na qual guardava a chave-mestra e a amarrou nos punhos dele, bem apertado, sem consideração alguma pelas mãos, que em momentos estariam vermelhas e inchadas. Finalmente, o puxou pela gola da camisa, pressionando Demonici-da contra a garganta.

Ele estremeceu, a luz sumindo do olhar. Finalmente, piscou, atordoado, tentando se concentrar.

— Você não pode me matar, srta. Scrivener.

— Desta vez, vou matá-lo.

Ela mal reconhecia a própria voz, pesada de tanta fúria. O grito de Nathaniel ainda ecoava em seus ouvidos.

— Se precisar... — continuou. — Se for necessário.

— Ah, sinto muito, não foi isso que quis dizer — disse Ashcroft, revirando os olhos para a cúpula que se desintegrava. — A não ser que eu o prenda, vamos todos morrer juntos.

Ela olhou automaticamente para Nathaniel. Sentiu a boca secar ao vê-lo jogado no chão de azulejos, abraçando o joelho, a boca arreganhada numa careta. Sangue escurecia as calças. Silas tinha voltado à forma humana e arrancado a gravata para amarrá-la como torniquete na coxa de Nathaniel, mas seus movimentos — os dedos hesitantes, o olhar que se demorava no rosto de Nathaniel — eram peculiares, quase como se soubesse...

“Não.”

— O que ele quer dizer?

O coração de Elisabeth bateu contra as costelas, frenético, dolorido, de novo e de novo. Ela se voltou para Ashcroft.

— O que você quer dizer?

— A invocação do Arconte não pode ser revogada. Não se eu morrer... por ninguém. Não é um demônio comum; não há volta. Entendeu, agora? Você precisa me deixar acabar. Você *precisa* me deixar controlá-lo.

Não. Não podia ser verdade. Ele estava mentindo.

Porque, se não estivesse...

Ela se lembrou de como Silas olhara para Nathaniel quando corriam até a Biblioteca Real. “Vamos tentar”, ele dissera. Ela se perguntou se ele sabia... se sabia que a causa estava perdida desde o momento em que começou a invocação. Ela olhou para Silas, que a olhou de volta. Nunca antes parecera mais antigo ou arrependido.

— Sinto muito, srta. Scrivener — disse ele.

A luz do Arconte pulsou. Gargalhadas desumanas e discordantes reverberaram pela mente de Elisabeth, perfurando seus pensamentos. Rachaduras irromperam pelo chão e quebraram os azulejos. O andar mais alto de sacadas, o único que ainda restava, cedeu como um novelo se desenrolando, escadas e grades voando. Acima deles, as constelações do Outromundo tinham engolido a cúpula, mas os grimórios ainda ascendiam em rastros infinitos, se entregando ao pó. Tanta perda, tanto sacrifício. Como podia ser o fim?

Seus pensamentos estavam a mil. Quando Ashcroft se retorceu, ela o soltou, com os dedos dormentes. Como se estivesse muito longe, ela o viu se arrastar até o círculo, de joelhos e desajeitado, e erguer o rosto à luz.

— Finalmente, é chegada a hora. Ó, Grandioso, desejo fazer um acordo.

Outra gargalhada sacudiu a biblioteca. O Arconte queimou ainda mais alto, se esticando para cima do segundo andar. Elisabeth não tinha mais certeza de que os espinhos ao redor da cabeça eram uma coroa. A forma parecia se aproximar mais de chifres.

Ashcroft gemeu e caiu para a frente, sacudindo a cabeça para livrá-la do som horrível. Uma pontada de confusão enevoou seu rosto quando ele o ergueu de novo.

— Não entendo. Pode falar comigo, Grandioso? Não escuto sua voz.

— Nunca vai escutá-la, Chanceler — sussurrou Silas, segurando a mão inerte de Nathaniel.

— Você é uma mera formiga desejando a superfície do sol. Ouvir a voz dele queimaria seus ouvidos até se tornarem pó, faria cinzas da sua mente.

Ashcroft não desviou o olhar do Arconte.

— Não. Sou diferente... este é meu direito de nascença. Há trezentos anos é meu destino. Meu pai e o pai dele... nos dedicamos a isso, somente isso. Eu sou digno...

Ashcroft ficou rouco.

O Arconte inclinou a cabeça chifruda de outro mundo de um lado para o outro, inspecionando os limites do círculo, sem prestar a menor atenção. As feições de Ashcroft se empalideceram. Ele olhou para baixo, para o círculo, para os azulejos rachados que partiram os limites.

Uma mão luminosa gigantesca pressionou o ar, empurrando. O átrio foi tomado pelo fedor de metal queimado quando as garras se empenaram, enfrentando uma membrana invisível, e finalmente atravessaram, saindo do círculo. Ashcroft caiu para trás, eclipsado pela luz que se erguia acima dele. Quando a palma desceu, ele não tentou se afastar — continuou sentado, olhando para cima, esperando o fim. Elisabeth precisou admitir que não acharia nada mal ver Ashcroft ser esmagado como uma mosca.

Em vez disso, a mão desceu no vazio. Elisabeth puxou Ashcroft pelo braço e o arrastou para longe. Como se fosse um monte de lixo, ela o jogou de lado.

— Por quê? — perguntou ele, rolando de lado, olhando para ela, que se erguia acima dele, como olhara para o Arconte no instante anterior. — Por que você...?

— Quero ver seu rosto quando entender que estava errado — disse ela. — Que tudo que fez, todas as pessoas que feriu e matou, foi em vão.

Atrás dele, as garras do Arconte arranharam o mármore. A luz subiu ainda mais, quase tocando a cúpula, apagando metade do átrio ao abrir as asas. Diminuído frente à imensidão, Ashcroft parecia minúsculo. Suor cobria sua testa; ele engasgou.

— Está satisfeita, srta. Scrivener?

Elisabeth desejara tanto este momento: a confiança dele destróçada, o poder arrancado. No entanto, agora que o vivia, notou que não tinha valor algum.

— Não — disse ela, se virando.

Ele contorceu o rosto e se arrastou atrás dela, caindo de frente, os olhos cegos e vazios.

— Você precisa acreditar em mim. Preciso que entenda. Tudo que fiz, fiz pelo bem do reino. Por favor...

Ela o chutou e ele saiu voando com um grito de angústia.

Sem se importar com o que aconteceria com Ashcroft, ela andou até Nathaniel. Ele piscou quando ela se aproximou, mas não acordou. Ela se ajoelhou, tomando sua mão, e viu que Silas ainda segurava a outra, presa entre as dele como se feita de vidro.

Luz jorrava sobre Nathaniel, refletida cada vez mais clara no chão ao seu redor. Ela supunha que o Arconte os mataria a qualquer momento, mas só conseguia pensar que a mão estava horivelmente fria.

— Ele está sentindo dor?

Silas respondeu sem desviar o olhar do rosto de Nathaniel.

— Não. O fim, quando chegar, será rápido para vocês dois. Imaginei que seria melhor assim... lutando juntos e caindo rápido, em vez de aguentar o fim do seu mundo sem esperança.

Ele fez uma pausa, alisando a lapela do casaco de Nathaniel e endireitando com cuidado a gola da camisa. Como se fosse uma noite comum, pensou Elisabeth, o deixando apresentável na hora de sair.

— Peço desculpas por ter tomado tal liberdade — disse Silas.

Os olhos de Elisabeth se encheram de lágrimas e sua garganta se apertou.

— O que vai acontecer com você?

A leve hesitação o traiu. Finalmente, ele respondeu:

— Não importa, senhorita.

— Claro que importa.

Ela levou a mão ao rosto de Silas. As provações da noite tinham deixado sua mão imunda, horrível contra a perfeição imaculada. Mesmo assim, ele ficou impassível, permitiu-se ser tocado, e ela se surpreendeu ao descobrir que a sensação era humana, não de uma estátua esculpida em alabastro.

Uma serenidade estranha a envolveu. Restava uma coisa a fazer. Era o fim do mundo, eles não tinham nada a perder.

— Obrigada — disse Elisabeth. — Queria dizer isso, antes...

O olhar dele se desviou para ela, sob os cílios. Ela viu o momento em que ele entendeu. Antes, o achara imóvel, mas agora ele se petrificou. Apesar da expressão não parecer mudar, os olhos transbordaram de lamento e esperança, de uma fome tão profunda que a sentia escancarada sob a pele, como o escuro devorador de uma noite sem estrelas. A luz era ofuscante; o Arconte quase chegara a eles.

— Silariathas.

O nome enoquiano jorrou de sua garganta e lambeu a língua como fogo.

— Silariathas — falou, a voz queimando de poder —, eu o liberto das amarras da servidão.

As pupilas dele se dilataram, preto engolindo ouro. Foi tudo que ela pode ver antes que a luz brilhasse a ponto de precisar desviar os olhos. Uma pulsação percorreu a biblioteca, bagunçando seu cabelo como se uma pedra fosse jogada na superfície da realidade, emanando ondas. Ela agarrou a mão de Nathaniel, esperando a morte. No entanto, passou um segundo e mais outro... e ela não sentiu nada.

Nathaniel entreabriu os olhos. A prata sumira de seu cabelo. Grogue, tentou se concentrar.

— Silas? — conseguiu gemer.

Lentamente, Elisabeth olhou para cima. Por um instante achou que tinha morrido e via um sonho. Silas se erguia acima deles com um braço estendido, bloqueando a luz do Arconte. “Não, não é Silas. Silariathas.” Chifres curvados saíam do crânio, brancos como porcelana, espirais que acabavam em pontas afiadas. Os ângulos do rosto se tornaram perturbadores e cruéis, a beleza delicada aparada em riscos desumanos. As orelhas eram pontudas; as garras, mais com-

pridas, finas e cortantes como lâminas.

Ele não parecia ter notado o Arconte. Estava olhando para Nathaniel, faminto, com os olhos pretos.

— Como ousa me chamar assim? — sibilou.

Com um gesto de desgosto, ele se livrou da mão do Arconte. Em seguida, rodeou Nathaniel, se curvando sobre ele. Estava se sacudindo; o cabelo tremendo. Em um sussurro áspero e horrível, continuou:

— Sabe o que eu sou? O que farei com seu mundo, com as pessoas que fogem aos gritos pela terra partida?

Nathaniel não parecia assustado. Talvez estivesse insensível demais para temer, o que explicaria o que fez em seguida: pegou a mão de Silariathas, as garras, e a acariciou sem jeito, como se fosse Silariathas, em toda sua glória imortal, quem precisasse ser reconfortado, em vez dele.

— Tudo bem, Silas — disse ele.

— Não fale comigo, inseto! — cuspiu Silariathas, se esquivando bruscamente do toque de Nathaniel.

Ele jogou os dedos ao redor do pescoço de Nathaniel, garras perfurando a pele macia ao apertar. Quando uma gota de sangue apareceu, foi ele quem reagiu, não Nathaniel: um tremor o percorreu até a ponta da espinha. Nathaniel tentou sorrir, fraco.

— Tudo bem se me matar.

Silariathas congelou. Ele soltou os dedos.

— Você é um tolo — rosnou, por lábios quase imóveis.

Nathaniel não parecia escutar. Ele estava perdendo consciência rápido demais.

— Tudo bem — repetiu. — Sei que dói. Eu sei. Eu te perdoo — murmurou, antes de apagar.

O silêncio em seguida era tão profundo que Elisabeth só ouviu o lamento prateado dos grimórios, fluindo como um córrego. Até o Arconte estava parado; olhava para baixo, com a cabeça inclinada, como se nem ele tivesse visto nada assim antes.

Silariathas ergueu o rosto. Elisabeth seguiu seu olhar e viu um grimório que reconhecia passando por eles, um rosto murcho, a prata da agulha. Sem falar, o viram ascender até queimar em cinzas — uma coisa apavorante, torturada e mortífera, monstruosa mas não incapaz de amor, capaz deste ato final de redenção. O que Silariathas pensava disso, Elisabeth não sabia. Ela não reconhecia nada naqueles olhos pretos devastadores. Só quando ele voltou a olhar para Nathaniel, ela vislumbrou um sinal de seu outro lado: o ser que cuidara de Nathaniel, o vira crescer de um menino a um homem, o botara para dormir, tratara de suas feridas, fizera chá, arrumara sua gravata, segurara sua mão em todos os pesadelos. Silas brilhou através da máscara fria e cruel, como uma luz se acendendo atrás do vidro.

Ele se curvou sobre Nathaniel. Elisabeth engoliu em seco. No entanto, tudo que ele fez foi levar a mão de Nathaniel a seus lábios e beijá-la, como fizera depois do ritual, mesmo que a agonia destruísse seu rosto no processo, lutando contra o controle da fome a cada instante. Fi-

nalmente, ele abaixou a mão de Nathaniel. Levantou-se e encarou o Arconte.

— Silas — sussurrou Elisabeth.

Dor contorceu suas feições ao som de sua voz. Ele fechou os olhos, mandando a fome para longe.

— Não sou igual a ele — falou, rouco. — Não vencerei se lutar — continuou, cada palavra um esforço. — Mas tenho poder suficiente para acabar o ritual e obrigá-lo a voltar ao Outro-mundo.

Ela não conseguia respirar. Seus pulmões estavam esticados como um tambor, agarrados a um grito sem voz. Ela viu, de novo, a espada perfurando o coração de Silas. Demônios não podiam morrer no domínio humano, mas se ele entrasse no círculo e os deixasse...

— O que Nathaniel vai fazer? — disse ela, ofegante.

Silas fez uma pausa ainda mais longa. Finalmente, respondeu, em uma voz que era quase sua:

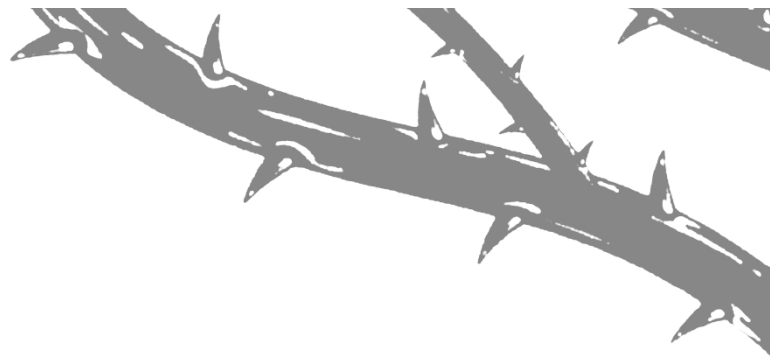
— Temo que ele precise aprender a vestir as roupas do lado certo. Terá vinte anos a mais para dominar esta arte. Só nos resta esperar que seja tempo suficiente.

Ele deu um passo à frente.

— Cuide dele, Elisabeth.

Lágrimas escorreram pelo rosto dela. Elisabeth assentiu com um gesto brusco. De certa forma, Silas agora parecia calmo, o rosto transformado por alívio. Ele sorriu de leve. Ela se lembrou do que pensara quando vira Silas sorrir pela primeira vez: nunca vira ninguém tão lindo. Nunca soubera que tal beleza era possível.

Entendendo finalmente o que Silas faria, o Arconte queimou ainda mais alto, espalhando as asas pelos escombros. Fragmentos de mármore choveram sobre eles. Azulejos racharam e o vidro da cúpula reluziu como neve ao cair. Ela só viu o rosto de Silas, radiante, entrando na luz.



EPÍLOGO

Elisabeth se remexeu na cadeira. Sob outras circunstâncias, a espera a deixaria sonolenta. A luz do sol entrava pela janela, refletida nas espiras de bronze do Colégio e deixando um retângulo quente na cadeira. Roncos ressoavam de um grimório aberto numa pilastra ao canto, que às vezes acordava e soltava arquejos asmáticos antes de voltar a dormir. A sala cheirava a pergaminho e cera de abelha. No entanto, era o escritório da sra. Petronella Wick e Elisabeth estava tensa como uma mola.

Ela quase pulou para fora do corpo quando uma lufada alta de vácuo quebrou o quase silêncio, seguida de um baque e estalidos. Era apenas uma entrega do sistema de tubos pneumáticos, que chegava ao escritório vinda de outro lugar na Biblioteca Real. Mesmo assim, ela sentiu os dedos empalidecerem. Se continuasse a apertar os braços da cadeira desse jeito, a mão ia ficar dormente.

— Está tudo bem? — perguntou Katrien.

Elisabeth sacudiu a cabeça para cima e para baixo no que esperava que fosse concordância.

— Se eles tivessem chamado a gente para nos algemar — disse Katrien —, tenho bastante certeza de que já o teriam feito.

Elisabeth olhou para a amiga de relance. Katrien vestia um manto azul-claro de aprendiz, trazendo a chave-mestra pendurada no pescoço. Era tão baixa que a beira da cadeira batia abaixo do joelho, obrigando-a a esticar as pernas para a frente, uma pose que a fazia parecer incharacteristicamente inocente.

— Mas não custa nada estar preparada — continuou, inclinando a cabeça para inspecionar a mesa com interesse.

Ela estava especialmente fascinada pelos documentos da sra. Wick, que não eram escritos em tinta nem letra comum, mas gravados em fileiras de pontos em alto relevo.

— Trouxe uma gazua e uma lixa de metal, por via das dúvidas — explicou. — Estão na mi-

nha meia esquerda.

— Katrien! E se alguém encontrar?

— Nesse caso, acho que teremos que usar a outra lixa. Mas preciso avisar que vai ser mais chata de pegar se eu estiver incapacitada. Está na...

Katrien calou a boca quando a maçaneta girou. A sra. Wick entrou, resplandecente no manto índigo. A luz do sol cintilou no broche de chave e pena quando ela se sentou do outro lado da mesa. Apesar do olhar nunca apontar na direção delas, Elisabeth se sentiu sob observação, como da última vez.

Da última vez, quando ela mentira neste escritório.

— Elisabeth Scrivener. Katrien Quillworthy. Achei que seria mais eficiente tratar com vocês duas ao mesmo tempo.

O que isso significava? Elisabeth olhou para Katrien com puro horror, que recebeu um gesto displicente de ombros em resposta.

— Primeiro — disse a sra. Wick —, gostaria de atualizá-las da situação do espelho perscrutador. Aprecio sua candura, Scrivener, ao trazer o artefato à atenção do Colégio.

Depois da invocação do Arconte, Elisabeth estava tão exausta que simplesmente tagarelou sobre a verdade — a verdade toda — em um jorro longo e quase ininterrupto de palavras para as guardiãs que a desenterraram dos escombros do átrio. Pouco depois, o espelho perscrutador foi confiscado do porão de Nathaniel. Agora, uma pontada de pânico fez seu coração bater a mil. Pela primeira vez, ela notou que sua honestidade talvez tivesse causado problemas para Katrien também.

Alívio a inundou quando a sra. Wick continuou:

— Baseados em minha forte recomendação, o Comitê de Instrutores decidiu omitir o espelho das fichas de vocês duas. Há pessoas no Colégio que não veriam com bons olhos o uso de um artefato mágico proibido, mesmo que na intenção de salvar o reino. Prefiro que a informação nunca caia nas mãos delas.

Ela inclinou a cabeça de leve.

— Agora, Quillworthy.

Katrien se empertigou.

— Sim, sra. Wick? — respondeu, com tal educação que Elisabeth instintivamente se preparou para o pior.

Aquele tom em particular, vindo de Katrien, certa vez antecederia a explosão de fogos de artifício na cara do guardião Finch. Desta vez, no entanto, parecia que Katrien estava sendo sincera.

— Tenho o prazer de informar que o Comitê também aprovou sua transferência como aprendiz de Summershall para Brassbridge, também por minha recomendação — prosseguiu a sra. Wick. — Quando esta reunião chegar ao fim, você será apresentada à nova moradia na Biblioteca Real.

Elisabeth mal controlou uma gargalhada de alegria. Ela e Katrien se entreolharam, sorrindo.

Dali em diante, estariam a uma caminhada de quinze minutos uma da outra.

— Minha sugestão ao Comitê não só foi influenciada por seu esforço contra Ashcroft — continuou a sra. Wick —, como por sua coragem ao expor os crimes do ex-diretor Finch. Se não tivesse investigado suas atividades, é possível que ele nunca fosse capturado.

Elas sorriram ainda mais. No fim, Finch estava usando os novos privilégios de Diretor para contrabandear grêmios ilegais para compradores particulares. O tempo todo em que Katrien ajudava com Ashcroft, também tramava para salvar Summershall da tirania de Finch.

— Seu trabalho foi excelente, Quillworthy. Estou ansiosa para ver sua carreira avançar e, claro, disposta a oferecer qualquer recomendação que for necessária. Falando nisso... Scrivener.

Elisabeth corou. Estava tão convencida da humilhação vindoura que se viu incapaz de falar. Em vez disso, olhou para o próprio colo.

— Em primeiro lugar — começou a sra. Wick —, eu sabia quem você era no segundo em que pisou na Biblioteca Real. Caso tivesse objeções, não teria permitido que o gerente te contratasse.

— Ah.

Elisabeth fez uma pausa. Piscou.

— Como você sabia? — perguntou.

— A maioria das candidatas a camareira não demonstram tanto sangue frio frente a livros que arrancam dedos. O gerente ficou muito impressionado. Agora, tenho algo para te dar — continuou, tirando um pacote do manto e o empurrando sobre a mesa. — Não vai morder seus dedos — falou, seca, quando Elisabeth hesitou em aceitá-lo.

Incerta, ela pegou o pacote com mãos trêmulas. Ela desatou o barbante, desdobrou o papel azul... e parou de respirar. Ali dentro, uma chave-mestra recém-forjada brilhava. A maioria das chaves das Grandes Bibliotecas era manchada pelo uso e pela idade, mas esta era novinha em folha, lustrosa como ouro.

— Sei que provavelmente preferiria receber a sua chave de volta, mas não fomos capazes de recuperá-la dos escombros.

A voz da sra. Wick se dissipou. Por um momento, Elisabeth voltou ao átrio, cujo chão tremia, vendo-o desmoronar ao seu redor. Depois que Silas entrara no círculo, a cúpula cedera, deixando ela, Nathaniel e Ashcroft enterrados em toneladas de destroços. Vários minutos de silêncio tinham se passado, na espera da ajuda. Presa sob os escombros, não fizera ideia do estado de Nathaniel.

Ela piscou e, simples assim, voltou ao escritório ensolarado. Tocou os próprios braços com cuidado, mas os últimos hematomas tinham sumido semanas antes.

— Tudo bem — disse, desviando o olhar da chave. — Acho que estou pronta para uma nova. Mas isso quer dizer...?

A sra. Wick assentiu.

— Seu posto como aprendiz foi oficialmente restaurado... caso queira aceitá-lo. Serei honesta: nem todos do Comitê queriam permitir sua volta. No entanto, estavam em minoria fren-

te àqueles que te veem como heroína. Eu não tenho dúvida alguma de que será aceita para o treinamento de guardiã, caso queira.

Elisabeth fez uma pausa.

— Não tenho mais certeza de que... quero ser guardiã.

Nada se comparava ao alívio de falar aquilo em voz alta.

— Na verdade — continuou, mais corajosa —, não sei mais o que quero fazer ou o que quero ser. O mundo é tão maior do que imaginei.

A sra. Wick pareceu pensativa.

— Sei que sua visão do Colégio mudou. No entanto, não esqueça que o Colégio pode, também, mudar. Simplesmente precisa que as pessoas certas o mudem. Há várias outras posições igualmente importantes na Grande Biblioteca para que você faça a diferença. Guardiãs costumam esquecer que nem todas as batalhas se lutam com espadas — disse, tornando a voz mais gentil. — Mas você não precisa escolher agora. Esta chave é uma promessa de que, o que quer que decida ou deixe de decidir, será sempre bem-vinda às Grandes Bibliotecas.

Elisabeth sentia falta do manto de aprendiz; as mangas compridas eram úteis quando ela não tinha um lenço por perto. Tentou não fungar tão alto ao secar o rosto.

— Finalmente — disse a sra. Wick, dirigindo-se às duas —, devo pedir que mantenham em segredo o propósito de Cornelius Ashcroft para as Grandes Bibliotecas... por enquanto. Até o presente momento, só algumas poucas pessoas sabem o que de fato aconteceu naquele dia. A verdade se espalhará um dia, mas os instrutores desejam garantir que, quando aconteça, o Colégio esteja preparado para a tempestade.

Seria uma tempestade e tanto. Quando Elisabeth saiu do escritório, no minuto seguinte, ela se perguntou que tipo de reuniões os oficiais vestidos em mantos organizavam em salas poeirentas, discutindo a revelação de que as Grandes Bibliotecas tinham sido construídas para invocar o Arconte. Em breve, a notícia dividiria o Colégio. Estranhamente, ela achou que podia cair bem. Já era hora das velhas engrenagens serem arrancadas e substituídas por mecanismos novos.

Ela e Katrien viraram a esquina. Mergulhada em pensamento, Elisabeth quase deu de cara com um garoto que vestia o manto de bibliotecário iniciante.

— Olá — disse ele, sorrindo ao vê-las, se virando de Elisabeth para Katrien. — Você é Katrien Quillworthy? Meu nome é Parsifal. Vou levá-la ao quarto e depois faremos uma visita pela biblioteca — explicou, antes de se voltar para Elisabeth, com um sorriso enorme no rosto. — E você deve ser Elisabeth Scrivener.

— Prazer — disse ela, oferecendo a mão.

Ele apertou sua mão em um gesto conspiratório. Possivelmente, também tentou dar uma piscadela — ou poeira caiu no olho por trás dos óculos. Ela não tinha certeza.

Fora um alívio descobrir que ele estava vivo. Contrário ao que esperava, poucos bibliotecários tinham morrido durante a invocação. Quando Ashcroft chegara com o exército de demônios para começar o ritual, eles tinham se barricado nos escritórios da ala nordeste. Surpreendentemente, depois do colapso do átrio, o próprio Parsifal tinha pegado um machado da sala

de armas para libertá-los.

Elisabeth se preparou para continuar sozinha. Antes de se despedirem, Katrien a segurou pelo braço.

— Como você está? De verdade? — cochichou.

Elisabeth tentou sorrir.

— Tudo bem.

Katrien ficou séria.

— Sei que você gostava dele. Ele era muito importante.

Ela assentiu, sentindo a garganta se fechar.

— Tem sido... difícil. Mas está melhorando.

Esperando não estar mudando de assunto de forma óbvia demais, ela olhou para Parsifal.

— Você vai gostar do Parsifal. Ele é bonzinho. Esperto. E... meio trouxa.

— Ah, perfeito — disse Katrien.

— Não arranje muita confusão pro lado dele.

Ela tinha a forte suspeita de que Parsifal substituiria Stefan no posto de colaborador involuntário de Katrien.

— Vou arranjar, mas salvo ele depois — disse Katrien, sorrindo. — Prometo.

Elisabeth se animou ao atravessar o átrio. O som dos martelos dos pedreiros ecoava pelo espaço, quase abafando o farfalhar amigável de páginas. Os feiticeiros já tinham acabado fazia tempo, mas ela estivera lá para vê-los trabalhar: levantando sacadas desmoronadas, consertando pilastras, inteirando estantes, como a maravilha do início do mundo. O átrio não era mais como fora; metade das estantes estavam vazias e o mapa dos azulejos não fora substituído. No entanto, raios de luz safira ainda desciam pela cúpula recém-consertada e o ar cheirava a poeira de pergaminho e magia. Sempre que ela fechava os olhos, sentia um movimento, um sussurro — um fantasma da consciência que acordara para incitar a biblioteca à batalha, agora adormecida em um sono longo e tranquilo.

Quando passou por um grupo de bibliotecários na porta da frente, o frio do ar a assustou. Estava tão quente lá dentro que ela esquecera que já era inverno.

Uma sombra alta e magra se encostava numa das estátuas da entrada. Conforme ela descia os degraus, a sombra se afastou, mancando até a luz com a ajuda de uma bengala. Ela sentiu o coração dar um pulo. Depois de todas as horas presa nos escombros, sem saber o destino de Nathaniel, ainda sentia uma pontada de alegria sempre que o via.

A capa esmeralda tinha ficado para trás. Em seu lugar, ele vestia um sobretudo escuro com a gola levantada, para proteger do frio. O contraste era forte contra as feições pálidas e angulares, o cabelo preto bagunçado pela brisa; ela finalmente se acostumara com a falta da mecha prateada. Outra diferença era a bengala, que nunca saía do seu lado. No fim, algumas feridas não podiam ser curadas nem pelos feitiços de proteção da casa, especialmente depois de horas nos escombros da biblioteca esperando por socorro.

Era um milagre que eles tivessem sobrevivido. Centenas de toneladas de pedra e vidro cain-

do de tal forma que os dois foram poupados. Chamavam de milagre, mas Elisabeth sabia a verdade. Era coisa da biblioteca, que cuidara deles até o fim.

— Você está sorrindo — observou ele, os olhos cinzentos cintilantes. — Como foi?

Ela enfiou a mão no bolso e mostrou a nova chave-mestra reluzente.

— Ainda não decidi, mas foi... bom. Muito melhor do que eu esperava.

Ela soou surpresa até para si mesma.

— Fico feliz — disse ele, com emoção. — Já passou da hora de alguma maravilha acontecer com você.

— Já aconteceu, de acordo com os jornais. A maravilha se chama catedrático Thorn, o solteiro mais cobiçado de Austermeer.

— Ah, você sabe como os jornais exageram. Semana passada ainda diziam que eu queria concorrer a Chanceler.

Descendo até a calçada, ele soltou um gemido abafado de dor.

Ela o olhou, preocupada, segurando seu braço e sustentando parte considerável de seu peso.

— O dr. Godfrey deixou você andar até aqui?

— Não. Ele vai me dar uma boa bronca amanhã. Mas, como parece que a lesão será permanente, minha opinião é que é melhor eu começar a me acostumar a mancar por aí — respondeu, batendo a bengala com ar pensativo. — Será que eu devia arranjar uma com espada dentro, que nem a do Ashcroft?

Ela estremeceu.

— Não, por favor.

O tremor se transformou em calafrio quando uma rajada de flocos de neve passou por ali. Ela apertou os olhos, virando a cabeça para cima, chocada ao ver que o céu, que minutos antes estava azul, agora se enchia de nuvens macias de inverno. Flocos brancos desciam em espirais, rodopiando pela cúpula da Biblioteca Real, dando voltas no pégaso de bronze da espira, que ela tinha a impressão de estar numa pose um pouco diferente da anterior.

Nathaniel também parou, observando a vista.

— Lembra a última vez que nevou em Hemlock Park? — perguntou ele.

— Claro.

Ela corou frente ao olhar dele. Como esqueceria? O gelo e a luz de velas, os beijos que pareciam parar o tempo, a única mão abrindo seu robe com tanto cuidado...

Ela não sabia exatamente qual dos dois se aproximou primeiro. Por um momento, não existia nada além do toque dos lábios, inicialmente hesitantes, e do calor atordoante das bocas.

— Tenho a impressão — murmurou Nathaniel, quando ela enroscou uma mão em seu cabelo — que esta rua — outro beijo — é pública.

— Não existiria rua sem a gente — respondeu ela. — Nem público.

O beijo continuou, exultante, até alguém por perto assobiar.

Eles riram ao se afastar, os lábios vermelhos, a respiração formando nuvens no ar entre os dois. De repente, a neve pareceu muito conveniente para Elisabeth.

— Isso não foi coisa sua, né? — perguntou, pegando flocos numa mão.

Ela notou o erro assim que falou. Desta vez, no entanto, o olhar dele quase não escureceu. Ele só estalou os dedos, demonstrando a falta de faísca verde.

— Infelizmente, meus tempos de controlar o clima já passaram. Sem dúvida deve ser o alívio de alguns.

Ela abaixou a cabeça, continuando na direção de Hemlock Park.

— Você já pensou mais em... sabe?

Ele hesitou, considerando.

— Sinto falta da magia, mas não me sentiria bem de invocar outro demônio — respondeu, finalmente. — A Cátedra me ofereceu um nome dos arquivos, mas não estão insistindo tanto quanto eu esperava. Agora que o Crônicas dos Mortos foi destruído, junto com os feitiços de Baltasar, não há tanta urgência para que um Thorn esteja a postos.

— Que bom — disse Elisabeth.

Ela sentiu uma pontada no peito. Meros dias antes, Nathaniel não teria aguentado a conversa.

— É bom, mesmo. E terei tempo para outras coisas.

— Que coisas? — perguntou ela.

— Vejamos. Sempre quis aprender esgrima. Que tal? Eu ficaria muito charmoso apontando um florete.

Ela fez uma careta.

— Verdade, você está certa... espadas são a sua praia, não a minha. Que tal aprender a fazer queijo? Arranjos de flores? São tantas possibilidades, é difícil saber por onde começar — falou, fazendo uma pausa pensativa. — Talvez eu deva começar com uma tarefa mais simples. Você ainda gostaria de patinar no gelo?

— Sim! — exclamou. — Mas...

Ela tentou não olhar para a perna lesionada.

Ele repuxou a boca em um sorriso.

— Nós salvamos o mundo, Scrivener. Vamos dar um jeito.

Ela relaxou. Ele estava certo. Eles *iam* dar um jeito.

— Mesmo que você tenha que me puxar no trenó — continuou Nathaniel.

— Não vou te puxar num trenó!

— Por que não? Ouso dizer que você é forte o suficiente.

— Ia parar no jornal — gaguejou ela.

— Espero que sim. Gostaria de guardar o recorte. Posso botar no álbum, junto com todos os artigos falando que Ashcroft passará o resto da vida em uma masmorra fedida e infestada por ratos.

Ela sorriu até chegar em casa, admirando a neve que começava a cobrir os telhados de Hemlock Park, fazendo com que as gárgulas sacudissem as orelhas, irritadas. Guirlandas e grinaldas decoravam as casas em preparação para as festas de inverno. Carruagens barulhentas cor-

riam por ali, salpicadas de neve como açúcar de confeitiro. Pedestres cumprimentavam Elisabeth e Nathaniel, acenando, tirando o chapéu e até parando para uma reverência, solenes. Ninguém sabia a história toda, mas a batalha em frente à Biblioteca Real, o salvamento dos escombros e a confissão subsequente de Ashcroft pintaram Elisabeth e Nathaniel como salvadores da cidade.

De vez em quando, uma testemunha da batalha viria perguntar se havia uma terceira pessoa. Mais alguém que lutara com eles nos degraus da biblioteca, pequeno e pálido como um fantasma, aparecendo e sumindo de repente. Pareciam confusos ao perguntar, como se a lembrança fosse um sonho distante.

Elisabeth respondia, mas eles não acreditavam e ela suspeitava que nunca acreditariam. Pelo menos não na história inteira — que Silas fora quem os salvara de verdade.

Assim que chegaram em casa, Nathaniel sumiu no escritório, reclamando de burocracia. Ele tinha se oferecido para ajudar a identificar os artefatos mágicos recuperados na Mansão Ashcroft, que estava no processo de ser reformada para se transformar em um novo hospital de ponta. Surpreendentemente, o próprio Lorde Kicklighter tinha comandado a iniciativa, com o entusiasmo de um general no campo de batalha. Depois de fechar Leadgate, ele estava de olho nas outras instituições fundadas por Ashcroft.

Exaustão baixou em Elisabeth, de pé no saguão. Era estranho quanta memória podia existir ao mesmo tempo em um único lugar. Ali, a poltrona onde Silas a sentara quando discutira com Nathaniel para deixar que ela ficasse. Lá, onde lutaram contra o Códex transformado em Malefict. Mais adiante, onde ela limpou o sangue de Nathaniel do chão depois do Baile Real e esperara, não só uma, como duas vezes, para ouvir de dr. Godfrey se ele viveria ou morreria. Aqui, onde, na sua primeira manhã, Silas passara o dedo enluvado pelo espaço vazio da parede...

Em alguns dias, as lembranças a cobriam como um peso. Sozinhas, eram leves o suficiente para aguentar, mas, juntas, dificultavam até subir as escadas. Mesmo assim, ela não as trocava por nada. Sua existência fazia desta casa, desta vida, um lugar pelo qual ela lutara e ganhara. Um lugar ao qual ela pertencia.

— Com licença, senhorita! — chamou Mercy, passando correndo com esfregão, vassoura e balde, todos equilibrados no braço ao mesmo tempo.

Elisabeth se precipitou para ajudar, mas Mercy a afastou, rindo.

Era a primeira criada que Nathaniel aceitara contratar. Durante os dias sofridos iniciais, ele se recusara a considerar a ideia, até Elisabeth encontrar Mercy pelo arquivo do hospital Leadgate e levá-la diretamente ao quarto onde ele convalescia, onde Mercy declarara, com firmeza:

— Estou acostumada com gente berrando a noite toda. E nem vou te julgar por isso.

Ela se mudara no mesmo dia.

— Por favor, me chame de Elisabeth! — gritou Elisabeth quando Mercy se distanciou.

Ela vivia tentando explicar que era estranho ser tratada de “senhorita” por uma moça da mesma idade. No fundo, entretanto, era só parte do motivo do desconforto. Na verdade, ser chamada assim a lembrava demais de Silas.

Em vez de voltar diretamente ao próprio quarto, ela seguiu em frente e virou a esquina, onde a porta do quarto da invocação, antes trancada, se encontrava entreaberta. Ela enfiou a cabeça pela fresta, olhando para as caixas e móveis que tinham se acumulado lá dentro. Impulsivamente, afastou duas cadeiras e um tapete enrolado para revelar o pentagrama.

Ela e Nathaniel tinham passado inúmeras noites ali enquanto ele se recuperava quando não aguentava andar mais do que uns poucos passos, mas ainda insistia em descer o corredor. Juntos, de novo e de novo, tinham acendido as velas. Noite após noite, tinham chamado o verdadeiro nome de Silas.

Nenhuma vez foram respondidos pela brisa sobrenatural, por cortinas trêmulas e chamas bruxuleantes.

Nunca tinham admitido em voz alta que Silas se fora. Ela supunha que essa hora chegaria, no futuro. No entanto, certo dia Mercy precisara arrumar umas caixas e, com a praticidade de sempre, as deixara ali. Mais caixas tinham se seguido, além de uma e outra tralha. De alguma forma, semanas se passaram sem que Elisabeth notasse quão drasticamente a sala se transformara.

Era isso, perder alguém? A dor nunca ia embora. Só acabava... recoberta.

Reflexiva, ela ajeitou as velas derrubadas e derretidas nas posições corretas. Passou o dedo pelos sulcos do pentagrama. Ainda doía que Silas não tivesse monumento, nem túmulo. Este entalhe no chão era tudo que restava para lembrá-la dele. Por um lado, era como se ele nunca tivesse existido.

Ela precisaria falar disso com Nathaniel. Talvez pudessem ter alguma ideia juntos. Faria bem para Nathaniel, pensou, ter um lugar para visitar e talvez deixar flores, vez ou outra.

Por enquanto, para ela, isso teria de bastar.

Ela acendeu as velas, em ordem anti-horária por costume. Que lembrança estranha, um velório sozinha em uma sala cheia de móveis amontoados. O que pensaria Silas se a visse? A cerimônia não estaria à altura de suas exigências. No entanto, ela duvidava que ele se incomodasse, mesmo que fingisse.

Depois de acender a última vela e sacudir o fósforo para apagá-lo, fez uma pausa. Uma ideia entrou em sua mente como uma corrente de ar, esquiva e inesperada.

Não... claro que não funcionaria. No entanto, era impossível afastar o pensamento.

Em gestos lentos, ela furou o dedo na faca e tocou o sangue ao círculo. Agachou-se. Toda vez que tinham tentado invocar Silas usaram seu nome enoquiano. E se...?

Ele tinha desafiado o Arconte para salvá-los. Tinha traído a própria espécie. A versão que vencera no fim não fora Silariathas, frio e implacável. Seu outro lado tinha lutado e se erguido, vitorioso, verdadeiro.

E se... e se?

Ela se preparou, tentando acalmar os batimentos furiosos do coração. No silêncio, murmurou, simplesmente:

— Silas.

A princípio, nada. Então, o cabelo que cobria seu rosto se moveu, como se esvoaçando. Uma brisa sem origem estremeceu a borda do tapete enrolado. Um papel voou pela sala, grudando na parede.

E todas as cinco velas se apagaram de uma vez.

Agradecimentos

Segundos romances podem ser notoriamente difíceis de escrever; minha experiência não foi exceção. Sou eternamente grata à minha agente, Sara Megibow, e à minha editora, Karen Wojtyla, pelo apoio enquanto eu me esforçava para escrever este segundo livro. Sem sua compreensão e paciência, eu nunca teria tido a oportunidade de encontrar esta história.

Devo enormes agradecimentos à equipe editorial de McElderry Books. Obrigada, Nicole Fiorica, por responder minhas perguntas ridículas com tanta bondade. Obrigada também a Bridget Madsen, Lisa Moradela, Sonia Chaghatzbanian, Beth Parker, Justin Chanda, Anne Zafian, Chrissy Noh e Ellen Winkler por ajudar este livro a ser o melhor que podia, por dentro e por fora. Devo minha alma a Charlie Bowater, cujas lindas ilustrações de capa ainda me emocionam sempre que as vejo.

Em seguida, gostaria de pedir desculpas aos meus pais, que aguentaram muito comportamento bizarro induzido por estresse enquanto eu acabava este livro e também garantiram que eu não morreria de fome. “Obrigada” nem começa a dizer o que sinto. Também sou grata a meu irmão mais velho, Jon Rogerson, e a minha irmã de consideração, Kate Frasca; e Denise Frasca, por apoiar meu trabalho com tanto entusiasmo.

Jessica Stoops e Rachel Boughton: vocês já sabem o que significam para mim e que eu não seria a mesma escritora ou pessoa sem vocês. Obrigada. Obrigada a meus amigos queridos Jamie Brinkman, Kristi Rudie, Erin Phelps, Nicole Stamper, Liz Fiacco, Jessica Kernan, Katy Kania e Desiree Wilson por serem o melhor grupo de pessoas que jamais esperaria conhecer.

Às autoras Katherine Arden, Jessica Cluess, Stephanie Garber, Heather Fawcett, Emily Duncan, Isabel Ibañez Davis, Ashley Poston e Laura Weymouth — obrigada pela sabedoria, amizade e livros incríveis; esta jornada seria solitária sem vocês.

Por último, mas não menos importante, sou imensuravelmente grata aos livreiros independentes que defenderam meu trabalho, incluindo Allison Senecal, Nicole Brinkley, Sarah True, Cristina Russell e Rachel Strolle. Muito obrigada. Vocês são incríveis.

Sobre a autora



Foto: Alice Stallcup

Margaret Rogerson é uma autora best-seller do *The New York Times* e bacharel em antropologia cultural pela Universidade de Miami. Quando não está lendo ou escrevendo, gosta de desenhar, jogar, fazer pudins e assistir a mais documentários do que o socialmente aceitável (pelo menos segundo algumas pessoas). Ela mora perto de Cincinnati, Ohio, ao lado de um jardim cheio de beija-flores e rosas.

Este livro foi composto em Sabon, fonte desenhada
por Jan Tschichold no início dos anos 1960,
e sua 1ª edição foi publicada no inverno de 2020.

Este exemplar faz parte da 1ª reimpressão do livro, e
foi feito pela Gráfica Paym na primavera de 2021.

eBook: Hyperion | **Versão:** 1.0.0

Tipologia: *Adobe Garamond Pro*